FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

EROFILHO LOPES CARDOSO

A MENSAGEM TEOLÓGICO-PASTORAL DO PAPA JOÃO PAULO II AOS JOVENS DE HOJE NAS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE

Dissertação de Mestrado
Orientador: Prof. Dr. João Batista Libanio
BELO HORIZONTE
2006

Agradecimentos:

A Deus, o dom misterioso da vida,
Ao orientador, a disponibilidade e paciência,
À família e Fabiana Vieira, suas orações,
Ao pe. Maximinio, a solidariedade,

Aos amigos e amigas, o afeto e partilha,
À Capes, a manutenção parcial,
A FAJE, o ambiente intelectual apropriado,
À coordenadora Ir. Mª Carmelita de Freitas, a compreensão efetiva,
Aos professores, a dedicação acadêmica e correções edificantes,
À secretária Dulcinéia Guides, a docilidade e competência,
Aos alunos e funcionários, o convívio fraterno,
Ao memorável Papa João Paulo II e aos Jovens, a inspiração temática,
Às horas de estudo, o desejo de melhor servir a humanidade.

Desde quando nasci fui um anjo torto no desconforto do dormir ao trajar. Sem titubear irei fragmentar a irreverência de sonhar com um Mundo idealizado, mas não concretizado pela demagogia da politicagem do planeta Terra e a crescente falta de solidariedade entre toda a humanidade.
Mundo, individualista Mundo, se desejar ser solidário, espiritualize a humanidade, universalizando a caridade.
Erofilho Lopes Cardoso

RESUMO

Este trabalho é um estudo histórico-teológico-pastoral das vinte JMJ (1985-2005) quanto a gênese, finalidade e conteúdo dos vários temas. Analisamos basicamente os seus cinco documentos (cf. bibliografia) e conteúdos fundamentais (mensagens, discursos e homilias) no contexto social, eclesial e teológico das JMJ. Explicitamos a teologia, o ponto fulcral dos textos pontifícios, os pressupostos fundamentais e apresentamos a atualidade da mensagem pastoral do Papa João Paulo II aos jovens, a partir da correlação entre o perfil da juventude e o conteúdo da mensagem pontifícia.

As JMJ nasceram em Roma (1984/1985) para evangelizar os jovens. Anualmente celebra-se uma JMJ diocesana (desde 1986) e, bienalmente, um encontro internacional. Elas são acontecimentos missionários e pastorais, que estimulam a pastoral juvenil com diretrizes pastorais e um largo respiro eclesial, espiritual e cultural, conforme uma proposta querigmática, sacramental e catequética da fé. Depois de percorridos vinte anos de sua gênese e instituição (1985-2005), as JMJ apresentam-se como um meio extraordinário de evangelização do mundo dos jovens hodiernos. O encontro fundamental e revitalizante com Cristo é o ponto central das JMJ.

A teologia explícita do Papa é marcadamente cristológica com ramificações nos campos eclesiológicos, mariológicos éticos e outros. Os pressupostos com que trabalha refletem uma visão de mundo, de pessoa humana, de graça, de Deus. Eles são indicados sumariamente como fundamento das mensagens aos jovens. Mostramos o caráter de atualidade a partir da resposta que elas oferecem aos anseios dos jovens, cujo perfil o próprio Papa traça. Mas a religiosidade da juventude contemporânea não se manifesta monoliticamente nas JMJ: não faltam posições diversas.

A mensagem pastoral do Papa à juventude contemporânea no contexto das JMJ resume-se fundamentalmente na promoção da dignidade da pessoa humana sobre todas as estruturas sociais, no empenho missionário em prol da paz, diante das divisões e na construção da Civilização do Amor, que defende os grandes valores, diante da cultura efêmera de morte, que oferta os antivalores. Daí a melhor herança a ser comunicada às próximas gerações são os valores superiores do espírito: a liberdade, a justiça social e a responsabilidade.

Palavras-chaves: Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) - Papa João Paulo II- Jovens - Mensagem - Teologia - Pastoral - Jesus Cristo.

RESUMO

Este trabalho é um estudo histórico-teológico-pastoral das vinte JMJ (1985-2005) quanto a gênese, finalidade e conteúdo dos vários temas. Analisamos basicamente os seus cinco documentos (cf. bibliografia) e conteúdos fundamentais (mensagens, discursos e homilias) no contexto social, eclesial e teológico das JMJ. Explicitamos a teologia, o ponto fulcral dos textos pontifícios, os pressupostos fundamentais e apresentamos a atualidade da mensagem pastoral do Papa João Paulo II aos jovens, a partir da correlação entre o perfil da juventude e o conteúdo da mensagem pontifícia.

As JMJ nasceram em Roma (1984/1985) para evangelizar os jovens. Anualmente celebra-se uma JMJ diocesana (desde 1986) e, bienalmente, um encontro internacional. Elas são acontecimentos missionários e pastorais, que estimulam a pastoral juvenil com diretrizes pastorais e um largo respiro eclesial, espiritual e cultural, conforme uma proposta querigmática, sacramental e catequética da fé. Depois de percorridos vinte anos de sua gênese e instituição (1985-2005), as JMJ apresentam-se como um meio extraordinário de evangelização do mundo dos jovens hodiernos. O encontro fundamental e revitalizante com Cristo é o ponto central das JMJ.

A teologia explícita do Papa é marcadamente cristológica com ramificações nos campos eclesiológicos, mariológicos éticos e outros. Os pressupostos com que trabalha refletem uma visão de mundo, de pessoa humana, de graça, de Deus. Eles são indicados sumariamente como fundamento das mensagens aos jovens. Mostramos o caráter de atualidade a partir da resposta que elas oferecem aos anseios dos jovens, cujo perfil o próprio Papa traça. Mas a religiosidade da juventude contemporânea não se manifesta monoliticamente nas JMJ: não faltam posições diversas.

A mensagem pastoral do Papa à juventude contemporânea no contexto das JMJ resume-se fundamentalmente na promoção da dignidade da pessoa humana sobre todas as estruturas sociais, no empenho missionário em prol da paz, diante das divisões e na construção da Civilização do Amor, que defende os grandes valores, diante da cultura efêmera de morte, que oferta os antivalores. Daí a melhor herança a ser comunicada às próximas gerações são os valores superiores do espírito: a liberdade, a justiça social e a responsabilidade.

Palavras-chaves: Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) - Papa João Paulo II- Jovens - Mensagem - Teologia - Pastoral - Jesus Cristo.

SIGLAS

DMJ	Dia Mundial da Juventude
DR	Domingo de Ramos
DWVE	Disponível em <**http://www.vatican.va/holy_fathe_jp-ii_mes_13121987_iii-word-day_it.htm>**. Extraído em 19 jan. 2005. Significado pormenorizado da sigla: D = Disponível; WV = www.vatican; E = Extraído.
DWVEP	Disponível em <**http://www.vatican.va/holy_fathe_jp-ii_mes_13121987_iii-word-day_po.htm>**. Extraído em 19 jan. 2005. Significado pormenorizado da sigla: D = Disponível; WV = www.vatican; E = Extraído; P = Português.
DWPCL	Disponível em <**http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/Colonia2005/rc_laity_doc_20030805_toronto-colonia-gmg_it. htm>**. Extraído em 01 mar.2005. Significado pormenorizado da sigla: D = Disponível; W = www.vatican; PCL = Pontifício Conselho para os Leigos.
DWDJ	Disponível em <**http://www.vatican.va/gmg/documents/gmg_docs_po.html>**. Extraído em 20 jan.2005. Significado pormenorizado da sigla: D = Disponível; W = www.vatican; DJ = Documentos das Jornadas.
GMG	Giornate Mondiale della Gioventù
GCSM	GARELLI, F. & CAMOLETTO, R. F. **Una spiritualità in movimento**: Le Giornate Mondiale della Gioventù, da Roma a Toronto. Padova: Messaggero, 2003.
JMJ	Jornada Mundial da Juventude
PCL	Pontifício Conselho para os Leigos
RAZI	Ragazzi dell´azione cattolica italiana
SERMIG	Servizio Missionario Giovanile

INTRODUÇÃO

Não é raro muitos jovens redescobrirem Jesus Cristo
e a Igreja numa JMJ.
(Pablo Lima)

As JMJ estão inscritas entre os eventos mais significativos da passagem do segundo ao terceiro milênio. No caminho complexo da humanidade, essa iniciativa da Igreja com os jovens e o Papa João Paulo II representa esperança para a sociedade. A sua relevância vai além do âmbito eclesial. As JMJ mostram-se como ponto de referência para as novas gerações, muitas vezes infantilizadas ou deixadas à margem pela sociedade consumista e individualista que, fechada sobre si mesma, parece ter esquecido a memória do passado, o compromisso e a responsabilidade com o futuro. As JMJ querem restabelecer e impulsionar as relações da Igreja com os jovens para construir uma nova sociedade, a civilização do amor.

As causas do sucesso e a importância das JMJ não encontram resposta integral em análises ou categorias meramente sociológicas, mas no mistério insondável de Cristo que estabelece relação profunda com os jovens[1]. Relação particularmente relatada na parábola do jovem rico (cf. Mt 19, 16-22), que o Papa interpretou de modo extraordinário e corajoso na **Carta aos jovens e às jovens**[2]. Ela foi escrita a partir do texto evangélico de Mateus, no início das experiências das JMJ (1985). Nela, o Papa já prefigurava o sentido de tudo quanto está acontecendo nas JMJ com os jovens do mundo inteiro. O Senhor crê nos jovens, interpela o coração e a mente e ama medir-se com as perguntas juvenis.

---

[1] Cf. **GCSM**, p. 5.
[2] JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do Ano Internacional da Juventude**. São Paulo: Paulinas, 1985.

Reunir os jovens em torno aos grandes temas da vida e religiosos em nosso tempo, não é tarefa fácil, mas o Papa, graças a sua fé no Senhor e neles, conseguiu mobilizar milhares de jovens e colocá-los à escuta da Palavra de Cristo. A história das JMJ documenta o prodígio da fé que remove as montanhas (cf. Mt 17, 20), abre novas estradas, enfrenta os desafios imediatos e aponta para um futuro de esperança nos jovens. A fé continua medindo-se com a modernidade, transpondo os obstáculos e exprimindo-se em contínuo movimento: as JMJ não constituem exceção no panorama social contemporâneo, mas são figura típica da modernidade[3]. Nesse contexto, o Papa sensivelmente intuiu que, entre as suas numerosas tarefas apostólicas, estava a de estabelecer a ponte entre o Senhor e os jovens, para que eles pudessem encontrá-Lo de modo pleno e fecundo. Numa sociedade secularizada, em que as famílias cristãs têm dificuldade para transmitir a fé, e as novas gerações distanciam-se dos ambientes religiosos, o Papa apostou nos jovens para recomeçar o diálogo com o mundo e renovar a Igreja. Daí a idéia do evento eclesial, que visava mobilizar os jovens e convocá-los ao protagonismo, propondo um «Concílio dos jovens» itinerante pelo mundo[4].

Esta dissertação objetiva analisar no contexto social, eclesial e teológico os cinco documentos (cf. bibliografia) e os conteúdos fundamentais (mensagens, discursos e homilias) das vinte JMJ (1985-2005) para explicitar a mensagem teológico-pastoral do Papa e os pressupostos; descrever o perfil da juventude a que ele se dirige a partir dos próprios textos pontifícios; e mostrar a correspondência entre as duas realidades.

A hipótese principal é de que a teologia explícita do Papa é marcadamente cristológica com ramificações nos campos eclesiológicos, mariológicos, éticos e outros. Os pressupostos com que trabalha refletem uma visão de mundo, de pessoa humana, de graça, de Deus, que serão indicados de modo sumário, como fundamento. E, por fim,

[3] Cf. **GCSM**, p. 13.
[4] Cf. Ibid., p. 10.

mostraremos a atualidade da resposta que tais mensagens oferecem aos anseios dos jovens, cujo perfil o próprio Papa traça. É um estudo histórico-teológico-pastoral das JMJ quanto a gênese, finalidade, conteúdo dos vários temas e visa concluir com diretrizes pastorais úteis à Pastoral da Juventude.

Dois fatores justificam o estudo e um outro, a sua relevância. O primeiro origina-se da importância das JMJ para a «vida dos jovens e da Igreja»[5]; e o segundo do seu magnífico e frutífero itinerário histórico de vinte anos (1985-2005). Por fim, analisaremos a relevância do impulso que o Papa tem dado, na perspectiva teológico-pastorais, à Pastoral Juvenil e ao agir pastoral da Igreja com e para os jovens[6].

As JMJ oferecem os três elementos da pesquisa. Por isso, é importante reapresentá-los com suas justificativas fundamentadas:

1. A teologia do Papa justifica-se pela quantidade e qualidade dos temas abordados, como teologia e pastoral. Eis alguns temas[7]: «Sempre prontos para dar razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir» (*1Pr* 3,15); «Como o Pai me enviou, assim eu vos envio» (*Jo* 20, 21); «Vós sois a luz do mundo. Vós sois o sal da terra» (Mt 5, 13-14); «Vimos adorá-Lo» (*Mt* 2, 2)[8].

2. O perfil da juventude foi traçada em muitos momentos pelo Papa. A visão que o Pontífice tem dos jovens é muito positiva e realista. Ele os reconhece, ao apresentar os seguintes traços característicos: «alegria, esperança, transparência, audácia, criatividade, idealismo, sensibilidade

[5] JOÃO PAULO II. «Mensagem para a XVII JMJ, 2002» (25 jul.2001). Em **DWVEP.**
[6] Cf. J. JARDIM. «João Paulo II no caminho da Pastoral Juvenil». Disponível em **www.ecclesia.pt/destaqu/jmj2002/jacinto-jardim.htm** Consultado em 19 jan. 2005.
[7] São 19 temas ao todo, porque o da IX e X é o mesmo.
[8] Temas respectivos da I, IX e X, XVII e XX JMJ.

e generosidade espontânea»[9], tendência a tudo quanto é belo, procura e desejo de uma sociedade mais justa, necessidade de serem escutados e amados, sedentos de verdade e felicidade, riqueza e descoberta, diálogo com alegria, autenticidade e outros[10].

3. A correspondência entre a mensagem do Papa e a juventude, porque esta é destinatária daquela. Ele, ao dirigir-se aos «Caríssimos jovens»[11], segue a seguinte lógica: *convoca-os* para pequenos e grandes encontros[12]; *ama-os*[13]; *envia-os* em missão[14]; e *confia-lhes* o protagonismo da nova evangelização[15], a construção da civilização do amor, da nova sociedade mais justa e fraterna[16], da civilização reconciliadora, fundamentada sobre o amor fraterno[17].

Por questão de **método**, delimitamos o campo de pesquisa basicamente aos cinco documentos fundamentais e aos conteúdos primordiais das JMJ. Só recorreremos a outros escritos do Papa, quando necessário para entender melhor algum ponto específico em questão. Metodologicamente, seguiremos os seguintes passos:

1. Partiremos do campo de pesquisa delimitado (as JMJ) com um estudo histórico, à guisa de introdução, para em seguida abordar a temática

---

[9] JOÃO PAULO II. «Discurso aos jovens de Portugal, Parque Eduardo VII» (15 de maio de 1982). Em **DWVEP.**
[10] Cf. Id. «Mensagem para o V DMJ» (1998), n. 2. Em **DWVEP**; e J. JARDIM..., fonte cit.
[11] Este é o modo peculiar do Papa dirigir-se aos jovens no início de todas as suas mensagens pontifícias por ocasião das JMJ.
[12] JOÃO PAULO II. «Mensagem para o XII DMJ, 1997» (15 ago.1996), nn. 1 e 2. Em **DWVEP.**
[13] Id. «Messaggio per la IV GMG, 1989» (27 nov.1988). Em **DWVE.**
[14] Id. Cf. «Mensagem para o IX (1994) e X DMJ (1995)» (21 nov.1993), n. 5. Em **DWVEP**; Id. «Mensagem para a XI JMJ, 1996» (26 nov.1995), nn. 5 e 8. Em **DWVEP**; «Mensagem para a VI JMJ, 1991» (15 ago.1990), n. 1. Em **DWVEP.**
[15] Id. «Messaggio per la VII GMG, 1992» (24 nov.1991), n. 1. Em **DWVE.**
[16] Id. «Messaggio per la II GMG, 1987» (30 nov.1986), n. 1. Em **DWVEP.**
[17] Id. «Homilia para os Delegados ao Fórum Internacional da Juventude» (23 ago. 1997), n. 3. Em **DWVEP.**

teológica e o perfil da juventude, oferecidos pelas mensagens pontifícias.

2. Inverteremos a ordem dos temas, começando pelo perfil da juventude e, depois, a teologia do Papa, para conhecer melhor o destinatário da mensagem pontifícia, avaliar a sua correspondência com a juventude, aprofundar no seu conteúdo teológico-pastoral progressivamente.
3. Averiguaremos nas fontes as citações (Bíblicas, Patrísticas e/ou Magisteriais) explícitas nas mensagens, para analisá-las e interpretá-las de modo crítico e fiel.
4. Chegaremos à confirmação da hipótese de trabalho sobre a teologia do Papa, seus pressupostos, a atualidade da sua mensagem aos jovens e, finalmente, concluir com diretrizes pastorais à luz das JMJ.

A dissertação divide-se em três partes: as jornadas mundiais da juventude; o perfil da juventude contemporânea; e a mensagem do Papa à juventude contemporânea.

Na primeira parte, **as JMJ**, estudaremos fundamentalmente três pontos: a natureza das JMJ, o seu caminho histórico-teológico e a peregrinação da Cruz pelos diversos países do mundo com os jovens. Na busca pela compreensão da natureza das JMJ, explicitaremos as fases essenciais do programa e as finalidades fundamentais das JMJ. Percorreremos o caminho das JMJ em bloco de cinco: da I à V JMJ (1986-1990); da VI à X JMJ (1991-1996); da XI à XV JMJ (1997-2000); e da XVI à XX JMJ (2001-2005). Em cada JMJ, analisaremos sistematicamente a data, o local, o tema teológico e as linhas fundamentais da mensagem pastoral do Papa aos jovens, no contexto de cada país-sede do evento. Na peregrinação da Cruz, compreenderemos a sua natureza e o caminho geográfico nos diversos países do mundo com os jovens, que caminham com a Cruz de Cristo e vice-versa.

Na segunda parte, descreveremos **o perfil da juventude contemporânea** à luz dos textos do Papa aos jovens, por ocasião das JMJ. Para isso, estudaremos o universo dos jovens das JMJ e suas dimensões psicológica, social e religiosa, para conhecê-los melhor, explicitar e avaliar, paulatinamente, a correspondência entre o conteúdo das mensagens e a juventude atual. Apresentaremos também a implicação das JMJ na pastoral juvenil local, explicitando três diretrizes pastorais a partir da descrição do perfil do jovem hodierno.

Na terceira parte, explicitaremos **a mensagem do Papa à juventude contemporânea**. Partindo da finalidade e do itinerário teológico-pastoral do Papa, chega-se aos três pressupostos teológicos fundamentais dos textos das JMJ. Não se trata de expor toda a teologia do Pontífice, mas apresentar sumariamente tais pressupostos como fundamento da mensagem aos jovens. Depois, apresentaremos a mensagem acerca da paz e da civilização do amor, epicentro da mensagem pastoral do Papa aos jovens.

As análises, interpretações e considerações contidas nesta dissertação não pretendem dar respostas cabais nem diretrizes pastorais definitivas à pastoral juvenil, mas podem ajudá-la a compreender o universo interior dos jovens, o perfil e a visão que eles têm do Papa, da Igreja e da sociedade vigente. Esses elementos ajudam também a comunidade eclesial e a sociedade civil a interagir melhor com as novas gerações e os jovens a se confrontarem com o próprio mundo. A dissertação ajuda a compreender alguns elementos que fizeram das JMJ um evento extraordinário, na esperança de que isso contagie o ordinário da vida juvenil e as propostas pastorais. Ela colhe as experiências espirituais e os estímulos pastorais emergentes das JMJ para que não fiquem relegados ao âmbito das recordações e emoções.

Esta dissertação apresenta basicamente a história e a mensagem do Papa aos jovens no contexto das JMJ, incluindo a sistematização. Por isso, particularmente na terceira parte, privilegiam-se as citações explícitas dos textos do Papa. Isso possibilita contato direto com as fontes e ajuda a explicitar a mensagem aos jovens. Desse modo, a dissertação torna-se instrumento valioso para ulteriores reflexões, porque pouco se fez para sistematizar os temas, avaliar os conteúdos e colher as diretrizes pastorais dos textos do Papa aos jovens por ocasião das JMJ.

Seguem-se as três partes com os seus respectivos temas concatenados e, ao final de cada uma delas, faremos breve sistematização conclusiva da temática desenvolvida para concluirmos com cinco diretrizes pastorais à luz das JMJ.

PRIMEIRA PARTE

AS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE

É na intimidade de uma conversa a dois, o jovem peregrino com o jovem Jesus Cristo, que se realiza a razão de ser da JMJ!
(Pablo Lima)

Com grande pontualidade acontecem as JMJ, evento que surgiu há mais de vinte anos no calendário da Igreja e dos jovens. Elas se inscrevem entre os eventos mais significativos da passagem do segundo ao terceiro milênio. A relevância delas vai além do âmbito eclesial. Do ponto de vista sociológico, elas refletem em todos os âmbitos da época, representando um lugar no qual se interpretam as questões de milhões de jovens e lhes abrem horizontes mais amplos. Na ótica eclesiológica, elas querem restabelecer e impulsionar as relações da Igreja com os jovens para construir nova sociedade. Elas se mostram como referencial para as novas gerações encontrarem Cristo, conhecerem a Igreja e viverem a missão na sociedade vigente. Mas o caminho dessas experiências mundiais teve um início histórico.

Daí a necessidade de estudarmos, nesta primeira parte, o caminho histórico-teológico das vinte JMJ para conhecermos a natureza, gênese, instituição, programa, finalidade, conteúdo fundamental dos vários temas oferecidos pelas mensagens do Papa aos jovens e fazermos a peregrinação da Cruz para apreender a sua natureza, percorrendo o caminho geográfico nos diversos países do mundo com os jovens, que caminham com a Cruz de Cristo e vice-versa.

1. O que são as JMJ?

1.1. Uma forte experiência festiva de fé

As JMJ são consideradas, pelo próprio Papa João Paulo II, uma «forte experiência de fé»[18]. Elas podem ser concebidas como tal, exatamente porque, nelas, os jovens aprofundam a fé em Deus ou aprendem-na pela primeira vez. Eles percebem a Igreja como uma comunidade universal, descobrem a novidade do próprio batismo e estabelecem um vínculo pessoal com a celebração eucarística e da reconciliação.

As JMJ manifestam-se também como um evento festivo. O entusiasmo e o caráter juvenil expressam-se por meio da dança, da música e das diversas manifestações artísticas pelas ruas e nos lugares dos encontros, sejam espontâneas ou organizadas: é uma «festa da conexão pacífica entre muitas nações». Elas podem ser concebidas como um evento festivo da união acima das barreiras do idioma e da cultura. E, por isso, configuram uma expressão da certeza de que Deus trará para a humanidade uma nova época, da justiça e da paz.

1.2. Um grande momento de comunhão eclesial

Um outro fator que, junto à experiência festiva de fé, determina as JMJ é a «experiência de comunhão»[19], de «união»[20] eclesial vivenciada pelos jovens no decorrer das jornadas. O encontro entre o Papa e os jovens, por exemplo, é um sinal visível de unidade e de comunhão da Igreja. A presença do Papa reforça a consciência e a alegria dos jovens de pertencerem a Jesus Cristo e à sua Igreja fervorosa e viva. Consciente disso, em sua mensagem para a II JMJ, o Papa oportunamente e sabiamente apresenta as

---

[18] JOÃO PAULO II. «Mensagem para o DR» (28 mar.1999), n. 3. Em **DWVEP.**
[19] Ibid.
[20] **www.jmj2005.com.br** Consultado em 19 jan.2005.

JMJ aos jovens como um momento em que eles poderiam viver em *comunhão* com todos os outros, com seus pastores e *unidos* a todos que procuram Deus com coração sincero e querem construir uma nova sociedade[21].

As JMJ representam para os jovens uma verdadeira «pedagogia de comunhão»[22] e uma parábola concreta de fé e de reconciliação, além das fronteiras. A comunhão, vivida acima das diferenças de cultura, língua ou nacionalidade, é um caminho privilegiado para descobrir a «catolicidade» da Igreja, isto é, a sua universalidade.

No decorrer das JMJ, «são desenvolvidas várias formas de *encontros* que permitem uma experiência de espiritualidade e de comunhão eclesial»[23]. Por exemplo, as celebrações eucarísticas possibilitam encontros pequenos e descentralizados. Também as catequeses, celebradas pelos bispos com os jovens de todo o mundo nas suas próprias línguas, dão visibilidade à variedade da Igreja universal. No festival cultural, alegria e encontro unem-se à música, ao teatro, à dança etc.

As novas gerações estão muito sensibilizadas com o «fenômeno da globalização»[24] e não hesitam em manifestar o desacordo, por entendê-la como o primado dos critérios econômicos e financeiros. No grande debate atual, as JMJ permitem aos jovens descobrir e experimentar a «dimensão cultural e religiosa da ‹globalização›»[25]. Dimensão muitas vezes esquecida ou desconhecida, ainda que a Igreja a viva e a promova desde Pentecostes (cf. *At* 2, 42s). Nessa ótica, as JMJ são fontes de esperança, porque revelam uma dimensão da globalização fundada sobre

---

[21] Cf. JOÃO PAULO II, Papa. «Mensagem para a II JMJ, 1987» (30 nov.1986), n.1. Em **DWVEP.**
[22] P. F. KOHN. «La pastorale giovanile oggi: come rispondere alle atese della Chiesa e dei giovani?» (trad. do it.). Em **DWPCL.**
[23] Ibid.
[24] GIOVANNI PAOLO II, Papa. «Discorso ai partecipanti del UNIV-2001» (9 apr. 2001), n. 2 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[25] P. F. KOHN, fonte cit.

valores inestimáveis da pessoa humana[26]. Elas procuram mostrar os «aspectos positivos, sem ignorar os perigos»[27] desse fenômeno e colocá-los a serviço da dignidade de cada ser humano, da solidariedade e do bem comum. Nessa era da globalização, conforme o discurso João Paulo II, é preciso globalizar a solidariedade e o amor na fidelidade a Cristo[28]. Cristo possibilita a promoção de uma «cultura global», não sua «uniformização»[29]. Ele «é um Messias que está além de qualquer esquema e de qualquer clamor, que não se consegue compreender com a lógica do sucesso e do poder, usada muito pelo mundo como critério para verificar os próprios projetos»[30].

1.3. Um estímulo à vida cristã e à evangelização

As JMJ são um «reconstituinte» para os jovens participantes[31]. Durante as jornadas, eles tomam consciência de que não são os únicos cristãos no mundo e que não pertencem a uma «espécie em via de extinção»[32]. Hodiernamente, os jovens cristãos não são uma minoria, embora, em alguns países africanos ou asiáticos, sejam perseguidos por causa da própria fé. Em outros continentes, como a Europa ocidental ou a América do Norte, vivem num ambiente secularizado no qual a Igreja carece de visibilidade. Mas, confirmados na fé, no amor e na esperança, os jovens retornam das JMJ com renovado desejo de testemunhar[33].

---

[26] Cf. JOÃO PAULO II. «Mensagem para a VIII JMJ, 1993» (15 ago. 1992), n.1. Em **DWVEP.**
[27] Ibid.
[28] Id. «Discorso ai partecipanti dal SERMIG-2000» (22 dic. 2000), n.3 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[29] Ibid., n. 2.
[30] Id. **Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião da XV JMJ**. São Paulo: Paulinas, 2000 (A voz do papa 178).
[31] P. F. KOHN, fonte cit.
[32] Ibid.
[33] Cf. JOÃO PAULO II. «Mensagem para a XVI JMJ, 2002» (14 fev.2001), n. 6. Em **DWVPE**; Id. «Discurso aos jovens de Roma» (2 abr.1998), n. 2. Em **DWVEP.**

Graças a essa experiência revitalizante, os jovens sentem-se mais encorajados para resistir à tentação de «deixar passar», quando se encontram isolados num ofício ou na universidade. Estão em melhores condições de resistir ao vírus do desencorajamento e do desespero que, em algumas zonas do mundo, tem amplamente contagiado a Igreja e a sociedade. Muitos jovens reencontram, assim, a alegria e o orgulho de ser cristão. As JMJ fazem com que compreendam que é possível afirmar a própria fé com simplicidade, sem arrogância nem complexos[34]. As JMJ são «um momento de comunhão espiritual» da Igreja universal e «um estímulo evangelizador» do mundo juvenil[35]. Os jovens participantes representam as diversas «Igrejas particulares de todo o mundo», isso assegura a comunhão e a «participação de toda a Igreja universal»[36].

Permitindo aos jovens viverem a dimensão comunitária e eclesial da fé, as JMJ mostram um novo estado de ânimo da juventude atual. Nos países de «antiga cristianidade», a Igreja era vista como uma etapa «preliminar» da fé; hoje, ao contrário, é a experiência de fé que geralmente conduz a Igreja. Os jovens de hoje querem crer, mas estão mais reticentes em «pertencer» a uma instituição. Assistimos ao retorno do sentimento religioso, mas isso não elimina o risco de certo esoterismo e sincretismo. As JMJ colocaram luz ao fato de que a nova geração aceita ser evangelizada sem prevenções: manifesta de fato uma sede do absoluto, que exige respostas claras e considera a dimensão religiosa da vida, sem ocultar a especificidade cristã. Contrariamente, aos seus pais, que eram católicos por tradição, senão por convicção, os jovens desta geração devem realizar um ato de liberdade para ser cristãos em um mundo

[34] Cf. Id. «Homilia na Santa Missa para os estudantes Universitários de Roma em preparação ao Santo Natal» (11 dez.2001), n. 4. Em **DWVEP.**
[35] Id. «Messaggio per la IV GMG, 1989» (27 nov.1988), n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE**.
[36] Ibid.

não mais cristão. Para um jovem de hoje, o ato de crer não coincide com um conformismo social, mas com a vontade de ser diverso na nossa sociedade pós-cristã.

Ainda se os frutos das JMJ não são totalmente visíveis, e menos ainda avaliáveis em breves termos, podemos revelar o novo impulso desses eventos nas Igrejas locais. As JMJ não estimulam só a pastoral juvenil, mas toda a Igreja, elas lhe trouxeram maior segurança, num ambiente geralmente indiferente e hostil. No contexto de secularização, as JMJ revelam a função de serviço público desenvolvido pela Igreja em numerosos setores da vida social, na medida em que contribui para construir uma sociedade mais tolerante e aberta aos jovens, participando assim da educação aos valores comuns. No âmbito de diminuição e de envelhecimento dos sacerdotes, as JMJ permitiram aos pastores e fiéis experimentarem uma confiança nova. Portanto, as JMJ deram um bocado de oxigênio à Igreja, permitindo-lhe criar uma dinâmica no âmbito pastoral. Notadamente melhoraram a visibilidade e a imagem da Igreja, agora vista como mais acessível e próxima às pessoas, particularmente aos jovens.

As JMJ constituem um meio extraordinário de evangelização do mundo juvenil, porque aparecem como uma resposta adequada as suas expectativas, sobretudo, graças à pedagogia adotada. Elas objetivam levar o maior número possível de jovens a uma experiência espiritual e eclesial, segundo uma proposta querigmática, sacramental e catequética da fé. As JMJ têm também uma dimensão vocacional e missionária. Ajudam os jovens a tomar consciência da própria identidade cristã e das exigências, que implicam a vocação do batizado, fazendo-os descobrir que são chamados a ser santos, vivendo e anunciando o Evangelho no coração da vida cotidiana.

Em síntese, as JMJ são concebidas, preparadas e vividas como uma celebração festiva de fé e de alegria, com liturgias vivas e ensinamentos substanciosos. Elas constituem também momentos inesquecíveis de intensa comunhão e descoberta da

Igreja universal, com numerosos encontros enriquecedores e uma abertura ao mundo. Enfim, as JMJ aparecem como um estímulo para a vida cristã e para a evangelização do mundo juvenil.

1.4. Fases essenciais do programa das JMJ

O programa é concebido como uma peregrinação na fé. A programação das JMJ, consideradas pelo próprio Papa «momento de descanso no qual é possível alimentar a fé através do encontro com os coetâneos de outros países e o confronto das respectivas experiências»[37], possui cinco momentos essenciais[38]: fase preparatória, catequeses, propostas de encontros e experiências espirituais e culturais, vigília e celebração eucarística. A dinâmica entrega-reentrega da fé atravessa e inspira todas essas fases celebrativas das JMJ[39], desde a fase preparatória até à missa conclusiva de cada jornada.

Na fase de **preparação**[40], os jovens são convidados a tomar consciência da «*memoria fidei*» já na Igreja local de origem, a abrir-se à unidade da fé e ao dinamismo missionário da Igreja universal, a confrontar essa experiência com a história de hoje e a aperceber-se dos novos incitantes desafios que ela comporta para a vida em Cristo e na Igreja e, também, para o testemunho missionário.

---

[37] Id. «Mensagem para a XVII JMJ, 2001» (25 jul.2001). Em **DWVPE.**

[38] Cf. R. RICUCCI. «La GMG dia Toronto, tra conferme e sorprese». Em **GCSM**, p. 159 (trad. do it.).

[39] Cf. **http://www.vatican.va/ro.../rc_pc_laity_doc_20000815_xv-youth-day_program_po.htm** Consultado em 31 jan.2005.

[40] No início ou no final de todas mensagens em preparação para cada JMJ, o Papa convida a juventude do mundo a empenhar-se numa «preparação espiritual» remota-distante no tempo para uma celebração digna das JMJ. Cf., por exemplo, GIOVANNI PAOLO II. «Mensagem per la II GMG..., fonte cit., n. 4; Id. «Mensagem para a VI JMJ, 1991» (15 ago.1990), n.7. Em **DWVEP**; Id. **Mensagem por ocasião da XV JMJ** op.cit., n. 1. Em **DWVE**; Id. «Mensagem para a XX JMJ, 2005» (6 ago.2004), n.1. Em **DWVEP.**

As **catequeses** são ocasiões de um diálogo frutuoso entre os jovens e os bispos. Os momentos de catequese, realizados por Bispos, de forma tradicional na parte da manhã dos três dias antes da Vigília, em diferentes locais da cidade, ajudam os jovens a refletirem sobre o anúncio/entrega da fé pessoal e a dimensão eclesial da fé recebida, com uma peregrinação de caráter penitencial. Esse dia compreende uma liturgia penitencial com a possibilidade de celebrar, no encontro com um sacerdote, individualmente o sacramento da reconciliação. Esse é um elemento fundamental do itinerário espiritual proposto aos jovens durante as JMJ. Em Roma e Toronto, por exemplo, era impressionante ver as longas filas de jovens na expectativa de confessar-se no «Circo Máximo» e no «Duc in Altum Park». O próprio cansaço por causa da peregrinação possibilita viver e experimentar a esperança do encontro definitivo com o Senhor.

As propostas de **encontros e experiências** espirituais e culturais são promovidas, geralmente, todas as tardes, nas igrejas e outros locais estabelecidos pelas paróquias, movimentos, associações, grupos, realidades eclesiais. Os festivais da juventude, por exemplo, oferecem aos jovens todas as tardes numerosas animações, «desde as mais culturais às mais espirituais»[41]. Para o dia que antecede à Vigília, celebra-se a Via Sacra, organizada por um numeroso grupo de jovens. Junto as JMJ, nasceu o «Fórum Internacional da Juventude»[42], com o objetivo de analisar a realidade da juventude mundial e possibilitar aos participantes um enriquecimento de sua «experiência humana, espiritual e eclesial»[43]. A oração é um momento privilegiado de

[41] P. LEGAVRE. «Em direção à JMJ». Em **Cultura e Fé** 76 (1997) 57.
[42] Cf. GIBILEO dei giovani. Em **I CARE** 10 (2000) 24.
[43] JOÃO PAULO II. «Homilia na Missa para os jovens do VII Fórum Internacional da Juventude» (17 ago.2000), n.1. Em **DWVEP.**

escuta de Cristo, que fala ao coração humano mediante o seu Espírito. Ela tem o seu significado profundo na escuta da Palavra de Cristo[44].

Durante a **Vigília**, a dinâmica entrega-reentrega da fé é expressa por meio de algumas narrações que refletem os temas da memória, da fidelidade, da novidade da fé em Jesus Cristo, dando voz a vários personagens que, ao longo da história, foram testemunhas da fé em Jesus Cristo: Maria em primeiro lugar, os santos apóstolos, os santos e os mártires da Igreja. São também expressões dessa dinâmica o diálogo entre o Papa e os jovens acerca dos questionamentos e das esperanças deles no que diz respeito à fé, na passagem e no início do terceiro milênio, e a celebração para «reentregar» aos jovens a fé e o modo de exprimi-la através dos «novos métodos de linguagem mais adequados ao mundo juvenil». A *Vigília* em Tor Vergata, por exemplo, foi considerada pelos jovens o momento mais marcante da JMJ de 2000[45]. A celebração da vigília abarca três momentos fundamentais: o acolhimento da Cruz de Cristo, a oração dos salmos e a leitura atenta da Palavra[46].

Na **Celebração Eucarística** final, «ponto culminante das JMJ»[47], fortalece-se e se exprime a graça e o empenho missionário da *traditio-redditio*, manifestados no mandato solene do Papa aos jovens[48]. É o ponto culminante de toda a Jornada, enquanto oferece ao jovem, através da Palavra e do Sacramento, centro da fé da Igreja, ou seja, a presença viva e perene do Verbo feito carne, Salvador do mundo, «única via de acesso ao Pai»[49]. A Eucaristia é o sacramento da presença de Cristo que dá a nós porque nos

---

[44] Cf. Id. «Discorso durante la cerimonia di accoglienza in Piazza San Pietro» (15 ago.2000), n. 6. Em **DWVE.**
[45] Digo isso como testemunho pessoal, porque tive o privilegio inexeqüível de vivenciar parcialmente a XV JMJ em Roma.
[46] Cf. GIOVANNI PAOLO II. «Saluto nella veglia con i giovani» (27 lug.2002). Em **DWVE.**
[47] Id. «Homlia na Missa de encerramento da XV JMJ» (20 ago.2000), n. 2. Em **DWVEP.**
[48] Cf. Ibid. n. 6.
[49] Id. Carta Apost. **Tertio millennio adveniente**. São Paulo: Loyola, ³1996, 58 (Documentos Pontifícios).

ama[50] e a fonte da qual brota a resposta de uma fé vivida e anunciada a todos: «Anunciamos a vossa morte, Senhor, proclamamos a vossa ressurreição, vinde Senhor Jesus!»[51].

1.5. Finalidades fundamentais das JMJ

Em 1985, no início das JMJ, o Papa disse que havia no coração as palavras do Apóstolo João: «O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalparam do Verbo da Vida (...) vô-lo anunciamos» (cf. *1Jo* 1, 1.3). E imaginava as JMJ como «*um momento forte* (de) «experiência de fé e de comunhão eclesial»[52], no qual os jovens do mundo pudessem *encontrar Cristo*, o eternamente jovem, e aprender dEle a tornar *os evangelizadores dos outros jovens*»[53]. Quase vinte anos depois, em 2003, o Papa vai afirmar que «essas (as JMJ) têm sido verdadeiras escolas de crescimento na fé, de vida eclesial, de resposta vocacional»[54].

Do que o Papa imaginava no seu coração, em 1985, e de sua afirmação, em 2003, podemos deduzir e aprofundar as três finalidades principais das JMJ. A primeira finalidade e, de certa forma, a principal porque dela depende as outras duas, é levar os jovens a um **momento forte de encontro com Cristo** para que possam proclamar com crescente alegria e audácia a comum fé nEle, morto e ressuscitado, e se tornar seus evangelizadores no mundo contemporâneo. Este mundo espera com ânsia um testemunho de amor, que se origina de uma profunda convicção pessoal e de um sincero

---

[50] Id. «Homilia na Missa de encerramento da XV JMJ» (20 ago.2000), n. 4. Em **DWVEP.**
[51] Id. «Homilia no DR» (abr.1998), n. 2. Em **DWVEP.**
[52] Id. «Mensagem para o DR» (28 mar.1999), n. 3. Em **DWVEP.**
[53] Id. «Discorso nella veglia con i giovani della XVII GMG» (27 lug.2002), n. 1 (trad. do it.). Em **DWVEP.**
[54] Id. «Discurso em preparação do XVIII DMJ» (10 apr.2003), n.5. Em **DWVE.**

ato de fé em Cristo ressuscitado[55]. Eis o primeiro propósito fundamental das JMJ: reconduzir ao centro da fé e da vida de cada jovem a pessoa de Jesus Cristo, para que se torne constante ponto de referência e seja também a verdadeira luz de cada iniciativa e de cada empenho educativo para as novas gerações. É o «refrão» de cada JMJ[56]. Por isso, durante o DMJ, os jovens professam e proclamam com alegria a própria fé em Cristo, interrogam-se e renovam o próprio empenho na urgente tarefa da nova evangelização. Eles procuram o Senhor no coração do Mistério Pascal. O mistério da Cruz gloriosa torna-se para eles o grande dom e o sinal da maturidade da fé. Com a sua Cruz, Cristo guia os jovens do mundo contemporâneo na grande «assembléia» do reino de Deus, que transforma os corações e as sociedades[57].

O segundo objetivo fundante das JMJ, além de possibilitar um encontro dos jovens com Cristo em vista da nova evangelização, consiste em ajudá-los a **aprofundar o sentido de comunhão eclesial**. Por isso, os jovens celebram o DMJ em comunhão de oração, de amizade e de fraternidade, de responsabilidade e de empenho com todos os outros jovens, os pastores e todos que procuram Deus com coração sincero e querem empenhar as suas energias juvenis na construção de uma nova sociedade mais justa e fraterna[58]. Mas as JMJ não se propõem como alternativa diante da pastoral da juventude ordinária. Elas querem antes restaurá-la, oferecendo novos estímulos de engajamento, comprometimento e participação. E suscitar crescente fervor na ação apostólica entre os jovens de hoje, para que sejam os «protagonistas da nova evangelização»[59], mas sem isolá-los do resto da comunidade. Assim, as JMJ representam a jornada da Igreja para e com os jovens.

---

[55] Id. «Mensagem para a II JMJ..., fonte cit., n. 2.
[56] Cf. Id. «Carta ao Cardeal E. Pironio..., fonte cit., n. 1.
[57] Cf. Id. «Homilia para o DR» (28 mar.1999), n. 3. Em **DWVEP.**
[58] Cf. Id. «Mensagem para a II JMJ» (30 nov.1986), n. 1. Em **DWVEP.**
[59] Id. «Carta ao Cardeal E. Pironio..., fonte cit. n. 3 (trad. do it.).

O terceiro objetivo das JMJ, além de levar os jovens a um encontro com Cristo e a um aprofundamento do sentido de pertença eclesial, é que elas foram projetadas para ajudá-los a interrogarem-se sobre as **aspirações** mais íntimas e para responder a essas perguntas existenciais[60] da juventude de todos os tempos. Por isso, o Papa disse aos jovens que as JMJ são «um tempo privilegiado de peregrinação» em que o Senhor poderá esclarecê-los acerca da «própria vocação»[61]. A esse propósito basta recordarmos que tanto o DMJ como as JMJ nasceram há vinte anos (1985), da intuição pastoral do Papa, que queria criar um instrumento para responder à necessidade de dimensão espiritual e de nova sociedade que o mundo juvenil parecia exprimir[62], «realçar os esforços da Igreja no trabalho pastoral entre os jovens»[63], «reconsiderar o modo de aproximar dos jovens para lhes anunciar o Evangelho» e, assim, «evangelizar o mundo juvenil»[64].

Em síntese, a finalidade das JMJ é constituirem-se como momentos nos quais muitos jovens amadureçam a escolha vocacional sob a orientação potente e suave do Espírito Santo. E aprofundem o sentido de pertença eclesial a partir do forte encontro com Cristo[65] em vista da missão evangelizadora da Igreja no mundo contemporâneo.

---

[60] Cf. R. RICUCCI. «Giovani..., op.cit., p. 26.
[61] JOÃO PAULO II. «Discurso aos jovens franceses» (1998), n. 3. Em **DWVEP.**
[62] Cf. R. RICUCCI. «Giovani..., op.cit., p. 26.
[63] T. SZULC. **João Paulo II**: biografia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 407.
[64] JOÃO PAULO II. «Discurso para o DR» (1 abr.2004), n.1. Em **DWVEP.**
[65] Cf. Id. «Mensagem para a VIII JMJ, 1993» (15 ago.1992), n.1. Em **DWVEP.**

2. Caminho histórico-teológico das vinte JMJ

2.1. Gênese e instituição das JMJ

João Paulo II declarou o ano de **1983-1984** o «Jubileu extraordinário da Redenção»[66], para comemorar 1.950 anos da Redenção, com o lema: *Aperite portas Redemptori*[67]. Em março de 1983, em Roma, o Centro Internacional de Jovens São Lourenço lançou uma idéia: uma reunião de jovens no DR de 1984. Esse encontro imediatamente foi aprovado pelo Papa, que entregou o projeto ao bispo alemão D. Paul-Joseph Cordes, então vice-presidente do PCL e responsável pelo setor juventude. O ceticismo foi geral. Porém a idéia seguiu em frente e a equipe (Cordes e os jovens) progrediu. No dia 14 de abril de 1984, véspera do DR, duzentos e cinqüenta mil jovens convergem para a praça de São Pedro «para um encontro de oração, partilha e conversa»[68]. O sucesso foi magistral. Por isso, o Santo Padre duplicou a aposta: aproveitando que a ONU havia declarado 1985 o «Ano Internacional da Juventude», João Paulo II convidou os jovens para um outro encontro no dia 30 de março desse ano. O seu convite fora muito estimulante e repleto de esperança:

> Será um encontro de oração, de partilha, de diálogo, de alegria (...) de verdade e de vida que oferecerá para todos e para cada um uma paz operante (...) e vos fará edificadores de formas de vida nova e mais expressiva da face do homem de hoje (...) e de amanhã, que nas vossas faces já se prefigura[69].

Mais uma vez ceticismo, contrastando com o enorme sucesso: mais de trezentos mil jovens disseram sim ao convite pontifício. Uma semana depois desse

---

[66] Id. «Incontro con i Giovani in Piazza San Giovanni in Laterano» (30 mar.1985), n.1 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[67] Tradução: Abram as portas para o Redentor.
[68] Apud B. LECOMTE. **João Paulo II**... op.cit., p. 657; Cf. STORIA delle GMG. Disponível em **www.wjt2005.de/index.php** Consultado em 29 abr.2005.
[69] «GIUBILEO dei...», op.cit., p. 14.

encontro entusiástico com os jovens, em sua homilia de Páscoa, o Pontífice João Paulo II manifesta o desejo e, ao mesmo tempo, confirma a sua convicção de comemorar todo ano uma JMJ. E, sem descartar as dificuldades, transmite aos jovens a missão de transformar os mecanismos egoísticos e opressores em estruturas inspiradas na verdade, solidariedade e paz:

> Com centenas de milhares de jovens me encontrei no domingo passado e imprimi na alma alguma imagem festiva do entusiasmo deles. No *desejo* de que esta experiência possa repetir-se nos anos futuros, dando origem às JMJ no Domingo de Ramos, confirmo a minha *convicção*: aos jovens cabe uma *tarefa* difícil, mas exultante: transformar os mecanismos fundamentais que, nas relações entre indivíduos e nações, favorecem o egoísmo e a opressão e fazer nascer estruturas novas inspiradas na verdade, na solidariedade e na paz[70].

No dia 20 de dezembro seguinte, na sua mensagem natalícia ao Colégio Cardinalício e à Cúria Romana, ele anuncia que as JMJ serão realizadas um ano em âmbito local, em todas as dioceses do mundo, e no ano seguinte, no cenário internacional, em alguma grande capital. Desta vez, as JMJ realmente estavam instituídas: «O Senhor abençoou aquele encontro de modo extraordinário, tanto que, para os anos que virão, foi instituída a JMJ, a celebrar no DR, com a válida colaboração do PCL»[71]. Algum tempo depois, o próprio Papa dirá: «Ninguém inventou essas jornadas (...) foram os próprios jovens que as criaram (...) abriram o seu caminho»[72]. E, em torno da Cruz do Ano Santo, surgiram e desenvolveram-se as JMJ, significativos «momentos de parada» no caminho dos jovens e convite contínuo e premente para fundar a vida sobre a rocha que é Cristo[73].

---

[70] STORIA delle GMG..., fonte cit.
[71] JOÃO PAULO II, «Mensagem ao Colégio Cardinalício e à Cúria Romana» (20 dez.1985). Em **DWVEP.**
[72] Id. «Homilia para a XII JMJ, 1997» (15 ago.1996), n.3. Em **DWVEP.**
[73] Id. **Mensagem do Papa João Paulo II**... op.cit., n. 1.

E, quando tudo parecia estar consumado, o Papa surpreendentemente anunciou o terceiro documento fundamental das JMJ[74]: a sua Carta Apostólica aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do Ano Internacional da Juventude. Trata-se de uma mensagem de esperança e de empenho, por meio da qual o Santo Padre recorda como a Igreja atribui ao período da juventude uma particular importância, porque nessa fase reside a «confiança, esperança da Igreja e da sociedade»[75]. O Papa comenta magistralmente três passagens bíblicas com denso conteúdo teológico-pastoral. Primeiro, ele trabalha o texto do encontro de Cristo com o jovem rico (cf. *Mc* 10, 17-22; *Mt* 19,16-22 e *Lc* 18,18-25), que se torna o eixo da Carta. Depois, o da exortação de Pedro (cf. *1Pr* 3,15) oferece o plano de abertura. E, finalmente, comenta o testemunho do discípulo amado (cf. *1Jo*, 2,13s), o fecho de ouro[76] da **Carta Apostólica do Papa aos jovens**. Percorremos o caminho histórico-teológico das JMJ em bloco de cinco: da I à V JMJ (1986-1990); da VI à X JMJ (1991-1996); da XI à XV JMJ (1997-2000); e da XVI à XX JMJ (2001-2005).

2.2. Da I à V JMJ (1986-1990)

No dia 23 de março de 1986, foi celebrada oficialmente a **I JMJ**[77] em âmbito diocesano, no DR. O Papa escolheu como tema de reflexão teológico-pastoral o texto bíblico que, como dissemos, apresenta o plano de abertura do segundo documento fundamental das JMJ: «Sempre prontos para dar razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir» (*1Pr* 3,15). Na celebração diocesana da I JMJ em Roma, na sua homilia

---

[74] Cf. **http://www.vatican.va/gmg.html**
[75] JOÃO PAULO II. «Discurso para o DR» (1 abr.2004), n.7. Em **DWVEP.**
[76] Cf. J. B. LIBANIO; G. GALACHE & J. ALVES. **João Paulo II aos jovens**. Apresentação didática. São Paulo: Loyola, 1985, p. 10.
[77] Junto à I JMJ, nasce o I Fórum Internacional dos Jovens. Trata-se de um encontro organizado pelo Pontifício Conselho para os Leigos com dois jovens de cada Conferência Episcopal. Esse primeiro Fórum analisou a realidade mundial da juventude. Cf. **I CARE** 10 (2000) 24.

para o DR, o Papa disse que «mediante a cruz e Ressurreição Cristo faz a cada jovem o chamado: ‹segue-me› »[78].

Em junho, na homilia para o DR em Roma, o Papa João Paulo II anunciou com grande alegria aos jovens do mundo inteiro a celebração internacional da **II JMJ**, de 11 a 12 de abril de 1987, em Buenos Aires na Argentina[79]. É interessante retomar uma das finalidades fundamentais das JMJ, como o Pontífice descreve a dimensão de comunhão missionária das JMJ:

> Naquele encontro tão esperado nos sentiremos todos em comunhão de oração, de amizade e de fraternidade, de responsabilidade e de empenho com todos os outros jovens que, reunidos em torno aos seus pastores (...) nos sentiremos, igualmente, unidos a todos aqueles que procuram Deus com coração sincero e querem empenhar as suas energias juvenis e construir uma nova sociedade mais justa e fraterna[80].

Em novembro, na sua mensagem para a II JMJ, o Papa convidou os jovens para as celebrações diocesanas no DR: «Convido todos os jovens e as jovens do mundo para celebrar com particular intensidade e esperança a JMJ, no próximo domingo de Ramos de 1987»[81]. Ele vê o empenho dos jovens argentinos na construção da paz, da justiça e da verdade e os estimula a bem preparar uma «festa de profundo empenho com Cristo, com a Igreja, com a nova sociedade da verdade e do amor»[82]. E propõe como tema e conteúdo teológico fundante e diretivo da II JMJ o testemunho ocular do apóstolo João: «Conhecemos o amor de Deus e acreditamos nele» (*I Jo* 4,16).

Em abril de 1987, na Vigília do DR, o Papa encontra-se no centro de Buenos Aires na Argentina com os jovens vivendo o contexto histórico de injustiça

---

[78] JOÃO PAULO II. «Homilia para o DR» (23 mar.1986). Em **DWVEP.**
[79] Cf. Id. «Messaggio per la II GMG, 1987» (30 nov.1986), n. 1. Em **DWVE.**
[80] Ibid.
[81] Ibid. n. 4 (trad. do it.).
[82] Ibid.

social. A Argentina é um país no qual as feridas de dolorosas experiências não estão ainda eliminadas[83]. Por isso, João Paulo II denunciou o ódio, a violência e anunciou a dignidade do ser humano: «Que o irmão não vá mais contra o irmão, que não exista mais nem seqüestrados nem desesperados, que não exista mais o ódio que conduz a violência, que a dignidade da pessoa humana seja sempre respeitada»[84]. Cerca de um milhão de jovens ouviu atentamente as memoráveis palavras do Pontífice: «Quero repetir o que vos disse desde o primeiro instante de meu pontificado: que sois a esperança do Papa, a esperança da Igreja»[85]. E a empolgante exortação a empenharem-se na construção do mundo: «Assim construireis uma sociedade da vida e da verdade, da liberdade e da justiça, do amor, da reconciliação e da paz»[86].

No dia 13 de dezembro de 1987, na sua mensagem para a **III JMJ** do Vaticano, o Papa renova o seu convite aos jovens para a celebração diocesana dessa JMJ, 27 de março de 1988, no DR: «Convido-vos todos a participarem deste acontecimento muito importante. Venham escutar a Mãe de Jesus, vossa mãe e mestra»[87]. O fio condutor daquela «jornada de escuta» foram as palavras de Maria aos serventes nas Bodas de Caná: «Fazei tudo quanto ele vos disser» (*Jo* 2,5). Essa frase resume todo o magnífico projeto de vida de Maria baseado no sólido fundamento que é Jesus. E, segundo o próprio Papa, Maria queria indicá-lo aos jovens serventes: «escutem Jesus, meu Filho, sigam a sua palavra e tenham confiança nele»[88]. A III JMJ não é uma mera celebração exterior e superficial, mas um dom divinal. Por isso, exige um caminho

---

[83] Cf. Ibid. Aqui o Papa, além de descrever brevemente a situação dolorosa do povo argentino, recorda a sua precedente visita ao país em 1982 e agradece os jovens argentinos pela dedicação na preparação da II JMJ.
[84] Id. «Messaggio nell´incontro con i giovani per la II GMG, 1988» (11 apr.1987), n.1 (trad. do it.). Em **DWVE**.
[85] Ibid.
[86] Ibid.
[87] Id. «Messaggio per la II GMG» (30 nov.1986), n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE**.
[88] Ibid. 2.

de preparação espiritual, bem como todas JMJ precedentes, na pastoral diocesana e paroquial dos grupos, movimentos e associações juvenis[89].

No dia 27 de março de 1988, na homilia para o DR em preparação para a III JMJ, o Papa afirma a centralidade da revelação plena do ser humano no mistério da Cruz de Cristo: «Cristo revela plenamente o homem ao homem. Vós jovens procurem o Senhor no centro do seu mistério»[90].

No dia 27 de novembro, na mensagem para a **IV JMJ** do Vaticano, o Papa anunciou e convidou solenemente os jovens de todo orbe para a celebração dessa JMJ, de 15 a 20 de agosto de 1989, em Santiago de Compostela na Espanha. Seria, na previsão do Papa, um momento de comunhão espiritual de toda Igreja universal representada nos jovens das Igrejas particulares e uma feliz ocasião para escutar e responder às expectativas mais profundas da juventude[91] de hoje. A centralidade de sua reflexão teológica é Jesus Cristo: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (*Jo* 14,6)[92]. Em Santiago, encontram-se as raízes da Europa cristã: cada pedra fala da potência da fé de inteiras gerações de peregrinos. Por isso, oportunamente e sabiamente o Papa disse aos jovens: «Se vocês calarem, as pedras clamarão». Na cidade, cerca de seiscentos mil jovens de toda a Europa testemunharam que a peregrinação, nos caminhos percorridos pelos peregrinos europeus na Idade Media[93], não é uma prática religiosa ultrapassada, mas um caminho de renovação interior, de aprofundamento da fé, de fortalecimento do sentido de comunhão e da solidariedade e meio concreto para redescobrir Cristo na própria vida[94]. Consciente disso, o Papa, em sua homilia na missa de encerramento da

---

[89] Cf. Ibid. nn. 1-4.
[90] GIUBILEO dei..., op.cit., p. 28 (trad. do it.).
[91] Cf. GIOVANNI PAOLO II. «Messaggio per la IV GMG..., fonte cit., nn. 1.3.
[92] Cf. Ibid. 1.
[93] Cf. B. LECOMTE, op.cit., p. 658.
[94] Cf. GIOVANNI PAOLO II. «Messaggio per la IV GMG..., fonte cit., n. 3.

IV JMJ, reafirmou a centralidade teológica e ponto fulcral das mensagens aos jovens de hoje nas JMJ: «Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida» (*Jo* 14,6).

No dia 23 de novembro de 1989, na mensagem para a **V JMJ** do Vaticano, o Papa anunciou aos jovens dos cinco continentes a celebração diocesana dessa JMJ, 08 de abril de 1990, no DR. Na mesma ocasião, o Papa incentivou os jovens de todo orbe a redescobrir a Igreja e a própria missão, estimulando-os a refletir sobre a temática da Igreja como mistério de Cristo: «Eu sou a videira, e vós os ramos» *(Jo* 15,5). A Igreja de Cristo é uma realidade antiga por sua história e perenemente jovem pela graça do Espírito Santo[95]. Por isso, e graças às primeiras experiências das JMJ, o Papa João Paulo II formulou e explicitou na Carta Apostólica **Chistifideles Laici** (1986, n. 46)[96] a relação dialógica existente entre a Igreja e os jovens:

> A Igreja tem muitas coisas a dizer aos jovens, e os jovens têm muitas coisas a dizer a Igreja. Esse recíproco diálogo, a atuar-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e a troca entre as gerações e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil[97].

A V JMJ foi um evento eclesial de grande importância. Houve um excepcional testemunho de fé e forte momento de evangelização de milhares de jovens provenientes de todos os continentes. Em Santiago, a Igreja mostrou ao mundo mais uma vez a sua face jovem, plena de alegria, de esperança e de entusiasmo na fé. O evento de Santiago foi um grande dom para a Igreja e para toda a sociedade[98].

---

[95] Cf. Id., «Messaggio per la V GMG, 1990» (26 nov.1989), n. 1. Em **DWVE.**
[96] Cf. www.jmj2005.blogger.com.br Consultado em 19 jan.2005.
[97] JOÃO PAULO II. Cart. Apost. **Chistifideles Laici**. São Paulo: Loyola, 1986, p. 46.
[98] Cf. Id. «Messaggio per la V GMG... font.cit., n. 1.

2.3. Da VI à X JMJ (1991-1996)

No dia 15 de agosto de 1990, na sua mensagem para a **VI JMJ** do Vaticano, o Papa anunciou aos jovens a celebração internacional dessa JMJ, de 10 a 15 de agosto de 1991, em Czestochowa na Polônia. O tema teológico escolhido pelo Papa, para os jovens meditarem, fora o da filiação divina: «Recebestes um espírito de filhos» (*Rm* 8,15). Essas palavras introduzem ao profundo mistério da vida cristã: segundo o desígnio divino, somos de fato chamados a tornar filhos de Deus em Cristo, por meio do Espírito Santo. Em março de 1991, na homilia do DR, o Papa disse aos jovens do mundo inteiro: «Há, às vezes, vozes que procuram verificar o sentido desta peregrinação. Mas é óbvio o seu significado. Isso permite Cristo falar ao homem da nossa época». E em abril, na Homilia do DR, apresentou Cristo como a medida do homem: «Cristo entra na medida do homem».

Em Czestochowa, reuniram-se jovens do Oriente e do Ocidente[99]. O muro de Berlim não passava de uma dolorosa lembrança, e, por isso, o momento era de reconstrução de uma nova Europa[100]. A peregrinação a Czestochowa foi um testemunho de fé e de liberdade frente ao mundo inteiro e aos Estados que se abriam ao Cristo, Redentor do Homem[101]. O Papa reúne consigo um milhão de jovens para celebrar a missa de encerramento no Santuário da Madona, onde contemplou um cenário belíssimo: uma multidão variada de jovens, que responderam ao seu convite com cantos e orações. João Paulo II começa a homilia retomando o tema da filiação divina pela inabitação do Espírito: «Todos aqueles que são guiados pelo espírito de Deus, eles são filhos de Deus».

---

[99] Cf. Id. «Messaggio ai giovani in ocasione del 10 anniversario della VI GMG» (13 ago.2001). Em **DWVE.**
[100] B. LECOMTE, op.cit., p. 658.
[101] Cf. JOÃO PAULO II. «Mensagem para a VI JMJ, 1991» (15 ago.1990), n. 6. Em **DWVEP.**

Finalmente, o encontro internacional da juventude em Czestochowa foi um momento muito importante do pontificado de João Paulo II por diversos motivos[102]: a alegria e surpresa do encontro há muito desejado e esperado entre Leste e Oeste e, assim, providencialmente realizado quase com total normalidade; o sentido de fraternidade evangélica e de solidariedade universal entre os jovens de diversos países e culturas; o sentido da peregrinação que já tinha sido muito forte em Santiago de Compostela, mas que ali assumiu características novas por causa da variedade dos participantes; a grande presença e afetuosidade dos Bispos com os jovens; enfim, era evidente que o Papa sentia-se particularmente no seu apogeu ao encontrar os jovens na sua própria terra.

No dia 24 de novembro de 1991, na sua mensagem para a **VII JMJ** do Vaticano, o Papa anunciou aos jovens a celebração diocesana dessa JMJ, 12 de abril de 1992, no DR. E, na mensagem pastoral, apresentou a dimensão missionária do apostolado juvenil como tema de reflexão teológica-pastoral: «Ide por todo o mundo e pregai o evangelho» (*Mc* 16,15). Em abril de 1992**,** na homilia do DR em Roma, o Papa, refletindo com os jovens o tema proposto, anteriormente, disse: «Quando Cristo, depois da Ressurreição, disse aos apóstolos: ‹Ide a todo o mundo e preguem o Evangelho›, naquele momento lhes dera a ordem de pregar exatamente este mistério, cuja plenitude se realiza nos eventos da Páscoa em Jerusalém: Jesus Cristo é o Senhor»[103].

Em 15 de agosto de 1992, na sua mensagem para a **VIII JMJ**, o Papa anunciou aos jovens a celebração internacional dessa JMJ, de 11 a 15 de agosto de 1993, em Denver nos Estados Unidos. O tema teológico escolhido pelo Papa para aquele ano explicita a singularidade universal do valor incalculável da Vida abundante em Cristo: «Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância» (*Jo*

[102] Cf. GIBILEO dei..., op.cit., p. 36.
[103] JOÃO PAULO II. «Homilia para o DR» (1992). Em **DWVEP.**

10,10)[104]. Em abril de 1993, na homilia para o DR, o Papa disse à juventude de todo orbe: «Cristo humilhou a si mesmo fazendo-se obediente até a morte. Ele se tornou semelhante a todos e cada a um, especialmente aqueles que estão no fundo da dor»[105]. Centenas de milhares de velas iluminam a noite na conclusão da vigília. Quinhentos mil jovens aderiram ao convite do Papa e uniram suas mãos ao som do hino da X JMJ: «*We are One Body*». Os jovens comovidos, com o grande afeto de João Paulo II para com eles, gritaram entusiasticamente: «João Paulo II nos te queremos bem». O Papa afetuosamente responde: «João Paulo II vos quer bem». O Papa convida os jovens a escutarem e a seguirem a voz do Bom Pastor, a formarem bem as próprias consciências para ser luz do mundo, para evangelizar e serem corajosos e generosos assim como são os missionários.

No dia 21 de novembro de 1993, na mensagem para a **IX** e **X JMJ** do Vaticano, o Papa proclamou o seu convite aos jovens para as celebrações, respectivamente da IX JMJ diocesana, 27 de março de 1994, e da X JMJ internacional, de 10 a 15 de janeiro de 1995, em Manila nas Filipinas. É muito interessante e significativa a síntese memorial que o Papa faz dos encontros anteriores: «Nos precedentes encontros que assinalaram o nosso itinerário de reflexão e de oração, vimos, como os discípulos, a possibilidade de ‹ver› - que significa também crer e conhecer, quase ‹tocar› (cf. 1Jo 1,1) - o Senhor ressuscitado»[106]. Continuando a «dimensão missionária»[107] do DMJ e das JMJ, o Papa escolheu como tema para o aprofundamento teológico-pastoral o envio missionário: «Como o Pai me enviou, eu também vos envio» (*Jo* 20,21). Em março, na homilia para o DR, o Papa disse vigorosamente: «Olhemos com estupor como os jovens erguem a voz (...) Falam em vários lugares da terra e suas

[104] Cf. Id. «Messaggio per la VIII GMG, 1993» (15 ago.1992), nn. 1-3. Em **DWVE.**
[105] Id. «Homilia para o DR» (1993). Em **DWVEP.**
[106] Id. «Messaggio in ocasione della IX e X GMG, 1994/95» (21 nov.1993), n.1 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[107] Id. «Homilia na missa para os delegados ao Fórum Internacional da Juventude» (23 ago.1997), n.2. Em **DWVEP.**

vozes devem ser ouvidas. E acontece assim que, graças aos seus testemunhos, os jovens discípulos de Cristo tornam para muitos uma surpresa»[108].

De 11 a 15 de janeiro de 1995, ocorreu a celebração internacional da **X JMJ** em Manila nas Filipinas[109]. Desta vez, três milhões de jovens responderam ao convite do Santo Padre e, com atenção e confiança, ouviram a sua mensagem. Foi o encontro mais numeroso de toda história das vinte JMJ. Houve também uma crescente presença dos Bispos. João Paulo II traçou as linhas de um novo caminho: «As JMJ podem ser para todos vós uma ocasião para descobrir o vosso chamado, para discernir o caminho particular que Cristo coloca diante de vós. A procura e a descoberta do que Deus quer para vós é uma experiência profunda e fascinante». Num clima de intensa oração e reflexão profunda, o Papa ajuda os jovens a compreenderem os três aspectos mais urgentes para a Igreja hodierna: o testemunho dos santos, a unidade dos cristãos e o dinamismo missionário. E, no enceramento da X JMJ, o Papa enviou os jovens em dupla, pronunciando as palavras do próprio Jesus: «Como o Pai me enviou, assim eu também vos envio» (*Jo* 20, 21).

Em abril de 1995, na homilia para o DR em Roma, o Papa explicitou o valor da peregrinação durante a Semana Santa para a revelação histórica do mistério da peregrinação de Cristo: «A Semana Santa, que hoje iniciamos, revela toda a plenitude, a largura, a altura e a profundidade da peregrinação de Cristo. Nesta está contido o

---

[108] Id. «Homilia para o DR» (mar.1995). Em **DWVEP.**

[109] Antes de sua viagem a Manila, o Papa fez uma cirurgia de reposição do colo do fêmur (em abril de 1994), por isso, passou a usar uma bengala. Mas (em novembro de 1994), ele bem soube tirar proveito desse fato, demonstrando seu senso de humor e oportunismo dialógico com um grupo de jovens em Siracusa: «Vocês são a favor da bengala ou contra a bengala?», perguntou. «Alguns dizem que ela me faz parecer mais velho. Outros, que me rejuvenesce... Ah, vejo que vocês são a favor da bengala! Estou me preparando para ir a Manila com minha bengala! Vou para lá e acho que minha bengala também irá». Apud T. SZUC, op. cit. p. 470.

cumprimento do mistério de Cristo, santíssimo peregrino, unido de algum modo a cada homem, peregrino que caminha na nossa história»[110].

2.4. Da XI à XV JMJ (1996-2000)

No dia 26 de novembro de 1995, na mensagem para a **XI JMJ** do Vaticano, o Pontífice João Paulo II convida os «Caríssimos jovens» para essa celebração diocesana, 31 de março de 1996, no DR. O convite pontifício é expresso magistralmente nas palavras do apóstolo Paulo aos cristãos de Roma: «Realmente, desejo muito ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, que vos possa confirmar, ou melhor, para nos confortar convosco pela fé que nos é comum a vós e a mim» (*Rm* 1,11-12). E apresenta o tema de preparação e embasamento teológico-pastoral para a XI JMJ de 1996: «Senhor a quem iremos? Só Tu tens palavras de vida eterna» (*Jo* 6, 68-69). O Santo Padre confiou um projeto trienal de ação pastoral aos jovens que, baseado nas palavras do Evangelho e em correspondência com as temáticas propostas para cada ano a toda a Igreja, constituirá o fio condutor das três próximas JMJ[111].

No dia 31 de março de 1996, na sua homilia para a celebração da XI JMJ em Roma, o Papa apresenta o Deus da vida de Cristo que fala e chama os jovens de hoje a seguirem-no no mistério pascal: «O Deus da vida nos fala da Cruz e Ressurreição do seu Filho. Esta é a ultima palavra do Evangelho. Exatamente esta palavra está contida no mistério pascal de Jesus Cristo. Mediante a Cruz e a Ressurreição, mediante o mistério pascal, Cristo dirige a cada um de nós o chamado: ‹segue-me›»[112].

No dia 15 de agosto de 1996, na sua mensagem para a **XII JMJ** de Castel Gandolfo, o Papa convida os jovens para a celebração internacional dessa JMJ, de 19 a

---

[110] JOÃO PAULO II. «Homilia para o DR» (1995). Em **DWVEP.**
[111] Cf. Id. «Messaggio per la XI GMG, 1997» (26 nov.1996), n.2. Em **DWVE.**
[112] "GIUBILEO dei...", op.cit. p.52 (trad. do it.).

24 de agosto de 1997[113], em Paris na França. E os exorta a fixar o olhar em Jesus, Mestre e Senhor da vida, através das palavras do Evangelho de João[114]: «Mestre onde moras? Venham e vejam» (*Jo* 1,38-39). Essa celebração, que reuniu mais de milhão de jovens de cento e sessenta países, demonstrou que o cristianismo, na Europa, tem um coração juvenil e que existem muitos jovens dispostos a conduzir o Evangelho além do limiar de 2000. O tema da JMJ é um convite a colocar o fruto da própria vida, a ariscar o próprio tempo para construir um mundo solidário, mas é também um olhar além, no futuro. «Na Igreja não existem fronteiras, somos um único povo solidário, composto por múltiplos grupos de culturas, sensibilidade e modo de agir diverso. Tal unidade é sinal de riqueza e de vitalidade»[115]. Essa XII JMJ em Paris, na França, no primeiro ano preparatório para o Grande Jubileu, assinala o ponto mais elevado e indica a direção precisa para os jovens chegarem bem preparados ao encontro do terceiro milênio em Roma, no verão do ano 2000: «Caros jovens, o vosso caminho não se firma aqui. O tempo não se firma hoje. Andem sobre as estradas do mundo, sobre as estradas da humanidade, permanecendo unidos a Igreja de Cristo»[116].

No dia 30 de novembro de 1997, na sua mensagem por ocasião da **XIII JMJ** do Vaticano, o Papa convida a juventude universal para a celebração diocesana dessa JMJ, 04 de abril de 1998, segundo ano preparatório para o Grande Jubileu, e a fixar o olhar no Espírito do Senhor. Daí o tema para reflexão teológico-pastoral centrado na Terceira Pessoa da Santíssima Trindade[117]: «O Espírito Santo vos ensinara todas as coisas» (Jo 14,26). No dia 2 de abril de 1998, o Papa convidou os «Caríssimos

---

[113] Em 1997 a JMJ deveria realizar-se na África, mas pelo Sínodo africano foi constatada a impossibilidade de encontrar um país hospedeiro, foi escolhida a França. Cf. P. LEGAVRE, op.cit.
[114] Cf. JOÃO PAULO, «Mensagem por ocasião da XII JMJ, 1997» (15 ago.1996), n.1. Em **DWVEP.**
[115] Apud "GIUBILEO dei...", op.cit., p. 54 (trad. do it.).
[116] Ibid.
[117] Cf. Id. «Mensagem por ocasião da XIII JMJ, 1998» (30 nov.1997), n.2. Em **DWVEP.**

jovens de Roma»[118] (sua diocese) para preparar a celebração da XIII JMJ. Nesse encontro preparatório, o Pontífice fala da espera da «Cruz das JMJ» como «mensagem do amor de Cristo» velada na palavra Roma[119] e inscrita na vida de cada homem e mulher de qualquer idade, povo e condição social, e denuncia a difundida «cultura do efêmero»[120]. E no dia 05 de abril de 1998, três dias após o encontro preparatório, na sua homilia para o DR, o Papa (re)propõe a mensagem da Cruz como centro da existência e fonte da missão da juventude de hoje: «Caros jovens, hoje a mensagem da Cruz é reproposta a vós. (...) A vossa escolha, jovens cristãos, é clara: descobrir na Cruz de Cristo o sentido da vossa existência e a fonte do vosso entusiasmo missionário»[121]. No dia 14 de dezembro de 1999, na sua homilia em preparação para o Natal e o Grande Jubileu, o Papa fala da abertura da «Porta Santa» como «a abertura de uma passagem universal», que significa «Cristo, Redentor do homem, centro do cosmos e da história»[122].

No dia 06 de janeiro de 1999, na sua mensagem por ocasião da **XIV JMJ** do Vaticano, o Papa João Paulo II convida os «Caros Jovens amigos» para a celebração diocesana dessa JMJ, 28 de março de 1999, e para dirigirem-se a Deus Pai e escutarem com gratidão e maravilha a surpreendente revelação de Jesus: «O Pai vos ama» (*Jo* 16, 27). Essas são as palavras que o Papa confiou aos jovens para a reflexão teológico-pastoral na preparação e durante a XIV JMJ. No dia 25 de março, o Papa encontra-se com a juventude de sua diocese (Roma) para preparar a celebração da XIV JMJ. A dinâmica desse encontro fora uma «dialética de pergunta e resposta»[123] entre os jovens,

---

[118] Id. «Saudação aos jovens em preparação para o DMJ» (2 abr.1998), n.1. Em **DWVEP.**
[119] Velada porque a palavra Roma, quando lida ao contrário significa Amor.
[120] Cf. JOÃO PAULO II. «Saudação... (2 abr.1998) font.cit., n.3.
[121] Id. «Homilia de DR» (5 abr.1998), n.3. Em **DWVEP.**
[122] Id. «Homilia em preparação para o natal e o grande jubileu» (1999), n.2. Em **DWVEP.**
[123] Id. «Veglia di preghiera in Tor Vergata» (19 ago.2000), n.3 (trad. do it.). Em **DWVE.**

que fazem três questões, e o Santo Padre[124]. Eles concluíram dizendo: «Creio» que o Pai nos ama[125]. E no dia 28 de março do mesmo ano, três dias após o encontro preparatório, em sua homilia de Ramos na celebração diocesana da XIV JMJ em Roma, o Papa convidou os «Caros jovens» para irem ao encontro de Cristo, que os alimenta no Evangelho, na Igreja, nos Sacramentos e a serem solidários com o próximo[126].

No dia 29 de junho de 1999, na sua mensagem para a **XV JMJ** do Vaticano, o Papa escolheu como tema para a celebração internacional dessa JMJ, de 15 a 20 de agosto de 2000, em Roma na Itália, a frase lapidar com a qual o apóstolo João exprime o mistério altíssimo de Deus que se fez homem: «O Verbo se fez homem e habitou entre nós» (Jo 1,14). Esse mistério da encarnação é a certeza que distingue a fé cristã de todas as outras religiões e, com o mistério da Redenção, constitui a mensagem central da fé[127]. Antes do anúncio daquele tema, o Papa já havia convidado os «Jovens de todos os continentes» para esse grande encontro eclesial:

> Convido-vos a empreender com alegria a peregrinação rumo a este grande encontro eclesial que será, a justo título, o «Jubileu dos Jovens». Preparai-vos para cruzar a Porta Santa, sabendo que passar através dela significa revigorar a própria fé em Cristo, para viver a vida nova que Ele nos deu[128].

Quase dois milhões de jovens corresponderam ao caloroso e empolgante convite do Papa, para revigorar a fé em Cristo. Juntos, o Papa «João Paulo II e os

---

[124] A primeira pergunta foi, em síntese, a de Dostoievski na **Legenda do Grande Inquisitor**: "Como posso crer em Deus quando permite a morte de uma criança inocente"? A segunda foi sobre a necessidade da conversão, e a terceira sobre o perdão ao inimigo. Cf. GIOVANI PAOLO II. «Incontro con i giovani della Diocese di Roma in preparazine alla XIV GMG» (1999). Em **DWVE.**

[125] Cf. Ibid.

[126] Cf. GIUBILEO dei..., op.cit.

[127] Cf. JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II**... op. cit., nn. 2 e 4.

[128] Ibid. n.1; Cf. Id. Bula Pontifícia **Incarnationis mysterium**. São Paulo: Loyola, 1998, n.10 (Documentos Pontifícios); GIUBILEO dei... op.cit., p. 60.

jovens: uma fascinação recíproca»[129], em Roma celebrando a XV JMJ de 2000: «grande encontro eclesial», o «Jubileu dos Jovens»[130]. Essa festa gigantesca apresentou-se como um intenso momento de contemplação do mistério do Verbo que se fez homem para a salvação da humanidade, uma extraordinária ocasião para celebrar e proclamar a fé da Igreja e projetar um renovado empenho cristão, dirigir um olhar para o mundo, que espera o anúncio da Palavra salvífica[131]. Essa experiência de fé só pode e deve ser compreendida e vivida com o espírito e o significado do Jubileu[132], porque se manifestou verdadeiramente e plenamente como o «Jubileu da Igreja Jovem»[133].

2.5. Da XVI à XX JMJ (2001-2005)

No dia 14 de fevereiro de 2001, na sua mensagem para a **XVI JMJ** do Vaticano, o Papa dirige-se afetuosamente aos «Caríssimos jovens» convidando-os para a celebração diocesana dessa JMJ, 08 de abril de 2001, no domingo de Ramos. O tema escolhido por ele é a frase do próprio Cristo apresentada pelo evangelista São Lucas: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia após dia e siga-me» (*Lc* 9,23). Depois, o Papa trata de explicitá-lo, ao denunciar a cultura do efêmero com profundo conhecimento de causa[134].

---

[129] J. BOUFFARD. «Jean-Paul II et lês jeunes: fascination réciproque?». Em **Prêtre et Pasteur** (2004) 659.
[130] JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II**... op.cit. n.5.
[131] Cf. Id. «Mensagem para o XVI DMJ, 2002» (14 fev.2001), n.1. Em **DWVEP.**
[132] O Jubileu é uma ocasião particular para experienciar o amor misericordioso de Deus, que nos perdoa, abre um futuro novo e nos comunica a plenitude da vida divina. Cf. Id. «Discorso al pellegrinaggio giubilare dei giovani dell`Arcidiocesi Francese di Rouen» (14 apr.2000). Em **DWVE.**
[133] Id. «Discorso durante la cerimônia di acoglienza dei giovani in Piazza San Pietro» (15 ago.2000), n.1. Em **DWVE.**
[134] Cf. Id. «Mensagem para a XVI JMJ... font.cit., n.6; Cf. Id. «Discorso aos jovens de Roma» (2 abr.1998), n.4. Em **DWVEP.**

O segredo da vida autêntica é Cristo, conclui o Papa. No início do terceiro milênio, parece que esse discurso ainda continua interessando a milhões de jovens[135]. Por isso, conscientemente o Papa dirige a eles uma palavra de ordem missionária, que encerra o grande jubileu do ano 2000: «Avança para águas mais profundas!»[136] É o que Jesus disse a Simão Pedro, à beira do lago de Tiberíades (cf. *Lc* 5,4), para convidá-lo a lançar sua rede longe da margem, onde o mar é mais profundo, onde o mistério do amor de Deus abre espaços maravilhosos, em que não bastará uma inteira vida para explorar[137]. Três palavras que têm o valor de um testamento para a jovem «Igreja missionária»[138] do terceiro milênio: «Avança para águas mais profundas».

No dia 25 de julho de 2001, na sua mensagem para a **XVII JMJ** do Castel Gandolfo, o Pontífice Romano convidara os jovens do mundo inteiro para a celebração internacional dessa JMJ, de 23 a 28 de julho de 2002, em Toronto no Canadá, e para encontrar Cristo e testemunhá-lo construindo a «civilização do amor e da verdade»[139]. Mais interessante e descritiva é a renovação do convite pontifical no quinto número daquela mensagem:

> Vinde fazer ressoar pelas grandes artérias de Toronto o anúncio jubiloso de Cristo que ama todos os homens e dá pleno cumprimento a todo o sinal de bem, de beleza e de verdade presente na cidade humana. Vinde proclamar a todo o mundo a vossa plena alegria por ter encontrado Cristo Jesus, vosso desejo de conhecê-Lo cada vez melhor, o vosso compromisso de anunciar o Evangelho da salvação até aos últimos confins da terra![140].

---

[135] R. LECOMTE, op.cit., p. 659.
[136] JOÃO PAULO II. Carta Apost. **Novo Millenio Ineunte**. São Paulo: Loyola, [5]2003, n. 57 (Documentos Pontifícios).
[137] Cf. Id. «Discorso ai partecipanti del UNIV-2000», n.5. Em **DWVE.**
[138] Id. «Discorso ai giovani della diocesi di Roma» (5 abr.2001), n. 2. Em **DWVE.**
[139] Id. «Mensagem para o XVII DMJ, 2002» (25 jul.2001), n.1. Em **DWVEP.**
[140] Ibid. n. 5; cf. Id. «Discorso nella veglia con i giovani» (27 lug.2002), n. 1 (trad. do it.). Em **DWVE.**

Desta vez, oitocentos mil jovens acolheram a mensagem do Santo Padre. E, em Toronto, cidade multicultural e pluriconfessional, esses jovens proclamaram a unicidade de Cristo Salvador e a universalidade do mistério da salvação cujo sacramento é a Igreja, em busca da comunhão entre os cristãos na correspondência ao premente convite do Senhor de «que todos sejam um» (*Jo* 17,11). Depois de renovar o seu convite à juventude, o Santo Padre apresentou o tema da XVII JMJ para a reflexão teológico-pastoral: «Vós sois o sal da terra (...) Vós sois a luz do mundo» (*Mt* 5,13-14). Essas palavras interpelam profundamente os jovens a unirem-se ao «centro unificador e propulsor»[141] da história da humanidade, Aquele que é a verdadeira luz do mundo e o sal que dá inalterável sabor a terra: Jesus Cristo, o Verbo que se fez carne e veio habitar em nosso meio[142]. Como o sal dá sabor aos alimentos e a luz ilumina as trevas, assim a santidade dá sentido pleno à vida dos jovens de hoje, tornando-a reflexo da glória de Deus[143]. Mas santidade não é uma questão de idade; trata-se de viver no Espírito Santo[144]. Eis o grande desafio e a urgência apostólica confiada pelo Papa João Paulo II aos jovens: ser, no início do terceiro milênio, «sal da terra e luz do mundo» (*Mt* 5, 13)[145].

No dia 08 de março de 2003, na sua mensagem para a **XVIII JMJ** do Vaticano, o Santo Padre convidou os «Caríssimos jovens» para a celebração diocesana dessa JMJ, 13 de abril de 2003, no DR. Para tal celebração, ele escolheu como tema as palavras de Cristo na Cruz: «Eis a tua Mãe» (*Jo* 19,27). Aceitando esse testemunho de amor, João recebeu Maria em sua casa (cf. *Jo* 19,27). Jesus dirige estas palavras a cada jovem hodierno para dizer que «Maria, a minha mãe, a partir de hoje é também a tua

---

[141] Id. «Discorso durante l`incontro con i giovani di Roma» (21 mar.2002), n. 2 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[142] Cf. Ibid. 1.
[143] Cf. Id. «Mensagem para o DMJ» (2002), n.3. Em **DWVEP.**
[144] Id. «Homilia no Parque Downsview» (28 jul.2002), n.5. Em **DWVEP.**
[145] Cf. Id. «Discorso nella veglia di preghiera degli universitari» (2 mar.2002), n. 7. Em **DWVE.**

mãe!»[146]. Mãe a quem «os jovens de todo o mundo»[147] devem uma devoção «profundamente cristocêntrica»[148], porque Jesus é o único Mediador. E no dia 13 de abril de 2003, na sua homilia do DR em Roma, o Papa enviou os «jovens do terceiro milênio»[149], neste tempo ameaçado pela violência, pelo ódio e pela guerra, para testemunhar que Jesus é Aquele que pode doar a verdadeira paz a toda humanidade. Essa paz é dom de Cristo, obtido com o sacrifício da Cruz, e deve apoiar-se na verdade, na justiça, no amor e na liberdade[150].

No dia 22 de fevereiro de 2004, na sua mensagem para a **XIX JMJ** do Vaticano, o Papa convida os jovens a intensificar o caminho de «preparação espiritual» para a celebração diocesana desta JMJ, 24 de abril de 2004, no Domingo de Ramos. E os estimulou a fazer um aprofundamento da temática cristológica antes e durante a celebração da XIX JMJ: «Queremos ver Jesus» (*Jo* 12, 21), imitando «alguns gregos», que chegaram a Jerusalém para a festa da Páscoa, suscitados pelo desejo de «ver Jesus». Para ver Jesus, é preciso em primeiro lugar deixar-se olhar por Ele. O desejo de ver Deus reside no coração de cada homem e de cada mulher de todos os tempos, porque as aspirações humanas mais profundas encontram unicamente em Deus a resposta total. E, por isso, não basta «falar» aos jovens de hoje de Jesus, mas é preciso também fazê-los «ver» através do testemunho eloqüente da vida[151]. No dia 24 de abril, na sua homilia do DR, celebração diocesana da XIX JMJ em Roma, o Pontífice Romano apresenta aos jovens a resposta de Jesus a todos aqueles que procuram o Filho do homem: «Eu, quando for erguido da terra, atrairei todos a mim» (*Jo* 12, 32). E recorda que há vinte

---

[146] Id. «Discurso em preparação do XVIII DMJ» (10 abr.2003), n.1. Em **DWVEP.**
[147] Id. «Homilia na concelebração eucarística no DR» (13 abr.2003), n.3. Em **DWVEP.**
[148] Id. «Discurso em preparação do XVIII DMJ..., fonte cit., n.2.
[149] Id. «Homilia na celebração eucarística no DR» (13 abr.20003), n.4. Em **DWVEP.**
[150] Cf. Ibid. n.3; Id. «Discorso ai partecipanti al meeting internazionale-UNIV-2003» (14 abr.2003), n.2. Em **DWVE.**
[151] Cf. Id. «Mensagem aos participantes do VII Fórum Internacional dos Jovens» (25 mar.2004). Em **DWVE**; Cf. também Id. Carta Apost. **Novo**..., op. cit., p. 21.

anos entregou a Cruz do Jubileu do Ano Santo aos jovens, celebrando-se assim o «vigésimo aniversário desta extraordinária aventura espiritual»[152]. O Papa renova a mesma recomendação feita naquela época (1984) no segundo documento fundamental das JMJ[153]: «Confio-vos a Cruz de Cristo! Levai-a ao mundo como sinal do amor do Senhor Jesus pela humanidade e anunciai a todos que só em Cristo morto e ressuscitado há salvação e redenção»[154]. Essa «mensagem da Cruz» não é fácil de ser compreendida no mundo contemporâneo, mas os «Caríssimos jovens» de hoje são enviados para proclamá-la sem medo de ir contra a corrente: bem-estar material e as comodidades hodiernas[155].

No dia 06 de agosto de 2004, na sua mensagem para a **XX JMJ** de Castel Gandolfo, o Papa convidou os jovens para a celebração internacional dessa JMJ, de 16 a 21 de agosto de 2005, em Colônia na Alemanha. O tema daquela jornada é um convite a adorar Cristo: «Vimos adorá-Lo» (*Mt* 2, 2). Esse tema permite aos jovens de todos os continentes refazerem individualmente o percurso dos Magos, cujas relíquias, segundo uma tradição piedosa, são veneradas precisamente naquela cidade, e encontrarem, como eles, o Messias de todas as nações. O Papa foi o primeiro a se inscrever na XX JMJ[156] e, lamentavelmente, o primeiro a ausentar-se por uma inelutável realidade que abarca a limitação da vida humana: a morte (02 abr.2005).

A XX JMJ de 2005 seria uma peregrinação da fé e um evento colorido. Foram convidados jovens de 16 a 30 anos de mais de 120 nações. Junto ao Papa, não mais João Paulo II, mas Bento XVI, esperam-se quase quatrocentos mil participantes. Até o último dia desse encontro a cifra poderia se duplicar. Os jovens seriam

---

[152] Id. «Homilia no DR em preparação para a XIX JMJ» (2004), n. 4. Em **DWVEP.**
[153] Cf. Id. «Entrega da Cruz do Ano Santo» (1984). Em **DWDJ.**
[154] Ibid. (trad. do it.).
[155] Cf. Ibid.
[156] Cf. http://www.pime.org.br/pimenet/noticias2004/noticiasvaticano111.htm Consultado em 19 jan. 2005.

acompanhados por quase seiscentos bispos e cardeais e quatro mil jornalistas internacionais. Durante dez dias, os olhos do mundo estiveram direcionados para a Alemanha. As preparações continuaram, com uma crescente expectativa por parte de todos, porque a celebração da XX JMJ, em Colônia na Alemanha, nesse ano (2005), seria realizada pelo Papa Bento XVI em sua própria pátria, e este parece não ter o brilhante carisma de João Paulo II para corresponder dialogicamente com a juventude de hoje.

Retomamos sinteticamente o caminho histórico-teológico das vinte JMJ. Em Roma (1984/85), os jovens deram razão da própria esperança (cf. *1Pr* 3, 15), conduzindo a Cruz de Cristo nas estradas do mundo. Em Buenos Aires (1987), diante das expectativas de justiça social, os jovens de cada continente conheceram e creram no amor que Deus tem por eles (cf. *1Jo* 4, 16) e proclamaram que a sua revelação alimenta a esperança e renova a alegria do empenho missionário para a reconstrução da civilização do amor. Em Santiago de Compostela (1989), eles descobriram e reconheceram Cristo como caminho, verdade e vida (cf. *Jo* 14, 6), meditando com o apóstolo Tiago sobre antigas raízes cristãs da Europa. Em Czestochowa (1991), quando o muro de Berlim era apenas uma lembrança dolorosa, os jovens do Leste e do Oeste, sob o olhar premente da Mãe celeste, proclamaram a paternidade de Deus por meio do Espírito e reconheceram – nEle – irmãos: «recebestes um espírito de filhos» (*Rm* 8, 15). Em Denver (1993) procuraram-No na face do homem contemporâneo num contexto substancialmente diferente das precedentes etapas, mas não menos empolgante pela profundidade dos conteúdos teológicos apresentados e desenvolvidos, experimentando e degustando o dom da vida em abundância (cf. *Jo* 10, 10). Em Manila (1995), eles depararam com o desafio das terras abertas à nova evangelização e foram enviados em missão ao mundo de hoje (cf. *Jo* 20, 21). Em Paris (1997), ao mesmo tempo no coração da Europa cristã e na fronteira da secularização e do confronto multicultural, foram ver

o Mestre (cf. *Jo* 14, 26). Em Roma (2000), contemplaram e vivenciaram a encarnação do Verbo (cf. *Jo* 1,14) no coração do Grande Jubileu. Em Toronto (2002), transformaram-se em luz do mundo e sal da terra (cf. *Mt* 5, 13-14). Em Colônia (2005), adoraram o Senhor (cf. *Mt* 2, 2).

3. A peregrinação da Cruz (1984-2005)[157]

A Cruz é símbolo universal de um Amor que se faz dom total e gratuito[158], uma silenciosa e sublime cátedra de verdade e de amor[159], o sinal do Redentor morto e ressuscitado[160]. Ela é conhecida como a «Cruz do Ano Santo da Redenção»[161], a «Cruz do Jubileu»[162], a «Cruz das JMJ»[163], a «Cruz peregrina»[164]; muitos a chamam de «Cruz dos jovens»[165], porque foi entregue a eles, para que a conduzissem em todo o mundo, em cada lugar e em cada tempo. Ela é significativa e, principalmente, a expressão da «Cruz de Cristo»[166] nas vinte JMJ. Portanto, peregrinemos atentamente em sua história de vinte anos no contexto das JMJ.

---

[157] Para a estruturação geográfica deste tópico, baseamo-nos no que foi exposto pelo PCL: «Il pellegrinaggio della Croce dei giovani (1984-2003)». Disponível em **http://www.vatican.va** Extraído em 28 jan.2005. E nos fundamentamos nos textos pontifícios em estudo (Discursos, Homilias e Mensagens).
[158] Cf. JOÃO PAULO II. «Homilia para o DR» (28 mar.1999), n. 3. Em **DWVEP.**
[159] Cf. Id. «Discorso ai partecipanti del UNIV-2000» (2000), n. 3. Em **DWVE**; Id. «Homilia no DR» (24 mar.2002), n.4. Em **DWVEP.**
[160] Id. «Homilia no DR» (24 mar.2002), n.2. Em **DWVEP.**
[161] Id. **Ano Internacionale della Gioventù**: incontro di Giovanni Paolo II con i giovani in piazza San Giovanni Laterano, Vaticano: Vaticana, 1985, n.10; Cf. também: Id. «Homilia no DR» (28 mar.1999), n. 4. Em **DWVEP**; J. F. STAFFORD (Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos). «da un Giubileo all`altro». Em **I CARE** 10 (2000) 6; GIOVANI PAOLO II «Incontro del Santo Padre com i giovani della diocesi di Roma in preparazine alla XVII GMG» (10 apr.2003), n. 5. Em **DWVE.**
[162] Id. «Saluto del Santo Padre nella festa di accoglienza dei giovani» (25 lug.2002), n. 2. Em **DWVE.**
[163] Id. «Parole nella recita del Santo Rosario con gli universitari romani» (3 mar.2001). Em **DWVE**; Id. «Saudação aos jovens em preparação para o DMJ» (2 abr.1998), n. 1. Em **DWVEP.**
[164] Id. «Homilia para o DR» (5 abr.1998) nn. 3 e 4. Em **DWVEP.**
[165] Id. «Homilia para o DR» (24 mar.2002) n. 1. Em **DWVEP.**
[166] Ibid., n. 2; cf. também: Id. «Homilia no DR» (8 abr.2001) n. 5. Em **DWVEP**; Id. «Homilia no DR» (5 abr.1998), n. 3. Em **DWVEP**; Id. «Messaggio ai giovani in ocasione del 10 aniversario della VI GMG» (13 ago.20001). Em **DWVE.**

3.1. De Roma a Santiago (1984-1989)

Em **1984**, no «Ano Santo da Redenção», o Papa João Paulo II decidiu colocar uma cruz – símbolo da fé – próxima ao altar maior na Basílica São Pedro, onde todos pudessem vê-la. Assim, foi posta uma grande cruz de madeira, com 3,8 m de altura, conforme os desejos do Pontífice.

Ao final do Ano Santo, depois de fechada a Porta Santa, o Papa confiou a mesma cruz à juventude do mundo, representada pelos jovens do Centro Internacional Juvenil de São Lourenço de Roma. Estas foram as suas palavras naquela ocasião, no segundo dos cinco documentos fundamentais das JMJ: «Caríssimos jovens, ao término do Ano Santo, confio a vós o sinal mesmo deste Ano Jubilar: a Cruz de Cristo! Levai-a ao mundo, como sinal do amor do Senhor Jesus pela humanidade e anunciai a todos que só em Cristo morto e ressuscitado tem salvação e redenção»[167].

Os jovens acolheram o pedido do Santo Padre. Conduziram a cruz ao Centro São Lourenço, que se tornou a sua casa habitual nos períodos em que não estivesse em peregrinação pelo mundo.

A Cruz do Ano Santo fez a sua primeira peregrinação em julho de **1984**, os jovens levaram-na a Mônaco, na Alemanha, para a *Katholikentag* (Jornada dos Católicos). Era considerada só uma simples cruz de madeira. No início, o povo não compreendia o que havia de especial nela. Pouco a pouco, porém, compreendeu-se que a Cruz estava ali em missão pelo desejo do Santo Padre. Na celebração eucarística final no estádio da cidade, com 120.000 pessoas presentes, a Cruz estava próxima ao altar de modo que todos pudessem vê-la.

---

[167] Id. «Entrega da Cruz..., fonte cit.

Em seguida, os jovens conduziram a Cruz a Lourdes, Paray-le-Monial e outras localidades da França, depois de novo à Alemanha. Ouvindo essa notícia, o Papa disse: «Devem levá-la também a Praga, ao Cardeal Tomasek». Naquela época, a Tchecoslováquia estava ainda atrás da cortina de ferro, e a Cruz conduzida pelos jovens seria símbolo da comunhão com o Santo Padre. A Cruz retornou à Alemanha em 27 de dezembro.

Em janeiro de **1985**, como resposta ao pedido do Santo Padre, um grupo de jovens alemães levou a Cruz a Praga. O mesmo ano (1985) fora proclamado pela ONU como o Ano Internacional da Juventude. Em março de 1985, o Papa disse aos jovens: «nesta Cruz vemos a nossa redenção, vemos a vitória do amor sobre o ódio, à vitória da paz sobre a guerra e sobre a violência; vemos a ressurreição». E, no DR, participaram do encontro com ele na Praça São Pedro aproximadamente 300.000 jovens, e a Cruz estava com eles. Os jovens caminham com a Cruz e a Cruz caminha com eles. No decorrer daquele ano, a Cruz foi conduzida a diversas partes da Europa: Itália, Franca, Luxemburgo, Irlanda, Escócia, Malta e Alemanha; em cada um desses lugares foi conduzida em peregrinação, foi protagonista de Via-Sacra nas estradas das cidades e participou de diversos encontros juvenis. Em dezembro, o Papa João Paulo II anunciou que a partir dos sucessivos DR se teria cada ano uma JMJ.

Em **1986**, a Cruz acompanhou a celebração da I JMJ na diocese de Roma, que aconteceu na Basílica de São João de Latrão no DR. Para a Cruz, foi um ano rico de peregrinações e encontros na Itália, Franca e Suíça.

Em **1987**, a Cruz estava presidindo a celebração internacional da II JMJ em Buenos Aires, na Argentina. Foi a sua primeira peregrinação num continente americano. Durante a celebração, o Santo Padre recordou aos jovens a origem do símbolo: «Preside hoje o nosso encontro a grande Cruz que iniciou as cerimônias do Ano Santo da

Redenção e que, no DR entreguei a um grupo de jovens»[168]. Depois, ela retornou à Europa para alguns encontros juvenis na Alemanha, França e Grécia. Foi também ao Sínodo dos Bispos que ocorreu em Roma no mês de outubro.

Em **1988**, depois da celebração da III JMJ nas dioceses Roma no DR, a Cruz foi conduzida à Alemanha e à França; atravessou novamente o Atlântico, desta vez para chegar a Steubenville nos Estados Unidos.

Em **1989**, o símbolo fez uma volta pelas dioceses dos Países Baixos; em agosto, chegou à Espanha, a Santiago de Compostela, para a IV JMJ, onde se realizou um novo Encontro Mundial dos jovens com o Papa. Ali estava no meio da multidão, juntos aos jovens do Centro São Lourenço, para dar as boas-vindas ao Papa na tarde da Vigília; na manhã seguinte, pela primeira vez, foi ao continente asiático chegando a Seul (Coréia) para o Congresso Eucarístico Internacional.

3.2. De Roma a Manila (1990-1995)

Em **1990**, a Cruz foi conduzida à celebração da V JMJ na diocese de Roma no DR. Retornou duas vezes ao continente americano: México e Estados Unidos. Depois visitou a Franca, Alemanha e Itália.

Em agosto de **1991**, por ocasião da VI JMJ, o símbolo de Cristo foi com os jovens a Czestochowa (Polônia) para participar de um novo Encontro Mundial com o Papa. Mais uma vez, o Santo Padre chamou a atenção dos jovens para o símbolo: «No meio de nós, que vigiamos, se firmou a Cruz. Conduzistes aqui esta Cruz e a haveis exaltado ao centro da nossa assembléia. (...) A Cruz, o sinal do inefável amor divino, o

[168] Id. «Messaggio ai giovani» (11 apr.1987) (trad. do it.). Em **DWVE.**

sinal que revela que ‹Deus é amor› (cf. *1Jo* 4, 8)»[169]. Em seguida a Cruz visitou a Alemanha e Suíça.

No DR de **1992**, durante a celebração da VII JMJ da diocese de Roma, a Cruz foi confiada aos jovens dos Estados Unidos, onde houve o seguinte Encontro Mundial. No momento do Ângelus, o Santo Padre disse: «A Cruz do Ano Santo – árvore da vida! – que ora passará das mãos dos jovens poloneses aos jovens dos Estados Unidos, acompanhe o vosso caminho de preparação»[170]. Antes de começar a sua viagem através das dioceses dos Estados Unidos, Ela foi conduzida à Áustria, onde os jovens desejavam muito hospedá-la ainda que por um breve período.

Em **1993,** a Cruz iniciou a sua viagem pelos Estados Unidos, presidindo celebrações, reuniões, convênios e peregrinações em todo o país. Depois foi conduzida ao Encontro Mundial dos jovens com o Papa, para a VIII JMJ, ocorrida em Denver. Aos jovens ali reunidos, o Santo Padre disse: «Sigam a Cruz ‹peregrina›; andem à procura de Deus, para que possam encontrá-Lo também no coração de uma cidade moderna»[171]. Ela continuou a viajar através dos Estados Unidos do inicio ao fim do ano.

No DR de **1994**, durante a celebração da IX JMJ da diocese de Roma na Praça São Pedro, uma delegação de jovens dos Estados Unidos passou a Cruz aos jovens das Filipinas; de fato, em Denver, o Santo Padre havia dito: «A Cruz do Ano Santo nos conduzirá a um encontro com o povo generoso e pleno de fé das Filipinas»[172]. Portanto, Ela pegou o vôo para as Filipinas, onde realizou uma grande peregrinação através das 79 dioceses do país sobre os ombros dos jovens e com outros meios de transporte disponível.

---

[169] Id. «Homilia para o DR» (14 abr.1991). Em **DWVEP.**
[170] Id. «Homilia para o DR» (12 abr.1992). Em **DWVEP.**
[171] Id. «Homilia em preparação para a VIII JMJ» (12 ago.1993). Em **DWVEP.**
[172] Ibid.

Em janeiro de **1995**, realizou-se em Manila um novo Encontro Mundial dos jovens com o Papa, por ocasião da X JMJ. A Cruz foi conduzida à cidade alguns dias antes da celebração. Durante a Vigília do sábado à noite, o Santo Padre expressou-se assim: «A Cruz peregrina passa de um Continente a outro e os jovens de todos os lugares se reúnem para testemunhar juntos que Jesus Cristo é o mesmo para cada um, e a sua mensagem é sempre a mesma. Nele não existem divisões, nem rivalidade étnicas, nem discriminações sociais. Todos são irmãos e irmãs na única família de Deus»[173]. Depois da X JMJ, o símbolo de Cristo retornou à Itália, onde visitou diversas cidades e lugares de peregrinação.

3.3. De Manila a Roma (1996-2000)

Os jovens das Filipinas entregaram aos seus coetâneos franceses a Cruz peregrina do «Dia Mundial da Juventude» no Domingo de Ramos de 1996, durante a celebração da XI JMJ da diocese de Roma na Praça São Pedro[174]. Estas foram às palavras do Papa na ocasião:

> Abraçar nestes dias a Cruz e passá-la de mão em mão, constitui um gesto muito eloqüente. É como dizer: Senhor, não queremos permanecer contigo somente no momento do ´Hosana`; mas, com a tua ajuda, quer acompanhar-te na via da Cruz com fez Maria, Mãe sua e nossa, e o apostolo João[175].

Sucessivamente, os jovens franceses levaram a Cruz ao próprio país, fazendo o ingresso triunfal na catedral de Chartres, na Missa de Ramos na mesma tarde. Começou assim a sua nova peregrinação, que a conduziu a visitar 90 dioceses e movimentos, também na Alemanha (junho) e nos Países Baixos (novembro). Na

---

[173] Id. «Homilia na X JMJ» (14 jan.1995). Em **DWVEP.**
[174] Cf. Id. «Homilia ao Fórum Internacional da Juventude» (23 ago.1997), n. 3. Em **DWVE.** Neste mesmo número o Papa faz o DMJ retroceder até ao «de Jerusalém, quando Cristo entrou na cidade santa».
[175] Id. «Homilia para o DR» (31 mar.1996). Em **DWVEP.**

Alemanha, deteve-se em Berlim, onde o Papa tinha um encontro com os jovens do lugar; a Cruz permaneceu toda a noite com os jovens reunidos em oração.

Em **1997**, a Cruz prosseguiu a sua peregrinação pela França e pelos países adjacentes (Áustria em janeiro, Bélgica em abril), chegando a Paris em agosto, para a XII JMJ, novamente celebrada com um Encontro Mundial dos jovens com o Papa. Posteriormente, retornou a Roma.

Em **1998**, durante a celebração da XIII JMJ da diocese de Roma na Praça São Pedro, uma delegação de jovens franceses entregou a Cruz aos jovens italianos: o próximo Encontro Mundial seria em Roma durante o Grande Jubileu. Na sua homilia do DR, João Paulo II disse:

> Caros jovens, hoje a mensagem da Cruz é reentregue a vós. A vós, que sereis os adultos do terceiro milênio, é confiada esta Cruz que precisamente daqui a pouco será entregue por um grupo de jovens franceses a uma representação da juventude de Roma e da Itália. De Roma a Buenos Aires; de Buenos Aires a Santiago de Compostela; de Santiago de Compostela a Czestochowa; de Jasna Gorá a Denver; de Denver a Manila; de Manila a Paris, esta Cruz peregrinou com os jovens de um País ao outro, de um Continente ao outro. A vossa escolha, jovens cristãos, é clara: descobrir na Cruz de Cristo o sentido da vossa existência e a fonte do vosso entusiasmo missionário[176].

Assim, a Cruz passa de forma ideal de Paris para Roma. E depois da celebração, a Cruz começou a viajar pelas Dioceses da Itália, até ao DMJ do Ano 2000 em Roma[177].

Em **1999**, continuando a sua peregrinação pela Itália, a Cruz parou em Turim para o DR (14 março) e participou de uma reunião de jovens em conexão televisiva com a Praça São Pedro para o Ângelus do Santo Padre. Em maio, encontra-se

[176] Id. «Mensagem para o DR» (5 abr.1998), n. 3. Em **DWVEP.**
[177] Cf. Ibid.

em Anona (Itália) quando o Santo Padre foi visitar a cidade. A primeira etapa do caminho propriamente jubilar foi a celebração que houve com a Cruz em 14 de setembro em Roma, na basílica da Santa Cruz em Jerusalém.

Em **2000**, a Cruz prosseguiu a sua peregrinação jubilar pela Itália: na última etapa foi conduzida, nas costas, de Mantova a Roma por um grupo de 200 jovens, que a entregaram aos delegados do Fórum Internacional dos Jovens, com estas palavras: «Durante o caminho nos enamoramos fortemente desta Cruz (...) mas estamos verdadeiramente felizes em entregá-la a vós, porque esta Cruz não é mais de madeira, mas uma Cruz que todos nós jovens devemos conduzir conosco»[178]. Depois, Ela foi conduzida a Praça São Pedro para a abertura da XV JMJ, celebrada como uma das maiores reuniões juvenis jamais vista: entre 15 e 20 de agosto 2000, o Símbolo foi protagonista de uma imponente via-crúcis que atravessou o Fórum Romano chegando ao Coliseu; viram-se milhares de jovens aproximando-se do sacramento da reconciliação na Circo Máximo, e mais de dois milhões de pessoas participarem da Missa final celebrada pelo Santo Padre em Tor Vergata.

3.4. De Roma a Colônia (2001-2005)

Em **2001**, novamente na Praça São Pedro para a celebração da XVI JMJ da diocese de Roma, a Cruz foi confiada por uma delegação de jovens italianos aos jovens do Canadá, onde foi realizado o Encontro Internacional de 2002[179]. Eis as palavras de vida do Santo Padre aos jovens na sua homilia: «Caríssimos jovens, Jesus morreu e ressuscitou e agora Ele vive para sempre! Deu a sua vida. Mas ninguém lha tirou; deu-a

[178] Apud "GIUBILEO dei...", op.cit., p. 44 (trad. do it.).
[179] Em muitos textos do Papa, encontramos a mesma informação: Cf. GIOVANNI PAOLO II «Parole del Santo Padre, recita del Santo Rosário con gli universitari romani» (3 mar.2001). Em **DWVE**; Id. «Homilia no DR» (24 mar.2002), n. 1. Em **DWVEP**; Id. «Discorso ai giovani della diocesi di Roma» (5 apr.2001), n. 1. Em **DWVE**; Id. «Homilia para o DR» (8 abr.2001), n. 5. Em **DWVE.**

‹por nós› (Jo 10,18). Por meio da Cruz veio a nós a vida. Graças à sua morte e à sua ressurreição, o Evangelho triunfou, e nasceu a Igreja»[180]. Atravessando de novo o Atlântico, a Cruz começou a sua longa «peregrinação em todas as Dioceses do Canadá»[181] nos mais variados meios de transportes (aviões, tratores, barcas e outros).

Em **2002**, a Cruz prosseguiu a sua viagem no Canadá, interrompendo três dias em fevereiro, quando foi conduzida a Ground Zero, Nova Iorque, como sinal de esperança para o povo dos Estados Unidos, sobrevivente da tragédia de 11 de setembro. Depois a Cruz retornou ao Canadá. Em 28 de abril, um grupo de jovens do Ontário e do Quebec (chamados «portageurs») partiu com a Cruz da Catedral Maria Regina Mundi de Montreal, para levá-la a pé até Toronto, com uma peregrinação que durou 43 dias. Em qualquer lugar em que se detinha, durante essa viagem, a Cruz atraía muita gente, que foi tocá-la e abraçá-la, rezando com fervor. Em Toronto, a Cruz permaneceu com os jovens por toda a XVII JMJ; aí foi posta no centro de todas as celebrações principais. Estas foram às palavras do Papa durante a Cerimônia de acolhida em Toronto: «Acolhendo agora a sua *Cruz gloriosa, aquela Cruz que percorreu junto aos jovens as estradas do mundo*, deixem ressonar no silêncio do vosso coração esta palavra consoladora e empenhativa: ‹Felizes› »[182]. Depois do Encontro Mundial em Toronto no Canadá, a Cruz retornou à Europa, de onde se transferiu para a República Checa até ao final do ano.

Entre 21 de março e 5 de abril de **2003**, a Cruz foi à Irlanda, retornando a Roma para o DR, quando os jovens canadenses a confiaram aos jovens da Alemanha, sede do seguinte Encontro Mundial da Juventude. No final da Missa de Ramos, o Papa

---

[180] Id. «Parole del Santo Padre, recita del Santo Rosário con gli universitari romani» (3 mar.2001), n. 6 (trad. do it.). Em **DWVE**; cf. Id. «Discoros ai giovani della diocesi di Roma» (5 apr.2001), n. 1. Em **DWVE.**

[181] Id. «Parole del Santo Padre nella Recita del Santo Rosário con gli universitari romani» (3 mar.2001). Em **DWVE.**

[182] Id. «Saluto nella festa di accoglienza dei giovani nella XVII GMG» (2002) (trad. do it.). Em **DWVE.**

João Paulo II confiou aos jovens uma copia do Ícone de Maria para acompanhar, juntamente com a Cruz, as JMJ[183]: «A delegação vinda da Alemanha, confio hoje também o Ícone de Maria. De agora em diante, junto à Cruz, essa peregrine pelo mundo para preparar as JMJ. Será um sinal da materna presença de Maria junto aos jovens, chamados, como apóstolos João, acolhem-na na suas vidas»[184]. No dia 24 de abril de 2004, o Papa João Paulo II celebra o «vigésimo aniversário» da peregrinação da Cruz, «desta extraordinária aventura espiritual», quando ela encontrava-se em «Berlim»[185].

Aquele Ícone de Maria, cuja versão original está guardada na basílica de Santa Maria Maior em Roma, foi uma figura central durante as celebrações da JMJ do ano 2000 em Tor Vergata[186]. E junto à Cruz, o Ícone de Maria encontra-se com os jovens de hoje «em caminho para a XX JMJ de Colônia»[187] na Alemanha de 16 a 21 de agosto de 2005. Assim, a Cruz de Cristo e o Ícone de Maria caminham com os jovens e vice-versa.

4. Conclusão

Três pontos fundamentais resumem essa primeira parte: a natureza das JMJ, o seu caminho e a peregrinação da Cruz pelos diversos países do mundo. Elas são um meio extraordinário de evangelização do mundo dos jovens de hoje. Aparecem como resposta adequada a suas expectativas, sobretudo graças à pedagogia adotada. Conduzem o maior número possível de jovens a uma forte experiência espiritual e

---

[183] É interessante notar que em agosto de 2001, (cf. Id. «Messaggio ai giovani in ocasione del 10 anniversario della GMG, 2001». Em **DWVEP**) o Papa já havia manifestado o seu desejo de que o «Ícone de Maria» acompanhasse as JMJ.
[184] GIOVANNI PAOLO II. «Discorso in preparazione alla XVII GMG» (10 apr.2003), n. 4 (trad. do it.); Id. «Angelus» (2003). Em **DWVE.**
[185] Id. «Homilia para o DR» (24 abr.2004), n. 3. Em **DWVEP.**
[186] Cf. Id. **Mensagem do Papa João Paulo II**..., op.cit.
[187] Id. «Discorso in preparazione alla XVIII GMG» (10 apr.2003), n. 4. Em **DWVE.**

eclesial, segundo uma proposta kerigmática, sacramental e catequética da fé. As JMJ têm uma dimensão vocacional e missionária. Ajudam de fato os jovens a tomar consciência da sua identidade cristã e das exigências que implica a vocação de todo batizado, mostrando-lhes que são chamados a serem os «santos do terceiro milênio», vivendo e anunciando o Evangelho no coração da própria vida ordinária. O encontro fundamental e revitalizante com Cristo é ápice das JMJ, como proposta e resposta aos jovens em busca de plena felicidade.

No segundo item (o caminho histórico-teológico das vinte JMJ), constatamos que, com as mensagens do Papa, as JMJ surgiram durante os encontros de jovens realizados em Roma para o Ano Santo de 1984 e do Ano Internacional da Juventude, proposto pela ONU em 1985. E foram instituídas depois deles. A JMJ é celebrada a cada ano em todas as dioceses, no DR, a partir de 1986. E a cada dois anos assume o aspecto de um encontro internacional organizado pelo Pontifício Conselho para os Leigos. As celebrações internacionais, bem como as diocesanas intermediárias, demonstraram ser acontecimentos providenciais, ocasião de graça para muitos jovens, momentos privilegiados para eles descobrirem e professarem a fé em Cristo, para consolidarem a comunhão com a Igreja, para se sentirem chamados ao empenho da nova evangelização no mundo de hoje. Assim, as JMJ foram no decorrer de seus vinte anos de história (1985-2005) acontecimentos missionários e pastorais. Acontecimentos que estimulam as igrejas particulares a uma renovada atenção pastoral à juventude hodierna, com o objetivo de um largo respiro eclesial, espiritual e cultural, e convidam a explicitar a numerosa e qualificada mensagem teológico-pastoral do Papa à juventude contemporânea.

A Cruz é símbolo universal de um Amor que se faz dom total e gratuito, uma silenciosa e sublime cátedra de verdade e de amor, o sinal do Redentor morto e ressuscitado. Ela peregrina passou de um Continente a outro, e os jovens de todos os

lugares reuniram-se para testemunhar juntos que Jesus Cristo é o mesmo para cada um e que a sua mensagem é sempre a mesma. Nele, não existem divisões, nem rivalidade étnica, nem discriminações sociais. Todos são irmãos e irmãs na única família de Deus. Portanto, a Cruz de Cristo fora conduzida de um encontro a outro pelos jovens generosos e plenos de fé. Durante o caminho, os jovens enamoram-se fortemente dessa Cruz e se sentiram felizes quando a entregavam aos jovens peregrinos de outros países. A Cruz do Jubileu não era mais simplesmente uma representação de madeira, mas símbolo de vida em Cristo. Jesus morreu e ressuscitou e agora Ele vive para sempre. Ele deu a sua vida por todos. Por meio da Cruz, veio a vida.

As jovens gerações tornar-se-ão cada vez mais o ícone vivo da Igreja peregrina pelas estradas do mundo. Elas conduzem a Cruz do Ano Santo com o ícone de Maria, como quem realmente crê em Cristo, em todos os encontros de oração e de reflexão. Nesses encontros, os jovens peregrinos dialogam entre si para além das diferenças de língua e de raça, compartilham os seus grandes ideais, problemas e esperanças. E, finalmente, fazem uma experiência viva da realidade prometida por Jesus: «Onde estão dois ou três reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles» (*Mt* 18, 20).

ÍNDICE

SIGLAS _____ *7*

INTRODUÇÃO _____ *8*

PRIMEIRA PARTE

AS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE *17*

1. O que são as JMJ? 18

1.1. Uma forte experiência festiva de fé 18

1.2. Um grande momento de comunhão eclesial 18

1.3. Um estímulo à vida cristã e à evangelização 20

1.4. Fases essenciais do programa das JMJ 23

1.5. Finalidades fundamentais das JMJ 26

2. Caminho histórico-teológico das vinte JMJ 29

2.1. Gênese e instituição das JMJ 29

2.2. Da I à V JMJ (1986-1990) 31

2.3. Da VI à X JMJ (1991-1996) 36

2.4. Da XI à XV JMJ (1996-2000) 40

2.5. Da XVI à XX JMJ (2001-2005) 44

3. A peregrinação da Cruz (1984-2005) 50

3.1. De Roma a Santiago (1984-1989) 51

3.2. De Roma a Manila (1990-1995) 53

3.3. De Manila a Roma (1996-2000) 55

3.4. De Roma a Colônia (2001-2005) 57

4. Conclusão 59

SEGUNDA PARTE

O PERFIL DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

A juventude é uma fase da vida e uma atitude diante da mesma, que se caracteriza por um espírito de risco, aspiração forte de liberdade, sentido de gozo e felicidade, sensibilidade social (...). Em relação à Igreja, as suas atitudes são diversificadas, desde profundo respeito e engajamento até indiferença e crítica acérrima.
(J. B. Libanio)

O jovem (...) é pessoal e socialmente uma identidade em formação, amadurecendo para a vida na Igreja e na sociedade. (...) O que realmente existe é uma diversidade de jovens (...).
(C. Caliman)

Nesta segunda parte, descreveremos o perfil da juventude contemporânea, destinatária das mensagens pontifícias, a partir dos textos (discursos, mensagens e homilias) do Papa João Paulo II. Para isso, concentraremos a atenção no universo dos jovens das JMJ e suas dimensões psicológica, social e religiosa. Assim, os conheceremos melhor, para explicitar e avaliar, paulatinamente, a correspondência entre o conteúdo daquelas mensagens e a juventude atual.

A análise dos jovens hodiernos corre o risco das «generalizações»[188], pede cautela. Apesar deles não serem iguais em todos os países, constatam-se alguns traços comuns na sociologia, na psicologia e na religiosidade. O modelo econômico, o liberalismo, a globalização, as mudanças nos casais e na família, as representações da sexualidade, o impacto da música, da televisão, do cinema e da Internet influenciam e unificam consideravelmente a mentalidade juvenil em quase todos os países. E o contexto das JMJ é ambiente propício para identificarmos esses traços, a mentalidade da geração atual e o perfil religioso emergente no universo da juventude hodierna.

---

[188] R. NOVAES & P. VANNUCHI (org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 16.

A juventude contemporânea é estudada nas características comuns, sem preocupação nem negação do contexto particular do país, mas principalmente no âmbito social, eclesial e pastoral das JMJ.

1. O universo da juventude hodierna

1.1. O que significa ser jovem?

O jovem possui incessante novidade de espírito, cultiva uma contínua busca pelo bem, empenha-se na perseverante vontade de doação e na realização da meta. O autêntico jovem, nesse sentido, prepara-se melhor ao futuro de cumprir a vocação de adultos plenamente maduros em Cristo. Não ignora jamais a força irresistível que estimula para o futuro potencialmente presente no hoje[189]. Não é suficiente a consciência de uma incipiente idade anagráfica para obter confiança interior e estar em condições de transformar as forças operantes na sociedade, construindo uma nova convivência digna da pessoa humana.

1.2. Quem são os jovens hodiernos?

Compõem a juventude contemporânea as pessoas que estão na mesma faixa etária[190]. Elas nasceram num mesmo momento histórico e estão fadadas a passar a vida juntas, atravessando as mesmas vicissitudes políticas, econômicas e religiosas, em cada país. Os jovens enfocados são aqueles compreendidos entre 18 e 30 anos, convidados pelo Papa João Paulo II para as celebrações das JMJ[191]. Eles se encontram na idade da

---

[189] Cf. GIOVANI PAOLO II. «Discorso agli studenti dell´università di Santo Tomas» (18 feb. 1981), n. 2. Em **DWVE**; Id. «Discorso ai giovani presenti nella Basilica Vaticana» (15 nov. 1978). Em **DWVE.**

[190] Cf. P. SINGER. «A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social». Em R. NOVAES & P.VANNUCHI, op.cit., p.27.

[191] Não discutiremos questões de cronologia, porque nem sempre existe um consenso no que se refere ao momento etário inicial e final da juventude. O Papa menciona, por exemplo, a idade dos jovens em sua: «Homilia no Parque «Downsview» por ocasião da XVII JMJ» (28 jul. 2002), n. 5. Em **DWVEP**. O nosso parecer é de que, nem sempre idade cronológica denota amadurecimento psicológico, espiritual, intelectual e vice-versa. Vemos um cenário complexo no mundo de hoje: «adultos» procurando eternizar

pós-adolescência e querem tornar-se psicologicamente autônomos. A juventude é precisamente, na ótica de João Paulo II, a saída dos anos da infância[192], a fase em que cada jovem necessita ser si mesmo e tomar distância da educação recebida e das pressões sociais.

Os jovens em questão inserem-se socialmente no âmbito dos estudos ou em situações profissionais ou pessoais precárias, tais como: desempregado, desestabilidade psicológica, comportamentos indiscriminados e numerosos problemas da vida. Exprimem o desejo de conquistar a autoconfiança, superando as dúvidas existenciais e medos de assumir compromissos sérios. Às vezes, pedem ajuda aos pais, mas encontram certo incômodo nessa relação. A maioria continua vivendo com os pais, enquanto alguns vivem sozinhos, embora ainda dependentes. Têm também, na visão de João Paulo II, necessidade de «sentir-se reconhecidos, sustentados, escutados e amados»[193] quando se encontram diante da realidade, para conseguir aceitar a si mesmos, à vida e começar a agir na realidade.

Os jovens vivem numa sociedade que, por diversas razões, cultiva a dúvida e o cinismo, o medo e a impotência, a imaturidade e o infantilismo. Por isso, eles tendem a agrupar-se em modalidades primárias e têm dificuldades para amadurecer. Madura é a personalidade que harmonizou as funções basilares da vida psíquica e está em condições de diferenciar a sua vida interior do mundo externo. Muitos jovens têm dificuldade para realizar tal diferenciação, porque o que sentem e imaginam

---

a sua juventude (os que não só pelo modismo épico, mas também pelo modo de sentir, pensar e comportar apresentam traços juvenis extremados); muitos jovens-adultos forçados por circunstâncias socioeconômicas e culturais (os que assumem responsabilidades em âmbito familiar e/ou social peculiar aos adultos) e eternas crianças (em ambos os casos); e, raramente, jovens e adultos cronologicamente e psicologicamente falando.

[192] JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do Ano Internacional da Juventude**. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 10.

[193] Id. «Mensagem para a II JMJ, 1987» (30 nov.1986), n.2. Em **DWVEP.**

freqüentemente substitui os fatos e a realidade externa. Esse fenômeno é simplificado e alimentado pela cultura midiática e o universo virtual criado pelos videocassetes e pela Internet.

Tudo isso predispõe os jovens hodiernos a viverem no imaginário e num mundo virtual distanciado da realidade. Eles encontram na sociedade uma proposta lúdica para a vida, com uma necessidade de fazer confusão, sobretudo no *week-end*. E, sem saber bem a razão, procuram ambientes totalizantes e sensações que lhes dê a impressão de existir. Enfim, essa juventude é ambivalente, porque quer encontrar o modo de interagir com a realidade e contemporaneamente fugir dela. É possível encontrar uma descrição apropriada da situação dos jovens de hoje?

1.3. Análise de uma descrição da situação dos jovens

L. Giussani[194] oferece descrição sintética e criativa dos jovens de hoje. Ela foi retomada pelo Reitor do Instituto Sagrado Coração de Milão, D. G. Pontiggia, quando ministrava uma palestra no convênio internacional[195], em Roma (10-13/04/2003), organizado pelo PCL, sobre as JMJ. Essa leitura amplia a compreensão da situação da juventude no mundo contemporâneo:

---

[194] L. GIUSSANI é o fundador do movimento «Comunhão e Liberação». P. J. CORDES, atual presidente do Pontifício Conselho para os Leigos e articulador das JMJ, num de seus livros (**Segni di Speranza**: movimenti e nuove realità nella vita della Chiesa al vigilia del Giubileo, Milano: San Paolo, 1998, pp. 98-114), faz uma interessante entrevista com L. Giussani, que possibilita compreender a origem, a finalidade e o desenvolvimento desse movimento, mas a sua análise oferece uma visão demasiadamente positiva. Para usar expressões de J. B. Libanio (Numa conferência no ISI sobre o Concílio Vaticano II, 15/09/05), P. J. CORDES corre o risco de conceber uma «Igreja de movimentos, e não com movimentos». Certamente, seria muito mais prudente e apropriado para o nosso tempo conceber «a religião em movimento». Título de um livro de D. HERVIEU-LÉGER (**La religion en mouvement**: le pèlerin et le converti. Paris: Flammarion, 1999).

[195] Nesse convênio internacional, participaram 200 responsáveis pela pastoral juvenil, provenientes de 70 países e de 45 movimentos, associações e comunidades internacionais. Os objetivos do convênio eram respectivamente: colher as experiências e considerações dos participantes da JMJ de Toronto (2002); preparar o itinerário espiritual e organizativo da JMJ de Colônia (2005); e, enfim, promover uma reflexão conjunta sobre as JMJ e as prioridades da pastoral juvenil no mundo contemporâneo.

> É como se todos os jovens de hoje fossem investidos de uma maneira de Chernobyl, de uma enorme explosão nuclear: o seu organismo estruturalmente é como antes, mas dinamicamente não é mais; está como um plágio fisiológico, operado pela mentalidade dominante. É como se hoje não existisse mais nenhuma evidência real, senão a moda (conceito e instrumento de poder). Jamais como hoje o ambiente (clima mental e modo de vida) teve a disposição instrumentos de igual despótica invasão das consciências. Hoje mais do que nunca o educador, ou o deseducador soberano é o ambiente com todas as suas formas expressivas. Assim também o anúncio cristão esforça muito mais para tornar vida convicta, (...) e convicção. Aquilo que se escuta e se vê não é assimilado verdadeiramente: o que nos circunda, a mentalidade dominante, a cultura, o poder realizam em nós *uma estranheza a respeito de nós mesmos, isto é, se permanece, de uma parte, abstrato na relação consigo e efetivamente descarregado* (como pilhas que em vez de durar horas, dura minutos); *e, da outra, por contraste, se refugia na comunidade como proteção*[196].

Essa magistral descrição dos jovens revela sua situação de «estranheza a respeito de si mesmos». O jovem hodierno está «abstrato na relação consigo», porque substituiu a razão, que possibilita o conhecimento da realidade e da experiência, pelo sentimento. Ele não é aquilo que é, mas é o que sente e a razão torna-se a capacidade de justificação desta reação: «Vá aonde te levar o sentimento», precisa expressão de D. G. Pontiggia [197]. Prevalece à opinião, não o juízo. Perdeu-se a evidência da fragilidade original na qual se vive. Foi tomada como dogma e difundida nos meios de comunicação social a afirmação de Rousseau: «Faze aquilo que queres porque por natureza o homem é estimulado a atos virtuosos»[198]. Com isso, a fadiga e o sacrifício passam a ser uma objeção, não mais a condição do viver, «efetivamente descarregado (como pilhas que em vez de durar horas, duram minutos)». Essa afirmação é agora a satisfação de um prazer, não mais a atividade verdadeira. Assim tudo é volúvel, inseguro; e as pilhas descarregadas fazem da vida um perambular, não um caminho para uma meta definida. E, continua D. Pontiggia, «a religiosidade de muitos jovens

---

[196] Apud D. G. PONTIGGIA. «I giovani di fronte a Cristo e alla Chiesa» (trad. do it.). Em **DWPCL**.
[197] Ibid.
[198] Apud ibid.

hodiernos é um flutuar no sentimento de Deus, mais do que seu reconhecimento. Para eles todas as religiões são iguais, porque correspondem à espontaneidade e não porque realizam mais a natureza»[199]. E, consequentemente, a juventude contemporânea «refugia-se na comunidade como proteção», afirma D. Pontiggia[200].

No âmbito eclesial, os movimentos juvenis emergentes não conseguem levar os jovens ao crescimento pessoal, mas apenas possibilita-lhes viver experiências sensoriais e emotivas. Eles se constituem como nova forma de ideologia, a faixa de transmissão da moda passageira e da mentalidade consumista e individualista dominante na sociedade vigente. Mas, segundo D. G. Pontiggia, «em todos os tempos a juventude apresentou espetáculo de crises. Por isso, fale-se agora de uma crise dos jovens, particular e eclesial. Esta, em última análise, deve ser procurada na educação, nos fatores educativos»[201]. E, segundo o Papa, a crise dos educadores concretiza-se na fratura entre cristianismo e vida[202].

Na sociedade «pós-cristã», expressão do teólogo J. B. Libanio[203], o cristianismo mostra-se ligado às estruturas sociais[204]. Essa sociedade tende a destituí-lo de qualquer influência sobre si e, com isso, reduzi-lo ao «âmbito da intimidade afetiva das pessoas»[205]. Os cristãos vão aceitando a função que a sociedade privatizante lhes atribui: «a de serem suplemento religioso, em vez de juízos críticos e colaboradores na realização da aspiração comum dos seres humanos, a felicidade», afirma D. Pontiggia[206]. Ciente dessa tendência e da passividade de muitos cristãos, o Papa convida-os a imprimirem com liberdade e alegria «na própria existência o novo ritmo

---

[199] Ibid.
[200] Ibid.
[201] Ibid. (trad. do it.).
[202] Cf. Id.«Omelia durante la Messa pe i giovani irlandesi», 30 set. 1979, n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[203] J. B. Libanio. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 122 (Theologia, 8).
[204] Cf. D. G. PONTIGGIA, fonte cit.
[205] Ibid.
[206] Ibid.

que a vida de Cristo deu a vida humana»[207]. E denuncia a tendência da sociedade atual, dizendo que «O cristianismo não é uma simples preferência religiosa subjetiva, atualmente irracional, relegada ao âmbito do privado»[208]. O cristianismo é, em última análise, vida atuante em Cristo.

1.4. A sociedade favorece a dependência psicológica dos jovens

A «dependência psicológica» da juventude contemporânea, na ótica de D. Pontiggia, é fruto da «educação contemporânea»[209]. Essa educação produz jovens dependentes e apegados às pessoas e às coisas, porque durante a infância todos os seus desejos e expectativas foram satisfeitos e, consequentemente, no início da pós-adolescência «desenvolvem relações de dependência na vida em grupo e/ou a dois»[210]. Assim ela ficou demasiadamente centrada no bem-estar afetivo, a tal ponto que não ajuda as jovens gerações na construção de um «universo interior», exorta o Papa[211].

Em decorrência da forma educacional vigente na sociedade hodierna, os jovens de hoje tendem mais ao narcisismo do que ao desenvolvimento pessoal. Eles não têm consciência do limite e da realidade, confundem os códigos pessoais com os sociais e esquecem o sentido da hierarquia, da autoridade e do sagrado. Alguns jovens não aprenderam as regras da convivência familiar, social e lingüística, vivem no mundo das gírias[212].

Os adultos, por sua vez, induzem os jovens a crer na possibilidade imediata da satisfação plena de todos os desejos como se fossem reais necessidades. Por isso, os

---

[207] Id. «Discorso ai giovani partecipanti al congresso internazionale promosso dal´instituto a cooperazione università» 814 apr. 1981), n. 6 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[208] Id. «Messaggio ai partecipanti al VIII Forum Internazionale dei giovani» (31 mar. 2004) (trad. do it.). Em **DWVE.**
[209] Cf. D. G. PONTIGGIA, fonte cit.
[210] Ibid.
[211] Id. «Mensagem para a XIII JMJ, 1998» (30 nov.1997), n. 8. Em **DWVE.**
[212] Cf. Cf. D. G. PONTIGGIA, fonte cit.

jovens hodiernos têm muita dificuldade para tomar decisões, assumir responsabilidades duradouras e, segundo D. Pontiggia, «distanciar dos habituais objetos de referência e viver a própria vida»[213].

Os «desejos sem limites e sem educação tiranizam os jovens», afirma J. B. Libanio[214]. Daí emerge a real necessidade de conscientizar os jovens acerca da finalidade dos desejos que não é de serem plenamente satisfeitos, mas são apenas estímulos para buscar o crescimento psicológico. Esse crescimento consiste na separação dos períodos da infância e da adolescência, mas muitos jovens não conseguem realizar tal divórcio, principalmente, porque «os espaços psíquicos entre os pais e os filhos confundem-se», disse D. Pontiggia[215]. E, eternizando aqueles períodos, a sociedade vigente mostra explicitamente aos jovens atuais que não tem nada de agradável no universo dos adultos. Consequentemente, os jovens hodiernos não conseguem separar radicalmente das gratificações infantis e atingir satisfações superiores[216]. Daí a pergunta conclusiva fundamental, formulada pela psicanalista M. R. Kehl, que os jovens hodiernos colocam explicitamente aos adultos: «Como ingressar no mundo adulto onde nenhum adulto quer viver?»[217].

1.5. «Confusão entre religioso e paranormalidade»[218]

A juventude atual é, conforme a lúcida postura de J. B. Libanio, «uma geração sem formação religiosa que começaram a sentir enorme vazio e insatisfação

---

[213] Ibid.
[214] J. B. LIBANIO. **Jovens em tempo de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004, p. 82 (Humanística, 9).
[215] Ibid.
[216] Cf. Ibid.
[217] M. R. KEHL. «A juventude como sintonia da cultura». Em R. NOVAES e P. VANNUCHI, op.cit., p. 97.
[218] P. T. ANATRELLA. «Il mondo dei giovani: chi sono? Che cosa cercano». Em **DWPCL**.

existencial»[219]. Por isso, os jovens «confundem a dimensão religiosa com a parapsicologia, o irracional e a magia»[220] e são atraídos pelos fenômenos além da realidade, mas não encontram nada além das próprias sensações e imaginação. Nesse contexto, «a espiritualidade da moda é aquela privada de palavras, de reflexão e de conteúdos intelectuais», elucida P. T. Anatrella[221].

Nesse reino do sentimento imanente, confundido com a presença transcendente de Deus, os jovens carentes de formação religiosa vivenciam qualquer divagação porque não há orientação institucional ou intelectual. Daí a necessidade de conscientizar os jovens cristãos de que o «Cristianismo não é uma opinião e não consiste em palavras vãs. O Cristianismo é Cristo», exorta o Papa[222]. Assim, eles estarão cientes de que o «sentimento religioso» em si não é um mau, mas se não for educado e enriquecido pela mensagem autenticamente cristã, a da Encarnação do Filho de Deus na história humana, transmitida pela Igreja no decurso da história e pelo Papa nas JMJ, «permanece no estágio primeiro e prisioneiro de uma mentalidade supersticiosa e mágica»[223].

Além do mais, a falta de educação religiosa dos jovens hodiernos favorece as seitas e os falsos profetas criados conforme a própria imagem. Por isso, é preciso conduzir os jovens, reconhecendo o valor do sentimento religioso (circunscrito no reino da imanência), na dimensão da transcendência, além de si mesmos, dimensão que o Criador escreveu em seus corações juvenis. Assim, eles estarão ligados a Deus, aos

---

[219] J. B. LIBANIO. **A religião**..., op.cit., p. 220.
[220] P. T. ANATRELLA, fonte cit.
[221] Ibid.
[222] JOÃO PAULO II. Mensagem para a XVIII JMJ (8 mar. 2003), n.4. Em **DWVE**.
[223] Cf. P. T. ANATRELLA, fonte cit.

outros, à história e a um projeto de vida que os revela a si próprios. É esse o sentido da mensagem autenticamente cristã transmitida pela Igreja e pelo Papa nas JMJ[224].

2. Os jovens são seres em busca

2.1. Os jovens são como as gerações precedentes

Os jovens hodiernos são, como as gerações precedentes, capazes de generosidade, solidariedade e dedicação quando estimulada por uma grande causa, mas têm menos referencial social e sentido de pertença do que os seus predecessores. São individualistas, querem fazer as próprias escolhas, desconsiderando o conjunto dos valores, das idéias e/ou das leis comuns. Constroem os seus referenciais pegando um pouco de cada parte. Tendem facilmente a uniformização e à intolerância. Estão mergulhados nas modas e mensagens midiáticas e utilizam-nas como fonte para construir o universo interior. Daí emergem o risco do conformismo, a fragilidade afetiva e as dúvidas dos jovens[225].

A afetividade dos jovens está marcada de hesitações sobre a identidade, o sexo, a família. Eles confundem os sentimentos e nem sempre distinguem uma atração amigável de uma tendência homossexual[226]. A co-educação recebida desde a infância, na pós-adolescência pode complicar a relação homem-mulher, e o aumento considerável dos divórcios não favorece a confiança no outro e no futuro[227].

A personalidade juvenil hodierna resulta da educação, da escolarização e da catequese, que não penetraram na inteligência. Os jovens atuais foram estimulados a

---

[224] Cf. Ibid.
[225] Cf. Ibid.
[226] Cf. Ibid. Segundo P. T. ANATRELLA «a homossexualidade não é uma variante da sexualidade humana comparável à heterossexualidade, mas a expressão de uma tensão conflituosa inserida no âmbito de uma tendência que se afasta da identidade sexual. A educação ao sexo do outro e ao sentido da diferença entre o homem e a mulher é o ponto nodal da descoberta do verdadeiro sentido da alteridade».
[227] Cf. Ibid.

viver no nível afetivo e sensorial, em detrimento da razão entendida como conhecimento, memória e reflexão. Eles buscam todas as sensações possíveis no álcool, na droga e outras. Assim, as sensações tornam-se a fonte segura do comportamento juvenil, não a capacidade reflexiva, racional[228].

Quando tais «jovens corações»[229] encontram adultos verdadeiros, como João Paulo II, escutam os seus ensinamentos sobre os valores da vida e a experiência cristã, na expectativa de encontrarem inspiração e o sentido da vida. É muito significativa e ilustrativa a explícita confiança que o Papa, em seu agradecimento a Deus pelo caminho e pelos jovens das JMJ, deposita nessa «nova humanidade» em relação à geração precedente:

> Quero dizer a Deus obrigado pelo caminho das JMJ. Obrigado pelas multidões de jovens que elas atingiram ao longo destes dezesseis anos! São jovens que agora, já adultos, continuam a viver a fé onde residem e trabalham. Tenho a certeza de que vós, queridos amigos, *estareis à altura de quantos vos precederam*. Vós levareis o anúncio de Cristo ao novo milênio. Voltando a casa, não vos isoleis. Confirmai e aprofundai a vossa adesão à comunidade cristã a que pertenceis. (...) o Papa acompanha-vos com afeto e, parafraseando uma afirmação de Santa Catarina de Sena, diz-vos: ‹Se fordes aquilo que deveis ser, poreis fogo ao mundo inteiro!› (cf. *Carta* 368). Com confiança olho esta nova humanidade[230].

2.2. Buscam vida espiritual autêntica

A juventude busca uma «vida espiritual» autêntica[231]. A maioria dos jovens participantes das JMJ esbanja bem-estar e alegria de viver. Eles são reconhecidos pelo Papa João Paulo II e pelos espectadores das JMJ, por suas características mais acentuadas: «alegria, esperança, transparência, audácia, criatividade, idealismo,

---

[228] Cf. Ibid.
[229] JOÃO PAULO II. «Homilia na Santa Missa para os jovens junto ao Lago de Tiberíades» (24 mar. 2000), n. 1. Em **DWVEP.**
[230] Id. «Homilia na Missa de encerramento da XV JMJ» (28 ago. 2000), n.7. Em **DWVEP.**
[231] Id. «Mensagem por ocasião do XIII DMJ» (30 nov. 1997), n. 8. Em **DWVEP.**

sensibilidade e generosidade espontânea»[232], a calma, o sorriso, a delicadeza, a gentileza, a cooperação e a «abertura à grande diversidade cultural do mundo atual»[233]. Essas características fomentam a esperança do Papa nos jovens e impactam aqueles expectadores.

É preciso confiar nos jovens das JMJ. Eles preparam, conforme as palavras do Papa, uma «autêntica revolução cultural e espiritual»[234] «silenciosa»[235], mas muito ativa. Enfrentam os mesmos problemas de seus coetâneos: «a queda dos valores, a dúvida, o consumismo, a droga, a delinqüência, o erotismo etc. Mas, ao mesmo tempo, está viva em cada jovem uma grande sede de Deus»[236]. Vivem experiências e decepções, mas aspiram a um ideal de vida e a uma espiritualidade fundada sobre Deus. A sociedade européia, por exemplo, cada vez mais velha, cética e sem esperança, sensibiliza-se com os jovens das JMJ. A maioria deles vem de comunidade cristã, que tem acolhido os jovens em busca. Cristãos, não batizados, ou quem não se sente reconhecido na Igreja[237] dirigem-se às JMJ para encontrar as respostas para a sua necessidade espiritual. Eles buscam vida espiritual autêntica nas JMJ.

A presença radiante dos jovens das jornadas deixou rastos indeléveis em todos os países, onde já celebraram as JMJ com o Papa. Eles invertem as imagens redutivas da juventude de hoje, da qual se fala só para evocar uma sexualidade compulsiva, a droga, a delinqüência etc. Se alguns deles vivem assim, é só porque,

---

[232] Id. «Discurso aos jovens de Portugal» (15 maio 1982). Em **DWVEP.**
[233] Id. «Messaggio ai giovani verso il Giubileo» (21 nov. 199), n.2 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[234] Id. «Discorso ai giovani della Diocese di Roma» (5 apr. 2001), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[235] F. COLZANI. «Dall´evento all´quatidianità. L´impatto della GMG nella vita dei giovani partecipanti». Em **GCSM**, p. 131.
[236] JOÃO PAULO II. «Mensagem para a VII JMJ, 1990» (24 nov.1991), n.3. Em **DWVEP.**
[237] Cf. Id. «Mensagem para a XIX JMJ, 2004» (22 fev. 2004), n. 6. Em **DWVEP.**

como acertadamente disse o teólogo J. B. Libanio, estão «abandonados a eles mesmos»[238].

A sociedade consumista é infantil com os jovens porque os usa como modelo, enquanto precisam de pontos de referência. Ela os lisonjeia, mas não ama os próprios filhos. A ação pastoral local também tem a sua parcela de colaboração, à medida que as tarefas educativas foram transcuradas ou abandonadas pelas ordens religiosas e pelos sacerdotes que tinham-nas como vocação. Mas é preciso reconhecer que a tarefa deles, segundo P. Singer[239], na «época de ruptura» (1960-1970) não era simples, porque os jovens refutavam maciçamente todo tipo de reflexão religiosa. E rejeitavam também, conforme J. B. Libanio, a «tradição no referente à sexualidade»[240]. Àqueles de hoje faltam completamente as bases do ponto de vista religioso. Graças ao «sucesso das JMJ»[241], essa visão poderá mudar quando «os jovens do século XXI»[242] conquistarem uma «sólida espiritualidade»[243]. E descobrirem que grande parte da visão da pessoa humana, também de inteiros setores da vida social, foi plasmada pela mensagem de Cristo transmitida pela Igreja e pelas gerações cristãs no decurso da história.

Somente uma sólida vida espiritual cura a enfermidade do novo milênio. Daí a urgente necessidade de reconstruir um universo interior vigoroso para resistir à mentalidade corrente. Por isso, o Papa aconselha a juventude contemporânea a buscar autêntica vida espiritual fundamentada no amor:

---

[238] J. B. LIBANIO. **Jovens em...**, op.cit., p. 144.
[239] Cf. P. SINGER. «A juventude como coorte». Em H. W. ABRAMO & P. P. M. BRANCO (org.). **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, p. 30.
[240] Ibid., p. 57.
[241] GIOVANI PAOLO II. «Messaggio al movimento giovanile guanelliano» (20 apr. 2002), n. 2. Em **DWVE.**
[242] Id. «Homilia na Missa para os jovens junto ao Lago Tiberíades» (24 mar. 2000), n. 4. Em **DWVEP.**
[243] Id. «Messaggio al movimento giovanile guanelliano» (20 apr. 2002), n. 2 (trad. do it.). Em **DWVE.**

> Uma *vida espiritual*, que coloca em contato com o amor de Deus e delineia no cristão a imagem de Jesus, pode curar a *enfermidade do novo milênio*, demasiadamente desenvolvido na racionalidade técnica e subdesenvolvido na atenção ao homem, às suas aspirações e ao seu mistério. Urge reconstruir um *universo interior* inspirado e sustentado pelo Espírito, alimentado de oração e orientado para a ação, de maneira que seja suficientemente vigoroso para resistir às múltiplas situações em que convém tutelar a fidelidade a um projeto, em vez de seguir o de se conformar à *mentalidade corrente*[244].

Os jovens hodiernos não procuram unicamente vida espiritual autêntica, em vista da transformação da mentalidade corrente. Eles buscam também o sentido pleno da vida e da história. Os textos pontifícios de João Paulo II aos jovens das JMJ mostram explicitamente tais buscas da juventude.

1.3. Buscam o sentido pleno da vida

A juventude é o momento ideal da pergunta suprema: qual é o sentido da vida e da história? Cristo (resposta definitiva à questão) revela o verdadeiro significado da nossa existência no mistério do universo e da história.

De fato, o ser humano não pode fechar-se no limite do tempo, no cerco da matéria, no limite da existência imanente e auto-suficiente; pode tentar fazê-lo, afirmando com palavras e gestos que a sua pátria é o tempo e a morada o corpo. Mas na realidade a pergunta suprema agita-o, punge-o e o atormenta constantemente. É uma questão que não se pode eliminar. Essa transcendência está inscrita profundamente na constituição humana da pessoa, embora grande parte do pensamento moderno, ateu, agnóstico, secularizado, insista em afirmar e ensinar que a interrrogativa suprema seria uma doença da pessoa humana, uma armação de gênero psicológico e sentimental a ser curada, enfrentando corajosamente o absurdo, a morte, o nada. Essa filosofia é sutilmente perigosa, sobretudo, para o jovem frágil no pensamento, comovido pelos

[244] Id. «Mensagem para a XIII JMJ» (30 nov. 1997), n. 8 (o itálico é nosso). Em **DWVEP.**

dolorosos acontecimentos da história, às vezes traído nos afetos, marginalizado, incompreendido, desempregado. «Jesus exalta aqueles que o mundo geralmente considera frágeis», afirma o Papa[245].

A juventude é o período muito importante e crítico da vida para decidir o futuro. Nessa fase singular, segundo o Papa, toma-se consciência de que a pessoa humana «não pode viver sem conhecer o significado da própria existência»[246] e de que as questões decisivas não dizem respeito à «que coisa», mas a «quem» ir e entregar a vida[247]. Muitos jovens contemporâneos perderam o verdadeiro sentido da vida e procuram refúgio no consumismo desenfreado, na droga, no alcoolismo e no sexismo. Procuram à felicidade, mas o resultado é a tristeza, o vazio e o desespero. O importante da vida juvenil é a pessoa com quem decide partilhá-la. Jesus é a pessoa que satisfaz as aspirações profundas dos jovens na história.

É por meio de Cristo que Deus fala na história da humanidade. Deus revela-se nos acontecimentos do mundo, onde dialoga com os homens e as mulheres criados a sua imagem e semelhança. A história é um caminho de recíproco conhecimento dialógico entre o Criador e o ser humano. Ela é um caminho para a liberdade[248] e o amor, que vivifica a existência humana e contribui para edificar um mundo solidário e justo[249].

Na juventude, os jovens buscam o que é importante e central na existência. E ao contrário das gerações precedentes, especialmente das que vivenciaram os transtornos da guerra mundial e de outros conflitos, grande parte dos jovens atuais cresceu em clima de paz, de liberdade e de segurança. Mas o bem-estar material não

---

[245] Id. «Homilia na Missa para os jovens junto ao Lago de Tiberíades» (24 mar. 2000), n. 3. Em **DWVEP.**
[246] Id. «Omelia nella Santa Messa per i giovani» (19 nov. 1980), n. 1 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[247] Id. «Homilia na Missa de encerramento da XV JMJ» (28 ago. 2000), n.3. Em **DWVEP.**
[248] Cf. Id. «Discorso nell´incontro con i giovani» (26 giug. 2001), nn. 2-3. Em **DWVE.**
[249] Cf. Ibid., n. 6.

produz automaticamente a felicidade nem a serenidade. A liberdade garantida pela lei não assegura a liberdade interior das paixões, que nasce da força regeneradora da Graça de Cristo[250]. Os jovens de hoje, bem como as gerações precedentes, precisam encontrar Cristo, que revela o sentido pleno da vida juvenil e da história da humanidade[251].

2.4. Buscam o encontro com Jesus Cristo

A juventude é uma riqueza singular, porque os jovens descobrem a si mesmos (personalidade e existência), a história, o mundo circundante dos homens e da natureza. Mas a descoberta fundamental é a de Jesus Cristo, que lhes revela a dignidade de filhos de Deus, o sentido da existência, a verdade plena sobre si e o sentido da história. Nele os jovens alcançam a autêntica maturidade humana e espiritual[252]. Descobri-Lo é a exigência principal da juventude. Mas onde encontrá-Lo? O Papa responde, apresentando diversos lugares possíveis.

Jesus revela o seu Rosto aos jovens, conforme as palavras do Papa, «onde os homens sofrem e esperam»: nas pequenas aldeias espalhadas pelos continentes, aparentemente à margem da história, nas imensas metrópoles, onde milhões de seres humanos vivem como estranhos. Cada ser humano é concidadão de Cristo[253]. Jesus manifesta-se nos mais pobres, nos marginalizados, vítimas geralmente de um injusto modelo de desenvolvimento, que coloca o lucro em primeiro lugar, e faz da pessoa humana um meio em vez de fim. Cristo reside onde a pessoa sofre pelos direitos negados, esperanças traídas e suas angústias ignoradas[254].

---

[250] Cf. Id. «Messaggio ai partecipanti al meeting dei giovani verso il Giubileo» (21 nov. 1999), n. 2. Em **DWVE.**
[251] Ibid.
[252] Id. «Homilia na celebração do DR e da Paixão do Senhor» (16 abr. 2000), nn. 3-4. Em **DWVEP.**
[253] Cf. Id. «Mensagem para a XII JMJ..., fonte cit., n. 4.
[254] Cf. Ibid.

Jesus mora também, segundo o Papa, no «meio daqueles que O invocam sem O terem conhecido», dos que tendo começado a conhecê-Lo, sem culpa própria, perderam-No, dos que O procuram de coração sincero, mesmo pertencendo a situações culturais e religiosas diversas[255].

Jesus está presente, segundo o Papa, entre os seres humanos «marcados pelo nome cristão»[256]. Todos O podem encontrar nas Escrituras, na Oração e no serviço ao próximo. Ele reside particularmente nas «paróquias», mas também nas «comunidades visíveis», nas «associações» e nos «movimentos eclesiais» e em tantas outras formas de «agregação e apostolado». Jesus vive finalmente na «Eucaristia», na qual se realiza de forma máxima a Sua presença real e sua contemporaneidade com a história da humanidade[257].

Cristo deixa-se encontrar em tais lugares. Os jovens O buscam. Encontrá-Lo é achar a luz que ilumina, de maneira radical e salvífica, o caminho de cada vida humana: radical porque desce aos fundamentos do ser; salvífica porque demonstra a plena prospectiva do bem[258]. Cristo revela o significado da existência humana no infinito mistério do universo, no vértice obscuro e imprevisível da história. O grande e notável filósofo e matemático francês B. Pascal, por exemplo, chegou ao encontro definitivo e alegre com Cristo e escreveu nos seus pensamentos, com insuperável lucidez:

> Não apenas conhecemos Deus somente por Jesus Cristo, como ainda conhecemos a nós mesmos somente por Jesus Cristo. Só conhecemos a vida e a morte por Jesus Cristo. Fora de Jesus Cristo não sabemos o que é nossa vida, nem nossa morte, nem nós mesmos. Assim sem a Escritura, que tem Jesus Cristo por objeto, nada conhecemos e só

[255] Ibid., n. 5.
[256] Ibid.
[257] Cf. Ibid., nn. 5-8.
[258] Cf. Id. «Homilia em preparação para a Páscoa» (20 mar.1980), n. 2. Em **DWVEP.**

> vemos obscuridade e confusão na natureza de Deus e na própria natureza[259].

E o Concílio Vaticano II, conforme a homilia do Papa, sublinhou que no mistério do Verbo Encarnado o mistério do homem encontra a plena luz[260]. Jesus Cristo é a revelação plena e definitiva do advento de Deus na história da humanidade e de cada ser humano. Deus vem a nós de modo literal, radical e definitivo, em Jesus Cristo na história. Buscando Cristo e encontrando-se com Ele, o jovem precisa tomar a decisão mais importante da existência.

2.5. Buscam o amor: decisão mais importante

A juventude é, finalmente, a fase adequada para o jovem tomar a decisão mais importante da vida. «O jovem procura uma estrada», afirma Karol Woytila[261]. Qualquer estrada que ele escolha, a decisão mais importante é a de viver o ideal cristão do amor a Deus e ao próximo. O Evangelho de Cristo proclama o amor como o maior mandamento: «Amará ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento (...). Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (*Mt* 22, 37.39).

São esses os dois mandamentos, que unem um ao outro e se condicionam reciprocamente. Segundo o ensinamento e o exemplo de Cristo, devemos amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo na medida do ser humano. Contemporaneamente na carta de João, lemos: «quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar» (*1Jo* 4, 20). O amor a Deus verifica-se no amor ao próximo, que devemos amar como a nós mesmos. O próximo é cada pessoa humana sem exceção. Esse ideal de amor cristão deve ser compartilhado, particularmente, com os irmãos em provação, nos quais contemplamos a face do Senhor (cf. *Mt* 25, 31-46). Cristo fala

---

[259] P. BLAISE. **Pensamentos**. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p. 169 (Os pensadores).
[260] GIOVANI PAOLO II. «Omelia nel´incontro con una rappresentanza de militari italiani» (01 mar.1979), n. 2. Em **DWVE.**
[261] A. P. dos REIS. **O Papa operário**. Rio de Janeiro: Monterrey, p. 26.

também de amor aos inimigos: «Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeia, bendizei os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam» (*Lc* 6, 27-28). Além do mais, o próprio Cristo deu-nos o exemplo de amor ao próximo, orando pelos que O crucificavam[262].

João Paulo II, na sua mensagem para a XIV JMJ, comentando os dois mandamentos explicita a consistência própria de cada um e as suas interdependências na verificação do agir cristão:

> Jesus não diz que o segundo mandamento é idêntico ao primeiro, mas que lhe é «semelhante». Os dois mandamentos, portanto, não são cambiáveis, com se se pudesse satisfazer de maneira automática o mandamento do amor de Deus, observando o do amor do próximo, ou vice-versa. Eles têm consistência própria, e ambos devem ser observados. Jesus, porém, põe um ao lado do outro para tornar claro a todos que eles, entre si, estão estreitamente conexos: impossível observar um, sem pôr em pratica o outro. (...) Para saber se se ama verdadeiramente a Deus, é preciso verificar se se ama seriamente o próximo. E se quiser saborear a qualidade do amor pelo próximo, deve-se perguntar se se ama verdadeiramente a Deus[263].

Portanto, não distanciar de Cristo. Decidir-se por Ele. A humanidade precisa de Cristo e, particularmente, de bons samaritanos. Daí a necessidade de conscientizar o jovem hodierno de que a grandeza e a honra do mundo dependem muito de sua compreensão de si mesmo, de seu encontro com Cristo e da sua vivência concreta do amor fraterno. Amor que, conforme as palavras do Papa, «transforma a existência da pessoa e as próprias estruturas da sociedade»[264].

---

[262] Cf. GIOVANI PAOLO II. «Discorso ai giovani» (Budokan, 24 febb. 1981), n. 4. Em **DWVE.**
[263] Id. «Mensagem pela XIV JMJ, 2000» (06 jan. 1999), n. 6. Em **DWVEP.**
[264] Id. «Homilia na Missa para os universitários em preparação para o Natal» (15 dez.1998), n. 4. Em **DWVEP.**

3. Os jovens são seres em relação

3.1. A pessoa renasce de um encontro

Esta é a dimensão fundamental do encontro: não se está diante de uma coisa, mas de Alguém Vivo. Os cristãos não são discípulos de um sistema filosófico: são homens e mulheres que experimentaram na fé o Cristo (cf. *1Jo* 1, 1-4)[265]. Essa experiência torna o início de uma nova relação entre o ser humano e Cristo, na qual a pessoa humana reconhece existencialmente Cristo como Senhor e Deus do mundo, da humanidade, e da sua vida[266].

O cristianismo não é simplesmente uma doutrina; é um encontro na fé com Deus, que Se tornou presente na nossa história, com a encarnação de Jesus[267]. O método para conhecê-Lo não deve ser mais o de antes da sua vinda, que era apoiado sobre o esforço, o estudo, a genialidade, o sentimento religioso. Agora, é Alguém a encontrar, não exige particulares capacidades, mas a simplicidade de um encontro, como magistralmente escreveu o Papa João Paulo II aos jovens contemporâneos em suas mensagens pontifícias para as JMJ:

> O cristianismo, antes de ser um conjunto de doutrina ou uma regra para a salvação, é um ‹acontecimento› de um encontro. O cristianismo é Cristo! É uma Pessoa, é Aquele que vive! Encontrar Jesus, amá-Lo e fazer com que Ele seja amado: eis em que consiste a vocação cristã[268]. O encontro pessoal com Cristo ilumina a vida com uma nova luz, orienta-nos pelo bom caminho e leva-nos a ser suas testemunhas. O novo modo de ver o mundo e as pessoas, que d`Ele nos vem, fazem-nos penetrar mais profundamente no mistério da fé, que não é simplesmente um conjunto de enunciados teóricos para serem acolhidos e ratificados pela inteligência, mas uma **experiência** a assimilar, uma verdade a ser vivida, o sal e a luz de toda a realidade[269].

---

[265] Cf. Id. «Mensagem para a XII JMJ..., fonte cit., n. 2.
[266] Cf. Id. «Veglia di preghiera nella XV GMG» (19 ago. 2000), n. 2. Em **DWVE.**
[267] Cf. Id. «Mensagem para a XIX JMJ..., fonte cit., n. 3.
[268] Id. «Mensagem pela XVIII JMJ» (8 mar. 2003), n. 4. Em **DWVEP.**
[269] Id. «Mensagem para o XVII DMJ» (25 jul. 2001), n. 3. Em **DWVEP.**

O eu «reencontra-se consigo mesmo»[270] no encontro com uma pessoa. O encontro como presença não constitui ontologicamente a pessoa na sua subjetividade: ele a desperta para o que era existencialmente imprevisto e imprevisível. O ser humano descobre a sua identidade original encontrando-se com uma presença, que o atrai e desperta as exigências constitutivas da sua natureza, da vida na totalidade de suas dimensões. Paradoxalmente, a originalidade do eu emerge quando ele percebe que tem em si algo que está em todos os seres humanos.

O encontro é uma experiência a ser feita. Sem empenho na busca dessa experiência, não se pode compreender o que é o caminho do olhar. Difícil é aceitar o que nos desperta para a verdade da vida, o destino, a esperança, e a moralidade, um acontecimento. A palavra acontecimento, do qual o encontro é a forma, indica uma «coincidência» entre o real experimentável e o sobrenatural. O maior fato não é o existir, mas o encontro: aquele fragmento único do qual toda uma história depende, um momento delimitado no tempo.

Quando o ser humano encontra com Cristo a sua vida muda e ele é chamado a comunicar aos outros a própria experiência[271] mediante o testemunho. A responsabilidade da pastoral juvenil local é, conforme a mensagem do Papa aos jovens, «tornar possível este encontro utilizando todos os meios»[272]. É preciso identificar-se bem com o valor da afirmação de que o cristianismo «é» agora um acontecimento, não «foi» um acontecimento. É uma presença paterna que gera um Encontro, que comunica a vida, porque a verdadeira paternidade transmite uma proposta para a vida. O encontro é proposta de uma resposta ao que o outro é.

---

[270] Id. «Homilia durante a Missa para os universitários em preparação para o Natal e o Grande Jubileu» (14 dez. 1999), n.2. Em **DWVEP.**
[271] Cf. Id. «Mensagem para a XX JMJ, 2005» (6 ago. 2004), n.6. Em **DWVEP.**
[272] Id. «Mensagem para a XIX JMJ..., fonte cit., n. 3.

Ele gera uma companhia, uma certeza afetiva, uma família, um lugar de esperança para a vida. Essa certeza para os jovens está nos adultos. Como afirmou o Papa João Paulo II há dois anos: «O encontro com certas pessoas gera afinidade e esta afinidade gera uma companhia, uma comunhão, um acontecimento. Viver esta comunhão é participar do Mistério do Espírito»[273]. Do encontro comum com as pessoas, sentimos solicitados, atraídos e estimulados a viver em união.

A companhia é o lugar geográfico e social, que chama ao que despertou o encontro: Cristo, o destino feito pessoa. Ela é o local da amizade que sustenta a pessoa no caminho de Cristo; ajuda na realização de si e não aliena. Isso provoca. É a experiência com Alguém que se propõe, o que faz a humanidade mais humana. Na experiência, em sentido analógico, experimenta-se o milagre. Uma multidão vinha até Jesus quando fazia milagres. Ele não veio para fazer os milagres, mas os fez para possibilitar a compreensão do porquê veio e quem era.

Assim a meta do cristão é viver essa Presença para ser Presença que abarca toda a humanidade. O método é, conforme o discurso do Papa aos jovens participantes do Congresso Internacional, um encontro existencial: «O cristão é aquele que livre e alegremente imprime na própria existência o novo ritmo que a vida de Cristo deu à vida humana»[274]. É preciso levar os jovens sem formação religiosa à experiência e vivência de tal Presença.

3.2. Os jovens sem formação religiosa

A maioria das questões sobre os jovens e a religião confirma o que já sabemos: os jovens hodiernos são filhos dos adultos que eram adolescentes entre 1960 e

---

[273] Id. «Discorso ai giovani della Diocesei di Roma» (05 apr. 2001), n. 2 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[274] Id. «Discorso ai giovani partecipanti al congresso internazionale promosso dal´instituto a cooperazione università» (14 apr. 1981), n.6 (trad. do it.). Em **DWVE.**

1970 e que nem sempre transmitiram aos seus filhos o que receberam na educação[275]. Por isso, muitos jovens devem encontrar a estrada da fé sem ou contra a vontade dos próprios pais[276]. Estes relegaram aos filhos a construção do plano moral e espiritual. Eles se preocuparam mais com a satisfação dos desejos dos filhos.

Assim, os adultos privaram os jovens hodiernos de referências espirituais, deixando-os abandonados a si mesmos. Queriam fazer os jovens felizes, mas sem ensinar-lhes as regras de vida social, o uso das riquezas e a fé cristã, matriz de tantas civilizações. Daí a necessidade de desenvolver uma pastoral juvenil capaz de conscientizar a juventude do valor da pessoa, da consciência, da liberdade, da fraternidade e da igualdade. Este é o débito da geração precedente em relação à juventude contemporânea: não lhe comunicou a mensagem salvífica de Cristo transmitida pela Igreja.

Tais valores, segundo P. T Anatrella, foram banalizados e separados da fonte. Ao desconhecer a sua origem há o risco de não poder mais transmiti-los. Essa mentalidade antieducativa não permitiu que os filhos fossem batizados nem catequizados, porque eles precisavam fazer *tabula rasa* aristotélica do passado para liberar-se da tradição. Daí surgem os *handicaps* culturais, jovens sem formação ou

---

[275] Cito aqui o meu próprio exemplo: venho de uma família, que se dizia tradicionalmente católica, mas não me transmitiu o que recebera dos meus avós (o meu avô, por exemplo, jamais faltava a uma Missa dominical, exceto em caso extraordinário, e participava ativamente das decisões políticas e sociais). Até aos meus 19 anos, nada sabia das atividades espirituais e sociais da Igreja, particularmente, porque não fui conscientizado e muito menos incentivado à participação eclesial e social no seio familiar. Quando alguém me perguntava qual era a minha religião? Sempre respondia: sou católico. Mas até então tinha ido a três missas (respectivamente: de sétimo dia de um irmão, de meu avô e de minha mãe) e jamais participado de qualquer atividade espiritual ou social promovida pela Igreja, exceto quando pessoalmente decidi participar duma peregrinação (aos 16 anos), em busca unicamente de aventura espiritual e nada mais. Portanto, tive que descobrir e percorrer o caminho de busca de maturação na fé, de vivência eclesial e inserção social pessoalmente.

[276] Cf. GIOVANNI PAOLO II. «Omelia nella Santa Messa per i giovani» (19 nov. 1980), n. 2. Em **DWVE.**

pouquíssima cultura religiosa[277]. Por isso, os jovens hodiernos não compreendem inteiros períodos da história da nossa civilização, da arte, da literatura e da música. Eles não são alérgicos às verdades fundamentais de fé cristã e nem contrários à Igreja, mas simplesmente não sabem quase nada de cultura religiosa. Se eles forem interrogados acerca de tais questões, as suas respostas revelarão ignorância, indiferença e essencialmente falta de educação religiosa. São condicionados por todos os clichês e os conformismos que circulam na mídia sobre a fé cristã e a Igreja, exorta P. T. Anatrella[278].

Em poucas palavras, muitos jovens de hoje estão longe da Igreja, porque não foram educados e nem inseridos adequadamente na riquíssima tradição religiosa[279]. São jovens sem formação religiosa, necessitados de um encontro existencial para renascer. Eles facilmente confundem o religioso com paranormalidade e estão também diante das interpelações das novas influências ideológicas.

3.3. «Os jovens e as novas influências ideológicas»[280]

A juventude contemporânea não deposita credibilidade na política quando não é capaz de assegurar o bem comum. O liberalismo das sociedades de consumo e o individualismo favoreceram a desistência dos jovens diante da política e do sistema democrático. Os grandes desafios sociais deram lugar às reivindicações subjetivas e setoriais. Nesse contexto, segundo P. T. Anatrella, é preciso elaborar projetos eficazes para despertar o interesse dos jovens para a vida política e conscientizá-los sobre o valor do matrimônio, da família (homem, mulher e filhos), da escola e da educação, da lei

[277] Cf. P. T. ANATRELLA, fonte cit.
[278] Ibid.
[279] Ibid.
[280] Ibid.

civil e moral, da inserção social e profissional, da qualidade do ambiente, do sentido de justiça e da paz[281].

A teoria do gênero. Segundo o psicanalista, especialista em psiquiatria social, P. T. Anatrella, as nossas «sociedades estão atualmente influenciadas por uma confusão sexual»[282]. A teoria do gênero defende que a diferença sexual (ser homem ou mulher) é secundária no estabelecimento das relações sociais e dos vínculos afetivos, que são construídos no matrimônio e contribuem para fundar uma família. Conforme tal teoria, é preciso privilegiar e reconhecer o gênero sexual. Este não depende mais do gênero masculino e feminino, mas do que cada um constitui subjetivamente e que orienta a heterossexualidade, a homossexualidade, o transexualismo etc. Fala-se hoje de casal e de família heterossexual ou de homossexual. Assim a diferença sexual é substituída pela diferença de sexualidade.

Atualmente, a teoria do gênero é difundida pela Comissão de Populações da ONU e pelo Parlamento europeu. Eles querem obrigar os países a modificarem as suas legislações e reconhecerem, por exemplo, as uniões homossexuais ou a homopaternidade mediante adoções. Essa nova ideologia, segundo P. T. Anatrella, representa uma «manipulação semântica»[283], porque aplica à noção de casal e de paternidade a homossexualidade, enquanto o casal implica a dessimetria sexual, constituindo a relação entre um homem e uma mulher. Desse modo, a homossexualidade não pode estar na origem do matrimônio e da paternidade. Ela deriva de uma problemática individual e não pode constituir norma social nem ser reconhecida como um valor basilar da educação dos filhos.

---

[281] Cf. Ibid.
[282] Ibid.
[283] Ibid.

A educação deve visar à renovação da sociedade, fundada sobre o casal constituído por um homem e uma mulher. Não é por acaso que o início da Bíblia está centrado na criação de um casal, que na sua relação é a imagem e semelhança de Deus, como humanidade. O Papa, por sua vez, coloca-se em favor da família e denuncia as ideologias que tentam destruí-la: «A família é a expressão histórica e visível do amor de Deus. (...) É triste pensar que certas ideologias querem destruir a família, espalhando o desamor e estimulando a contestação»[284]. É preciso construir uma «cultura de aliança», afirma P. T. Anatrella[285], e não um sorvedouro de uma luta de poder entre os sexos.

A ideologia do mercado e do consumo. A maioria da juventude contemporânea está sendo sucumbida pelas regras da sociedade de consumo, da ambição de ter sempre mais, ao invés de procurar ser sempre mais, já que outros têm sempre menos. Essa sociedade, segundo o médico psiquiatra e psicanalista J. F. Costa, depende das atitudes e disposições psicológicas dos indivíduos para agir e pensar «como se ela existisse»[286]. A satisfação imediata dos desejos é solicitada pela publicidade. A organização política da sociedade baseia-se nessa mentalidade mercantilista, que transforma os cidadãos em consumidores. As regras econômicas encobrem as morais, ditando leis e impondo o seu sistema de referência e valor a todos os setores da existência. Tanto o consenso do poder político como a educação, o ensinamento, a saúde e o trabalho são regulados em função das normas econômicas e em detrimento dos valores da vida.

---

[284] GIOVANNI PAOLO II. «Discorso ai giovani» (7 sett. 1980). Em **DWVE.**

[285] P. T. ANATRELLA, fonte cit.

[286] J. F. COSTA. «Perspectivas da juventude na sociedade de mercado». Em: R. NOVAES & P. VANNUCHI (orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 76. Nesta mesma página, o autor apresenta também as disposições e atitudes que contribuem para a reprodução da sociedade de mercado: o sujeito «1) deve se deixar seduzir pela propaganda de mercadorias; 2) deve possuir uma identidade pessoal flexível, compatível com as novas relações de trabalho; 3) deve estar convertido à moral das sensações».

No centro desse mecanismo não estão pessoas e o bem comum, mas o custo e regime econômico. A ditadura do dinheiro e da economia constrói com a publicidade uma visão mecanicista da vida, o que não produz não deve existir. Isso ajuda alterar o sentido da pessoa humana, das relações sociais e do bem-comum. A atitude consumista hodierna é, conforme as palavras de J. F. Costa, «dissolutora (sic) desses ideais (...). Ela rompe o fio da tradição e nada coloca no lugar. É uma cultura do imediato, do descompromisso consigo, com o outro e com o devir de todos»[287].

A sociedade consumista vem minando a confiança dos jovens na história e no próprio valor como agentes de transformação social, na qual muitas vezes prevalecem os interesses econômicos. Nesse contexto, o Papa convida-lhes a testemunhar um novo e mais profundo respeito pelos bens da natureza, vivendo a pobreza em espírito, e pela dignidade de cada pessoa humana[288]:

> Penso que aqui (numa sociedade de consumo) na vida de cada jovem ganha sentido e força concretos e atuais a bem-aventurança à *pobreza em espírito*: no jovem rico para que aprenda que o seu supérfluo é quase sempre o que falta a outros e para que não se retire triste, quando perceber no fundo da consciência um apelo do Senhor a um desapego mais pleno; no jovem que vive a dura contingência da incerteza quanto ao dia de amanhã, talvez até na fome, para que buscando a legítima melhoria de condições para si e para os seus, seja atraído pela *dignidade humana*, mas não pela ambição, pela ganância, pelo fascínio supérfluo[289].

A laicidade e a exclusão do religioso[290]. O cristianismo está na origem da concepção que distingue o poder religioso do poder temporal. No curso da história, quando aconteceram momentos de confusão, o poder político quis ditar as normas à Igreja, por exemplo, sobre as decisões conciliares. A laicidade, superando a esfera dos

---

[287] Ibid. p. 85.
[288] Cf. JOÃO PAULO II. «Discurso à juventude franciscana» (09 maio 1998), n. 3. Em **DWVEP.**
[289] Id. «Homilia para os jovens de Belo Horizonte» (01 jul. 1980), n. 7 (o itálico é nosso). Em **DWVEP.**
[290] A revista **ÉXODO** 80 (sept.oct.) 2005 é toda dedicada a temática em questão, com o título: «Lacidade e religião: do conflito à convergência».

poderes e desenvolvida em oposição à Igreja, implicaria a exclusão da dimensão religiosa do âmbito social. Assim, a religião seria privatizada, dependente da consciência individual[291].

A privatização da religião continuou com a laicização da moral, que foi separada dos princípios universais, individualizados pela razão, e confundida com a lei civil. A legalidade substituiu a moralidade. Por isso, os jovens hodiernos não distinguem o valor legal do moral. A lei civil não diz se algo é moral. Ela apenas organiza a vida da nação e regula os direitos e deveres dos cidadãos. Ela se fundamenta nos princípios que reconhecem os valores da vida e respeitam a dignidade da pessoa[292].

Depois da laicização da sociedade e da moral, agora é o momento da religião. A vida espiritual está sendo confundida com a vida intelectual e poética. A Bíblia, por exemplo, está sendo traduzida por não crentes e por escritores de diversas correntes de pensamentos, assim promovem uma leitura leiga dos Evangelhos. O Papa muitas vezes sublinhou o modo contraditório de o homem hodierno aproximar-se da Bíblia:

> O homem de hoje, desiludido com tantas respostas insatisfatórias as suas perguntas fundamentais do viver, parece abrir-se às vozes que provêm da Transcendência e se exprime na mensagem bíblica. Contemporaneamente, porém, ele mostra-se sempre mais insensível às questões de comportamentos em relação com os valores que desde sempre a Igreja apresenta como fundantes do Evangelho. Assistimos às mais variadas tentativas de desligar a revelação bíblica das propostas mais comprometedoras[293].

Para alguns, a Palavra de Deus seria portadora de um discurso mundano. Isso está exatamente de acordo com a mentalidade religiosa laicizada e os costumes

---

[291] Cf. P. T. ANATRELLA, fonte cit.
[292] Ibid.
[293] Id. «Discorso ai partecipanti all´Assemblea Plenaria della Pontificia Comissione Biblica» (29 apr. 2003), n. 2 (trad. do it.). Em **L´Osservatore Romano** 100 (30 apr. 2003) 4.

reduzidos ao mínimo denominador comum, e, segundo P. T. Anatrella, em nome da «modernidade» e de uma «religião moderada»[294]. Esses seriam os cânones vigentes numa sociedade que quer regular a dimensão religiosa e as exigências que dela derivam.

A religião cristã está na base da civilização européia e ocidental. Mas quando a laicidade não a reconhece como tal, não respeita a dimensão religiosa peculiar à existência humana. Desse modo, as nações respeitaria a liberdade de fé na vida privada, mas recusando o direito social e institucional à religião, que está a serviço do bem-comum, dos interesses superiores e consciência humana. Deus não pode ser removido da vida social. A religião cristã deve educar os jovens nessa dimensão social e institucional para que a Igreja não seja vista como um grupo intimista e individualista[295]. Educar para essa dimensão tem sido uma tentativa constante do Papa na sua relação fascinante com os jovens das JMJ. Por isso, estamos analisando os textos pontifícios aos jovens atuais.

3.4. Os jovens e João Paulo II: mútua fascinação, afinidade de espírito

Há uma fascinação mútua, uma afinidade de espírito entre João Paulo II e os jovens das JMJ. Para explicitar essa fascinação basta responder à pergunta: por que João Paulo II atrai tantos jovens para as JMJ, como vimos no itinerário histórico-teológico, mesmo à mensagem cristã sendo exigente? A resposta à pergunta encontra-se na própria questão, a resposta é dada por si: trata-se da mensagem de Cristo transmitida pela Igreja, e ela foi sempre exigente. Mas é também fonte de alegria (cf. *Jo* 16, 22). João Paulo II indica o caminho a ser percorrido em torno do amor de Deus, que é um modo de procurar o bem e a vida para si e para os outros em Deus, não é, portanto, um sentimento nem um bem-estar afetivo. Os jovens ficam sensibilizados com essa

[294] P. T. ANATRELLA, fonte cit.
[295] Cf. Ibid.

linguagem e a própria pessoa do Papa, que afirma tranqüilamente o amor de Deus e professa «Creio na juventude com todo o meu coração e com toda a força do meu convencimento»[296]. A sua mensagem fala de vida onde outros falam de morte pela droga e suicídio, de falências afetivas concluídas com o divórcio, de desemprego e do descuido da sociedade para com os jovens hodiernos. Essa «mensagem não pode ser outra», conforme a sua homilia aos jovens irlandeses, senão «a mensagem do próprio Cristo», as suas palavras não podem ser outras, senão a Palavra de Deus[297].

O Papa João Paulo II confia na geração atual e lhe transmite confiança na vida. Disse aos jovens que «Não somos a soma das nossas dificuldades e falências; constituímos a soma do amor do Pai por nós e da nossa capacidade concreta de nos tornarmos imagem de seu Filho»[298], e que viver e recomeçar durante a vida é possível e explica também como[299]. A geração precedente nem sempre lhes transmitiu suas próprias convicções, nem lhes ensinou a viver segundo determinados valores, senão para repetir aquela monotonia da sociedade consumista. Então o que devem fazer os jovens hodiernos? A lúcida escolha é se voltarem para os anciões para obter o que não tiveram. São as pessoas anciãs que, como o Papa nas JMJ, recorda-lhes a história e a memória cultural e religiosa de cada Nação.

Entre o Papa e os jovens não há divisões, mas fascinação mútua, correspondência harmoniosa. Há uma troca fascinante e comovente de olhares apaixonados pelo amor perfeito: «Cristo eternamente jovem»[300]. Quando os jovens percebem as suas palavras autênticas, que correspondem aos seus anseios de «verdade e bondade», se sentem respeitados e valorizados. Nessa relação, há «uma afinidade de

[296] GIOVANI PAOLO II. «Omelia durante la Messa per i giovani irlandesi» (30 sett. 1979), n. 1 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[297] Cf. Ibid.
[298] Id. «Homilia no Parque Downsview» (28 jul. 2002), n. 5. Em **DWVEP.**
[299] Cf. Ibid.
[300] MENSAGEM do Concílio aos Jovens (1965). Em **DWDJ.**

espírito», porque o Papa «representa a juventude de Cristo e da Igreja», e os jovens «são expressão da juventude da vida e da humanidade». E cada lado tem a sua função específica na correspondência dialógica, espontânea e ativa. Tudo isso fica explícito no seguinte discurso do Papa aos jovens na Basílica Vaticana:

> O Papa, que representa a juventude de Cristo e da Igreja, está sempre alegre por encontrar-se com aqueles que são a expressão da juventude da vida e da humanidade! Há entre nós, portanto, uma afinidade de espírito; se afirma quase uma exigência de entreter-nos como entre verdadeiros amigos; se realiza um gosto de comunicar alegria, esperança, ideais; aflora vivo e espontâneo desejo de diálogo, que, da parte do Papa, se articula em ensinamento de verdade e de bondade, em exortação e encorajamento, em bondade e benção; enquanto, da vossa parte, rapazes e jovens, se manifesta na acolhida livre e desejosa dos ditos ensinamentos paternos, se exprime em promessa de traduzir em ato tudo quanto vos é dito, se concretiza no empenho de ser testemunhas entre os vossos coetâneos, da verdadeira alegria, que aflora em corações bons, puros, ricos da graça do Senhor[301].

Os jovens participantes das JMJ, por sua vez, sublinharam o calor humano que caracteriza o encontro deles com o pontífice. Eles, segundo R. Ricucci, geralmente se impressionam com a «figura do Papa e sua capacidade comunicativa»[302]. Por exemplo, os jovens italianos, que participaram da JMJ de Toronto, foram particularmente atraídos pela ternura e humanidade do Papa. Isso fica evidente no seguinte testemunho de dois jovens participantes (Saba e Lecco):

> Que emoção reconhecer no Santo Padre a fragilidade e a sabedoria de um homem, a firmeza e a amabilidade de um pai, a cumplicidade e a compreensão de um irmão, a espontaneidade e a proximidade de um amigo. O seu incansável desejo de sentir-se jovem que deriva da sua descoberta em Jesus e no Evangelho o ‹bálsamo› da eterna juventude, o seu ser exigente e amável ao mesmo tempo, a sua fragilidade física que o torna testemunho de uma força interior superior, isso nos

[301] Id. «Discorso ai ragazzi e ai giovani riuniti nella Basilica Vaticana» (20 dic. 1978), n. 5 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[302] R. RICUCCI. «La GMJ di Toronto, tra conferme e sorprese». Em **GCSM,** p.178 (trad. do it.).

> aproximou para escutar o nosso companheiro de tenda na imensa esplanada de Downsview, que falava ao coração de cada um de nós[303].

É evidente, particularmente, pelos dois últimos textos que existe mútua fascinação entre o Papa e os jovens. Mas, além disso, eles precisam também de encontrar modelos que correspondam aos seus altos ideais.

3.5. Os jovens e os modelos de vida

Dissemos que a sociedade hodierna infantiliza os jovens porque faz deles modelos, enquanto eles sentem a urgente, conforme a lúcida postura do teólogo J. B. Libanio, «necessidade de encontrar modelos»[304] de vida. E, segundo a antropóloga C. A. Sarti, a busca de referenciais fora da família, como parte integrante do processo de individuação, caracteriza os jovens[305]. Mas infelizmente no atual contexto de secularização, quando muitos jovens (e adultos) contemporâneos pensam e vivem como se Deus não existisse ou são atraídos por formas irracionais de religiosidade, não há modelos autênticos, que correspondam aos altos ideais juvenis. Por exemplo, o modelo paterno, que já teve a sua era de esplendor, não fala e nem convence mais o universo juvenil. Os pais em geral não satisfazem mais às expectativas e exigências dos filhos, particularmente, nos aspectos morais[306]. Os instrumentos de comunicação social, os divertimentos e a literatura apresentam modelos de vida nos quais muito freqüentemente

---

[303] Testemunho traduzido do italiano. Disponível em **http://digilander.libero.it/dentrolagmg/esperienze13.htm** Consultado em: 10 mar.2005.

[304] J. B. LIBANIO. **Jovens em**..., op. cit., p. 25; cf. também R. A. ULLMANN. «O jovem e a experiência de Deus». Em **Teocomunicação** 3 (1985) 31.33.

[305] Cf.C. A. SARTI. «O jovem na família: o outro necessário». Em R. NOVAES e P. VANNUCHI, op.cit., p. 123.

[306] Como registro, ainda ontem (22 ago.2005) uma jovem de 22 anos (Nina), da Paróquia de Lourdes, procurou-me para pedir aconselhamento, porque, no domingo precedente (dia dos pais), deslocou-se de Belo Horizonte ao interior de Minas Gerais para encontrar e parabenizar o seu pai. Mas, infelizmente, encontrou-o em uma situação moral indecorosa (adultério), que a levou a agir lastimosamente e instintivamente: jogou álcool e lançou fogo na pessoa que estava com ele. Esse é apenas um, entre muitos, casos de decepção de jovem com o modelo paterno.

cada um vive por si mesmo; essa desenfreada afirmação de si não deixa espaço para interessar-se pelos outros[307].

Daí a urgente necessidade, conforme as palavras de J. B. Libanio, de «repensar seriamente a questão dos modelos para os jovens de hoje»[308]. Eles precisam de pessoas/modelos que tenham a estatura das suas exigências humanas, que saibam dar razão da própria fé. As JMJ, por sua vez, (no momento da Vigília, como visto na primeira parte) procuram dar voz a vários personagens que ao longo da história e, também, hoje foram testemunhas da fé em Jesus Cristo: Maria, os apóstolos, os santos e os mártires da Igreja. Mas não se trata simplesmente de imitá-las ou de (re)propor o passado aos jovens hodiernos; é preciso, ao contrário, viver intensamente os interrogativos e as esperanças dos dias[309]. Veremos duas personagens/modelos retomadas pelas JMJ aos jovens contemporâneos: os mártires e os santos.

Nos últimos 500 anos, a história do mundo sofreu muitas mudanças. Mas o ser humano, na sua profunda interioridade, manteve os mesmos desejos, ideais, exigências. Permanecem ainda o significado e o valor do fato religioso e da fé cristã. Diante das sugestões de certas ideologias contemporâneas, que exaltam e proclamam o ateísmo teórico e prático, as JMJ proclamam a urgente necessidade dos jovens repetirem, com plena convicção e consciência, as palavras dos beatos **mártires** (Antonio Pezzulla e outros): «Nós cremos em Jesus Cristo, Filho de Deus; e por Jesus Cristo, estamos prontos para morrer!(...) Morreremos por Jesus Cristo, todos; morreremos com prazer, para não renegar a sua santa fé»[310]. E estar dispostos a morrer por Cristo, implica a tarefa de aceitar com generosidade e coerência as exigências da

---

[307] Cf. GIOVANI PAOLO II. «Omelia durante la Messa per i giovani irlandesi» (30 set. 1979), n. 3. Em **DWVE.**
[308] J. B. LIBANIO. **Jovens em**..., op.cit., p. 28.
[309] Cf. JOÃO PAULO II. «Homilia na Missa para os Universitários em preparação para o Natal» (15 dez. 1998), n. 4. Em **DWVE.**
[310] Id. «Discorso ai giovani» (20 sett. 1980), n.1. Em **DWVE.**

vida cristã; isso significa viver em Cristo. Os mártires deixaram dois referenciais à estatura das exigências dos jovens hodiernos: o amor pela pátria terrena e a autenticidade da fé cristã.

O Cristão ama a sua pátria terrena. O amor pela pátria é uma virtude cristã fundada no exemplo de Cristo. Os seus primeiros discípulos manifestaram sempre uma sincera «*pietas*», um profundo respeito e uma límpida lealdade nos confrontos da pátria terrena, quando eram ultrajados e perseguidos até a morte pelas autoridades civis. Os cristãos deram no curso de mais de dois milênios, e continuam dando, a sua contribuição de trabalho, de dedicação, de sacrifício, de preparação, de sangue pelo progresso civil, social, econômico da sua pátria.

O cristão deve ser sempre coerente com a sua fé. João Paulo II, citando Clemente Alexandrino, disse que «O martírio consiste em testemunhar Deus. Mas cada alma que procura com pureza o conhecimento de Deus e obedece aos mandamentos de Deus é mártir, seja na vida ou nas palavras. Essa, de fato, ainda que não derrame o sangue, derrama a sua fé (...) já antes de morrer»[311]. A fé dos jovens, no confronto com os desafios do mundo contemporâneo, deve ser forte, alegre e operosa.

Na história da humanidade sempre aconteceu que, esquecendo Deus, foram fabricados e colocados em seu lugar ídolos: «São uns infelizes, põem sua esperança em seres mortos, estes que chamam deuses a obras de mãos humanas» (*Sb* 13,10). De fato, se a juventude de hoje colocar a sua confiança nas forças da natureza, ela será como um vivente situado na condição de morte. O mundo atual oferece-lhe prospectivas de morte: a droga, a violência, o terrorismo, a opressão, o consumismo de todos os gêneros. É o contrário de tudo o que é a vida, o amor, a paz, a alegria, a verdade, o respeito pelo homem e pelas coisas, ou seja, tudo que deriva da fé em Deus, e do empenho cristão.

[311] Ibid., n.2.

Mas são esses valores que o Papa anuncia aos jovens nas JMJ, e os envia para anunciá-los[312] e vivê-los concretamente no mundo contemporâneo para serem os «santos do terceiro milênio»[313].

Os **santos** são aqueles que, no seu amor a Deus, fizeram resplandecer as suas virtudes heróicas diante do mundo, tornando-se modelo de vida que a Igreja propôs para a imitação de todos. Estavam talvez iludidos ou fora do próprio tempo? Os santos eram pessoas, autênticas, fortes, decididas, coerentes, bem situadas na história; eram pessoas que amavam intensamente a sua cidade; estavam fortemente ligadas as suas famílias; entre eles, havia jovens, que desejavam a alegria, a felicidade, o amor; sonhavam um honesto e seguro trabalho, um santo lar, uma vida serena e tranqüila na comunidade civil e religiosa. E fizeram, com lucidez e firmeza, a sua escolha por Cristo.

Cristo é o caminho que conduz a verdade e a vida. Todos os seres humanos são chamados a percorrer esse caminho; nem todos são alunos desse Mestre, que tem palavras de vida eterna. Os santos percorreram de modo edificante e exemplar o Caminho, e os jovens atuais devem recordá-los e venerá-los como pedras miliares, como sinais exaltados pelo povo de Deus. Por exemplo, São Bento foi um «homem verdadeiro» porque buscou e encontrou em Deus o significado e a esperança da existência na sociedade do momento histórico em que viveu. Ele, desde a sua juventude, optou corajosamente pelas exigências de Deus diante das ofertas de uma agitada e prometedora vida terrena[314].

Os jovens atuais são convidados a dizer sim a Cristo como os Apóstolos e tantos outras testemunhas do Evangelho, ao longo dos séculos em várias partes do mundo (São Bento, São Francisco de Assis, Santa Teresa de Ávila, Santo Inácio de

---

[312] Cf. Ibid.
[313] Id. «Mensagem por ocasião do XVII DMJ... fonte cit., n.3.
[314] Cf. Id. «Discorso ai giovani» (20 sett. 1980), n.2. Em **DWVE.**

Loyola, São Carlos Borromeu). Luminosas figuras de crentes não faltaram na contemporaneidade (Maximiliano Kolbe, Edith Stein, Madre Teresa, Padre Pio, Madre Paulina), nos diversos lugares da terra. E os seus exemplos permanecem como ponto de referência concreta para os jovens hodiernos, que devem olhar e encontrar em tais modelos inspiração para as suas escolhas concretas de vida.

Esta é a formidável reproposta das JMJ, conforme as palavras de João Paulo II, para a juventude contemporânea: as «figuras eminentes da história, antiga (medieval, moderna) e/ou contemporânea, de uma nação, também servem de guias para a sua juventude e favorecem o desenvolvimento daquele amor social, que mais freqüentemente é chamado de ‹amor pátrio›»[315]. Mas tais figuras, refletindo com J. B. Libanio, são (re)propostas com todo «grau de altura e exigência», sem «nivelação», porque isso tiraria a «força de atração» delas. As jornadas procuram encontrar a «experiência significativa» do jovem em que o modelo figurativo «se insere e como ele consegue tocá-la»[316].

Os jovens são levados a testemunhar Jesus Cristo na sociedade contemporânea. Para isso, são sustentados pelo eloqüente testemunho exemplar de Maria, dos Apóstolos, dos santos e mártires, mas percorrendo com coragem a vida de santidade pessoal, de amor e fé e nutrindo assiduamente da palavra de Deus, da oração perseverante e da Eucaristia, fontes inesgotáveis de santidade[317] de vida.

Continuaremos trabalhando os textos do Papa aos jovens, analisando uma cuidadosa pesquisa com participantes das JMJ, para melhor compreendermos e traçarmos o perfil religioso da juventude contemporânea.

---

[315] Id. **Carta Apostólica aos jovens**..., op. cit., p. 46.
[316] J. B. LIBANIO. **Jovens em**..., op.cit., p. 28.
[317] Cf. GIOVANI PAOLO II. «Mensagem ai giovani della Sicilia» (18 ott. 2000), nn. 2-4. Em **DWVEP.**

4. Análise pastoral duma pesquisa com participantes das JMJ

Não vamos expor toda a pesquisa efetuada com jovens italianos, nem avaliar todos os seus resultados. Temos consciência de que os jovens, participantes das JMJ de Toronto (2002) e de Roma (2000), não representam a totalidade dos outros jovens provenientes de 140 países, que também participaram das duas JMJ em questão. Focalizaremos a atenção nos seus aspectos universais, não nos específicos do contexto cultural e eclesial dos participantes italianos, para explicitar o que é comum à juventude contemporânea e apresentar algumas pistas com implicações pastorais em amplo sentido. Será uma análise um pouco parcial e bem direcionada à pastoral juvenil, visando descrever o perfil religioso da juventude atual, emergente dos participantes das JMJ.

4.1. Breve apresentação da pesquisa

A Comissão organizadora decidiu efetuar a pesquisa[318], com jovens italianos participantes das JMJ, no grande encontro em Tor Vergata. Ela elaborou duas perguntas fundamentais: em que medida os numerosos participantes representam o universo juvenil? E como a experiência vivenciada em Roma incidiu na vida cotidiana dos jovens? O objetivo principal da pesquisa era individuar vias para melhorar a integração do evento mundial no caminho ordinário da pastoral juvenil. A extensão das questões aos participantes da JMJ 2002 foi julgada pela Conferência Episcopal Italiana, para dar uma densidade diacrônica aos resultados relativos a Roma em 2000.

As duas partes do trabalho foram conduzidas de modo diverso. Os jovens de Tor Vergata foram consultados, quando voltaram para suas casas, e entrevistados segundo uma modalidade mais articulada: questionário com respostas fechadas;

[318] A pesquisa envolveu 600 jovens nas regiões de Piemonte, Lombardia, Lazio e Puglia. Foram efetuadas 40 entrevistas semi-estruturadas e 13 *focus groups* (5 de jovens e 8 de responsáveis).

entrevistas semi-estruturadas; e *focus groups* (de jovens e representantes)[319]. Tratou-se de um trabalho longo e exigente, que foi do verão de 2001 ao inverno de 2002. Os jovens de Toronto foram entrevistados no Canadá, imediatamente depois da conclusão do evento, através de questionários com respostas fechadas[320].

4.2. As JMJ como evento «ordinário»

As JMJ não podem ser mais consideradas eventos extraordinários, porque os dados e as considerações abaixo não são apenas imponentes do ponto de vista midiático, mas principalmente influenciados pela ação pastoral. O que representam de fato os 20.000 de Toronto diante dos quase 12 milhões de adolescentes e jovens italianos?[321] E o que é uma semana de evento diante de mais de cem dias que o separam do sucessivo? Aconteceria, para essa pesquisa, aquilo que se verifica em questões que se ocupam de aspectos específicos do mundo juvenil: servem para ter uma idéia de algumas tendências, mas não para determinar etapas fixas do caminho que a Igreja propõe aos jovens.

Na Itália, verifica-se não só a maciça participação em Roma, mas também o fenômeno de milhares de jovens que se reuniram em diversas localidades para viver à distância a «sua» JMJ virtual. E não menos significativa foi a participação dos que estavam com o Papa no *Downsview Park*. E o que dizer, depois, dos outros 8.000 acessos de internautas à seção «Toronto live» no site **www.gmg2002.it**? Em resumo, os jovens mostraram que a JMJ não é um *optional*, mas um evento fundamental na vida dos jovens hodiernos.

---

[319] Cf. R. F. CAMOLETTO & R. RICUCCI. «Appendice metodologica». Em **GCSM,** pp. 281-316.
[320] Foram administrados 1800 questionários, muito semelhantes aos usados com os participantes da JMJ de Roma (integrados com referimentos da JMJ precedente e com elementos peculiares à experiência canadense).
[321] ISTAT, Popolazione e statistiche demografiche. Disponível em **www.istat.it.** Consultado em 10 de maio de 2005.

É exatamente esse o primeiro dado significativo evidenciado pela pesquisa: as JMJ apresentam necessidades e exigências não marginais ou secundárias, que não se referem a uma tipologia de jovens «diversos» de seus coetâneos. Os participantes das JMJ são como os seus coetâneos. Eles formam a «faixa de excelência do mundo católico»[322], manifestam as características típicas da cultura juvenil e, ao mesmo tempo, uma realidade não homogênea.

Assim, conhecer a sensibilidade religiosa dos participantes de Roma e Toronto é uma chave para compreender como está mudando a busca religiosa dos jovens neste início do terceiro milênio. Esse argumento é importante tanto para planejar uma correta «pastoral das JMJ», bem como para calibrar as propostas de pastoral juvenil local, no confronto com o universo juvenil hodierno, a partir do seu perfil religioso em movimento.

4.3. Perfil religioso dos jovens das JMJ

A pesquisa dedica particular atenção à sensibilidade religiosa dos jovens participantes nas JMJ de Roma e Toronto. O titulo do livro (*Uma espiritualidade em movimento*)[323] exprime a característica de fundo da religiosidade juvenil hodierna, manifestada nos jovens das JMJ. Essa religiosidade aproxima-se do modelo dos aventureiros e dos peregrinos. O peregrino, conforme a tipologia de D. Hervieu-Léger[324], está aberto a experiências novas, vive uma busca religiosa contínua, considera cada experiência uma etapa no próprio itinerário de fé. A escolha dessa figura é emblemática de uma **religiosidade em movimento**, que faz da mobilidade exterior o reflexo da interior. Está à procura de novas experiências religiosas como ocasiões de

[322] Os jovens italianos que participam das JMJ são principalmente expressão de associações de base, isto é, dos grupos ligados às Igrejas locais. Cf. **GCSM**, pp. 255-256.
[323] Ibid.
[324] D. HERVIEU-LÉGER. **Le pélerin et le converti**. Paris: Flammarion, 2003.

enriquecimento da própria vivência da fé. Os jovens admitem também a fragilidade de sua fé, que interpretam mais como um processo e um dinamismo do que como uma conquista já realizada[325].

Nessa sensibilidade, a pesquisa identificou quatro «estilos de religiosidade» dos participantes das JMJ: «in stand by», «fidelíssimos», «pesquisadores», e «regulares»[326]. Esses estilos desmentem a idéia de uma substancial homogeneidade dos jovens das JMJ, em favor de uma visão mais articulada que interpela a pastoral juvenil. Os participantes das JMJ representam a elite no panorama religioso contemporâneo, mas dentro desse espaço de mundo relativamente homogêneo, emergem alguns elementos de diferenciação interna. O Papa mostrou-se consciente e sensível a essa diversidade[327]. Isso fica exemplificado parcialmente no seu convite aos jovens de todo o mundo para participarem na XX JMJ (Colônia – 2005):

> O convite para participar na JMJ é também para vós, queridos amigos, que não sois batizados ou que não vos reconhecem na Igreja. Não é porventura verdade que também vós tendes sede de Absoluto e andais em busca de ‹algo› que dê significado à vossa existência? Dirigi-vos a Cristo e não sereis desiludidos[328].

O primeiro perfil religioso juvenil manifesta-se nos jovens **«in stand by»** (14, 8%)[329]. São jovens que não freqüentam nenhum grupo eclesial e vivem a própria fé

---

[325] Cf. R. F. CAMOLETTO. «I giovani delle GMG: un arcipelago di ‹stili religiosi›»? Em **GCSM**, pp. 256-257.
[326] Ibid., pp. 223-252.
[327] A diversidade na fase juvenil identificada numa sociedade de classes tende a ser obscurecida pelo retrato que se constitui associado à identificação de uma fase dourada. Isso acontece freqüentemente, porque a referência das informações sobre a juventude concentra-se, na maior parte das vezes, nos jovens pertencentes às camadas privilegiadas, como, no passado, à monarquia e, no presente, à burguesia, em contraponto aos jovens escravos e filhos de pais pobres. Cf. M. POCHMANN. «Juventude em busca de novos caminhos no Brasil». Em R. NOVAES & P. VANNUCHI, op. cit. p. 231.
[328] JOÃO PAULO II. «Mensagem para a XX JMJ..., fonte cit., n.6.
[329] R. F. CAMOLETTO. «I giovani delle GMG: um arcipelago di ‹stili religiosi›?». Em **GCSM**, pp. 233-238.

e/ou pertença eclesial de modo bastante separado e se situam entre os passivos e os críticos.

A falta de inserção, em alguma atividade ou grupo eclesial, constitui o elemento que diferencia os *in stand by* dos outros perfis (fidelíssimos, pesquisadores e reguladores) e os caracteriza como tais. Eles estão em busca de algo que desperte o próprio entusiasmo e lhes faça decidir por uma participação mais pessoal ou pelo afastamento definitivo. Estão situados à margem do ambiente eclesial e o freqüentam mais por tradição ou hábito do que por convicção, sem estar inseridos num percurso pessoal ou comunitário. Manifestam uma pertença frágil ou «semipertença». Recordam os jovens do muro, que transitam pelos ambientes paroquiais e oratórios, sem jamais criar raízes. Assumem uma posição oscilante entre ser espectador e ser desfrutador dos produtos e serviços religiosos. Trata-se de jovens com uma religiosidade de baixa intensidade, que constitui mais um elemento de fundo que um componente central da própria vida. A sua participação em eventos como as JMJ é expressão da fome de experiência típica da sociedade contemporânea mais que uma busca espiritual, o fruto de um projeto existencial mais que uma opção religiosa.

Os *in stand by* refletem uma religião confinada ao bastidor e reduzida a um rumor, que não incide fortemente nas escolhas concretas da vida. Estão entre os passivos e os críticos. Representam uma minoria dentro do conjunto do variado arquipélago juvenil católico e o mais vasto universo juvenil no qual o primeiro coloca-se. Explicitam melhor que os outros perfis os traços de pertença à cultura difundida hodiernamente.

O segundo perfil religioso da juventude atual explicita-se nos jovens «**fidelíssimos»** (37%)[330]. São jovens que se identificam e se aproximam da religiosidade

[330] Ibid. pp. 238-242.

da igreja. Participam de um grupo eclesial determinado (paroquial, associativo ou movimento) e vivem a fé convicta e ativamente.

Os fidelíssimos podem ser considerados a «menina dos olhos» do universo juvenil católico. Eles se colocam como «discípulos» nos confrontos da igreja e colaboram em atividades pastorais. Expressam uma «religiosidade de igreja orientada», conforme as posições do magistério, em suas escolhas de campo sobre questões que para os outros (*in stand by*, aventureiros e regulares) são problemáticas e controversas. Praticam assiduamente os rituais individuais e coletivos e estabelecem uma relação de familiaridade e colaboração com o clero. Exprimem uma religiosidade sólida, repensada e operosa, feita de crença e de princípios éticos que levam à prática religiosa e a comportamentos cotidianos coerentes. A identidade e pertença religiosa é o metro com o qual medem os seus passos e constroem a existência, mantendo uma visão da vida de «militantes»: séria, comprometida e orientada.

Em poucas palavras, os fidelíssimos são os jovens que representam o «casco duro» do mundo católico. Eles aderem plenamente ao modelo oficial de religiosidade e vivem a fé como o fulcro da própria existência.

O terceiro perfil religioso da juventude contemporânea, no contexto das JMJ, manifesta-se nos jovens «**pesquisadores»** (15%)[331]. São os participantes de um grupo, no qual vivem a fé convicta e ativamente, mas também manifestam uma postura seletiva e freqüentemente autônoma nos confrontos com os ensinamentos da Igreja.

Os pesquisadores podem ser considerados, conforme a pesquisa, a «consciência crítica» do universo juvenil católico. Estão «dentro e fora» do ambiente eclesial, manifestam um elevado sentido de identificação e de pertença, mas sem

[331] Ibid. pp. 242-246.

renunciar a uma orientação autônoma, seletiva e muitas vezes crítica nos confrontos da própria colocação. Conjugam compromisso religioso com o reconhecimento da relevância do divertimento. Se, no nível prático, estão próximos aos fidelíssimos, eles se distinguem deles por maior independência. Se os fidelíssimos estão já «achegados na fé», embora permanecendo em caminho, os pesquisadores estão buscando equilíbrio na vida interior e na relação com a instituição eclesiástica. Eles provêm dos extratos mais elevados da estrutura social, tanto por nível de instrução como de renda. São representados por estudantes, em média maior que os outros perfis (*in stand by*, pesquisadores e reguladores). Eles amadureceram provavelmente no ambiente familiar e, depois, no percurso escolástico, conquistaram maior capacidade reflexiva e crítica.

O quarto perfil religioso juvenil é composto pelos jovens «**regulares**» (32,8%)[332]. São aqueles que geralmente freqüentam um grupo paroquial ou eclesial, mas conservam uma postura religiosa «reservada», destacada ou passiva, com envolvimento reduzido e mínimo investimento pessoal, intermitente, exercido provavelmente em termos mais amigáveis e agregativos do que propriamente religioso.

O perfil religioso dos regulares é menos definido. Eles oscilam entre os dois pólos, o dos fidelíssimos (mais identificados) e o dos *in stand by* (situados a margem) a respeito do modelo oficial de religiosidade. Trata-se de jovens que freqüentam os ambientes religiosos (paróquia, associações ou movimentos), mas vivem essa pertença mais como um lugar de referência social do que de fé. São jovens atraídos pelo percurso de fé dos amigos, mas não assumem uma posição clara nem se distinguem dos seus coetâneos, que manifestam uma identificação religiosa mais frágil e intermitente.

Os regulares «estão dentro das normas». Vivem a própria pertença eclesial e de grupo como uma abertura sem jamais questionar os seus pressupostos, mas fazendo

[332] Ibid. pp. 246-250.

de tal pertença uma rotina. Procedem com lentidão, sem investir muita energia no caminho que estão inseridos. São os jovens católicos que freqüentam os lugares de referência e respeitam parcialmente os ensinamentos do magistério, mas ainda não fizeram uma escolha de campo precisa. Eles afluíram numerosamente para as JMJ, principalmente porque buscam uma forte experiência de fé. Representam o verdadeiro desafio para a igreja. E necessitam de acompanhamento pastoral no itinerário de maturação na fé, para não naufragar na pluralidade de propostas religiosas presentes no mercado sagrado hodierno.

4.4. Uma «pastoral ordinária» das JMJ

Desde suas origens, as JMJ procuraram estabelecer uma relação com a «pastoral ordinária»[333]. Elas nasceram, como apresentamos na primeira parte, da intuição de João Paulo II para revitalizar a relação da Igreja com o universo juvenil nos tempos e nos espaços do cotidiano[334]. Essa finalidade originária das JMJ, no decorrer de seus vinte anos de história, foi modificada e «aperfeiçoada», de modo que hoje percebemos três aspectos pastorais relevantes para a pastoral juvenil ordinária. São eles respectivamente: a tensão missionária nos confrontos dos Países hospitaleiros, que contam com o evento para revitalizar a própria pastoral juvenil; a atenção para acolher, nos riquíssimos temas teológicos propostos, os desafios da atualidade e inserir na pastoral ordinária intuições e conteúdos novos; e a proposta de mobilidade lingüística (válida para além do evento) para comunicar eficazmente com a juventude contemporânea.

As JMJ são limitadas, o que não impede de colocá-las no contexto de pastoral juvenil local. Para isso, elas devem ser consideradas com a mesma mentalidade

[333] Uso a expressão com um pouco de reserva, por certo sentido redutivo e instrumental que geralmente lhe é atribuído, voltado a identificar «extraordinário» como excedente ou supérfluo, inútil ou danoso.
[334] Cf. GIOVANNI PAOLO II. «Carta ao Cardeal Pironio..., fonte cit., n. 3.

de projeto das experiências educativas. Conforme a pesquisa, é preciso preparar e motivar os participantes com um projeto para o antes e o pós-JMJ. Ela sublinhou também que eles sabem apreciar as dimensões centrais do evento (espiritual e formativa) e que alguns têm dificuldade em vivê-las bem. Por isso, é fundamental propor uma fluidez inteligente e direcionada (baseada num projeto) das oportunidades oferecidas pelas JMJ. Finalmente, a pesquisa ressaltou que quase metade dos participantes manifesta uma relação frágil e significativa com a fé e com a Igreja. Daí a importância de estimular os jovens a uma participação conscientemente missionária, mediante a predisposição de oportunas iniciativas locais, para que cada jovem sinta-se chamado por sua fé. De outro modo, não seria possível explicitar as conseqüências relevantes das JMJ para a pastoral ordinária.

4.5. Uma pastoral juvenil à altura das JMJ

As JMJ constituem uma experiência de pastoral juvenil muito positiva. A pesquisa evidencia que os jovens das JMJ constituem a faixa de excelência do universo católico e que emergem alguns elementos de diferenciação interna. Tais elementos mostram que a eficácia do evento não pode ser atribuída à natureza elitizada de seus participantes. Desse modo, as JMJ interpelam fortemente a «pastoral ordinária».

Segundo alguns entrevistados, dado que não é possível reproduzi-la em âmbito local[335], as JMJ suscitam entusiasmos e energias que podem desaparecer no cotidiano da vida e da Igreja. Junto a tantos jovens que em Toronto e em Roma cresceram na fé, estão os que viveram essas JMJ como uma bela ocasião, mas com

[335] A Igreja de Belo Horizonte, por exemplo, tentou realizar o evento-JMJ em âmbito local. Mas fora quase uma repetição da XX JMJ de Colônia, sobretudo, no que se refere ao programa. Aqui reside a falha primordial, porque as JMJ são, como estudamos na primeira parte deste trabalho, um estímulo para a pastoral juvenil evangelizar o universo juvenil, mas não um modelo pronto e acabado a ser repetido integralmente na Igreja local. É preciso ver o que há de positivo nas JMJ e adaptar à realidade local. Cf. **www.arquidiocesebh.org.br** e **www.bhnajornada.com.br**

êxitos efêmeros e as conseqüentes frustrações dos responsáveis (diocesanos ou paroquiais). Alguns participantes esperavam um salto qualitativo na pastoral juvenil, sobretudo na pós-JMJ romana, mas colheram apenas cansaço e desânimo. A questão é séria, não pode ser solucionada nem com adesões acríticas ou tentativas de imitação, nem com a rejeição total do evento. É necessário explicitar as dinâmicas positivas das JMJ e revertê-las no cotidiano.

Desse ponto de vista, a pesquisa ajuda a individuar as «reações» positivas que as JMJ produzem nos jovens. Diante da postura crítica e seletiva nos confrontos de pertença cristã, o vivido na JMJ conduz a um juízo crítico. Diante do caminho pobre de «memória religiosa», as jornadas tornam-se pedras miliares. Diante do isolamento e marginalidade ligada à vida cotidiana, a jornada consente partilhar experiências de fé e vida. Diante da tentação de uma espiritualidade intimista, a jornada (re)propõe a centralidade da Palavra e a formação na fé. Diante do risco de uma missão frágil, no contexto de pluralismo, a jornada desperta a exigência da missão, *ad intra* e *ad extra* do âmbito eclesial.

As JMJ, sem negar as dimensões da sensibilidade religiosa juvenil, formulam preciosos estímulos e corretivos para realizar uma satisfatória integração entre fé e vida. Nesse ponto, coloca-se o problema de como a «pastoral juvenil ordinária» pode absorver a positividade das JMJ. Muitas interências poderiam ser ditas a esse propósito. Mas basta, por ora, sugerir três **pistas pastorais** concretas.

A primeira pista pastoral consiste em **envolver toda a comunidade cristã**. A JMJ canadense catalisou, talvez mais do que a romana[336], em torno dos jovens a atenção da Igreja de providência, das comunidades locais do País hospitaleiro, de paróquia, famílias, associações e instituições em Toronto. Os jovens entrevistados têm

[336] Cf. R. RICUCCI. «La GMG di Toronto». Em **GCSM**, p. 186.

sentido fortemente o envolvimento paroquial, a atenção do Papa e a proximidade das outras figuras da Igreja. Fizeram a experiência de ser aquela prioridade pastoral, que muitas vezes permanece como enunciados dos princípios, mas não de ação pastoral concreta.

Essa amplitude de investimentos, que exprime uma consideração muito positiva do mundo juvenil, é o primeiro estímulo a ser absorvido em vista da continuidade. Quando a pastoral juvenil for prioridade real da comunidade cristã, quando os adultos (família, padres, bispos e outros) estiverem comprometidos com os jovens e depositarem confiança neles, eles responderão com entusiasmo. Trata-se de concretizar essa sintonia em cada diocese e paróquia, superando a mentalidade superficial de delegado, para fazer às novas gerações protagonistas. Freqüentemente a redução no estímulo e os abandonos, ao retornar das JMJ, originam-se do ambiente de proveniência.

Uma segunda pista pastoral, complementar à primeira, refere-se à **multiplicidade de linguagens** adotadas pelas JMJ para se comunicar com os jovens participantes. Toronto prosseguiu no desenvolvimento dessa «multimidialidade»: se imaginarmos, por exemplo, a Via Sacra televisiva, a relevância da Internet e da televisão e, também, a proposta de diversas formas de encontros interpessoais. A riqueza de formas comunicativas adapta-se à variedade dos participantes, possibilitando o encontro pessoal de cada jovem, no próprio nível, com a proposta cristã. Nas JMJ, ninguém se sente excluído[337].

Na atual sociedade midiática, a pastoral juvenil precisa aprender das JMJ a dinâmica da comunicação «em diversos canais e mediante várias linguagens» para cumprir a sua missão: evangelizar o universo juvenil. É preciso adquirir «competências

[337] Sobre o estilo comunicativo da JMJ de Toronto: cf. ibid., p. 180.

comunicativas» e colocá-las no centro de um «projeto pastoral unitário», que englobe «percursos, estilos e modalidades de linguagens diversificadas»[338].

A última pista pastoral, oferecida por D. P. Giulietti[339], implica apresentar aos jovens «**um cristianismo de grandes horizontes e de alta estatura**». A JMJ de Toronto (2002), cidade mais pluritécnica do globo terrestre, reuniu jovens de 180 Países, num momento crítico da história da humanidade e no período pós-jubilar. Ela foi desafiada a promover a vida de santidade, espiritualidade e formação dos jovens[340]. Por isso, o Papa chamou os jovens para «ser santos» e os «construtores duma nova humanidade»[341] no terceiro milênio.

Tais propostas exigentes vão ao encontro das expectativas dos jovens atuais, porque o universo juvenil hodierno está repleto de «projetos de baixa estatura», frutos da crise das ideologias. Mas há também o risco de firmar-se em enunciados de princípio ou de exaltações momentâneas, se não forem indicadas ações concretas. Daí a necessidade de pensar em âmbito mundial (com a mentalidade dinâmica das JMJ) e agir em âmbito diocesano (com a pastoral juvenil revitalizada), isso é relevante para o itinerário de santidade e «temáticas sociais, culturais e econômicas»[342].

Não resta dúvida de que a JMJ de Toronto ofereceu algumas intuições e estímulos positivos para as relações interpessoais[343], mas o caminho para evangelizar

---

[338] Cf. D. P. GIULIETTI. «GMG: da Toronto a Colonia – Roma 10-13 aprile 2003». Em **DWPCL**.
[339] Ibid.
[340] «Os jovens de Toronto, em síntese, confirmaram a validade do evento JMJ, mas Toronto parecia ter dado uma interpretação mais pessoal e mais reflexiva, sublinhando majoritariamente a dimensão espiritual em relação àquele encontro humano (...)» (trad. do it.). R. RICUCCI, op.cit., p. 170; cf. também pp. 189-190.
[341] JOÃO PAULO II. «Mensagem por ocasião da XV JMJ, 2000» (29 jun. 1999), n. 3. Em **DWVEP**.
[342] Cf. D. P. GIULIETTI, fonte cit.
[343] «O impacto com o Canadá não se limitou a uma viagem turística (...), mas articulou muitas observações e descobertas de um ambiente caracterizado por sua particularidade social e cultural. (...)

fecundamente os jovens hodiernos é a pastoral juvenil ordinária. Para isso, ela precisa dar continuidade ao evento mundial, levando os jovens à assimilação e vivência concreta dos estímulos das JMJ[344] para «surgir a geração de novos construtores»[345] na sociedade contemporânea. Desse modo, a relação entre igreja central e igrejas locais pode ser uma chave de leitura das JMJ[346].

5. Conclusão

Jovem é aquele que possui uma incessante novidade de espírito e busca o bem, que é cumprir a vocação de adultos plenamente maduros em Cristo. A juventude é a fase em que cada jovem necessita ser si mesmo e tomar distância da educação recebida e das pressões sociais. Ser jovem constitui já de *per si* uma riqueza singular, que consiste, entre outros, no fato de que nessa idade ele descobre a si mesmo, a própria personalidade, o sentido da própria existência e da história. Mas, entre elas, não pode faltar a principal para cada ser humano: a descoberta pessoal de Jesus Cristo. Os jovens são seres em busca de Jesus Cristo. A juventude é a fase propícia para encontrá-Lo, porque só Ele é a resposta adequada e última à busca espiritual e à pergunta suprema acerca do sentido da vida e da história. O encontro manifesta-se no amor fraterno, que transforma a existência da pessoa e as próprias estruturas da sociedade contemporânea. Trata-se de uma experiência a ser feita, que gera uma companhia.

Assim o método é um encontro existencial concreto com Cristo. Mas a geração precedente não transmitiu à juventude contemporânea a mensagem salvífica de Cristo transmitida pela Igreja. São, portanto, jovens sem raízes religiosas, por isso, facilmente confundem o religioso com paranormalidade. Além do mais, estão diante das

---

Não surgiu jovem em busca somente de emoções e de novas experiências, mas desejoso de encontros vitais e de enriquecimento humano» (trad. do it.). Cf. R. RICUCCI, op.cit., p. 176.
[344] Cf. R. F. CAMOLETTO. «La GMG e la pastorale giovanile ordinaria». Em **GCSM**, p. 139.
[345] D. P. GIULIETTI, fonte cit.
[346] Cf. R. F. CAMOLETTO. «La GMG e la pastorale..., op.cit., p. 156.

interpelações das novas influências ideológicas. Mas João Paulo II indica-lhes o caminho a ser percorrido, como cristão em torno do amor de Deus, como procura do bem e da vida para si mesmo e para os outros. Os jovens ficam sensibilizados com essa linguagem e com o Papa. A sua mensagem é a de Cristo, transmitida pela Igreja. Quando os jovens percebem as suas palavras autênticas, que correspondem aos seus anseios, sentem-se respeitados e valorizados. João Paulo II confia na geração atual e lhe transmite confiança na vida. Nessa relação, o Papa representa a juventude de Cristo e da Igreja, e os jovens são expressão da juventude da vida e da humanidade. Há, portanto, entre o Papa e os jovens uma correspondência dialógica, espontânea e ativa, uma fascinação mútua, uma afinidade de espírito.

A sociedade contemporânea infantiliza os jovens, faz deles modelos. Mas eles precisam de pessoas/modelos que tenham a estatura das suas exigências humanas e saibam dar razão da própria fé. Das JMJ, eles são enviados ao mundo atual para testemunhar Jesus Cristo, sustentados pelo eloqüente testemunho exemplar de Maria, dos Apóstolos, dos santos e mártires. Assim, percorrem com coragem a vida de santidade pessoal, de amor e fé, mas sempre nutrindo assiduamente da palavra de Deus, da oração perseverante e da Eucaristia, fontes inesgotáveis de santidade de vida.

O perfil psicológico da juventude contemporânea resulta da educação centrada no afetivo, nos prazeres imediatos e na ruptura entre os pais por causa do divórcio e outros. As representações sociais estão na origem da insegurança afetiva e da dúvida sobre si diante do outro e do sentido da tarefa e do compromisso. Na sociedade vigente, o indivíduo vive como vítima da vida e dos outros, com a mentalidade de consumo, num ritmo concebido em função do instante e com uma representação da vida midiática e virtual, é urgente descobrir o sentido da realidade. Os jovens de hoje manifestam diversas fragilidades, mesmo permanecendo abertos, disponíveis e generosos. O contexto social também não lhes ajuda a desenvolver uma verdadeira e

própria dimensão espiritual, mesmo assim eles querem empenhar-se em grandes e nobres causas. Por isso, é necessário promover uma educação mais realista, que não fecha a pessoa jovem nos objetivos mentais e no narcisismo da adolescência. Os jovens hodiernos serão estimulados a tornarem-se verdadeiros adultos. A experiência espiritual cristã implica tal dimensão e constitui a riqueza, que perpassa e se mostra nas diversas tradições ao longo dos séculos.

Mas os jovens das JMJ estão fazendo uma revolução religiosa silenciosa e decidida. Eles suscitam interrogações entre os cristãos por viverem a própria fé com emancipação e liberação em Deus, isso deveria inspirar as velhas comunidades cristãs. Cada JMJ é uma etapa histórica importante para os jovens participantes, a sociedade civil e a comunidade eclesial. A Igreja deve, portanto, assegurar um seguimento pós-JMJ e assumir uma catequese mais ativa e renovada. A inteligência da fé necessita ser nutrida. A ação pastoral paroquial deve cuidar da sensibilização das famílias sobre a importância da educação religiosa. As famílias, por sua vez, questionam a sociedade, que quase cancelou a dimensão religiosa da vida por vontade política. A laicidade é a distinção entre poder político e religioso, não a exclusão da religião do campo social. A sociedade não pode relegar a função religiosa na repartição do privado, porque a fé implica ação social. O fato religioso, como fato social, não pode ser reduzido à esfera do privado; ele constitui fonte de ligações sociais e permanece escrito nos tempos do calendário. A essa dimensão privatizante da vida religiosa os jovens das JMJ, com os seus comportamentos, deram não em massa.

Finalmente, a pesquisa dedicou particular atenção à sensibilidade religiosa dos jovens participantes nas JMJ de Roma e Toronto. Nessa sensibilidade, manifesta os perfis religiosos da juventude contemporânea: *in stand by*, fidelíssimos, pesquisadores e os regulares. Esses estilos de religiosidade desmentem a idéia de uma substancial homogeneidade dos participantes, em favor de uma visão mais articulada que interpela

seriamente a pastoral juvenil. A pesquisa mostrou-nos também que as JMJ constituem instrumento pastoral muito incisivo. Elas souberam colher e interpretar as mudanças no universo jovem em movimento, estimulando a pastoral juvenil com importantes diretrizes pastorais: envolver toda a comunidade cristã, usar linguagem múltipla e apresentar um cristianismo de grandes horizontes e alta estatura aos jovens, destinatários da mensagem do Papa.

SEGUNDA PARTE
O PERFIL DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA 64

1. O universo da juventude hodierna 65

1.1. O que significa ser jovem? 65

1.2. Quem são os jovens hodiernos? 65

1.3. Análise de uma descrição da situação dos jovens 67

1.4. A sociedade favorece a dependência psicológica dos jovens 70
1.5. «Confusão entre religioso e paranormalidade» 71

2. Os jovens são seres em busca 73
2.1. Os jovens são como as gerações precedentes 73
2.2. Buscam vida espiritual autêntica 74
1.3. Buscam o sentido pleno da vida 77
2.4. Buscam o encontro com Jesus Cristo 79
2.5. Buscam o amor: decisão mais importante 81

3. Os jovens são seres em relação 83
3.1. A pessoa renasce de um encontro 83
3.2. Os jovens sem formação religiosa 85
3.3. «Os jovens e as novas influências ideológicas» 87
3.4. Os jovens e João Paulo II: mútua fascinação, afinidade de espírito 92
3.5. Os jovens e os modelos de vida 95

4. Análise pastoral duma pesquisa com participantes das JMJ 100
4.1. Breve apresentação da pesquisa 100
4.2. As JMJ como evento «ordinário» 101
4.3. Perfil religioso dos jovens das JMJ 102
4.4. Uma «pastoral ordinária» das JMJ 107
4.5. Uma pastoral juvenil à altura das JMJ 108

5. Conclusão 112

TERCEIRA PARTE

A MENSAGEM DO PAPA À JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

O amor (...) é a afirmação da pessoa, a afirmação do homem na sua humanidade. Os jovens têm necessidade de tal afirmação (...). E sobre isso se baseia (...) a aliança com eles.
(João Paulo II)

Em Cristo não existem pessoas inferiores ou superiores; não existem senão membros de um mesmo corpo, que querem a felicidade uns dos outros e que desejam construir um mundo acolhedor para todos.
(Id.)

A Igreja toda só será jovem, quando os jovens todos forem Igreja.
(Pablo Lima)

Nesta terceira parte, após termos exposto diligentemente o itinerário histórico-teológico das JMJ e traçado o perfil dos jovens, explicitaremos a mensagem do Papa destinada à juventude. Partiremos dos três pressupostos teológicos fundamentais dos textos pontifícios (mensagens, discursos e homilias) por ocasião das JMJ. Não se trata de expor-lhe toda a teologia, mas apresentar sumariamente os pressupostos como fundamento da mensagem do Pontífice aos jovens acerca da paz e da civilização do amor, epicentro dos textos do Papa, para finalizarmos com diretrizes pastorais à luz das JMJ.

1. Pressupostos teológicos fundamentais

1.1. Objetivo da mensagem e itinerário teológico-pastoral

Do ponto de vista histórico, desde a eleição à Cátedra de Pedro (16 out. 1978), o Papa traçou o seu **itinerário teológico-pastoral** apontando explicitamente os três pressupostos fundamentais de seus textos aos jovens. Isso fica evidente na

mensagem de acolhida aos jovens na Basílica São Pedro (15 ago. 2000-XV JMJ), quando ele, citando a primeira encíclica[347], recordou a própria resposta à pergunta se aceitava ser Papa: «Com obediência na fé de **Cristo**, meu senhor, e com confiança na **Mãe de Cristo** e na **Igreja**, apesar de grandes dificuldades, aceito»[348].

O Papa afirma, no mesmo discurso, que procurou desenvolver a tarefa de cada dia com a luz e a força da fé que o ligava a **Cristo**, para testemunhá-lo em todo ângulo da terra e que o seu «Credo continua no (...) serviço à **Igreja**»[349]. Depois, no discurso de acolhida aos jovens, em São João de Latrão, ele disse: «Abramos estas jornadas sob o olhar de **Maria Santíssima** (...), jovem Virgem de Nazaré vos ajude a dizer sim ao **Senhor** que bate na vossa porta e deseja entrar e tomar demora em vós»[350].

Embora o Papa apresente implicitamente e explicitamente outras temáticas, a mensagem dos textos aos jovens gira, principalmente, em torno de três pressupostos teológico-pastorais fundamentais: o cristológico, o eclesiológico e o mariológico. E, em todos eles, o fulcro central é o pressuposto cristológico. Em poucas palavras: **Cristo** é o ponto fulcral dos textos, da fé e das atividades teológico-pastorais do Papa na **Igreja** com **Maria** e os jovens. E o **ser humano**, como veremos *infra*, tem primazia diante de todas as instâncias sociais e só se compreende à luz do mistério de Cristo encarnado, que revela o amor do Pai.

Portanto, estudaremos sumariamente os três pressupostos teológico-pastorais dados a partir da perspectiva antropológica, mas dando relevo ao pressuposto

---

[347] JOÃO PAULO II. Carta Enc. **Redemptoris Hominis**. São Paulo: Loyola, 1979, n. 6.
[348] Id. «Discorso durante la cerimonia di accoglienza in San Pietro» (15 ago. 2000), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.** O mesmo texto é citado por J. L. Jr. Allen. **Conclave**: a política, as personalidades e processo da próxima eleição papal. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 138.
[349] Ibid.
[350] JOÃO PAULO II. «Discorso durante la cerimonia di accoglienza in San Giovanni in Laterano» (15 ago. 2000), n. 5. Em **DWVE.**

cristológico, porque a mensagem do Papa é marcadamente cristocêntrica. Mas qual é a finalidade da mensagem e das viagens apostólicas do Papa?

A **mensagem** do Papa aos jovens tem por finalidade constituir-se como programa diretivo de opção de vida. Ele mesmo mostra explicitamente esse objetivo fundamental da mensagem aos jovens: «Nesta jornada, assim singular, desejo deixar-vos uma *mensagem*, que possa servir para vós e para todos aqueles que se fascinam com a vida, como *programa e* como *diretiva para as* vossas *escolhas*»[351]. Por isso, as viagens apostólicas não são apenas atos diplomáticos de um Chefe de Estado, mas uma feliz oportunidade para evangelizar, anunciar, testemunhar e confirmar os jovens irmãos na fé em Cristo mediante o contato pessoal:

> Estou feliz por (...) encontrar os jovens cristãos cada vez que os meus empenhos o permitem, por ser testemunha da sua vitalidade humana e religiosa, e para encorajar a sua fé. Jesus disse a Pedro: «Confirma os seus irmãos». É isto que eu faço esta manhã (...). A evangelização permanece uma parte importante do... (meu) ministério[352]. Caros amigos, no meu ministério não me canso jamais de encontrar as pessoas, esta é a finalidade das peregrinações e das visitas pastorais que tenho realizado. E também agora que os anos passam, se Deus quiser, não pretendo firmar-me, porque estou certo de que no contato pessoal com os irmãos se pode mais facilmente anunciar Cristo[353].

Compreendido sinteticamente o itinerário teológico-pastoral do Papa, a finalidade da mensagem aos jovens e das viagens apostólicas, estudaremos o pressuposto antropológico como primazia da dignidade da pessoa humana sobre todas as estruturas.

---

[351] Id. «Discorso ai giovani, Velletri (Roma)» (7 sett. 1980) (trad. do it. e grifo nosso). Em **DWVE.**
[352] Id. «Discorso dall`Arcidiocesi di Rouen» (14 apr. 1980) (trad. do it.). Em **DWVE.**
[353] Id. «Discorso ai giovani della diocesi di Roma» (5 apr. 2001), n. 2 (trad. do it.). Em **DWVE.**

1.2. Pressuposto Antropológico: primazia da dignidade da pessoa humana

João Paulo II é Papa da dignidade da pessoa humana. Ele mostra essa opção preferencial nos textos destinados aos jovens em diversas ocasiões. A referência fundamental e o valor da pessoa ficam evidentes no exemplar testemunho aos jovens: «Vós sabeis bem é freqüente já da minha parte esta referência à **pessoa**, porque se trata verdadeiramente de um **dado fundamental**, do qual não se poderá jamais prescindir»[354].

Tratar da dignidade da pessoa humana, na ótica do Papa, não consiste em fazer discurso humanista autônomo ou circunscrito na realidade terrestre, porque ela tem «imenso valor», que não provém de si mesma, mas de Deus, que a criou «a sua imagem e semelhança» (Gn 1, 26.27). Nessa ótica teoantropológica, ele faz articulação muito estreita, no discurso aos jovens universitários, entre a dignidade e os direitos invioláveis do ser humano, porque são fundamentalmente direitos de Deus: «O homem é criatura de Deus e, por isso, os direitos humanos têm a sua origem nele, baseiam-se no desígnio da criação e entram no plano da Redenção. Pode dizer-se, com uma expressão audaz, que **os direitos humanos são também direitos de Deus**»[355].

A «tutela e promoção (da pessoa) pertencem ao núcleo central da missão da Igreja», afirma o Papa[356]. A Igreja condena todo e qualquer abuso contra a pessoa, porque é pecado contra o Criador, e promove o seu autêntico desenvolvimento, pois tem consciência de que o respeito a ela constitui o verdadeiro caminho para construir um mundo melhor, humano e fraterno. E, também, recorda a missão essencial dos seus filhos: lutar pelo reconhecimento da dignidade dos filhos de Deus. Assim a Igreja

---

[354] Id. «Discorso ai giovani, 1980» (Torino, 13 apr. 1980), nn. 2-3 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[355] Id. «Discurso aos jovens universitários no 31º. Congresso Internacional UNIV-98» (7 abr. 1998) n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[356] Ibid.

promove a defesa dos direitos humanos e colabora com o crescimento do Reino de Deus no seio da humanidade. São algumas deduções lógicas das afirmações centrais do Papa na meditação com os jovens, na qual os convida a rezar pelos coetâneos que não têm a possibilidade de viver dignamente por diversas causas:

> Quando homens sofrem, quando são humilhados pela miséria e pela injustiça, quando são desprezados nos seus direitos (...) a Igreja convida todos os seus filhos a empenharem-se a fim de que toda pessoa possa viver e ser reconhecida na sua dignidade primordial de filhos de Deus (...). Desse modo, (....) contribuímos para o crescimento do Reino de Deus no mundo e para o progresso da humanidade. Para recordar essa essencial missão dos cristãos para com todo homem, particularmente com os mais pobres, quis rezar no Mastro, junto ao sacrário dos *direitos do homem*, desde o início das JMJ. Juntos, rezamos hoje de modo especial pelos jovens que não têm nem a possibilidade nem os meios para viver dignamente e receber a educação necessária ao seu crescimento humano e espiritual por causa da miséria, da guerra ou da doença. Estamos certos do efeito e do amparo da Igreja[357].

Os direitos da pessoa humana são o elemento-chave de toda a ordem social. Refletem as exigências objetivas e invioláveis de uma lei moral universal, que tem o seu fundamento em Deus. O Papa considera tais direitos como «*fundamento e a medida de toda a organização humana* e só com base neles construir-se-á uma sociedade digna da pessoa humana, arraigada com solidez na verdade, articulada segundo as exigências da justiça e vivificada pelo amor»[358]. Ele vê também a conversão, a partilha e a solidariedade como basilares para efetivar o respeito aos direitos humanos:

> Para realizar plenamente tudo isto [ser autênticas testemunhas de Jesus e corajosos agentes de renovação social], é preciso agir em duas vertentes ao mesmo tempo: *converter-se*, isto é, cancelar da própria vida o mal, melhorando a si mesmo pouco a pouco, e *compartilhar* com os outros os frutos da graça divina, mediante obras de

[357] Id. «Meditazione durante l`incontro con giovani» (21 ago. 1997) n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[358] Ibid.

> *solidariedade* concreta. Estão aqui os *pressupostos para alcançar o efetivo respeito pelos direitos* de cada um[359].

O reconhecimento efetivo da dignidade humana exige respeito, defesa e a promoção. Trata-se de direitos naturais, universais e invioláveis, que emanam do próprio Deus. Esse compromisso efetivo da Igreja e dos jovens com os direitos do ser humano remete a duas afirmações substanciais do magistério eclesiástico de João Paulo II sobre a prioridade da dignidade da pessoa humana. A primeira diz que a Igreja serve a Deus percorrendo o caminho do homem, e a segunda mostra que pessoa tem primazia sobre todas as estruturas sociais:

> O homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão. A Igreja deve servir o homem se quiser servir a Deus. Este é um elemento decisivo da sua fidelidade a Ele[360]. A Igreja não deixa de recordar que a **primazia da dignidade do homem** sobre qualquer estrutura social é uma verdade moral que ninguém (nem o individuo, nem o grupo, nem a autoridade, nem o Estado) pode ignorar[361].

Diante das diversas formas de opressão existentes no mundo, a Igreja denuncia com coragem as violências, luta por justiça e caridade. Se não o fizesse, não seria fiel à missão confiada por Jesus. Quando está em jogo a pessoa, Cristo mesmo move os crentes a erguer a voz no Seu nome. Ele convida os jovens a testemunharem essa convicção na vida quotidiana, assumindo iniciativas de voluntariado e respondendo às necessidades materiais e à sede espiritual que as pessoas sentem de Deus.

Daí o «aspecto mais sublime da dignidade do homem encontra-se exatamente na sua vocação a comunicar-se com Deus», afirma o Papa[362]. O desejo de ver Deus reside no coração de cada homem e de cada mulher de todos os tempos. Deus criou-nos por amor e para que nós O amemos. Eis o motivo da saudade insuprimível de

---

[359] Ibid., n. 1.
[360] Ibid., n. 3.
[361] Ibid.
[362] Id. «Mensagem para a XIX JMJ, 2004» (22 fev. 2004). Em **DWVE.**

Deus no coração humano. A pessoa livre acolhe-O como Criador e aceita Seu senhorio na própria vida, pois todos os bens da terra, os bons êxitos profissionais e o amor humano jamais poderão satisfazer completamente as expectativas mais íntimas e profundas do coração humano[363]. Mas, para promover a verdadeira dignidade do ser humano, os jovens precisam de profunda formação baseada no ensinamento, nas palavras e no exemplo de vida de Cristo[364], pois o ser humano só se compreende à luz do mistério do Verbo encarnado.

1.3. Pressuposto Antropocristológico: o ser humano à luz do mistério de Cristo

A relação do ser humano com Cristo constitui outro dado fundamental tanto da mensagem do Papa João Paulo aos jovens, bem como do seu magistério eclesiástico. Ele, por exemplo, na encíclica inaugural *Redemptor hominis* (1979)[365], partindo da afirmação conciliar de que «pela encarnação, o filho de Deus uniu-se de certa maneira a todo o homem: trabalhou com mãos de homem, pensou com uma inteligência de homem, agiu com uma vontade de homem, amou com um coração de homem»[366], deduz a antropologia a partir da cristologia e aprofunda a relação fundamental entre Jesus Cristo, «redentor dos homens e centro do mundo e da história»[367], e cada um dos «quatro bilhões de homens que vivem no mundo atualmente»[368].

Eis a primeira afirmação categórica do Papa, na mensagem aos jovens acerca da relação entre o ser humano e Cristo: «o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado (...) se esclarece verdadeiramente (...) Cristo, novo Adão, na própria

---

[363] Cf. Ibid. e «Discurso aos universitários participantes no 31º. Congresso Internacional UNIV-98» n. 4. Em **DWVE.**
[364] Cf. Id. «Omelia nella messa pasquale per gli universitari romani» (5 apr. 1979) n.4. **DWVE.**
[365] Id. **Redemptor**…, op. cit.
[366] **Gaudium et spes**, 22.
[367] JOÃO PAULO II. **Redemptor**..., op.cit., n. 1.
[368] Ibid. n. 3.

revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime»[369]. Assim, a verdade do ser humano está indissoluvelmente ligada à verdade do Filho de Deus encarnado. Cristo é especialmente, na ótica de João Paulo II, fonte de liberdade plena na verdade para o ser humano atual:

> Ainda hoje (...) Cristo continua a aparecer-nos como Aquele que traz ao homem a *liberdade* baseada na verdade, como Aquele que liberta o homem daquilo que limita, diminui e como que espedaça essa *liberdade* nas próprias raízes, na alma do homem, no seu coração e na sua consciência[370].

Na perspectiva cristoantropológica, conforme a mensagem do Papa, o pesquisador e o estudante crentes compreendem que todo o «aspecto de um autêntico humanismo está intimamente ligado ao mistério de Cristo»[371]. Por isso, o Papa confia tarefa exigente aos jovens no «limiar do terceiro milênio» e no decurso dessa era: «Servir o ser humano»[372], vivendo em Cristo.

Outro dado fundamental da mensagem do Papa aos jovens, acerca do pressuposto cristoantropológico, consiste na conexão intrínseca entre a fé em Cristo e a defesa da dignidade do ser humano. A esse propósito, ele disse-lhes: «Estudem o tema do humanismo (...) nos seus diversos aspectos, de modo que aparece sempre mais claramente a conexão intrínseca entre a fé em Cristo e a defesa da dignidade do homem»[373].

Cristo é «fonte de esperança para o ser humano contemporâneo», afirma o Papa[374]. Ele acompanha/ilumina o ser humano no processo de amadurecimento pleno

---

[369] Id. «Omelia pellegrinaggio apostolico nella repubblica federale tedesca, santa messa per i giovani» (19 nov. 1980) n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[370] Id. «Discurso aos universitários participantes no 31º..., fonte cit.
[371] Ibid.
[372] Ibid.
[373] Id. «Recita del Santo Rosário con gli universitari romani» (3 mar. 2001) (trad. do it.). Em **DWVE.**
[374] Id. «Discorso ai partecipanti all`incontro promosso dal SERMIG-2000» (22 dic. 2000) n.1 (trad. do it.). In: **DWVE.**

em Deus. Daí a idéia fundamental que o Papa transmite aos jovens em memorável homilia:

> **Cristo acompanhará a maturação do homem para** a sua humanidade. Ele acompanha-nos, nutre-nos e encoraja-nos na vida da sua Igreja, com a sua palavra e sacramentos, com o corpo e o sangue da sua celebração pascal. Ele nos nutre como eternos filhos de Deus, faz assim o homem partícipe da sua filiação divina, o diviniza interiormente, para que ele seja homem em toda plenitude de seu significado, para que o homem, criado a imagem e semelhança de Deus chegue a sua **maturidade em Deus**[375].

Posteriormente, o Papa partindo de Cristo teocentraliza a mensagem aos jovens: é «**Cristo**, o Homem perfeito, o Homem novo, que revela aos homens e as mulheres de todos os tempos sua grandeza e sua dignidade de filhos de **Deus**»[376].

O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, para poder existir e dizer ao seu Criador ‹eu sou›. No ‹eu sou› humano está toda a verdade sobre a existência e a consciência: «‹Eu sou› diante de Ti, que És»[377]. Por isso, o Papa denunciou energicamente a «cultura moderna», que pretendia tirar o «Eu sou divino da consciência do homem»:

> O mundo que vos circunda, a civilização moderna, influenciou muito para tirar o Eu-Sou divino da consciência do homem. Porém, se Deus não está, o homem verdadeiramente poderá ser? Viestes aqui, caros amigos, para reencontrar e confirmar esta identidade humana: eu sou, diante do Eu - Sou de Deus. Olhai a cruz sobre a qual o divino Eu - Sou significa Amor. Olhai a cruz e não esqueçais! O Eu estou próximo a vós permanece a palavra chave de toda a vossa vida[378].

---

[375] Id. «Omelia pellegrinaggio apostólico nella repubblica federale tedesca, santa messa per i giovani, Mônaco di Baviera» (19 nov. 1980), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[376] Id. «Mensagem aos participantes do Encontro Europeu de Jovens em Santiago de Compostela» (8 agosto1999) n. 2 (trad. do it.). Em **DWVEP.**
[377] Cf. Id. «Homilia na missa dos universitários em preparação para o Natal» (15 dez. 1998) n. 2-4 (trad. do it.). **DWVEP.**
[378] Id. «Messaggio ai giovani radunati a Czestochowa-Polônia in occasione del X anniversario della VI GMG» (13 ag. 2001) (trad. do it.). **DWVE.**

As categorias «Perto» e «distante» abrem perspectivas fascinantes na compreensão do ser humano à luz de Cristo-Deus. São categorias ligadas à distância. O Advento Cristo, convida a considerar, sobretudo, a dimensão espiritual e profunda dessa distância: a sua referência a Deus. Em que consiste e como se percebe a proximidade ou o afastamento de Deus? Não é talvez no «coração inquieto» do ser humano que a dimensão espiritual da distância e da proximidade de Deus encontre a relevância mais sensível e adequada?

O ser humano é tudo isto: visibilidade e mistério, proximidade e afastamento de Deus, frágil posse e contínua pesquisa. Só aceitando essas íntimas coordenadas da pessoa humana, compreendem-se o advento e a espera do Messias. Quem é o Messias, Redentor do mundo? Para que e em que consiste a Sua vinda? O pecado e o seu ingresso na história são a causa da distância entre a pessoa humana e Deus. Mas esse afastamento não é uma questão irrevogável. Deus exorta a humanidade a esperar o Messias, que nascerá como Filho da Mulher no seio de Israel, povo eleito por Deus entre todas as nações. À medida que se aproxima a «plenitude dos tempos» (*Gl* 4, 4), a expectativa está a realizar-se e se compreende sempre mais o seu sentido e valor. Com João Batista, essa expectativa torna-se uma pergunta concreta, a que os discípulos do Precursor dirigem a Cristo: «És Tu o que está para vir, ou devemos esperar outro» (*Lc* 7, 19)? Essa mesma pergunta ser-Lhe-á feita muitas vezes. A resposta de Cristo foi a causa da Sua morte e crucifixão, mas indiretamente foi também a causa da Sua ressurreição, da manifestação plena da Sua messianidade. Desse modo admirável, cumprir-se-á a promessa feita à humanidade depois do pecado original[379].

Na perspectiva cristoteoantropológica, o Papa exorta: «Eis aí, jovens, a **visão cristã do homem»**. Essa visão partindo de Deus criador e pai possibilita descobrir

[379] Cf. Id. «Homilia na missa dos universitários em preparação para o Natal» (15 dez. 1998) nn. 2-4. **DWVEP.**

a pessoa humana no que ela deve ser. Ela deve frutificar no tempo, durante a vida terrena, e não somente per si, mas também para os outros, para a sociedade. Esse seu operar no tempo não deve fazê-lo nem esquecer nem transcurar a sua outra essencial dimensão: ser que está orientado para a eternidade. A pessoa deve frutificar no tempo para a eternidade. E se tirarmos, conforme o discurso do Papa aos jovens, «esta prospectiva da pessoa humana, ela permanecerá uma figueira estéril»[380].

Depois de estudado o pressuposto antropocristológico, compreendendo o ser humano à luz do mistério de Cristo-Deus, seguiremos com um breve estudo do pressuposto cristológico.

1.4. Pressuposto Cristológico: da encarnação do Verbo à missão da Igreja

A reflexão cristológica foi também uma das constantes do magistério eclesiástico do Papa João Paulo II. Depois da eleição, na homilia de entronização como Bispo de Roma e Pastor da Igreja universal (22 out. 1978), partindo da profissão de Pedro: «Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo» (*Mt* 16, 16), ele lançou um apelo/mensagem que perpassou todo o longo pontificado (1978-2005). Foi exatamente a mesma **mensagem marcadamente cristocêntrica**, que ele anunciou ininterruptamente aos jovens no decurso das JMJ (1985-2005), bem como na vigília do milênio e na abertura do «Jubileu dos jovens» (Roma-2000):

> Na vigília do novo milênio, renovo-vos de coração o premente convite a abrir de par em par as portas a *Cristo*[381]. Não temais. Abri, antes, escancarai as portas a *Cristo*! Abri ao seu poder salvador os confins dos Estados, os sistemas econômicos assim como políticos, os vastos

---

[380] Id. «Discorso ai giovani, Torino» (13 apr. 1980), nn. 2-3 (trad. do it.). Em **DWVE.**

[381] Id. **Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião da XV JMJ**. São Paulo: Paulinas, 2000, n. 2 (A voz do papa 178).

> campos da cultura, da civilização, do progresso. Não tenhais medo! *Cristo* sabe o que tem dentro do homem[382].

Ainda nos primeiros meses (6 dez. 1978) de pontificado, o Papa mostrou explicitamente Cristo como único fundamento sólido para construir aos jovens: «Recordem sempre que podereis construir qualquer coisa de verdadeiramente grande e duradoura só se vos consolidais, como disse São Paulo, sobre o **único fundamento** que **é Jesus Cristo** (*1Cor* 3, 11)»[383]. E, noutra ocasião, o Pontífice indicou-lhes o fulcro de sua mensagem teológico-pastoral: «Cristo reuniu-nos. Ele é o **fulcro** das nossas reflexões nestes dias; é o **centro** da nossa oração. É a **fonte** do vínculo espiritual que nos une na sua Igreja»[384]. Tais afirmações marcadamente cristocêntricas devem-se ao fato de que «o homem tem a tendência a ‹pensar a si mesmo›, a colocar a sua própria pessoa no centro dos interesses e pôr-se a si mesmo como parâmetro de tudo»[385]. Daí a magistral exortação do Papa aos jovens: «O homem e mundo asfixiam-se, se não se abrem a Cristo».

Em várias outras ocasiões igualmente significativas, particularmente no contexto das JMJ, o Papa expressou o fulcro de suas mensagens aos jovens: Jesus Cristo. Mas o caminho que seguiremos para explicitar o pressuposto cristológico das mensagens, não permite continuar com exposição cronológica, mas discursivo-sistemática, partindo sumariamente da Encarnação do Verbo à responsabilidade missionária da Igreja.

A certeza de que o homem Jesus de Nazaré é Filho de Deus, o Verbo feito carne, a segunda pessoa da Trindade que veio ao mundo, distingue a fé cristã de todas as

---

[382] Id. «Discorso durante la cerimonia di accoglienza nella XV GMG» (15 ago. 2000), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[383] Id. «Discorso ai ragazzi e ai giovani riuniti nella Basilica Vaticana» (6 dic. 1978) (trad. do it.). Em **DWVE.**
[384] Id. Saluto e meditazione nella festa di benvenuto dei giovani nel Champ-Mars di Parigi» (21 ago. 1997) (trad. do it.). Em **DWVE.**
[385] Id. «Mensagem para o XVI DMJ, 2001» (14 fev. 2001) n. 4. Em **DWVE.**

outras religiões. Jesus de Nazaré é Deus conosco, o Emanuel. Em Jesus nascido em Belém, Deus assume a condição humana e torna-Se acessível, fazendo aliança com o ser humano[386].

O evento da **Encarnação** abre a inteligência da fé ao conhecimento do amor de Deus pela pessoa humana e à compreensão do sentido da existência e da história. Ao fixar o olhar no mistério do Verbo Encarnado, o ser humano reencontra-se consigo mesmo[387]. Na perspectiva encarnacionista, a mensagem pastoral central do Papa aos jovens apresenta **Jesus Cristo como a única resposta fundamentalmente essencial às interrogativas do ser humano** acerca de si, da história e do amor de Deus: «a única orientação do espírito, a única direção da inteligência, da vontade e do coração para nós é esta: para Cristo, redentor do homem; para Cristo, redentor do mundo»[388].

Depois da Encarnação, existe um rosto de ser humano no qual se vê Deus: «Acreditai que estou no Pai, e o Pai em Mim», diz Jesus a Felipe e a todos que acreditam (cf. *Jo* 14, 11). A partir daí, quem acolhe o Filho de Deus, acolhe Aquele que O enviou (cf. *Jo* 13, 20), e nova relação é possível entre o Criador e a criatura, relação do filho com o próprio Pai. Nele, encontra confirmação à condição humana de filhos[389]. Com o convite ‹segue-me›, Jesus não só repete aos seus discípulos: tome-me como modelo, mas também compartilha a minha vida e opções, vivendo por amor a Deus e aos irmãos[390].

Jesus foi ao encontro da **morte**, não recuando diante de nenhuma conseqüência do seu «estar conosco» como Emanuel. Pôs-se no lugar de toda e cada

---

[386] Cf. Id. **Mensagem do Papa João Paulo II**..., op.cit., n. 2.
[387] Cf. Id. «Homilia durante a santa missa para os universitários em preparação para o natal e o grande Jubileu» (14 dez. 1999) n.3. Em **DWVE.**
[388] Id. «Omelia» (24 lug. 1980) n. 2 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[389] Cf. Id. «Mensagem para a XIV JMJ, 1999» (6 jan. 1999) n. 2. Em **DWVE.**
[390] Cf. Id. «Mensagem para a XVI JMJ, 2002» (14 fev. 2001) n. 5. Em **DWVE.**

pessoa humana, regatando-a do mal e do pecado na Cruz. Assim como o centurião romano, ao ver como Jesus morria, compreendeu que Ele era o Filho de Deus (cf. *Mc* 15, 39), igualmente ao vermos e contemplarmos o Crucificado, compreendemos que Deus revela n`Ele a medida do seu amor pela humanidade. Paixão quer dizer amor apaixonado que ao doar-se não faz cálculos: «a paixão de Cristo é o ápice de uma inteira existência ‹oferecida› aos irmãos para revelar o coração do Pai», afirma o Papa[391]. A Cruz, que parece elevar-se da terra, na realidade pende do céu, como braço divino que estreita o universo. Segundo o Papa, a Cruz «revela-se como o centro, o sentido e o fim de toda a história e de cada vida humana»[392].

Antes de subir para o Pai, Jesus confiou à sua Igreja o mistério da reconciliação (cf. *Jo* 20, 23). Não basta, portanto, um arrependimento apenas interior para obter o perdão de Deus. Reconciliamos com Ele através da reconciliação com a comunidade eclesial. Por isso, o reconhecimento da culpa passa através de um gesto sacramental concreto: o arrependimento e a acusação dos pecados, com o propósito de vida nova, diante do ministro da Igreja. O homem contemporâneo, infelizmente, quanto mais perde o sentido do pecado tanto menos recorre ao perdão de Deus: disso dependem muitos dos problemas e das dificuldades do tempo. É preciso redescobrir a beleza e riqueza da graça penitencial; retomando atentamente a parábola do filho pródigo, vemos ressaltado não tanto o pecado, mas principalmente a ternura e a misericórdia de Deus[393].

Na hora de passar deste mundo ao Pai, a oração sacerdotal revela o ânimo do Filho: «Glorifica-Me Tu, ó Pai, junto a Ti mesmo, com aquela glória que tinha Contigo antes que o mundo existisse» (*Jo* 10, 16). Como Sumo e Eterno Sacerdote, Cristo põe-Se à frente do imenso cortejo dos remidos. Primogênito de uma multidão de

---

[391] Id. **Mensagem do Papa João Paulo II**..., op.cit., n. 2.
[392] Ibid.
[393] Id. «Mensagem do XIV DMJ, 2001» (6 jan. 1999) n. 5. Em **DWVEP.**

irmãos, Ele reconduz ao único redil as ovelhas do rebanho disperso, para que haja «um só rebanho e um só pastor» (*Jo* 10, 16). A encarnação do Verbo eterno no tempo e o nascimento para a eternidade de quantos estão a Ele incorporados mediante o batismo não seriam concebíveis sem a ação vivificante do Espírito[394]. Por isso, **antes da Ascensão**, Jesus dissera aos Apóstolos: «O Espírito Santo descerá sobre vós, e d`Ele recebereis força para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra» (*At* 1, 8). Desde então, sob o impulso do Espírito, os discípulos de Jesus continuam a estar presentes nos caminhos do mundo, para anunciar a todos os homens a palavra salvífica. Entre êxitos e fracassos, entre grandeza e miséria, com o poder do Espírito que age na debilidade humana, a Igreja descobre a inteira amplitude e a responsabilidade de sua missão universal[395]. O próprio Papa oferece uma síntese qualificada dos **mistérios de Cristo**, convidando os jovens à contemplação de Jesus de Nazaré como Salvador e Redentor, o Deus da vida:

> Caros jovens, diante destes grandes mistérios sabei elevar-vos a uma atitude de contemplação. Detende-vos a admirar extasiados o recém-nascido que Maria deu à luz, envolvido em panos e depositado na manjedoura: é o próprio Deus que veio ao meio de nós. Contemplai Jesus de Nazaré, por alguns acolhido e por outros ridicularizado, desprezado e rejeitado: Ele é o Salvador de todos. Adorai a Cristo, nosso Redentor, que vos resgata e liberta do pecado e da morte: é o Deus vivo, fonte da vida[396].

Depois de percorrermos sinteticamente o itinerário dos mistérios de Cristo até a origem da responsabilidade missionária da Igreja, concluímos: Jesus Cristo é o fulcro das mensagens pastorais do Papa aos jovens hodiernos no contexto das JMJ. Dessa mensagem marcadamente cristocêntrica do Papa aos jovens, passa-se ao estudo do terceiro pressuposto teológico de seus textos: o eclesiológico.

---

[394] Cf. ibid. n. 2.
[395] Cf. Id. «Mensagem para a XIII JMJ, 1998» (30 nov. 1997) n. 6. Em **DWVEP.**
[396] Id. **Mensagem do Papa João Paulo II**..., op.cit., n. 3.

1.5. Pressuposto Eclesiológico: Igreja de Cristo, mistério de missão e comunhão de amor

O pressuposto cristológico não se encontra solitário nas mensagens do Papa aos jovens nas JMJ, ele se apresenta com o eclesiológico. Há uma correlação entre os dois pressupostos. Não se trata, conforme a mensagem do Papa, de uma «correlação casual». Entre Cristo e a sua Igreja existe um «vinculo orgânico muito estreito e profundo». Cristo vive na Igreja, a Igreja mostra-se como mistério de Cristo vivente e operante no meio de nós (cf. *Cl* 1, 27; *1Cor* 12, 27)[397]. Partindo dessa correlação, o Papa exorta os jovens a descobrir a Igreja de Cristo, como mistério de missão e comunhão.

A Igreja de Cristo mostra-se também como realidade fascinante e maravilhosa. Ela é antiga, porque «consta quase dois mil anos», e perenemente nova na ordem da graça do «Espírito Santo que a anima». Jovem é a Igreja, por causa da atualidade da sua mensagem de salvação. Por isso, existe diálogo ininterrupto entre ela e os jovens. As JMJ são, como visto na primeira parte, uma resposta pastoral à continuidade dessa relação dialógica. Nela, os jovens descobrem a Igreja e a missão.

Na Bíblia, entre as numerosas imagens que exprimem o mistério da Igreja, encontramos também a imagem da vinha (cf. *Jr* 2, 21; *Is* 5, 1-7). A Igreja é a vinha plantada pelo próprio Senhor, que goza do seu particular amor. No Evangelho de João, Cristo explica o princípio fundamental da vida dessa vinha, quando disse: «Eu sou a videira, vós os ramos» (*Jo* 15, 5). Daí o próprio convite do Papa aos jovens: serem «ramos vivos na Igreja».

Os ramos vivos são os que vivem em comunhão vital com Cristo-videira na Igreja-vinha. Eles não são auto-suficientes, porque dependem totalmente da Videira. Nela encontra-se a fonte da sua vida. Mediante o Batismo, os jovens/cristãos foram

[397] Cf. Id. «Mensagem pela V JMJ, 1990» (26 nov.1989), n.1. Em **DWVEP.**

imersos em Cristo e receberam gratuitamente o dom da vida nova. Eles são ramos vivendo a realidade do Batismo, aprofundando a comunhão com o Senhor na escuta e obediência a Sua Palavra, participando na Eucaristia e no sacramento da Reconciliação e dialogando pessoalmente com Cristo na oração. Jesus disse: «Quem permanece em mim, e eu nele, dá muitos frutos, porque sem mim nada podeis fazer» (*Jo* 15, 5).

Os ramos vivos da Igreja-vinha **empenham-se na comunidade e na sociedade**. Todos os jovens batizados, segundo as vocações particulares, são participantes da missão de Cristo e da sua Igreja. A comunhão eclesial é uma comunhão missionária. **A Igreja é por natureza uma comunidade missionária**. Ela vive constantemente envolvida nesse ardor missionário, que recebeu do Espírito Santo, «protagonista de toda missão eclesial»[398], no dia de Pentecostes (cf. At 1, 7).

A Igreja precisa de muitos operários. Nas JMJ, o próprio Cristo convida os jovens: «Ide também vós à minha vinha» (*Mt* 20, 4). A Igreja é uma comunhão orgânica, na qual cada um tem próprios o lugar e a função. Os jovens também têm. É um lugar muito importante. A Igreja, porque chamada pelo Senhor a evangelizar, precisa dos jovens, com o seu dinamismo, autenticidade e vontade de crescer na fé. Plenamente consciente disso, o Papa exorta-os: «Colocai-vos a serviço da Igreja. Assumi o vosso lugar na Igreja, que não é só aquele de cuidado pastoral, mas, sobretudo, de protagonistas ativos da sua missão. A Igreja é vossa, antes, vós mesmos sois a Igreja»[399].

A Igreja, por sua vez, tem muito a oferecer aos jovens. Assistimos hoje a um fenômeno muito significativo. Depois de um período de indiferença e distanciamento nos confrontos da Igreja, agora, particularmente, com o impulso pastoral do Papa nas

[398] Id. «Mensagem para a VII JMJ, 1992» (24 nov.1991), n. 2. Em **DWVEP.**
[399] Ibid., n. 3.

JMJ, muitos jovens estão redescobrindo-a como guia seguro e fiel, lugar indispensável de comunhão com Deus e com os irmãos, ambiente de crescimento espiritual e de empenho missionário. É um sinal muito eloqüente. Muitos jovens hodiernos não se contentam em pertencer à Igreja de modo meramente formal, anagráfico. Eles procuram algo mais.

Lugar privilegiado de redescoberta da Igreja e do empenho eclesial, além das JMJ, são as associações, os movimentos e as várias comunidades eclesiais juvenis. De fato, referimo-nos a «nova estação agregativa» na Igreja. Eis uma riqueza enorme e um dom preciso do Espírito Santo, que está sendo acolhido com muito reconhecimento por quase toda comunidade eclesial.

A Igreja-vinha precisa também de operários particulares, que a sirvam de maneira específica, com radicalismo evangélico, consagrando-lhe toda a vida. Trata-se das vocações sacerdotais e religiosas como também das associações de leigos consagrados no mundo. A esse propósito, o Papa disse aos jovens participantes das JMJ: «Estou seguro que muitos de vós, meditando o mistério da Igreja, sentiram no profundo da alma o convite de Cristo: ‹Ide, também vós para minha vinha, e eu vos darei o que for justo› (*Mt* 20, 4)». A mensagem do Papa aos jovens acerca da Igreja de Cristo e sua missão resume-se nas suas próprias palavras, quando lhes falava da dimensão festiva, espiritual e preparatória das JMJ:

> A JMJ (...) não é só uma *festa*, mas também um sério empenho *espiritual*. Para poder colher os frutos é necessário um caminho de *preparação* sob a guia dos vossos Pastores nas dioceses, nas paróquias, nas associações, nos movimentos e nas comunidades eclesiais juvenis. Procurai *conhecer melhor a Igreja*, a sua natureza, a sua história, já bi-milenar, e o seu presente. Procurai *descobrir o vosso lugar na Igreja e a vossa missão* enquanto jovens[400].

[400] Id. «Messaggio per la V GMG, 1990» (26 nov. 1989) n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE.**

A Igreja configura-se como mistério de comunhão, convite à vida. Na comunhão bidimensional: na vertical com Deus e na horizontal com Cristo e os outros. A comunhão estimula a plena relação entre pessoa e pessoa. A Igreja mostra-se como mistério de comunhão íntima e sempre renovada com a fonte da vida: a Santíssima Trindade. Comunhão de vida, de amor, de imitação, de seqüela de Cristo, Redentor do homem, que insere estritamente em Deus. Surge, o autêntico promotor de comunhão e de amor entre a humanidade, por causa da semelhança ontológica com ele. Por isso, o Papa exorta pastoralmente os jovens: «Vivam com generoso empenho as exigências que nascem de tal realidade (a comunhão). Procurem por isso fazer unidade de pensamentos, nos sentimentos, nas iniciativas em torno dos (...) paroquianos e com eles em torno do Bispo»[401]. Segundo o Papa, «A Igreja não é uma realidade abstrata e desencarnada; ao contrário, é uma realidade muito concreta»[402]. Daí o seu belíssimo ensinamento acerca da comunhão missionária de amor cristoeclesiológico:

> Grande será a luz se (...) vos unirdes como um só na comunhão da Igreja! *Se amardes Jesus, amai a Igreja!*[403] (e vice-versa). Deixo-vos duas simples tarefas. De um lado, radicai-vos na fé (...) da *Igreja*. Trata-se para vós de acolher a mensagem de *Cristo* (...). De outro lado, tornai-vos de fato testemunhas de Cristo. O mundo precisa conhecer por vós o alegre Anúncio: com o testemunho da vossa fé em Jesus Cristo, do vosso afeto pela Igreja[404].

A presença de jovens constitui riqueza grandiosa e fonte de vitalidade para toda a comunidade cristã, que com eles é chamada a dar razão e a testemunhar a fé até os confins da terra[405]. Na ótica da fé testemunhal, o Papa ensina os jovens a comunicarem a salvação, participarem da construção do Reino de Cristo e compartilharem a fé com os outros a partir da experiência com o Filho de Deus:

---

[401] Id. «Discorso ai giovani di Comunione e liberazione» (31 mar. 1979) (trad. do it.). Em **DWVE.**
[402] Id. «Menssaggio per la V GMG... fonte cit., n. 3 (trad. do it.).
[403] Id. «Homilia no Parque Downsview» (28 jul. 2002), n. 5. **DWVEP.**
[404] Id. «Discorso dall´Arcidiocesi di Rouen» (14 apr. 1980) (trad. do it.). **DWVE.**
[405] Cf. Id. «Discorso per la veglia battesimale con i giovani-GMG-Parigi» (23 ago. 1997), n. 7. **DWVE.**

> Cristo, através da sua Igreja, confia-vos a missão fundamental de comunicar aos outros o dom da salvação e vos convida a participar da *construção do seu Reino*. Escolheu-vos,..., porque vos ama e crê em vós. Este amor (...) incondicional deve constituir a alma mesma do vosso apostolado (cf. 2Cor 5,14): *ser discípulo de Cristo não é um fato privado*. Ao contrário, *o dom da fé deve ser compartilhado* com os outros (cf. 1Cor 9,6). Não vos esqueçais de que a fé se fortifica e cresce exatamente quando é doada aos outros[406]. A religião mesma, sem uma *experiência* de grande descoberta e de comunhão *com o Filho de Deus*..., se reduz a uma soma de princípios sempre mais árduos para compreender e regular sempre mais difícil para suportar[407].

A conseqüência lógica da pertença dos jovens à Igreja de Cristo, mistério de comunhão e missão (mediante o Batismo), manifesta-se, nas palavras do próprio Papa, como «presença assídua e colaboração nas paróquias e nos movimentos eclesiais, atenção fraterna e solidária para com os que sofrem no corpo e no espírito, a edificação da sociedade respeitosa pelos diretos de todos e promoção do bem comum e a paz»[408].

1.6. Pressuposto Mariológico: Maria, Mãe de Deus, modelo máximo que conduz os jovens a Cristo

Maria, como «filha predestinada do Pai», sintetiza na sua pessoa todo o mistério da Igreja. Ela escolheu livremente e respondeu com disponibilidade ao dom de Deus. «Filha» do Pai, mereceu tornar-se a Mãe do Seu Filho: «faça em mim segundo a tua palavra» (*Lc* 1, 38). É Mãe de Deus, porque perfeitamente filha do Pai[409]. Deus, o invisível, está vivo e presente em Jesus, o Filho de Maria, a *Theotokos*, a Mãe de Deus,

---

[406] Id. «Mensagem para a VII JMJ, 1992» (24 nov.1991), nn. 1 e 2. **DWVEP.**
[407] Id. «Discorso nell´incontro con i giovani» (23 set. 2001), n. 4 (trad. do it.). **DWVE.**
[408] Id. «Discorso nell´incontro con i giovani nella Cattedrale Greco-Cattolica di Damasco» (7 magg. 2001), n. 7 (trad. do it.). **DWVE.**
[409] Cf. Id. «Mensagem para a XIV JMJ, 2000» (6 jan. 1999) n. 7. **DWVEP.**

quem O vê vê a Deus; quem O segue, segue a Deus; quem se une a Ele está unido a Deus (cf. *Jo* 12,44-50)[410].

Maria é Mãe da divina graça, porque é Mãe do Autor da graça. Por isso, o Papa exortou os jovens a depositar confiança n`Ela, daí resplandecerá com «a beleza de Cristo». Abertos ao sopro do Espírito, tornar-se-ão apóstolos intrépidos, capazes de difundir «o fogo da caridade e a luz da verdade» no mundo. Na escola de Maria, segundo o Papa, os jovens descobrem «o compromisso concreto que Cristo espera» deles: colocá-Lo em primeiro lugar na própria vida, orientando para Ele seus pensamentos e suas ações[411].

Oferece-se Maria aos jovens para ajudá-los a entrar numa relação mais verdadeira e pessoal com Jesus. Com o seu exemplo, Maria ensina-lhes a fixar o olhar de amor nAquele que foi o primeiro a amar. Com a sua intercessão, Ela forma neles um coração de discípulos capazes de colocá-los à escuta do Filho, que revela o rosto autêntico do Pai e a verdadeira dignidade do ser humano. Com Ela, Discípula do Mestre, eles seguirão Cristo ao longo dos caminhos da Palestina e se tornarão testemunha da pregação e dos seus milagres. Com Ela, Mãe das Dores, acompanharão Jesus na Sua paixão e morte. Com Ela, Virgem da Esperança, receberão o anúncio jubiloso da Páscoa e o dom inestimável do Espírito Santo. Com a oração do Rosário, serão fortes na fé, constantes na caridade, alegres e perseverantes na esperança[412]. Com tudo isso, o Papa convida os jovens para acolherem a primeira colaboradora de Deus na obra da salvação, como educadora e modelo exemplar de um sim incondicional a Cristo:

> Prezados jovens, (...) *Cristo pede expressamente que recebais Maria* ‹em vossa casa›, que a acolhais ‹no meio dos vossos bens› para aprender dela (...) a disposição interior da escuta e a atitude de

---

410 Cf. Id. **Mensagem do Papa João Paulo II**..., op.cit., n. 2.
411 Cf. Id. «Mensagem pela XVII JMJ, 2002» (25 jul.2001) n. 4. **DWVEP.**
412 Cf. Ibid.

> humildade e de generosidade que a caracteriza como *primeira colaboradora de Deus na obra da salvação*. É Ela que, desempenhando o seu ministério maternal, vos *educa e* vos *modela* até que *Cristo* se forme plenamente em vós. Ninguém, senão Jesus, poderá dar-vos a verdadeira felicidade. Seguindo o *exemplo de* Maria, sabei dizer-lhe o vosso *‹sim› incondicional*[413].

Maria foi uma jovem que realizou em si mesma a adesão mais completa à vontade de Deus. Ela é, nas palavras do Papa, «modelo da máxima perfeição cristã»[414]. Ela depositou total confiança em Deus: «Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu!» *(Lc* 1, 45). Robustecida pela palavra recebida de Deus e conservada no seu coração (cf. *Lc* 2, 9), venceu o egoísmo e derrotou o mal. O amor preparou-a para o serviço humilde e concreto ao próximo. A Igreja, segundo o Papa, dirige-se a Ela como «auxílio e modelo de caridade generosa»[415]. Os jovens também, continua o Papa, olham Maria como «exemplo de defesa e promoção da vida, de ternura, de fortaleza no sofrimento, de pureza na vida e de alegria sadia»[416].

Nas JMJ, os jovens são convidados a confiar o coração a Maria, a jamais se separar dEla, a caminhar juntamente com Ela para ser santos. Refletindo n'Ela e confortados pelo Seu auxílio, acolherão a palavra da promessa, guardando-a ciosamente no interior, e serão «os arautos da nova evangelização para construir sociedade nova reconciliada no amor», disse o Papa[417]. Mas mesmo na III JMJ (1988), que teve como «fio condutor» Maria, a mensagem do Papa aos jovens foi cristocêntrica. As palavras de Maria aos serventes «faça aquilo que ele vos disser», exemplificam claramente isso. Comentando-as, afirmou o Papa: com tais palavras Maria queria dizer

---

[413] Ibid., nn. 3 e 6.
[414] Id. «Mensagem aos jovens cubanos» (23 jan. 1998) n. 6. **DWVEP.**
[415] Ibid.
[416] Ibid.
[417] Ibid.

> escutem Jesus, (...), os seus mandamentos, tenham confiança Nele. Nesta frase encontra-se um programa de vida que Maria realizou como primeira discípula do Senhor, e que hoje ensina também a nós. É um projeto de vida baseada no sólido e seguro fundamento que se chama Jesus Cristo[418].

Concluiremos com três exemplos explícitos de como o Papa encerra praticamente todas as mensagens aos jovens por ocasião das JMJ: confiando cada JMJ a Maria. Em 1989, ele disse: «Confio o processo de preparação espiritual e a celebração mesma da próxima JMJ de 1990 à intercessão de Maria. Ela, que veneramos como Mãe da Igreja, vos seja mestra e guia neste renovado empenho eclesial»[419]. E em 1991: «Confio a Maria, Rainha dos Apóstolos, a celebração da JMJ de 1992. Ela vos ensina que para levar Jesus aos outros não é necessário realizar gestos extraordinários, mas basta simplesmente ter um coração cheio de amor por Deus e pelos irmãos»[420]. E, finalmente, em 1998: «Caros amigos, confio-vos à intercessão materna de **Maria**, a quem gostamos de implorar sob o título de **Mãe da Igreja**: Ela vos ajude a reencontrar o seu **Filho**, para caminhardes no Seu seguimento! De todo o coração, dou-vos a Bênção Apostólica»[421]. Com Maria constrói-se a Paz. Ela é a *Regina pacis*.

2. Construir a paz no século XXI

2.1. A natureza e o ideal juvenil de paz diante dos desafios atuais

A paz mostra-se, em primeiro lugar, como verdadeira ordem nas relações entre os seres humanos e as nações. Assim a construção da paz pelo fundamento implica o reconhecimento e o conseqüente respeito de todos os direitos da pessoa humana (tanto dos que dizem respeito à parte material como também dos que interessam à parte espiritual da sua existência terrena) e de todas as Nações sem exceção: sejam grandes ou

---

[418] «Messaggio per la III GMG, 1988» (13 dic. 1987), n. 2 (trad. do it.). **DWVE.**
[419] Id. «Messaggio per la V GMG..., fonte cit., n. 3 (trad. do it.).
[420] Id. «Messaggio per la VII GMG, 1992» (24 nov. 1991), n. 6 (trad. do it.). **DWVE.**
[421] Id. «Discurso a um grupo de jovens franceses da Arquidiocese de Ruão» (17 abril 1998) n.5. **DWVEP.**

pequenas. A paz não existirá enquanto os grandes e os potentes violarem os direitos dos fracos, mas somente quando o programa da paz no mundo se exprimir na fórmula «Nunca mais Hiroshima», afirma o Papa[422].

O esforço para construir a paz no mundo realiza-se em vários níveis. A paz não é um êxtase, mas grande esforço de colaboração de toda pessoa humana. É preciso formar a consciência e o sentido de responsabilidade entre os seres humanos, particularmente entre os jovens, pela causa da paz. Daí nascerá a solidariedade para com todos quanto têm os direitos violados. É necessário também ensinar os jovens a «ver – julgar – agir» pela paz, conforme o discurso do Papa[423]. Assim, surgirá a reflexão e elaboração de um programa de ação em prol da paz, entre os jovens, as pessoas e os representantes de todas as religiões[424]. O próprio Cristo disse: «felizes os operadores de paz» (*Mt* 5, 9). O Papa, por sua vez, exortou os jovens: «Tornai também vós operadores de paz»[425].

A religião cristã, que a partir da Palavra «Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que Ele ama» (*Lc* 2, 14), têm duas convicções primordiais em vista da paz. Ela afirma e promove a oração ardente e incessante pela paz. E possui a convicção de que o ser humano é capaz, com a ajuda da graça divina, de superar o mal multiforme que o impulsiona ao ódio, à guerra, à destruição. Também a sociedade é capazes de vencer o mal. O cristianismo afirma essa convicção e trabalha pela sua consolidação, animado pela palavra de Cristo, mestre e testemunha da esperança[426] para os jovens construtores de paz.

---

[422] Cf. Id. «Discorso ai giovani in Budokan» (24 febb. 1981) n. 7. Em **DWVE.**
[423] Cf. Ibid., n. 8.
[424] A primeira conferência que refletiu sobre a questão da paz ocorreu exatamente no Japão no ano de 1970, em Kyoto.
[425] GIOVANNI PAOLO II. «Discorso ai giovani in Budokan» (24 feb. 1981) n. 1. Em **DWVE.**
[426] Ibid., n. 6.

Os jovens querem a paz, que é um ideal inscrito em seus corações. Eles próprios revelam tal ideal, expressando enorme desejo de contato e partilha entre os seres humanos. Eles são gratos à liberdade, família, estudo e projetos e querem viver, vencer, amar e ser amados, mudar a mentalidade circundante. Esses grandes ideais juvenis estão explícitos no seguinte diálogo aberto dos jovens com o Papa João Paulo II:

> Queremos a paz, um contato verdadeiro entre os homens. Queremos a partilha. Nós somos felizes por encontrar-nos em um País de liberdade, que nos apóia numa família que se sacrificou pelos nossos estudos. Nós temos os nossos projetos de família. Queremos viver, vencer na nossa vida e, também, das pessoas. Nós desejamos amar e ser amados. O futuro está aberto diante de nós. E lá onde é necessário, queremos mudar a mentalidade[427].

Mas o ideal juvenil de paz resistirá à dura realidade do mundo contemporâneo? Terminará como as utopias? Será fogo de palha ou apenas uma festa sem amanhã? Longo é o elenco dos **males da nossa sociedade**: a solidão, o desemprego, a miséria de todo tipo, as ilusões de uma falsa liberdade, os riscos inerentes aos progressos nucleares, a invasão dos *gadgets* artificiais, a tecnicidade que aumenta o anonimato, despersonaliza e leva ao comércio de embriões humanos[428].

Na sociedade atual, na ótica de João Paulo II, «os jovens são frequentemente tentados pelas miragens duma vida fácil e cômoda, pela droga e pelo hedonismo, acabando depois nas malhas do desespero, pela falta de sentido, pela violência»[429]; a «queda dos valores, a dúvida, o consumismo, a droga, (...) o erotismo»[430]. Há também os problemas dos países em via de desenvolvimento: a questão do trabalho, da promoção da dignidade humana, da paz, da acolhida, da ambientação, os transtornos econômicos e dos jovens estrangeiros. Trata-se de questões

---

[427] Id. «Discorso ai giovani nello Stadio Gerland» (5 ott. 1986), n. 21 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[428] Cf. Id. «Discorso ai giovani nello Stadio Gerland» (5 ott. 1986), n. 21. Em **DWVE.**
[429] Id. «Homilia na missa de encerramento da XV JMJ» (20 ago. 2000), n. 5. Em **DWVEP.**
[430] Id. «Menssaggio per la VII GMG, 1992» (24 nov.1991), n. 3. Em **DWVEP.**

que ultrapassam os limites das nações e dos continentes[431]. São «males de tipo individual, social, econômico e, sobretudo, moral», afirma o Papa[432]. O discurso abarca os poderes públicos, as instituições civis e religiosas do mundo inteiro. Mas as suas soluções só virão de uma dilatação do olhar e do coração, do evangélico «fazer-se próximo» também dos mais distantes, alargando o «coração as dimensões do mundo›»[433].

Daí a formidável mensagem do Papa aos jovens: «é urgente mudar de direção tomando o rumo de *Cristo*, que é também o rumo da *justiça*, da *solidariedade*, do empenho por uma sociedade e um futuro dignos do homem»[434]. Com essa mudança de direção e a denúncia dos males da sociedade sem temor, principalmente porque Deus não quer o mal, os ideais juvenis de justiça, solidariedade, amor e paz permanecerão vivos:

> Denunciai sem temor aquilo que está ligado de modo ainda mais evidente ao pecado dos homens, ao seu duro coração, violento, pleno de ódio ou as suas fragilidades morais, os seus medos egoísticos. Há necessidade de se denunciar de novo a intolerância, o racismo, a tortura, a prostituição, a droga e as tentações do desespero, a delinqüência, o aborto, a banalização dos gestos de amor, o terrorismo cego e sem piedade, quaisquer que sejam as razões invocadas? Na Casa Branca, diante aos jovens mulçumanos, dirigi a Deus está oração: ‹Não permitas que, invocando o teu nome, nós justifiquemos as desordens humanas›, já (...) que Deus não quer o mal. Ele criou os homens para o *amor*, para a *paz*, para a *solidariedade*, o domínio racional do mundo. Continuem tendo compaixão, como Jesus, pelos sofredores (...) e chamando de mal o que é mal[435].

---

[431] Cf. Id. «Discorso ai giovani universitari italiani e stranieri presenti a Perugia» (26 ott. 1986) n. 4. **DWVE.**
[432] Id. «Discorso ai giovani riuniti nel teatro parrocchiale» (14 dic. 1986) (trad. do it.). **DWVE.**
[433] Id. «Discorso ai giovani universitari italiani e stranieeri presenti a Perugia» (26 ott. 1986), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[434] Id. «Homilia na missa de encerramento da XV JMJ, Tor Vergata» (20 ago. 2000), n. 5. Em **DWVEP.**
[435] Id. «Discorso ai giovani nello Stadio Gerland» (5 ott. 1986) n. 21 (trad. do it.). Em **DWVE.**

É preciso enfrentar os males da sociedade vigente com responsabilidade pessoal, pela própria vida, seu futuro perfil e valor, e social pela justiça, paz, ordem moral e autêntico bem comum[436]. Com jovens virtuosos, um país torna-se grande. Consciente disso, o Papa convidou-os cautelosamente a enfrentar «os grandiosos desafios do presente com fortaleza, temperança, justiça e prudência»[437].

2.2. Dimensões práticas da paz

A paz tem as suas dimensões humanas e as suas exigências. O que significa isso na prática? Como pode a paz tornar-se a realidade da vida juvenil no mundo hodierno? O Papa falou muitas vezes das dimensões práticas da paz, do que os jovens precisam fazer para proteger e promover o dom divino da paz: a paz que Cristo deseja muito compartilhar conosco. A esse propósito, texto ilustrativo do Papa é o seguinte:

> Se desejardes a paz, operai pela *justiça*. Se desejardes a paz defendei a *vida*. Se desejardes a paz, proclamai a *verdade*. Se desejardes a paz, «tudo quanto quereis que os homens façam a vós, também vós fazei a eles» (Mt 7,12). Numa palavra: se quiserdes a paz, deveis *amar* (cf. Mc 12,30). Tudo isso implica empenho pessoal e disciplina. Comporta aceitar nós mesmos e os outros como criaturas de Deus, como filhos de Deus, como seres humanos cuja felicidade depende da lei de Deus, que é o seu projeto para a nossa vida[438].

Em cada fase da vida, os jovens precisam superar toda tendência ao egoísmo, abrindo-se aos outros com os corações e as mentes, no diálogo, não na rivalidade, com respeito e amor sincero por todos os seres humanos. Essa abertura aos outros na compreensão, na paciência, na compaixão e no desejo de contribuir para

---

[436] Cf. Id. «Omelia nella messa pasquale per gli universitari romani» (5 apr. 1979), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[437] Id. «Mensagem aos jovens cubanos» (23 jan.1998) n. 4. Em **DWVEP.**
[438] Id. «Discorso ai giovani nel Sidney Cricket Ground» (25 nov. 1986), nn. 3-5 (trad. do it.). Em **DWVE.**

promover o seu bem, expressa o **amor fraterno** e exemplifica uma ação em prol da paz[439].

Mas abertura aos outros não significa que toda opinião tem o mesmo valor; não importa quanto ela seja forte, a sinceridade da convicção não pode transformar a injustiça em justiça ou a falsidade em verdade. A **verdade** não é o caminho mais fácil e cômodo e nem sempre corresponde à opinião da maioria, mas será sempre o caminho para a verdadeira **liberdade**. O próprio Jesus disse: «Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres» (*Jo* 8, 32). A verdade e a liberdade, juntos com a justiça e o amor, são o fundamento da verdadeira paz de Cristo[440].

O triunfo da **justiça** no mundo depende em grande parte dos jovens. A eliminação da injustiça deve começar com a purificação de seus corações. Eles são estimulados a enfrentar as tendências e os erros do mundo com o poder da verdade. Trata-se de viver a verdade no amor e de crescer na maturidade de Cristo (cf. *Ef* 4, 15)[441].

Diante da rivalidade, os jovens são estimulados a oferecer ao mundo a imagem do diálogo respeitoso. O perdão mostra-se como resposta ao insulto e a injúria. A única posição aceitável diante da separação consiste na promoção da reconciliação e vivência da solidariedade fraterna. Eis a missão dos jovens: superar todo o mal com o bem, recolocando sempre a confiança em Deus, que sustenta e fortalece a fragilidade humana, e opondo a toda e qualquer forma de ódio com o amor de Cristo. A construção da paz não deve ser imposta pela força das armas, mas proposta pela força do diálogo,

---

[439] Cf. Id. «Homilia durante a santa missa para os estudantes dos ateneus da cidade de Roma» (10 dez. 2002) n.3. Em **DWVEP.**
[440] Cf. Id. «Homilia durante a santa missa para os estudantes dos ateneus da cidade de Roma» (10 dez. 2002) n.3. Em **DWVEP.**
[441] Cf. Ibid.

da tolerância, do respeito e da estima mútuos entre toda humanidade[442]. O Papa, em seu discurso de acolhida aos jovens na XVII JMJ, cristocentraliza a visão juvenil:

> Jovens do Canadá, da América e cada parte do Mundo! Olhando a Cristo vós podereis aprender (...) o que quer dizer procurar a justiça, ser (...) operadores de paz. Com o olhar fixo nEle, vós descobrireis o caminho do perdão e da reconciliação, em um mundo freqüentemente tomado pela violência e o terror. Experimentamos com dramática evidência, no curso do século passado, a face trágica da malícia humana. Vimos o que sucede quando reinam o ódio, o pecado e a morte. Mas hoje a voz de Jesus ressoa como voz de vida, de esperança, de perdão, é voz de justiça e de paz[443].

Os jovens operadores de paz contribuem na construção do reino de Cristo. Eis a missão jovem de paz. Mas a eficácia dessa missão depende da sua aceitação livre, pois cada um precisa dizer pessoalmente sim a Cristo na **oração:** exigência primordial de toda ação missionária de paz[444].

A oração contribui na construção da paz e está estreitamente ligada à paz, que depende largamente da oração. Ela se mostra como fonte inesgotável de numerosas graças para os jovens hodiernos, e fundamenta a relação e os possibilita conhecer Jesus. Ajuda-os a descobrir o sentido da missão, a sentir as dores e atender as necessidades do próximo, a compreender o mundo e suas relações com ele e a discernir os sinais dos tempos[445]. Em poucas palavras: a oração ajuda os jovens a possuírem e transmitirem Cristo aos outros, como dom da paz.

Construir a paz no mundo de hoje, é um compromisso inadiável dos jovens. Eles são estimulados a viver na justiça, a tornar instrumentos de amor e de paz. Na busca da justiça, na promoção da paz, no empenho de fraternidade e de solidariedade,

---

[442] Cf. Ibid.
[443] Id. «Discorso nella festa di accoglienza dei giovani» (25 lug. 2002), n. 5 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[444] Cf. Id. «Homilia durante a santa missa para os estudantes dos ateneus da cidade de Roma» (10 dez. 2002), n. 3. Em **DWVE.**
[445] Cf. Id. «Discorso ai giovani nel Sidney Cricket Ground» (25 nov. 1986), n. 7. Em **DWVE.**

eles não são segundos a ninguém[446]. O Papa, recordando a «Jornada de Oração pela Paz», disse-lhes: «Jovens do terceiro milênio, jovens cristãos, jovens de todas as gerações, peço-vos que sejais (...) sentinelas dóceis e corajosas da paz verdadeira, fundada na justiça e no perdão, na verdade e na misericórdia!»[447].

2.3. A missão jovem de paz e os quatro pilares da paz

Um evento dinâmico acontece na vida dos jovens participantes das JMJ. Cristo, representado na pessoa do Papa, dirige aos jovens continuamente as seguintes palavras: «a paz esteja convosco». E os envia em missão como mandou os apóstolos: «Como o Pai me enviou, também eu vos envio ». Cristo ressuscitado oferece a paz ao mundo inteiro e quer transformar os jovens hodiernos em instrumentos de paz. Eles são estimulados e enviados das JMJ para combater o caos e a confusão com a ordem[448], para anunciar e testemunhar Cristo, construindo a paz na justiça. A mensagem do Papa aos jovens é a seguinte:

> Os jovens cristãos são convidados a anunciar e testemunhar Cristo e a ser construtores (...) de paz na justiça, paz que o mondo hodierno tem particular necessidade[449]. Nesta época ameaçada pela violência, pelo ódio e pela guerra, daí testemunho de que Ele (Jesus) é o único que pode dar a verdadeira paz ao coração do homem, às famílias e aos povos da terra. Procurai e promovei a paz, a justiça e a fraternidade. E não vos esqueçais da palavra do Evangelho: ‹Bem-aventurados os pacificadores, porque serão considerados filhos de Deus› (Mt 5, 9)[450].

Neste momento complexo da história, enquanto o terrorismo e as guerras ameaçam a concórdia entre os seres humanos e as religiões, o Papa incentiva os jovens a

---

[446] Cf. Id. «Discorso nella Festa di Accoglienza dei Giovani» (25 lug. 2002), n. 6. Em **DWVE.**
[447] Id. «Messaggio ai ragazzi GEN-3» (18 magg. 2002), n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[448] Cf. Id. «Discorso ai giovani nel Sidney Crichet Ground» (25 nov. 1986), n. 8. Em **DWVE.**
[449] Id. «Discorso ai partecipanti al meeting internazionale UNIV-2003» (14 apr. 2003), n. 2 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[450] Id. «Mensagem pela XVIII JMJ, 2003» (8 mar. 2003) n. 7. Em **DWVE.**

serem «promotores da cultura da paz, hoje mais do que nunca necessária»[451]. O empenho juvenil pela paz, complementa o Papa, comporta um único interesse: pelo «ser humano enquanto tal e pela amizade entre os seres humanos, os povos e as religiões»[452]. Uma paz assim não é fruto unicamente dos esforços humanos, embora necessários, mas principalmente da oração confiante e insistente ao Deus da paz[453].

Construir a paz é uma exigência inadiável neste tempo ameaçado pela violência, terrorismo, pelo ódio e pela guerra, por exemplo, no Iraque, na Terra Santa e em diversas outras regiões do mundo. Tudo isso faz mais urgente a educação para a paz. Os jovens cristãos são estimulados e enviados pelo Papa das JMJ para «serem construtores de paz no novo milênio», no mundo de hoje, particularmente necessitado de paz[454]. Por isso, na aurora do terceiro milênio, fazendo uma retrospectiva dos lamentáveis messianismos secularizantes, ele convocou os jovens a dizer não ao ódio, à violência, à destruição e os enviou para defender a paz e a vida no novo milênio:

> No decorrer do século que morre, jovens como vós fostes convocados em reuniões oceânicas para aprender a *odiar*, viestes combater uns contra os outros. Os diversos *messianismos secularizantes*, que tentavam substituir a esperança cristã, revelaram-se depois verdadeiros e particulares infernos. Hoje vós sois convocados para refletir que no novo século não sereis instrumento de *violência e destruição*; defendereis a *paz*, pagando também pessoalmente se necessário. *Não vos conformeis com um mundo*, no qual outros seres humanos morrem de fome, permanecem analfabetos, falta trabalho. Defendereis a *vida* em cada momento de seu desenvolvimento terreno, esforçai-vos com toda energia para fazer esta terra sempre mais habitável para todos[455].

---

[451] Id. «Discorso nell´incontro con i giovani della Diocesi di Roma in preparazione alla GMG» (10 apr. 2003) n. 6. Em **DWVE.**
[452] Ibid.
[453] Cf. Ibid.
[454] Cf. Id. «Discorso nella Veglia di Preghiera degli Universitari» (15 mar. 2003), n. 1. Em **DWVE.**
[455] Id. «Discorso nella veglia a Tor Vergata» (19 ago. 2000), n. 6 (trad. do it.). Em **DWVE.**

Mas, depois da convocação e envio, o Papa dolorosamente fala aos jovens acerca dos dois cenários contrastantes do mundo no início do terceiro milênio:

> O novo milênio inaugurou-se com dois cenários contrastantes: aquele da multidão de peregrinos vindos a Roma no Grande Jubileu para atravessar a Porta Santa; e aquele do terrível atentado terrorista de *New York*, ícone de um mundo no qual parece prevalecer a dialética da inimizade e do ódio[456].

Apesar de mostrar-se pesaroso com as adversidades (o terrorismo, a dialética da inimizade e o ódio) e o cenário contrastante do novo milênio, o «Grande Jubileu», de um lado, e o «atentado terrorista de *New York»*, de outro, o Papa também estava muito otimista. O seu otimismo devia-se à crescente tomada de consciência das pessoas acerca da impossibilidade de continuar vivendo divididas no mundo hodierno. Nesse cenário complexo, os jovens são estimulados a trabalhar criativamente pela unidade do mundo no cotidiano da vida. Eis as linhas fundamentais da mensagem aos jovens:

> Estamos no início de um novo milênio: é uma época importante para o mundo, porque na alma das pessoas está difundindo a convicção de que *não é possível continuar vivendo assim divididos*. Infelizmente, se, de um lado, as comunicações tornam cada dia mais fáceis, de outro, as divergências crescem de modo realmente dramático. Encorajo-vos a *trabalhar por um mundo mais unido* e a fazê-lo no cotidiano da vida, dando-lhe a contribuição criativa de um coração renovado[457].

Os jovens deste século na aurora do milênio viveram (e ainda vivem) os tormentos derivados do pecado, do ódio, da violência, do terrorismo e da guerra. Mas a Igreja deposita olhar de confiança e «esperança»[458] neles. Ela está convicta de que, com

---

[456] Id. «Discorso nella Veglia con i giovani» (27 lug. 2002), n. 2 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[457] Id. «Discorso ai giovani Universitari di Roma» (23 sett. 2001), n.6 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[458] Em muitos textos, o Papa fala dos jovens como «esperança da Igreja e do mundo»: «Discorso ai giovani della Diocesi di Roma in preparazione alla XIX GMG» (1 apr. 2004), n. 3. Em **DWVE**; «Discorso ai giovani» (3 mag. 2003), n. 1. Em **DWVE**; «Discorso durante la cerimonia di accoglienza in San Pietro» (15 ago. 2000), n. 4. Em **DWVE**; «Discorso durante la cerimonia di accoglienza» (15 ago. 2000). Em **DWVE.** E outros.

a ajuda da graça de Deus, eles serão as testemunhas do Evangelho no hoje da história, anunciadores intrépidos da Paz[459] e da unidade entre os cristãos.

O empenho dos jovens pela paz busca restabelecer a cooperação entre as nações e harmonizar os interesses diversos e contrastantes de culturas e instituições. Trata-se da comum consciência de pertencer à única família humana. Mas somente empenhando para construir a paz sobre os **quatro pilares** da verdade, da justiça, do amor e da liberdade, será possível promover a cooperação entre as nações e harmonizar os interesses diversos e contrastantes de culturas e instituições[460].

A construção da paz no mundo hodierno implica antes de tudo viver na **verdade**. Os jovens, como foram estudados na segunda parte, são seres que se interrogam acerca do sentido da vida e da história. Buscar respostas a tais questões exige deles uma retidão de pensamento e de ação, de respeito e de diálogo com os outros. Ter, em primeiro lugar, uma relação verdadeira com Deus que implica conversão pessoal e abertura ao seu mistério. O ser humano compreende si mesmo só em relação a Deus, plenitude de verdade, de beleza e de bondade[461].

A verdade vem conjugada à **justiça** e ao respeito pela dignidade de cada pessoa humana. Sabemos, porém, que sem amor sincero e desinteressando a justiça não asseguraria ao mundo a paz. A paz verdadeira emerge quando no coração são vencidos o ódio, o rancor e a inveja; quando se diz não ao egoísmo e a tudo quanto estimula o ser humano ao fechamento sobre si mesmo e à defesa de seus próprios interesses[462].

---

[459] Id. «Discurso no encontro com os jovens de Roma em preparação para a XVII JMJ, 2002». Em **DWVEP.**
[460] Cf. Id. «Discorso nell´incontro con i giovani della Diocesi di Roma in preparazione alla XVIII GMG» (10 apr. 2003) n. 6. Em **DWVE.**
[461] Cf. Id. «Discorso ai partecipanti al meeting internazionale UNIV-2003» (14 apr. 2003) nn. 3-5. Em **DWVE.**
[462] Cf. Id. «Discorso ai partecipanti all´incontro promosso dal SERMIG» (22 dic. 2000), n. 4. Em **DWVE.**

Com **amor** semeia-se nos seres humanos a paz, não a do mundo, mas a verdadeira que só a fé em Cristo pode dar, essa os jovens querem construir[463]. Se o amor, como sinal distintivo dos discípulos de Cristo, traduz-se em gestos de serviço gratuito e desinteressado, em palavras de compreensão e de perdão, a onda pacificadora do amor alarga-se e se estende até o interesse por toda a comunidade humana. Assim compreende-se melhor o quarto pilar da paz: a **liberdade**. O reconhecimento dos direitos da pessoa e dos povos e o livre dom de si no responsável cumprimento dos deveres que competem a cada um no próprio estado de vida[464].

Os jovens de paz são construtores de um mundo «pacificado» e «pacificador». A missão do cristão consiste em vencer o mal com a superabundância do bem. Não se trata de fazer campanhas negativas nem de ser anti-alguma coisa. Ao contrário, trata-se de viver de afirmações, plenas de otimismo, com juventude, alegria e paz, de olhar a todos com compreensão. Seguindo tais ensinamentos, os jovens acolhem a paz de Cristo no coração e difundi-la em cada ambiente (família, escola, esporte e outros) constitui a missão mais sublime e urgente que o Papa confiou-lhes nas JMJ[465]. Assim, eles se mostram como protagonistas do Reino de Deus, Reino de «Justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (*Rm* 14,17).

O seguinte discurso do Papa aos jovens do SERMIG, no qual ele os define como artífices de unidade e os convida a consagrarem a vida pela causa paz, sintetiza magistralmente o percurso que fizemos até aqui. E nos introduz na questão da unidade dos cristãos e na mensagem do Papa aos jovens acerca da construção da civilização do amor:

---

[463] Cf. Ibid.
[464] Cf. Id. «Discorso ai partecipanti al metting internazional UNIV-2003» (14 apr. 2003), nn. 3-5. Em **DWVE.**
[465] Cf. Ibid.

> Caros jovens do SERMIG, a (...) vossa ‹Carta dos jovens› (...) estimula-vos a serdes *artífices de unidade* entre as culturas e religiões diversas, através de gestos concretos de solidariedade, como aqueles que estão realizando no Oriente Médio. Prosseguir neste caminho: consagrar a vida pela *causa da paz*. O Papa olha-vos com confiança e (...) encoraja-vos a (....) escrever uma página de história dos jovens para os jovens, onde as novas gerações surjam como protagonistas apaixonados de uma fecunda estação *da civilização do amor*[466].

2.4. A unidade dos cristãos como empenho ecumênico

Quando se fala em unidade, evoca-se com sofrimento a atual condição humana de separação entre os cristãos. Por isso, o ecumenismo mostra-se como uma das tarefas prioritárias e mais urgentes da comunidade cristã. O Papa, plenamente consciente da separação e empenhado na promoção da unidade entre os cristãos, mostra que tal unidade não é fruto só de esforços humanos, mas, sobretudo, graça e dom do Espírito Santo. Ele também convida os jovens, citando a **Tertio millennio adveniente** n. 34, a examinarem a própria consciência e lhes confia, como compromisso e tarefa, as iniciativas ecumênicas no término do segundo milênio:

> Neste crepúsculo do milênio, a Igreja deve dirigir-se com *prece* mais constante ao Espírito Santo, implorando-Lhe a *graça da unidade dos cristãos* (...) Mas todos nós estamos conscientes de que a obtenção dessa meta não pode ser fruto apenas de *esforços humanos*, embora indispensáveis. A unidade é, em última análise, *dom do Espírito Santo* (...) A aproximação do fim do segundo milênio impele todos a um *exame de consciência* e a oportunas *iniciativas ecumênicas*. Confio também a vós, estimados jovens, essa preocupação e essa esperança como *compromisso e tarefa*[467].

E, neste início do terceiro milênio, torna-se mais urgente o dever de reparar o escândalo da divisão entre os cristãos, reforçando a unidade através da oração, do diálogo e do testemunho. Não se trata de ignorar as divergências e os problemas,

---

[466] Id. «Discorso ai partecipanti all´incontro promosso dal SERMIG» (22 dic. 2000), n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[467] Id. «Mensagem para a XIII JMJ, 1998» (30 nov. 1997), n. 6. Em **DWVEP.**

contentando-se com um relativismo morno, isso seria como tapar a ferida sem curá-las, com o risco de interromper o caminho antes de se ter chegado à meta da plena comunhão. Trata-se, pelo contrário, de agir guiado pelo Espírito Santo em vista de uma real reconciliação, confiando na eficácia da oração pronunciada por Jesus na véspera da Sua Paixão: «Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um» (*Jo* 17, 22)[468].

A oração é a «alma de todo o movimento ecumênico», afirma o Papa[469]. Ela dá forças para manter os grandes ideais e a fé, coragem para sair da indiferença e da culpa, a luz para ver e para considerar os acontecimentos da própria vida e da história na prospectiva salvífica de Deus e da eternidade. A oração não é só dever, mas também diálogo com Deus por meio de Jesus Cristo[470]. O Papa, saudando e agradecendo os jovens de outras tradições religiosas, mostra-nos a necessidade da oração e do empenho pela promoção da unidade:

> O meu pensamento dirige-se, enfim, aos jovens de outras Igrejas e Comunidades eclesiais, que estão aqui, esta noite, juntos, e alguns dos seus Pastores: seja a JMJ uma ocasião ulterior de recíproco conhecimento e de comunhão de oração ao Espírito Santo para implorar o dom da plena unidade[471]. Agradeço aos jovens que me saudaram em vosso nome. Pertencentes a confissões cristãs diversas, mas, todos juntos querem colocar-se a escuta do único Senhor e caminhar para Ele: que a vossa presença aqui seja um sinal do vosso empenho comum a participar, com a graça de Cristo, da promoção da plena unidade visível entre todos os cristãos[472].

Com isso, o Papa conscientiza os jovens de que «a pertença a tradições religiosas diferentes não deve constituir hoje fonte de oposição ou de tensão. Ao contrário, o amor de Cristo que nos é comum nos impulsiona a procurar sem descanso o

---

[468] Cf. Id. «Mensagem para a XII JMJ, 1997» (15 ago. 1996), n. 5. Em **DWVEP.**
[469] Id. «Discurso ai ragazzi e ai giovani riuiniti nella Basilica Vaticana» (17 gen. 1979). Em **DWVE.**
[470] Cf. Id. «Discorso ai ragazzi e ai giovani in San Pietro» (14 mar. 1979), n. 3. Em **DWVE.**
[471] Id. «Discorso durante la cerimonia di accoglienza» (15 ago. 2000) (trad. do it.). Em **DWVE.**
[472] Id. «Discorso nell´incontro con i giovani nella Cattedrale Greco-Cattolica di Damasco» (7 magg. 2001), n. 1 (trad. do it.). Em **DWVE.**

caminho da plena unidade»[473]. A oração deve ser contínua e fervorosa para agradecer ao Senhor, que suscitou entre todos os cristãos o desejo da unidade, descobrir o que temos em comum com «os irmãos separados» e chegar à perfeita unidade, desejada pelo Senhor na sua oração ao Pai: «a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviastes» (*Jo* 17, 21).

Em poucas palavras: a «oração pela unidade dos cristãos» visa pedir ao Senhor a graça da recomposição da unidade de todas as Igrejas cristãs e de chegar finalmente a um só rebanho sobre um só Pastor (cf. *Jo* 10, 16).

As «ações falam mais forte do que palavras», disse o Papa[474]. Por isso, os cristãos, além da oração, precisam fazer concretamente todo o possível na caridade e na verdade (cf. *Col* 4, 15-16) para chegar à unidade plena. Quanto mais «os cristãos se agarrarem a Jesus», mais serão capazes de estar próximos uns dos outros; e na medida em que «cumprirem gestos concretos de reconciliação», eles entrarão na intimidade do Seu amor, afirma o Papa[475].

Em obediência à vontade de Cristo, «que todos sejam um» (*Jo* 17, 21a), a Igreja católica instaurou fraternas relações com as outras Igrejas e confissões cristãs. A esse propósito, o Papa procurou conscientizar os jovens de que já existe «um **diálogo** teológico entre a Igreja católica e as Igrejas ortodoxas de tradição bizantina», a fim de eliminar as dificuldades que ainda impedem a «concelebração eucarística». E «Há muito tempo estão em curso diálogos também com os irmãos separados anglicanos, luteranos, metodistas e reformados». Além do mais, esses temas «no passado constituíam

---

[473] Id. «Discorso per la veglia battesimale con i giovani» (23 ago. 1997) (trad. do it.). Em **DWVE.**
[474] Id. «Discorso agli studenti della «High Shool» nel Madison Square Garden» (3 ott. 1979), n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[475] Cf. Id. «Mensagem para a XII JMJ, 1997» (15 ago. 1996), n. 5. Em **DWVEP.**

profundas divergências, se tornaram hoje consoladores pontos de encontro». Foram, em outras palavras, instituídas amigáveis e frutuosas relações com o «Conselho Ecumênico das Igrejas e com outras organizações interrconfessionais». No entanto, o caminho da unidade entre os cristãos exige tempo: devemos por isso acelerar o passo para chegar à meta muito almejada pelo Senhor da Unidade, Jesus Cristo[476].

Há urgente necessidade de os cristãos reconhecerem a herança comum: a cooperação, o amor mútuo, o serviço recíproco. Com isso, eles conhecerão melhor uns aos outros e, juntos, encontrarão caminhos para superar as divergências[477]; promoverão o respeito à dignidade, à vida e aos direitos da pessoa humana; enfatizarão a abertura ao transcendente e às dimensões do espírito[478], vivendo a colaboração e responsabilidade pelo Evangelho[479] no mundo.

A mensagem do Papa aos jovens acerca do dever missionário de protagonizar o ecumenismo, a união dos cristãos, resume-se em dois magníficos textos. No primeiro, o Papa mostra de modo claro o percurso que fizemos nessa breve exposição sobre a unidade dos cristãos, na qual fala da busca da unidade, como dever da Igreja, das suas etapas, dos seus elementos fundamentais, dos esforços e finalmente a vê como um dom de Cristo a sua Igreja:

> Considero a obra da *unidade dos cristãos* um dos maiores e mais entusiasmantes *dever da Igreja* no nosso tempo. Vós quereis saber se espero essa unidade e como a imagino (...) aqui vejo uma chamada particular do Espírito Santo. Por isso, no que se refere a sua realização, as diversas *etapas* dessa realização, nós encontramos no ensinamento do Concílio todos os *elementos fundamentais*. São estes que devemos realizar, procurar as suas aplicações concretas e, sobretudo, *rezar* sempre com fervor, constância e humildade. A união

[476] Cf. Ibid.
[477] Cf. Ibid. «Discorso ai ragazzi e ai giovani riuiniti nella Basilica Vaticana» (17 gen. 1979). Em **DWVE.**
[478] Cf. Id. «Mensagem para a VIII JMJ, 1993» (15 ago. 1992), n. 1. Em **DWVEP.**
[479] Cf. Id. «Omelia nella concelebrazione eucaristica con i vescovi d´Europa nella Cappella Sistina» (20 giu. 1979) n.4. Em **DWVE.**

> dos cristãos pode realizar-se só com uma maturação profunda na *verdade* e uma *conversão* constante dos corações. Devemos fazer tudo segundo a nossa capacidade humana, reexaminando todos os processos históricos que duraram séculos. Mas, definitivamente, esta união pela qual não devemos economizar os nossos *esforços*, nem as nossas fadigas será o *dom de Cristo a sua Igreja*, como já é um dom seu o fato de ter começado o caminho da unidade[480].

O segundo texto mostra-nos explicitamente o fundamento e o fulcro da mensagem do Papa aos jovens, da unidade dos cristãos: Jesus Cristo. Não existe nenhum outro mestre capaz de fundamentá-la no mundo contemporâneo:

> Pensem: qual voz, qual mestre do pensamento pode fundar a *unidade* entre os homens e as nações, senão aquele que, dando a sua própria vida, obteve para todos nós a adoração a filhos do mesmo Pai? É exatamente esta a filiação divina, conquistada por *Cristo* sobre a Cruz e realizada com o convite de seu Espírito nos nossos corações, o *único fundamento sólido e indestrutível da unidade de uma humanidade redimida*[481].

Os jovens unidos entre si encontram força para lutar pela unidade: nessa construirão a paz de Cristo. Ela é uma grande realidade nas JMJ, nas quais se mostra como unidade na diversidade autenticamente católica. Eles representam grupos diversos com finalidade específicas, mas são um no nome e na paz de Jesus, no ideal do serviço cristão, no perseguir a justiça e no proclamar a verdade da igual dignidade de todo gênero humano. Eles vêm de diversos grupos étnicos e se reúnem nas JMJ, isso demonstra que eles rejeitam toda forma de preconceito e de discriminação baseada na raça, na origem, na cor, na cultura, no sexo e/ou na religião[482], porque querem construir a paz de Cristo na Civilização do Amor.

---

[480] Id. «Veglia con i giovani nel Parc Des Princês, Parigi-Francia» (1 giug. 1980), n. 14 (trad. do it.). Em **DWVE.**

[481] Id. «Discorso a seimila studenti universitari provenienti da tutto il mondo» (10 apr. 1979) (trad. do it.). Em **DWVE.**

[482] Cf. Id. «Discorso ai giovani nel Sidney Cricket Ground» (25 nov. 1986), n. 4. Em **DWVE.**

3. Construir a civilização do amor: encarnação histórica do Reino

3.1. A cultura efêmera de morte

A «cultura da morte» procura impor-se ao desejo de viver plenamente. Há os que rejeitam a luz da vida, preferindo os «estéreis trabalhos das trevas». Colhem injustiça, discriminação, exploração, impostura, violência. Em todas as épocas, a medida de seu aparente sucesso mostra-se «a morte de inocentes», afirma o Papa[483].

No século passado, como em nenhum outro momento da história, a «cultura da morte» assumiu forma social e institucional de legalidade para justificar crimes horríveis contra a humanidade, tais como: o genocídio, as ‹soluções finais›, as ‹limpezas étnicas›, e a extinção em massa de vidas de seres humanos mesmo antes de nascerem ou de chegarem ao momento natural de morrer. Amplos setores da sociedade estão hoje confusos sobre o que é certo e o que é errado, e permanecemos à mercê dos que têm o poder de ‹criar› opinião e impô-la aos outros[484].

Na hodierna cultura de morte, Cristo vê tantas pessoas jovens jogando a vida fora numa fuga para as irresponsabilidades e para a falsidade. Abuso de drogas e de álcool, pornografia e desordem sexual, violência são graves problemas sociais que exigem resposta da sociedade, dentro de cada país e no plano internacional. O Papa apresenta explicitamente tais problemas e outros, como fruto da «crise de valores» e da «perniciosa crise de identidade» vigentes na sociedade. E, também, convida os jovens a combatê-los com a força de Cristo ressuscitado:

---

[483] Cf. Id. «Homilia para a VIII JMJ» (15 ago. 1993). Apud T. SZULC. **João Paulo II**: bibliografia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 406.
[484] Ibid.

> Todavia, a sombra da assustadora crise atual de valores que agita o mundo ameaça também a juventude (...). Difunde-se uma perniciosa crise de identidade, que leva o jovem a viver sem sentido, sem rumo, nem projeto para o futuro, asfixiado pelo que é imediato. Impõem-se o relativismo, a indiferença religiosa e a falta de se render aos ídolos da sociedade de consumo, fascinado pelo brilho fugaz (...). Diante disso, as estruturas públicas (...) têm [que] despertar uma notável solicitude [nos jovens] pela busca da verdade, pela defesa da beleza, e pela salvação da bondade. (...) Jovens combatei com a força de Cristo ressuscitado, para não cair na tentação das várias formas de fuga do mundo e da sociedade; para não sucumbir perante a ausência de aspirações, que leva à autodestruição da própria personalidade mediante o alcoolismo, a droga, os abusos sexuais e a prostituição, a busca contínua de novas sensações e o refúgio em seitas, cultos espiritualistas alienantes ou grupos totalmente alheios à cultura e à Tradição da vossa Pátria[485].

A cultura de morte manifesta-se, na ótica do Papa, como fruto da «cultura tecnológica», na qual as pessoas são usadas para dominar a matéria, descobrir-lhe as leis e mecanismos, para transformá-la conforme os próprios desejos. Surge, assim, o perigo de se querer manipular a consciência e suas exigências. Para a cultura de morte, nada é absoluto. Ela sustenta a impossibilidade de verdade universalmente válida; a bondade objetiva e o mal não têm a menor importância. O bem consiste no que é bom e útil em determinado momento, o mal é o que contraria os desejos subjetivos. Cada pessoa jovem pode construir um sistema particular de valores[486].

A espalhada cultura do efêmero, que atribui valor ao que agrada e parece belo, quer fazer os jovens acreditarem que para ser feliz precisam eliminar a cruz. Apresentam-se como ideal o sucesso fácil, a carreira rápida, a sexualidade desvinculada do sentido de responsabilidade, a existência centrada na afirmação do próprio eu, sem respeito ao próximo. Daí a alerta do Papa «estimados jovens, abri bem os olhos: este

---

[485] Id. «Mensagem aos jovens cubanos» (23 jan.1998) n. 2. Em **DWVEP.**
[486] Cf. Id. «Homilia para a VIII JMJ» (15 ago. 1993). Apud: T. SZULC, op. cit., p. 407.

não é o caminho que faz viver, mas a estrada que faz precipitar na morte»[487]. Jesus abre-nos o «caminho da vida», que é ameaçado constantemente pela «senda da morte»[488]. Noutra ocasião, Ele orienta os jovens acerca do perigo das falsas ilusões e soluções, denunciando severamente as ofertas da cultura efêmera e de morte:

> Jovens, não cedais a *falsas ilusões* nem a modas efêmeras, que muitas vezes deixam um trágico vazio espiritual! Recusai as *soluções* do dinheiro, do consumismo e da violência dissimulada que por vezes os meios de comunicação propõem[489]. São efêmeras as satisfações ofertadas pelo *hedonismo* superficial e como deixa um vazio na alma; quanto seja ilusório fechar-se na couraça do próprio *egoísmo*; como a *indiferença* e o *ceticismo* contradizem os sublimes anéis de amor sem fronteira; como as tentações... da *violência* e das *ideologias* negadoras de Deus levam só a vínculos cegos[490].

Diante da senda da morte e suas ofertas efêmeras, o Papa estimula os jovens a anunciarem o caminho da vida, da felicidade, da paz, do domínio e da alegria, vivendo a fé e a conversão no seguimento de Cristo em todas as circunstâncias:

> O ‹caminho da vida›, que retoma e renova as atitudes de Jesus, torna-se a senda da fé e da conversão. Precisamente, a verdade da cruz. É o caminho que leva a confiar n`Ele e no seu desígnio salvífico, a acreditar que Ele morreu para manifestar o amor de Deus por cada pessoa; é a estrada da salvação no meio de uma sociedade, com freqüência, fragmentária, confusa e contraditória; é o caminho da felicidade de seguir Cristo até ao fim, nas circunstâncias não raro dramáticas da vida cotidiana; é a vereda que não tem fracassos, dificuldades, marginalizações nem solidões, porque impregna o coração humano com a presença de Jesus; é a via da paz, do domínio de si próprio e da profunda alegria do coração[491].

Essa mensagem cristocêntrica do Papa aos jovens mostra, em suas próprias palavras, a necessidade de «edificar estruturas sociais mais dignas do homem e de cada

---

[487] Id. «Mensagem para o XVI DMJ, 2001» (14 fev. 2001) n. 6. Em **DWVEP**; Cf. «Discurso aos Jovens de Roma» (2 abr. 1998). Em **DWVEP.**
[488] Cf. Id. «Mensagem para o XVI JMJ, 2001» (14 fev. 2001), n. 5. Em **DWVEP.**
[489] Id. «Mensagem para a XX JMJ, 2005» (6 ago. 2004) n. 5. Em **DWVEP.**
[490] Id. «Messaggio per la II JMJ, 1987» (30 nov.1986), n. 2. Em **DWVE.**
[491] Id. «Mensagem para a XVI DMJ, 2001» (14 fev. 2001), n. 5. Em **DWVEP.**

homem, ao promover e defender a cultura da vida contra qualquer ameaça de morte»[492]. Ou seja, é preciso «promover uma cultura integral, que tenda ao desenvolvimento completo da pessoa humana, na qual ressaltem os valores da inteligência, da vontade, da consciência, da fraternidade, todos baseados no Deus Criador e que foram maravilhosamente exaltados em Cristo»[493]. Construir a cultura da vida/integral, exige «um novo humanismo (...). Ela convida a desenvolver e incrementar o rico patrimônio científico da humanidade segundo um projeto que ponha no centro o homem», disse o Papa[494].

Desenvolve-se, assim, uma cultura da pessoa para a pessoa; cultura densa de valores, atraída pelo esplendor da Verdade, Evangelho de vida para o ser humano de todos os tempos, que se difunde e impregna os campos do saber, nas formas de vida e de costume, no correto ordenamento da sociedade. A ordem dos valores éticos, em última análise, tem função de primordial em todas as culturas[495]. A Civilização do Amor defende e promove os grandes valores religiosos, culturais e morais (a vida, o amor, a paz, o bem comum, a dignidade da pessoa humana e do mundo criado) e nega os antivalores. Continuaremos com a descrição da natureza e os princípios da Civilização do Amor.

3.2. Descrição da natureza da Civilização do Amor

Os jovens atuais são desafiados a assumir a causa do Reino, a construir, na Igreja, na sociedade e no universo de seus coetâneos a Civilização do Amor. Mas em que consiste a Civilização do Amor? Ela é fundamentalmente a mensagem Evangélica, proposta sem qualquer socialismo nem sentimentalismo, como convite capaz de

[492] Id. «Messaggio per la VIII GMG, 1993» (15 ago. 1992), n. 5 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[493] Id. «Omelia per gli universitari romani» (5 apr. 1979), n. 5. Em **DWVE.**
[494] Id. «Homilia durante a santa missa para os universitários em preparação para o Natal e o grande Jubileu» (14 dez. 1999), n. 3. Em **DWVEP.**
[495] Cf. Id. «Homilia durante a missa para os universitários romanos» (16 dez. 1997), n. 5. **DWVEP.**

encarnar historicamente o mistério do Reino inaugurado por Cristo e atuado pelos crentes, em particular pelos jovens.

A Civilização do Amor não é um novo partido político dos jovens cristãos nem a hegemonia da Igreja sobre os povos[496]. Paulo VI define-a como «conjunto de condições morais, civis, econômicas, que permitem à vida humana melhor condição de existência, plenitude racional, um feliz destino eterno»[497]. João Paulo II, por sua vez, apresenta os princípios de tal civilização, «princípios de um mundo novo»: «a verdade, o bem, o respeito pela dignidade do homem»[498], «paz, solidariedade, justiça e liberdade, que encontram em Cristo sua plena realização»[499].

A Civilização do Amor mostra-se também como chamado a reconhecer que o Reino de Deus cresce no mundo entre os povos e nações. Embora seja pequeno como grão de mostarda, torna-se árvore em cujos ramos os pássaros farão seus ninhos (*Mt* 13,31-32). Ela se constitui como compromisso criador que transforma os jovens em construtores ativos de novos modos de convivência e de relações humanas. É o amor a serviço da vida e uma visão do mundo a partir do Evangelho[500]. Nessa ótica evangélica, o Papa alertou firmemente os jovens: «prestem atenção ao que vos é proposto. Quando vos propõem palavras e modos de viver antievangélicos, tenham força para dizer não»[501].

---

[496] CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Pastoral da juventude**: sim à civilização do amor. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 97.
[497] PAULO VI. «Discurso de encerramento do Ano Santo» (25 dez. 1975). Em **DWVE.**
[498] GIOVANNI PAOLO II. «Discorso ai giovani nello Stadio Gerland» (5 ott. 1986), n. 21 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[499] Id. Carta Apost. **Tertio Millennio Adveniente**, 52. São Paulo: Loyola, ²1997.
[500] Cf. LUCAS, M. **Os jovens e a grande primavera da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 67.
[501] GIOVANNI PAOLO II. «Discorso ai giovani della Diocesi di Roma» (5 apr. 2001), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**

A Civilização do Amor manifesta-se também como esforço sério de todo o povo de Deus para viver o Evangelho de Jesus Cristo no âmbito pessoal e no corpo social. Ela crê que o estilo de vida inaugurado por Jesus e proclamado nas bem-aventuranças é o mais humano e atual. Então, ela não é ideologia, é cosmovisão, estilo novo de vida proposto pelo Papa aos jovens dos cinco Continentes nas JMJ. É antigo, porque inspirado na palavra e na pessoa de Jesus; e atual, porque corresponde às necessidades vigentes na sociedade. Como estilo novo, questiona o jovem crente e é proposto igualmente ao não crente. É pessoal, porque leva o jovem a viver como pessoa nova; e social, porque procura encarnar-se na própria vivência do povo.

Em poucas palavras: a Civilização do Amor consiste na construção de «nova humanidade» e de «mundo novo», na encarnação histórica do Reino. Civilização fundada sobre o amor, o perdão, a luta contra a injustiça e toda a miséria física, moral, espiritual e sobre a orientação da política, da economia, da cultura e da tecnologia a serviço do ser humano e do seu desenvolvimento integral. Para construir tal Civilização, os jovens são convidados a tomar posição contra tudo quanto avilta a pessoa humana, porque Cristo, princípio fundamental, revelou o amor do Pai por todas as criaturas[502].

3.3. Princípios da Civilização do Amor

Afirmamos que o novo milênio inaugurou-se com dois cenários contrastantes. Disso segue as questões dramáticas formuladas pelo próprio Papa, em discurso aos jovens em Toronto (2002): sobre qual fundamento construir a nova época histórica? Será suficiente apostar na revolução tecnológica em curso, sem referência à dimensão religiosa do ser humano e discernimento ético universalmente válido? Basta colher as respostas provisórias aos problemas de fundo e deixar a vida permanecer sob o domínio dos impulsos instintivos, das sensações e entusiasmos passageiros? A questão

[502] Cf. Id. **Mensagem do Papa João Paulo II...** op.cit., n. 3.

de fundo retorna: sobre quais bases, quais certezas edificar a própria existência e a comunidade humana?[503]

Quanto ao fundamental para construir a existência, o Papa, dialogando com os jovens amigos na vigília de oração em Toronto, responde que Cristo é a «pedra angular»:

> Caros amigos, vós o escutastes instintivamente dentro de vós, no entusiasmo dos vossos jovens anos, e o afirmastes com a vossa presença aqui esta noite: só *Cristo é a pedra angular sobre a qual é possível construir solidamente o edifício da própria existência*. Só Cristo, conhecido, contemplado e amado é o amigo fiel que não desilude, que se faz companheiro de estrada e as palavras aquecem o coração (cf. Lc 24, 13-35)[504].

O século XX pretendeu ignorar ou rejeitar a «pedra angular», tentando construir a cidade humana sem fazer referência a Cristo e terminou por edificá-la contra os seres humanos. A expectativa que a humanidade vai cultivando, entre tantas injustiças e sofrimentos, consiste na construção de nova civilização, na qual reinem a paz, a liberdade, a verdade e o amor. Isso exige necessariamente nova geração de construtores, que não são movidos pelo medo nem pela violência, mas pela urgência de autêntico amor, sabendo colocar pedra sobre pedra o edificar, na cidade humana, a cidade de Deus. Os construtores são os jovens[505].

A ação evangelizadora da Igreja tem como finalidade fazer a mensagem de Cristo penetrar no coração de cada pessoa humana e de todos os povos. Por isso, Ele é

---

[503] Id. «Discorso nella veglia di preghiera con i giovani» (Toronto, Downsview Park, 27 lug. 2002), n. 3 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[504] Id.
[505] Cf. Ibid. n. 4.

«o princípio da construção de uma civilização do amor»[506], «é a coluna-mestra de um mundo novo»[507]. Além dessas duas afirmações do Papa acerca do princípio fundante da Civilização do Amor e da existência humana, o seu convite aos jovens para participarem da JMJ em Roma mostra que a construção da Civilização do Amor no novo milênio implica referência a Cristo e vivência de seu Evangelho:

> Caríssimos jovens, este vosso encontro itinerante, que tocou lugares e temas sugestivos da fé, pode ser considerado como uma antecipação da JMJ que, se Deus quiser, será aqui em Roma no próximo ano. A ela, sim, hoje, vos convido todos a participar. No coração do Ano Santo de Dois mil, ela será de fato uma extraordinária ocasião para vós jovens: Cristo vos quer seus colaboradores para *construir o novo milênio*, segundo o seu universal desígnio de salvação. *Viver o Evangelho* é certamente uma tarefa exigente; mas *só com Cristo é possível edificar eficazmente a civilização do amor*[508].

Os jovens construtores da Civilização do Amor pressentem Cristo como princípio fundante da nova Civilização. Eles desejam, continua o Papa, apresentando outros quatro princípios da Civilização do Amor, «ser a vanguarda de um impulso para a fraternidade humana, para a paz, a justiça e a verdade», expressos particularmente na «solidariedade» com os pequenos, os pobres, os oprimidos[509].

Num mundo onde parece prevalecer a lógica do proveito e do interesse pessoal ou de grupo[510], a **solidariedade** cristã não é apenas uma virtude em si mesma, mas atitude espiritual para a qual convergem diversas virtudes, particularmente a justiça e o amor. A **justiça** reduz as diferenças, elimina as discriminações, assegura as

---

[506] Id. «Discorso ai segretari regionali della gioventù studentesca cattolica internazionale ed ai membri del comitato direttivo del movimento internazionale degli studenti cattolici» (16 genn. 1981), n. 2. Em **DWVE.**
[507] Id. «Homilia na santa missa para os estudantes dos ateneus romanos» (11 dez. 2001) n. 5. Em **DWVE.**
[508] Id. «Discorso ai giovani verso Assisi», s.d., n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[509] Cf. Id. «Discorso ai segretari regionali della gioventù studentesca cattolica internazionale ed ai membri del comitato direttivo del movimento internazionale degli studenti cattolici» (16 genn. 1981), n. 2. Em **DWVE.**
[510] Id. «Veglia di preghiera a Tor Vergata» (19 ago. 2000), n. 4. Em **DWVE.**

condições para o respeito da dignidade da pessoa. A alma gêmea da justiça é a **caridade**, que se explicita como serviço à pessoa, abarcando todas as dimensões da existência humana. A primeira e fundamental contribuição de cada crente na construção da civilização do amor consiste na encarnação fiel do Evangelho na própria vida. Construir a Civilização do Amor é encarnar historicamente o Reino. Quem busca sem reservas construir tal Civilização contribui eficazmente para a difusão do bem no mundo inteiro. O modo concreto e ao alcance de todos é serem apóstolos do Evangelho e artífices de nova humanidade[511].

Mas, segundo o Papa, o futuro dos jovens, do mundo e da humanidade depende diretamente da solidariedade: «É a solidariedade que salvará o futuro dos jovens, ajudando-os a crescer em harmonia. Salvá-los-ão a luta corajosa e tenaz contra o individualismo e as lógicas da exploração. A solidariedade salvará o futuro do mundo e da humanidade»[512]. Ele evidencia também a força educativa da solidariedade para os jovens: «A solidariedade com quem é menos favorecido abre o coração às grandes exigências da humanidade. Nos pobres e necessitados, pode-se conhecer o rosto de Jesus»[513].

Assim a construção da Civilização do Amor, encarnação histórica do Reino, na ótica do Papa, implica também «opção preferencial pelos pobres». Não se trata de opção exclusiva, mas, sim, de «opção preferencial». Jesus convida-nos a amar os pobres, porque a eles se deve atenção particular, por causa da sua vulnerabilidade. Eles

---

[511] Id. «Discorso all`UNIV-1999» (30 mar. 1999), n. 3. Em **DWVE.**
[512] Id. «Discorso ai giovani universitari italiani e stranieri presenti a Perugia» (26 ott. 1986), n. 3. Em **DWVE.**
[513] Id. «Messaggio all´opera della santa infanzia missionaria» (6 gen. 2003). Em **DWVE.**

crescem numericamente nos países ricos e pobres, mas «os bens deste mundo são destinados a todos»[514].

Toda situação de pobreza interpela a caridade do cristão, como empenho social e político, porque o problema da pobreza no mundo depende de condições concretas, a serem transformadas por homens e mulheres de boa vontade e, particularmente, pelos jovens, «construtores da civilização do amor». São, segundo o Papa, «estruturas de pecado» que não podem ser vencidas, senão com a colaboração de todos, na disponibilidade a «perder-se» pelo outro, ao invés de explorá-lo, a «servi-lo» ao invés de oprimi-lo[515]. A mensagem central do Papa aos jovens, referente à opção preferencial dos jovens pelos pobres, mostra caminhos concretos para construir a Civilização do Amor. Eles precisam ser percorridos, particularmente pelos jovens, na solidariedade, na partilha, na fraternidade e na participação em projetos concretos, indica o Papa:

> Caros jovens, convido-vos, de modo particular, a *tomar iniciativas concretas de solidariedade e de partilha ao lado e com os mais pobres*. Participai com generosidade em algum dos projetos que nos diversos países vêem empenhados outros coetâneos vossos, gestos de fraternidade e solidariedade: será um modo de «restituir» ao Senhor, na pessoa dos pobres, pelo menos alguma coisa de tudo o que Ele vos deu, a vós mais afortunados. E poderá ser também a expressão imediatamente visível de uma opção fundamental: a de orientar com decisão a vida para Deus e os irmãos[516]. Caros amigos, considerai com este olhar evangélico todos os vossos irmãos necessitados, os vossos vizinhos e os que estão longe. *O amor não se contenta em olhar*: ele dá a sua parte de sustento, de ajuda recíproca concreta e inventiva, de oração[517].

Muitas são as pessoas que a vida maltratou, excluídas do progresso econômico, sem um teto, uma família ou um emprego; muitas se extraviaram atrás de

---

[514] Cf. Id. «Mensagem para o XIV JMJ, 1999» (6 jan. 1999) n. 6. Em **DWVEP.**
[515] Ibid.
[516] Ibid.
[517] Id. «Discorso ai giovani nello Stadio Gerland» (5 ott. 1986), n. 21 (trad. do it.). Em **DWVE.**

falsas ilusões ou perderam já toda a esperança[518] para construir nova civilização fundada sobre a solidariedade, a justiça, o amor e a verdade.

A **verdade** é a exigência mais profunda do espírito humano. Os jovens têm fome da verdade sobre Deus, o homem, a vida e o mundo. Eles são testemunhas da **verdade**. Eles a procuram nos estudos, que têm por finalidade auxiliá-los a desenvolver o intelecto, aumentar a compreensão do sentido da realidade física e humana, ter «uma consciência aprimorada do mundo, da cultura e da linguagem e (...) procurar a verdade (...) para formar-se uma pessoa livre e responsável. Nesse caminho que nutre a inteligência não pode faltar a colhida do mistério do homem»[519], em referência a Deus para descobrir o agir no mundo. Com isso, segundo o Papa, os jovens estudantes católicos precisam aprofundar também «a própria identidade de jovem intelectual católico»[520] para dar razão da fé, construindo a Civilização do Amor.

Os jovens construtores da civilização do amor, considerando o princípio da verdade, lutam para superar, no pensamente e na ação, «a dicotomia determinada pelas diversas correntes de pensamentos, antigas e contemporâneas, (...) entre teocentrismo e antropocentrismo», afirma o Papa[521]. A Civilização do Amor, segundo o Papa, «vive da estupenda unidade entre divino e humano, celeste e terreno, histórico e transcendente»[522]. A verdade do ser humano está indissoluvelmente relacionada à verdade de Deus. Fiéis a ela, os jovens rejeitarão as tentações das ideologias, os *slogans*

---

[518] Id. «Mensagem para XVII JMJ, 2002» (25 jul. 2001), n. 4. Em **DWVE.**
[519] Id. «Discorso agli studenti di Roma» (13 febb. 1999), n. 1 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[520] Id. «Discorso ai segretari regionali della gioventù studentesca cattolica internazionale ed ai membri del comitato diretivo del movimento internazionale degli studenti cattolici» (16 genn. 1981), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[521] Id. «Discorso ai segretari regionali della gioventù studentesca cattolica internazionale ed ai membri del comitato diretivo del movimento internazionale degli studenti cattolici» (16 genn. 1981), n. 4 (trad. do it.). Em **DWVE.**
[522] Id. «Homilia durante a santa missa para os universitários em preparação para o Natal e o grande Jubileu» (14 dez. 1999), n. 21. Em **DWVE.**

simplificadores e a violência, que nada constrói. Com a fidelidade à verdade, o Papa apresenta mais três responsabilidades apostólicas dos jovens: «anunciar incansavelmente o Evangelho (...) contribuir na comunhão eclesial (...) e na evangelização da cultura»[523]. Além disso, ele afirma que a prática de tais tarefas elucida o protagonismo juvenil em favor do novo mundo, da nova relação de aliança entre Deus e os seres humanos:

> Caros jovens, acolhei estas tarefas que eu hoje coloco nas vossas mãos e traduzi-as na prática com todo o entusiasmo do qual sois capazes. Só assim conseguireis dissipar os temores e as incertezas que carregam sobre o futuro e sereis os arautos e os protagonistas de uma nova civilização, da nova aliança entre Deus e os homens[524].

O Papa, falando da ação providencial de Deus na história humana, mostra que, na construção da Civilização do Amor, o verdadeiro tem primazia sobre o útil, o bem sobre o bem-estar, a liberdade sobre as modas, a pessoa sobre a estrutura:

> O *verdadeiro* deve prevalecer sobre o útil, o *bem* sobre o bem-estar, a *liberdade* sobre as modas, à *pessoa* sobre a estrutura. O cristão, de fato, não pode limitar-se a analisar os processos históricos em curso, mantendo uma postura passiva, como se eles excedessem as suas capacidades de intervir, porque guiados pela força cega e impessoal. O crente está persuadido de que cada evento humano está sob a providencial mão de Deus, o qual pede a cada um para colaborar com Ele no orientar a história para um mundo digno do homem[525].

Outro princípio constitutivo da Civilização do Amor é **participação**. Participar é «estar juntos». Estamos juntos, em primeiro lugar, na comunidade familiar: escola fundamental de participação. Eles são convidados a construir, no futuro, boas famílias. Também a Igreja é escola de participação. Ela faz entrar, por meio de Jesus Cristo, na própria vida de Deus e participar de seu amor. Convidam-se os jovens para

---

[523] Id. «Discorso ai segretari regionali della gioventù studentesca cattolica internazionale ed ai membri del comitato diretivo del movimento internazionale degli studenti cattolici» (16 genn. 1981), n. 4. Em **DWVE.**
[524] Id. «Discorso ai giovan» (14 sett. 1980), n. 3. Em **DWVE.**
[525] Id. «Discorso ai partecipanti all`incontro internazionale UNIV-2001» (9 apr. 2001), n. 2. Em **DWVE.**

viver na graça de Deus, a qual lhes é concedida particularmente nos sacramentos, e participar no verdadeiro desenvolvimento: ajudar na criação da civilização do amor seguindo os caminhos de Cristo[526]. A mensagem fundamental do Papa aos jovens acerca do princípio de participação na construção da Civilização do Amor é: «Sois convidados a participar no verdadeiro e autêntico desenvolvimento, que mediante o justo equilíbrio entre ‹ser› e ‹possuir›, (...) na civilização do amor»[527].

A **família** é, na ótica do Papa, «o centro e coração da civilização do amor»[528]. A maioria dos jovens formará uma família. Quantas situações de mal-estar pessoal e social originam-se das dificuldades, crises e rupturas familiares? Consciente disso, o Papa convida os jovens: «Preparai-vos bem para ser no futuro os construtores de lares sadios e tranqüilos, onde se vive o clima tonificador da concórdia mediante o dialogo aberto e a compreensão recíproca. O divórcio não é solução, mas fracasso que se deve evitar»[529]. A família funda-se sobre o matrimônio indissolúvel e a abertura generosa ao precioso dom da vida. Isso implica que tudo seja fomentado em favor da santidade, da unidade e da estabilidade da família. O amor verdadeiro é exigente. Os jovens precisam descobrir e viver esse amor. Ele fundamenta solidamente e autenticamente a família e a «Civilização do Amor»[530]. O Papa deixa explícitas essas e outras convicções na seguinte mensagem aos jovens:

> A vida familiar cristã e a fidelidade no matrimônio para toda a vida são muito necessárias no mundo de hoje, no qual a sacralidade da vida humana é frequentemente ignorada e até contestada, no qual o mistério da sexualidade humana é facilmente distorcida e confusa, no qual a beleza do amor humano é esquecido em uma cega corrida pela satisfação dos desejos egoísticos. Não vos deixeis desviar ou

[526] Cf. Id. Incontro con i giovani in Piazza San Giovanni in Laterano. Vaticano: Vaticana, 1985, nn. 2-6.
[527] Ibid. n. 10.
[528] Id. «Mensagem escrita aos jovens cubanos» (23 jan. 1998) n. 5. Em **DWVEP.**
[529] Ibid.
[530] Cf. Ibid.

> desencorajar. Em Cristo e na Igreja, encontrareis a luz e a graça da qual tendes necessidade para viver na fidelidade e na alegria[531].

O Papa não só transmite as convicções da Igreja aos jovens, mas também lhes apresenta de forma magistral a responsabilidade irrenunciável do novo milênio: construir a Civilização do Amor.

3.4. Responsabilidade dos jovens hodiernos

Em 1987, na sua mensagem para a II JMJ, o Papa afirmou que a «construção da civilização do amor» «é uma responsabilidade dos jovens de hoje (...) do terceiro milênio cristão»[532], e que ela é «ao mesmo tempo pessoal: pela própria vida, (...) seu futuro (e) valor; e (...) social: pela justiça e a paz, pela ordem moral do próprio ambiente nativo e de toda a sociedade, é uma responsabilidade pelo autêntico bem comum»[533]. Contribuímos na edificação da Civilização do Amor, conscientizando os jovens de suas responsabilidades pessoais e sociais. Por isso, o Papa assumiu esse grande desafio, como compromisso pastoral ininterrupto nas JMJ.

Em 1988, no encontro com os jovens no hipódromo de Monterrico (Peru), o Papa João Paulo escolheu o texto das bem-aventuranças e, recordando as palavras de Paulo VI numa de suas homilias, o qualificou como

> um dos textos mais surpreendentes e mais positivamente revolucionários: Quem se atreveria no decurso da história proclamar ‹felizes› os pobres de espírito, os aflitos, os mansos, os sedentos de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os artífices de paz, os perseguidos, os insultados? Aquelas palavras, semeadas numa sociedade baseada na força, no poder, na riqueza, na violência, na transgressão, poderiam interpretar-se como um programa de vileza e

---

[531] Id. «Discorso nell´incontro con i giovani nel Domain Park» (22 nov. 1986), n. 6. Em **DWVE.**
[532] Id. «Menssaggio per la II GMG, 1997» (30 nov.1986), n. 3. Em **DWVE.**
[533] Id. «Omelia nella messa pasquale per gli universitari romani» (5 apr. 1979), n. 4. Em **DWVE.**

> abulia indignas do ser humano; e, ao contrário, era programa de nova Civilização do amor[534].

O Papa João Paulo II, inspirando-se nesse comentário de seu venerável antecessor Paulo VI, continuou delineando um programa pastoral com os jovens. Esse programa tornou-se verdadeiramente revolucionário para mudar a sociedade tão semelhante à descrita pelo Papa Paulo VI, como marco referencial do ambiente em que as pronunciou o próprio Jesus.

Desde então, os jovens têm a responsabilidade/tarefa de mudar a sociedade de morte e ódio em sociedade de amor. Mas a construção da Civilização do Amor não acontece imediatamente, não é ato mágico, nem compromisso de uma só geração, mas esforço conjunto e perseverante de toda comunidade humana. O caminho é longo e árduo. Por isso, o Papa cuidadosamente convida os jovens: «A construção de uma civilização do amor requer tempos fortes e perseverantes, dispostos ao sacrifício e desejosos de abrir novas estradas à convicção social, superando divisões e opostos materialismos»[535]. O vigor próprio da juventude que começou esse caminho com o Papa nas JMJ, «unidos a todos que procuram a Deus (... para) construir uma nova sociedade mais justa e mais fraterna»[536], ajuda a depositar esperança em futuro promissor para a comunidade humana no orbe terrestre.

Em 1992, em sua mensagem para a VII JMJ, o Papa estimulou os jovens a participar da construção do Reino de Cristo, como discípulos que testemunham e compartilham a fé publicamente com os outros:

> Cristo, através da Igreja, vos confia a missão fundamental de comunicar aos outros o dom da salvação e vos convida a *participar da construção do seu Reino*. Escolheu-vos (....) porque vos ama e crê em

---

[534] Apud CONFERÊNCIA EPISCOPAL PERUANA. **Costructor de la civizacion del amor**: mensajes de S. S. Juan Pablo II 14-16 de mayo de 1988 Lima-Perú. Lima: Piedul, 1988, p. 65.
[535] JOÃO PAULO II. «Menssaggi per la II GMG, 1987» (30 nov.1986), n. 3. Em **DWVE.**
[536] Ibid., n. 1.

> vós. Esse amor (...) incondicional, deve constituir a alma mesma do vosso apostolado (cf. 2 Cor 5, 14). Ser discípulos de Cristo não é um fato privado. Ao contrário, o dom da fé deve ser compartilhado com os outros (cf. 1 Cor 9, 6)[537].

Em 1995, em mensagem por ocasião da XI JMJ, o Papa convidou os jovens a afirmarem com vigor a Civilização do Amor: «Opor-nos hoje (..) àquela que parece a ‹derrotada da civilização›, para reafirmar com vigor a ‹civilização do amor› que – única – pode abrir aos homens do nosso tempo horizontes de autêntica paz e de duradoura justiça na legalidade e na solidariedade»[538].

Em 1996, em mensagem para a XII JMJ, o Papa transmite a responsabilidade missionária aos jovens missionários de Cristo: «Neste mundo vós sois convidados a viver a fraternidade, não como utopia, mas como possibilidade real; nessa sociedade vós sois convidados a construir, como verdadeiros missionários de Cristo, a civilização do amor»[539].

Em 1997, em homilia no enceramento daquela JMJ, o Papa reafirmou a missão dos jovens: «Continue a contemplar a glória de Deus, o amor de Deus; e sereis iluminados para construir a civilização do amor «fundada sobre o amor fraterno»[540], para ajudar o homem a ver o mundo transfigurado pela sabedoria e a o amor eterno»[541].

Em 2000, em discurso aos jovens a caminho de Assis, o Papa cristocentraliza a possibilidade de os jovens construírem a Civilização do Amor: «Viver

---

[537] Id. «Mensagem para a VII JMJ, 1992» (24 nov.1991), n. 1 e 2. Em **DWVEP.**
[538] Id. «Messaggio per la XI GMG, 1996» (26 nov. 1995), n. 5. Em **DWVE.**
[539] Id. «Mensagem para a XII JMJ, 1997» (15 ago. 1996), n. 8. Em **DWVEP.**
[540] Id. «Homilia para os Delegados do Fórum Internacional da Juventude» (23 ago. 1997), n. 1. Em **DWVEP.**
[541] Id. «Homilia no encerramento do encontro como os jovens em LongChamp» (24 ago. 1997), n. 6. **DWVEP.**

o Evangelho é certamente uma tarefa exigente; mas só com Cristo é possível edificar eficazmente a civilização do amor»[542].

Em 2001, no discurso aos jovens no encontro internacional, o Papa disse-lhes: «Caros jovens cristãos: testemunhai o Evangelho da caridade (...) construí a civilização do amor. Deixo-vos essas tarefas com uma grande esperança e uma grande confiança»[543].

Em 2002, o Papa comunicou a sua esperança a 600 mil jovens, que participaram da Vigília de Oração em *Downsview Park*, por ocasião da XVII JMJ, expressa na difícil e empolgante tarefa de colaborar com Deus na construção da civilização do amor, a partir do encontro fundamental com Cristo nas JMJ e do testemunho na sociedade:

> Queridos jovens, permiti-me vos confiar a minha esperança: estes construtores deveis ser vós! Vós sois os homens e as mulheres de amanhã; o futuro está contido nos vossos corações e nas vossas mãos. Deus confia-vos a tarefa, difícil, mas empolgante, de colaborar com Ele na *construção da civilização do amor*[544]. A ocorrência da JMJ tornou-se já (...) uma nova ocasião para encontrar Cristo, dar testemunho da sua presença na sociedade contemporânea e tornar-se construtores da civilização do amor[545].

Da breve exposição cronológico-temática dos textos, fica evidente que o Papa no decurso das JMJ responsabiliza, particularmente, os jovens pela «construção da civilização do amor». Mas construí-la não é tarefa fácil. Ela se torna até impossível, se os jovens contarem unicamente consigo mesmos. Mas «o que é impossível aos homens, é possível a Deus», disse Jesus (*Lc* 18, 27; 1, 37). Os jovens verdadeiros discípulos de Cristo estão conscientes da própria fragilidade, por isso, depositam toda confiança na

---

[542] Id. «Discorso ai giovani verso Assisi» (3 mag. 2003), n. 4. Em **DWVE.**
[543] Id. «Discorso ai partecipanti all`incontro internazionale «UNIV 2001» (9 apr. 2001), n. 2. **DWVE.**
[544] Id. «Discorso nella veglia con i giovani, Toronto, Downsview Park» (27 lug. 2002), n. 4. **DWVE.**
[545] Id. «Mensagem para a XVII JMJ, 2002» (25 jul.2001), n.1. Em **DWVEP.**

graça de Deus, sabendo que sem Ele nada podem fazer (cf. *Jo* 15, 5). Aquilo que os caracteriza e os distingue dos próprios coetâneos não são os talentos nem as disposições naturais, mas a firme determinação para seguir os passos de Jesus. Assim, eles se tornam imitadores, promotores e edificadores do Reino de Cristo[546], da Civilização do Amor no seio da humanidade.

Para concluir a perspectiva da «nova civilização do amor», como responsabilidade missionária dos jovens hodiernos, citamos a seguinte ilustrativa mensagem do Papa à juventude, a qual nos introduz na temática da defesa dos grandes valores para construir a Civilização do Amor:

> Estai dispostos a empenhar cotidianamente a vida para transformar a história. Hoje o mundo precisa mais do que nunca, da vossa fortaleza, e do vosso empenho, para *construir uma nova sociedade* mais justa, mais fraterna, mais humana e mais cristã: a *nova civilização do amor*, que se desdobra no serviço a todos os homens. Construireis assim a civilização *da vida e da verdade, da liberdade e da justiça, do amor, da reconciliação e da paz*[547].

Pensar nos outros até esquecer-se de si, é o modo mais eficaz para aproximar a humanidade de Deus e contribuir na construção de um mundo melhor e mais solidário, porque a conversão e o compromisso de um são sementes de salvação para todos[548]. Constrói-se um mundo melhor, ao reafirmarem-se os grandes valores, negando os antivalores.

3.5. Reafirmar os grandes valores, negar os antivalores

A construção da civilização do amor implica necessariamente a reafirmação dos grandes «valores religiosos, artísticos, culturais e morais»[549]: o respeito à dignidade

---

[546] Id. «Mensagem pela XVIII JMJ, 2003» (8 mar. 2003), n. 6. Em **DWVEP.**
[547] Id. «Messaggio ai partecipanti al congresso internazionale UNIV-2000», n. 3. Em **DWVE.**
[548] Ibid.
[549] Id. «Messaggio ai giovani della Sicília» (18 ott. 2000), nn. 2-4. Em **DWVE.**

do ser humano, a acolhida da vida, a defesa dos direitos humanos, a abertura ao transcendente e as dimensões do espírito[550], a vida de graça, o amor fraterno, a dedicação aos outros, o perdão dado e recebido, a disponibilidade para acolher e ser acolhido, a esperança, a paz[551], a fé, a unidade[552]. São valores pelos quais «vale a pena viver e dar a própria vida», afirma convictamente o Papa[553]. Afirmando tais valores, concomitantemente, negam-se os antivalores.

O valor e o sentido da *vida humana* encontram-se no realismo cristológico. Há uma grande tensão no mundo contemporâneo quanto ao sentido da vida, o seu significado, sua dignidade, seu valor. A sociedade tecnológica perdeu o verdadeiro sentido do valor da vida[554]. Há claros sintomas disso. O *materialismo* sob diversas formas, desenvolvido nos últimos séculos, deturpa o sentido e o valor da vida. Mas o materialismo não forma as raízes da cultura mundial, não é um correspondente nem uma expressão do relativismo epistemológico nem ético. *Cristo* é o maior realista da história da humanidade. Em virtude desse realismo cristológico, o ser humano[555] encontra o sentido da própria vida em Deus. Por isso, o Papa alerta os jovens acerca da «maior utopia», encontrar a vida renunciando a Deus, e os convida cantarem «a festa da vida», da fraternidade e do amor:

> A maior utopia, a fonte mais importante da infelicidade consiste na ilusão de encontrar a *vida* renunciando a Deus, de conquistar a *liberdade,* excluindo as *verdades morais* e a *responsabilidade* pessoal[556]. Sois convidados a cantar a festa da *vida*, da *liberdade*, da

[550] Cf. Id. «Mensagem para a VIII JMJ, 1993» (15 ago.1992), n.1. Em **DWVEP.**
[551] Id. «Messaggio all`opera della santa infazia missionaria» (6 gen. 2003), n. 2. Em **DWVE.**
[552] Id. «Discorso nel incontro côn i giovani nella Catedrale Greco-Catolica di Damaso» (7 magg. 2001), n. 3. Em **DWVE.**
[553] Ibid.
[554] Cf. Id. «Mensagem para a III JMJ, 1988» (13 dic.1987), n. 3. Em **DWVEP.**
[555] Id. «Omelia per gli universitari romani» (5 apr. 1979), n. 5. Em **DWVE.**
[556] Id. «Homilia no Parque Downsview-XVII JMJ» (28 jul. 2002), n. 2. Em **DWVEP.**

> *reconciliação*; sois destinados a caminhar sobre os caminhos da *fraternidade* e do *amor*[557].

Nesse caminho, a Igreja, que se diz «perita em humanidade», acompanha os jovens. Ela os auxilia a escolher com liberdade e maturidade o rumo da vida e oferece a ajuda necessária para que eles abram o coração e a alma à *transcendência*. A abertura ao *mistério do sobrenatural* fará com que eles descubram a bondade infinita, a beleza incomparável e a verdade suprema, em última análise, a imagem que Deus gravou em cada pessoa humana[558]. Com isso, o Papa esclarece os jovens quanto aos riscos das ilusões de progresso e desenvolvimento científico e tecnológico, contrárias ao desígnio divino, mostrando-lhes a nobre missão dos estudiosos e cientistas:

> As verdades eternas (...) iluminam de sábio realismo as vicissitudes quotidianas (...). Caros jovens, não cedam às ilusões de um progresso que não está conforme o desígnio divino (...), por muito maravilhoso que seja o moderno desenvolvimento científico e tecnológico, e por muito promissor que pareça o futuro da humanidade, por vezes ele encerra em si sombras assustadoras de destruição e de morte, como também aconteceu em tempos recentes (...). Eis a nobre missão que a Providência confiou aos estudiosos e cientistas (...) empenhados na investigação e no progresso: aproximar do homem e da criação com humildade e sabedoria (...) (para aproximar) cada vez mais do imperscrutável mistério de Deus[559].

Quem vive objetivando unicamente dos bens terrestres será pessoa frustrada, apesar das aparências de sucesso: para ela, a morte vai chegar com a acumulação de coisas, mas com vida fracassada (cf. *Lc* 12, 13-21). Portanto, a escolha reside entre o ser e o ter, entre a vida repleta e a existência vazia, entre a verdade e a falsidade. Nessa ótica, o Papa faz um convite cristocêntrico a todos: «viver no

---

[557] Id. «Messaggio ai partecipanti al meeting dei giovani verso il Giubileo» (21 nov. 199), n. 3. Em **DWVE.**
[558] Id. «Mensagem aos jovens cubanos» (23 jan. 1998), n. 14. Em **DWVE.**
[559] Id. «Homilia na santa missa para os estudantes dos ateneus romanos» (11 dez. 2001), n. 6. Em **DWVEP.**

seguimento do *Senhor é o valor supremo*, então todos os outros valores recebem deste a justa disposição e importância»[560].

Na sociedade vigente, que persegue a otimização dos percursos produtivos, acontece o processo de uniformização, que coloca em risco a *liberdade* pessoal e as próprias culturas nacionais. Como reagir? A doutrina social da Igreja aponta os princípios de resposta que respeita a função dos indivíduos e dos grupos. Mas, para promover cultura integral dos valores que sãos direitos da pessoa, cada um deve começar de si mesmo, para refletir nos pensamentos e nos atos a imagem de Cristo. Não é programa fácil, mas ato de fé de quem segue a Cristo e sabe que isso implica negar si mesmo, ao doar-se completamente a Deus e aos irmãos[561].

Noutra ocasião, o Papa mostra explicitamente que a liberdade está vinculada à verdade: «A *liberdade* não é a capacidade, que permite fazer tudo o que queremos, quando queremos, mas a capacidade de viver responsavelmente a *verdade* de nossa relação com Deus e com os outros»[562]. Ela consiste na prerrogativa (entre outras a santidade e o amor fraterno) dos filhos de Deus, dom, que precisa ser bem usado, fundamento do dever de cada cristão[563].

O Papa, pensando em todos que vivem os diversos estados de vida e nos que lutam por determinado ideal na sociedade atual, faz belíssimo paralelo entre alguns valores e os respectivos contra-valores:

> Penso nos noivos e na dificuldade de viver, dentro do mundo de hoje, a *pureza* na espera do matrimônio. Penso nos jovens casais e nas provas as quais está exposto o seu empenho recíproco pela *fidelidade*. Penso nas relações entre amigos e nas tentações de *deslealdade* que pode insinuar-se entre eles. Penso também em quem tomou um

[560] Id. «Mensagem para o XVI JMJ, 2001» (14 fev. 2001), n. 4. Em **DWVEP.**
[561] Id. «Discorso ai partecipanti all´incontro internazionale UNIV-2001» (9 apr. 2001), n. 4. Em **DWVE.**
[562] Id. «Incontro com i giovani nel Kiel-Center di St. Louis» (26 jan. 1999), n. 3. Em **DWVE.**
[563] Id. «Mensagem para a VI JMJ, 1991» (15 ago.1990), n. 3. Em **DWVEP.**

> caminho de especial consagração e na luta que deve às vezes enfrentar para perseverar na dedicação a Deus e aos irmãos. Penso ainda em quem quer viver relações de *solidariedade* e de *amor* num mundo onde parece prevalecer somente a lógica do *proveito* e do *interesse* pessoal ou de grupo. Penso também em quem trabalha pela *paz* e vê nascer e desenvolver em várias partes do mundo ações de *guerra*; penso em quem opera pela *liberdade* do ser humano e vê ainda *escravo* de si mesmo e dos outros; penso em quem luta para fazer amar e respeitar a *vida* humana e assiste a freqüentes *atentados* contra ela, contra o respeito a ela devido[564].

A construção da Civilização do Amor implica que os jovens digam não ao egoísmo, à rivalidade, ao ócio[565], eliminem a injustiça no próprio coração, enfrentem os erros do mundo com a verdade no amor de Cristo[566]. Implica também dizer não às «opções imorais (apresentadas) como valores», aos desatinos morais, «à verdade (apresentada) com perfil imutável de oportunidade»[567], e «ao amor livre», aos «impulsos afetivos (...) as paixões»:

> Rejeitai com determinação qualquer um dos seus sucedâneos, como o chamado «*amor livre*»! Quantas famílias foram destruídas por sua causa! Não vos esqueçais de que seguir cegamente o *impulso afetivo* muitas vezes significa ser escravo das próprias *paixões*[568].

O próprio Papa, em mensagem aos jovens cubanos, oferece conclusão lógica do estudo acerca da reafirmação dos grandes valores para construir a civilização do amor, mostrando que a melhor herança a ser comunicada às próximas gerações (e à atual) são os valores superiores do espírito:

> A melhor herança que se pode comunicar às futuras gerações é a transmissão dos *valores superiores do espírito*. Não se trata apenas de salvar alguns deles, mas de favorecer uma educação ética e cívica que vos ajude a assumir novos valores, a reconstruir o próprio caráter e a

---

564 Id. «Veglia di preghiera a Tor Vergata» (19 ago. 2000), n. 4. Em **DWVE.**
565 Cf. Id. «Mensagem para a XVIII JMJ, 2003» (8 mar. 2003), n. 6. Em **DWVEP.**
566 Cf. Id. «Discorso ai giovani nel Sidney Cricket Ground» (25 nov. 1986), n. 8. Em **DWVE.**
567 Id. «Discorso ai giovani della Diocesi di Roma» (5 apr. 2001), n. 3. Em **DWVE.**
568 Id. «Mensagem aos jovens cubanos» (23 jan. 1998), n.5. Em **DWVE.**

alma social sobre a base de uma educação para a *liberdade, a justiça social e a responsabilidade*[569].

4. Conclusão

A finalidade da mensagem do Papa aos jovens é constituir-se como programa diretivo de opção de vida. Ela gira principalmente em torno de três pressupostos teológico-pastorais fundamentais: o cristológico, o eclesiológico e o mariológico. Mas Jesus Cristo é o fulcro das mensagens pastorais do Papa aos jovens hodiernos no contexto das JMJ.

João Paulo II é o Papa da dignidade da pessoa humana. A tutela e promoção da pessoa e de seus direitos constituem o núcleo central da missão da Igreja. Trata-se de direitos naturais, universais e invioláveis, porque emanam do próprio Deus. A verdade do ser humano está indissoluvelmente ligada à verdade do Filho de Deus encarnado. Cristo esclarece o mistério da vida e leva todas as potencialidades da pessoa à plena maturidade em Deus. O ser humano só é inteligível à luz de Cristo-Deus.

O ser humano à luz do mistério de Cristo é a pessoa criada no Verbo à imagem e semelhança de Deus e redimida, a quem conseqüentemente essa imagem é restituída pela libertação e redenção realizada por Cristo na Cruz. Ele é um ser pecador, provido de dignidade pessoal, verdadeiro sujeito e, ao mesmo tempo, enriquecido por uma dimensão social, um ser livre, chamado a desenvolver continuamente, capaz de verdade, justiça, paz, e amor. Trabalhando, transforma o universo, é autor de cultura. Tem uma dimensão moral e religiosa fundamental, está aberto ao transcendente, ao Absoluto.

---

[569] Id. «Mensagem aos jovens cubanos» (23 jan. 1998), n. 4. Em **DWVEP.**

A mensagem do Papa aos jovens é marcadamente cristocêntrica. **Jesus Cristo** é a única resposta fundamentalmente essencial às interrogativas do ser humano. A sua **Encarnação** abre a inteligência da fé da pessoa humana ao conhecimento do amor de Deus e à compreensão do sentido da sua existência e da história. A sua **morte** na Cruz resgatou o ser humano do mal e do pecado. A tarefa da Igreja é formar Cristo nos jovens, e a dos jovens é servi-lo, servindo os irmãos.

Cristo vive na **Igreja**, que é o mistério de Cristo vivente e operante no mundo. Ela é a vinha (cf. *Jr* 2, 21; *Is* 5, 1-7) plantada pelo Senhor (cf. *Jo* 15, 5). Os jovens, ramos vivos, participam da missão de Cristo (cf. *Mt* 20, 4) e da sua Igreja. Essa é por natureza uma comunidade missionária. A comunhão eclesial é missionária. A Igreja é uma comunhão orgânica, que precisa dos operários jovens para evangelizar o mundo. Eles descobrem a Igreja universal nas JMJ. A Igreja é essencialmente mistério de comunhão com a Santíssima Trindade.

Maria sintetiza na sua pessoa todo o mistério da Igreja, é a «filha predestinada do Pai». «Filha» do Pai tornou-se a Mãe do Seu Filho (cf. *Lc* 1, 38). É Mãe de Deus, porque perfeitamente filha do Pai. É Mãe da divina graça, porque é Mãe do Autor da graça. É a primeira colaboradora de Deus na obra da salvação. Ela é também exemplo de defesa e promoção da vida, de ternura, de fortaleza no sofrimento, de pureza na vida e de alegria para os jovens.

Construir a **paz** no mundo, onde abundam os tormentos derivados do pecado, o ódio, a violência, o terrorismo e a guerra, é um compromisso inadiável dos jovens. Trata-se da comum consciência de pertencer à única família humana. Os jovens querem a paz. Jesus Cristo chama os jovens para serem os apóstolos da sua paz no novo milênio. Ele é o fundamento por excelência da paz. Cristo ressuscitado oferece a paz ao mundo inteiro, a oração ajuda os jovens a conhecerem e transmitirem Cristo como dom

da paz ao mundo. Constroem-se a paz, a cooperação entre as nações, a harmonização dos interresses diversos e contrastantes de culturas e instituições, sobre quatro pilares: a verdade, a justiça, o amor e a liberdade.

O ecumenismo é a prioridade mais urgente da comunidade cristã. Cristo é o fundamento da **unidade dos cristãos**. Isso é um desejo explícito na oração de Cristo ao Pai: «a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviastes» (*Jo* 17, 21). A oração constante e fervorosa é a «alma de todo o movimento ecumênico». A recomposição de todas as Igrejas cristãs, em torno a um só Pastor (cf. *Jo* 10, 16), não é fruto só de esforços humanos, mas, sobretudo, graça e dom do Espírito Santo. Os jovens são convidados a tomar iniciativas ecumênicas concretas. A promoção da unidade dos cristãos é uma missão prioritária da Igreja. Os jovens unidos entre si encontram forças para lutar pela unidade e, na unidade, construirão a paz de Cristo. Assim eles se tornam artífices de unidade, de paz e protagonistas da Civilização do Amor.

A «**cultura da morte**» rejeita a luz da vida, preferindo as «trevas», a injustiça, a discriminação, a exploração, a impostura, a violência, «a morte de inocentes». Diante disso, a tarefa dos jovens consiste em anunciar e promover a cultura integral, que tende ao desenvolvimento completo da pessoa humana e ressalta os valores da inteligência, da vontade, da consciência, da fraternidade, todos baseados no Deus Criador e exaltados em Cristo.

A responsabilidade irrenunciável dos jovens no terceiro milênio é construir a Civilização do Amor. Essa Civilização consiste fundamentalmente na transmissão da mensagem Evangélica, sem socialismo nem sentimentalismo, como convite capaz de encarnar historicamente o mistério do Reino inaugurado por Cristo e atuado pelos crentes. Ela não é um novo partido político dos cristãos, nem a hegemonia da Igreja

sobre os povos, mas esforço de todo o povo de Deus para encarnar o Evangelho de Cristo no âmbito pessoal e no corpo social. Cristo é o princípio fundante da nova Civilização, junto com a **solidariedade,** a justiça, a caridade, a **verdade,** a **família,** centro e coração da civilização do amor. Ela se funda ao amor, ao perdão, à luta contra a injustiça e toda a miséria física, moral, espiritual, e à orientação da política, da economia, da cultura e da tecnologia, a serviço do ser humano e do seu desenvolvimento integral.

A construção da Civilização do Amor implica necessariamente a reafirmação dos valores religiosos, artísticos, culturais e morais e a negação dos antivalores, o egoísmo, à rivalidade, o ócio, a injustiça, os erros do mundo, as opções imorais, os desatinos morais, a verdade com perfil imutável de oportunidade, o amor livre, os impulsos afetivos. Diante disso, a melhor herança a ser comunicada às próximas gerações são os valores superiores do espírito.

TERCEIRA PARTE

A MENSAGEM DO PAPA À JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA ***117***

1. Pressupostos teológicos fundamentais **117**

1.1. Objetivo da mensagem e itinerário teológico-pastoral 117
1.2. Pressuposto Antropológico: primazia da dignidade da pessoa humana 120

1.3. Pressuposto Antropocristológico: o ser humano à luz do mistério de Cristo 123
1.4. Pressuposto Cristológico: da encarnação do Verbo à missão da Igreja 127
1.5. Pressuposto Eclesiológico: Igreja de Cristo, mistério de missão e comunhão de amor 132
1.6. Pressuposto Mariológico: Maria, Mãe de Deus, modelo máximo que conduz os jovens a Cristo 136

2. Construir a paz no século XXI 139

2.1. A natureza e o ideal juvenil de paz diante dos desafios atuais 139
2.2. Dimensões práticas da paz 143
2.3. A missão jovem de paz e os quatro pilares da paz 146
2.4. A unidade dos cristãos como empenho ecumênico 151

3. Construir a civilização do amor: encarnação histórica do Reino 156

3.1. A cultura efêmera de morte 156
3.2. Descrição da natureza da Civilização do Amor 159
3.3. Princípios da Civilização do Amor 161
3.4. Responsabilidade dos jovens hodiernos 169
3.5. Reafirmar os grandes valores, negar os antivalores 173

4. Conclusão 178

CONCLUSÃO FINAL COM DIRETRIZES PASTORAIS À LUZ DAS JMJ 134

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 144

CONCLUSÃO COM DIRETRIZES PASTORAIS À LUZ DAS JMJ

> (...) o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira (...) Eu sou a videira; vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele, produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer.
> (*Jo* 15, 4-5)

As XX JMJ contribuíram para fazer a Igreja atenta às interrogações e ao grito dos jovens de hoje, favorecendo assim o diálogo entre as gerações. Uma das chaves do sucesso das JMJ é o fato de serem realizadas para e pelos jovens com o Papa. Em diversos momentos, os jovens são convidados a tomar consciência do patrimônio de fé e do testemunho de que são herdeiros (*traditio*) e a assumir a grande responsabilidade missionária do terceiro milênio cristão (*redditio*): construir a paz na Civilização do Amor. A peregrinação as JMJ tem um significado espiritual muito profundo e pode constituir de *per si* importante catequese.

A «peregrinação das JMJ»[570] possibilita, como finalidade, a descoberta da norma concreta da vida humana: o Verbo eterno de Deus, que João viu, ouviu e tocou (cf. *1Jo* 1, 1-2). A experiência das JMJ foi radicada na verdade da encarnação do Verbo. Os jovens peregrinos buscam a comunhão com Deus na humanidade de Cristo e descobrem a «história e a tradição» da Igreja e o próprio Cristo como fundamento dos verdadeiros valores religiosos, artísticos, culturais e morais. A peregrinação responde à natural necessidade humana de ver e tocar a Deus. Durante a peregrinação a Buenos Aires (1987), a Santiago de Compostela (1989), a Czestochowa (1991), a Denver (1993), à Filipinas (1995), a Paris (1997), a Roma (2000), a Toronto (2002) e a Colônia (2005), os jovens vivenciaram esse encontro/contato com Cristo.

---

[570] JOÃO PAULO II. «Homilia na Missa de encerramento da XV JMJ» (20 ago. 2000). Em **DWVEP**.

A maioria dos jovens que participam das peregrinações as JMJ estão próximos ao modelo oficial de religiosidade, que une compromisso e consciência (o caráter «ativo» da fé) a uma confiança na orientação da igreja (o caráter «não crítico ou seletivo»). Mas a religiosidade juvenil não se manifesta monoliticamente: não faltam posições diversas. De um lado, registra-se presença de jovens que vivem a própria religiosidade de modo afastado, sem se sentirem muito envolvidos (postura «indefinida») ou sem repensarem pessoalmente a própria fé (postura de «espectadores»). De outro lado, há também jovens que, mesmo atribuindo importância à própria fé e vivendo-a de modo intenso, não se reconhecem plenamente na Igreja, e suas posições vão da manifestação de reserva ou perplexidade à reivindicação de autonomia.

As JMJ ajudam os **adultos** a reconhecerem a necessidade de depositar confiança, atribuir responsabilidades e amar profundamente os jovens: eis a intuição fundamental que o Papa João Paulo II expressou e traduziu em fatos durante as XX JMJ (1985-2005) e em todo o longo Pontificado (1978-2005). A **pastoral juvenil**, por sua vez, deve incorporar essa formidável intuição pontifícia em seu projeto pastoral ordinário, como chave (confiar, responsabilizar e amar os jovens) que possibilita evangelizar eficazmente o universo juvenil. A missão irrenunciável da **Igreja** de hoje consiste em transmitir a rica experiência bi-milenar aos jovens em relação dialogal ininterrupta.

A Pastoral Juvenil tem como missão fundamental evangelizar **o mundo dos jovens**. As JMJ oferecem **diretrizes pastorais** úteis à Pastoral Juvenil: uma vida profundamente radicada em Cristo, estruturada por sólida formação (tanto dos jovens como dos agentes de pastoral juvenil), animada de amor a Igreja, empenhada no mundo e orientada à missão, além de envolver toda a comunidade cristã, usar linguagem múltipla e apresentar um cristianismo de grandes horizontes e alta estatura (como visto

na segunda parte). Vejamos detalhadamente cinco diretrizes pastorais à luz das JMJ, porque três já foram apresentadas na segunda parte.

Primeira diretriz pastoral: uma vida profundamente radicada em Cristo

A prioridade da pastoral juvenil consiste em fortificar os jovens na relação com Jesus Cristo. As JMJ têm permitido a muitos jovens viver uma efusão do Espírito Santo que se distingue exatamente pelo encontro pessoal com Cristo, descoberto como pessoa viva. Por isso, conscientemente disse o Papa aos jovens: «Não se pode aprender o cristianismo como lição composta por diversos capítulos, mas é preciso associá-lo sempre a uma pessoa, a uma pessoa viva: Jesus Cristo»[571]. Ele falou também a eles que: o «ser e o existir do cristão devem unificar-se em torno ao núcleo central, a adesão a Jesus Cristo»[572]. Uma símile experiência renova toda a vida cristã do batizado e revitaliza o zelo pela evangelização.

A relação fundamental com Cristo constitui-se dia após dia na oração pessoal, na leitura da Palavra de Deus e na vida sacramental regular. Esses elementos não são muito comuns à geração hodierna pouco habituada a enfrentar tarefas concretas e duradouras. Daí a importância de introduzir e acompanhar tal geração na vida espiritual em movimento.

Os jovens buscam autênticas propostas de oração. Eles também estão geralmente confusos pelos turbilhões de ofertas espiritualistas díspares, assombrados exatamente com a própria geração, mas têm fome de silêncio e estão prontos para ser guiados no caminho da interioridade, absolutamente necessária para o equilíbrio tanto humano quanto espiritual. A educação para a vida litúrgica e sacramental ajuda a entrar

---

[571] Id. «Messaggio ai giovanni di Francia» (1 giu. 1980) n. 9. Em **DWVE.**
[572] Id. «Discorso nell´incontro con i giovani nella Catedrale Greco-Cattolica di Damasco» (7 magg. 2001), n. 4. Em **DWVE.**

na profundidade da vida de fé e na beleza do Mistério da Igreja de Cristo, como magnificamente ilustra o seguinte texto do Papa João Paulo II aos jovens:

> A base de tudo está numa relação cotidiana e sincera com o Mestre divino: *a oração, a escuta da Palavra, e a meditação, a celebração da eucaristia, a adoração da Eucaristia e o sacramento da Confissão*. Voltar às *fontes da fé*, à oração, não significa refugiar-se num vago sentimentalismo religioso, mas dedicar-se mais à contemplação da face de Cristo, condição indispensável para podê-lo refletir na vida[573].

Cristo é o modelo por excelência para os jovens hodiernos crescerem até a plena maturidade. Vimos, na segunda parte, que os jovens precisam de modelos para se espelhar e construir a vida. Nessa ótica, apresentamos os santos e mártires como modelos correspondentes às exigências da juventude hodierna. Na terceira parte, vimos Maria como exemplo de máxima perfeição cristã. Apesar de tudo isso, e mesmo as JMJ reservando um momento particular (a Vigília) a tais figuras/pessoas, o Papa apresenta especialmente Jesus Cristo, em sua humanidade, como modelo/caminho ideal por excelência para os jovens do mundo inteiro:

> *Cristo é o vosso modelo*: Cristo na sua humanidade, Cristo homem. Prestai atenção: Ele não é só o vosso fim, é também o caminho que conduz onde estais andando. E sobre o caminho Ele age como um pastor; Ele chega ao fim a ponto de dar a si mesmo como comida para a vossa viagem. Se aceitardes *modelar a vossa juventude sob Cristo*, encontrareis o inteiro processo numa única palavra no Evangelho de Lucas. A palavra é que Jesus ‹crescia›. ‹Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens› (*Lc* 2, 52). Esse não é um convite para vós? A palavra de Cristo ‹segui-me› (*Mt* 4, 19) deveria tocar uma corda particular no vosso coração. Aceitai o chamado de Cristo, esse é um modo seguro de responder a vossa vocação de serdes adultos plenamente maduros; e esta é a aspiração fundamental de todo jovem merecedor[574].

Daí segue que o exemplo e o testemunho pessoal são elementos educativos importantes para se inserir na vida da pastoral juvenil. Os jovens têm necessidade de

---

[573] Id. «Discorso ai giovani della Diocesi di Roma» (5 apr. 2001), nn. 5 e 6. Em **DWVE.**
[574] Id. «Discorso agli studenti dell´università di Santo Tomas» (18 febb. 1981), n. 2. Em **DWVE.**

perceber a coerência entre palavra e ação. Nessa ótica, seria importante mostrá-los testemunhas da fé, comprometidas na vida da Igreja e no mundo. A pastoral vocacional está no coração de cada pastoral juvenil, porque os jovens refletem sobre o próprio advir para descobrir a vocação, o chamado único de Deus para cada ser humano.

A presença de pessoas de diversos estados de vida nos grupos juvenis fará crescer nos jovens o desejo de santidade e lhes ajudará a reconhecer a vocação específica (matrimônio, sacerdócio, vida consagrada) para responder radicalmente o chamado do Senhor. Assim a pastoral das vocações será realmente valorizada, enquanto plenamente integrada ao conjunto dos objetivos pastorais, embora isso implique necessariamente um programa de ação pastoral exigente.

Segunda diretriz pastoral: uma vida estruturada por sólida formação

Os jovens estão prontos para serem instruídos e educados na fé, ainda que se declarem não crentes ou estranhos a Igreja. Eis um dos paradoxos da nossa época. A ignorância deles quanto às realidades de fé torna-os abertos para receber um primeiro nutrimento, que permite ascender à formação mais sólida. Depois das JMJ, constata-se de fato um incremento de catecúmenos e de praticantes de «retorno», sobretudo nos países organizadores do evento, como ilustramos na segunda parte. O interesse suscitado pelas «catequeses», «guiados pela atenção pastoral dos Bispos»[575], ocorridas durante as JMJ, ilustra também essa tendência, como vimos na primeira parte. Daí segue a quarta pista para a pastoral juvenil hodierna: por que não efetivar a experiência catequética positiva das JMJ em âmbito local? Por que não programar e estabelecer encontros catequéticos dos bispos com os jovens no âmbito diocesano? Mas que tipo de formação privilegiar em tais encontros?

---

[575] Id. «Mensagem aos jovens cubanos» (23 jan. 1998), n. 6. Em **DWVE.**

Os jovens de hoje necessitam de formação, ao mesmo tempo, estruturada e estruturante, que associe os fundamentos da fé e a experiência cristã. Uma formação sólida e acurada, constantemente nutrida pela meditação da Palavra de Deus, acompanhada e promovida pelos agentes de pastoral, que ajudam os jovens no caminho de fé, e fundamentada sobre critérios apropriados para discernir a genuína identidade cristã e em sintonia com os Pastores da Igreja[576] sem perder a capacidade crítica.

Mas, para ser atraente, tal formação deve ser acessível e diversificada. Ela pode ser descrita da seguinte forma, conforme os textos do Papa João Paulo II aos jovens:

a) uma «formação **integral**»[577], que considere a pessoa holisticamente, tanto no aspecto humano como espiritual, também na relação entre natureza e graça. Uma formação integral capaz de preparar os jovens para vida responsável no seio da família, da sociedade e da Igreja, formação humana e espiritual[578];

b) uma formação **bíblica e antropológica**[579], que introduza os jovens na compreensão do plano da salvação de Deus para os seres humanos, e os ajude a estruturarem a personalidade e a exercitarem responsavelmente a liberdade. Esta se constitui como prioridade, porque os jovens de hoje têm muita dificuldade para empenhar-se e

[576] Cf. Id. «Mensaggio ai giovani della F.U.C.I.» (26 apr. 2002), n. 1. Em **DWVE.**
[577] Id. «Homilia durante a santa missa para os estudantes dos ateneus da cidade de Roma» (10 dez. 2002), n. 4. Em **DWVE.**
[578] Cf. Ibid.
[579] Interessante notar que o Papa indica aos jovens de modo magistral os ensinamentos basilares da palavra de Deus: a natureza mesma de Deus, conhecer o destino eterno, a verdadeira dignidade do homem, como se comportar e a presença sempre atual de Cristo. Cf. GIOVANNI PAOLO II. «Omelia nella santa messa per i giovani del movimento internazionale-OASI» (24 lug. 1980), n. 2. Em **DWVE.**

tomar uma decisão que abarque toda sua vida. É preciso estimular o gosto pela Palavra e a alegria de poder testemunhar Deus[580];

c) uma formação **doutrinal** sistemática e coerente, que sublinhe as nossas razões de crer e ofereça o tesouro da fé cristã, assim como foi transmitida pela Tradição;

d) uma formação **eclesial** que ajude os jovens batizados a descobrirem a própria identidade cristã e a amarem a Igreja como uma Mãe que cuida dos filhos e vigia pela educação para a vida;

e) uma profunda formação **moral cristã**, que seja intimamente vivida e realize síntese cada vez mais harmoniosa ente fé e razão, entre fé e cultura, entre fé e vida[581]. Uma formação ética que dê pontos de referência objetivos para os jovens orientarem-se em suas opções fundamentais na vida concreta.

Considerando a diversidade das situações, surge a necessidade de propor aos jovens «percursos» congruentes com o itinerário de fé. Nessa ótica, é bom que a pastoral juvenil considere os diversos aspectos da formação integral apresentados complementarmente, não isoladamente. Daí a exortação do Papa aos agentes de pastoral juvenil acerca de tais aspectos formativos: «Este é um maravilhoso programa pastoral, que deveis atuar dia a dia; este é o vosso serviço de amor»[582]. Ele nos oferece também memorável testemunho sobre a necessidade da formação integral dos jovens, no qual recorda a sua experiência pastoral pessoal com a juventude universitária:

> Recordo a minha experiência universitária pessoal. Do cotidiano com os alunos e os professores, aprendi que é necessária uma *formação*

[580] JOÃO PAULO II. «Homilia na missa para os participantes no VII Fórum Internacional da Juventude» (17 ago. 2000), n. 2. Em **DWVEP.**
[581] Cf. Id. «Omelia nella messa pasquale per gli universitari romani» (5 apr. 1979), n. 5. Em **DWVE.**
[582] Id. «Discorso ai giovani della Diocesi di Roma» (5 apr. 2001) nn. 5 e 6. Em **DWVE.**

> *integral*, capaz de preparar os jovens para a vida: um ensino que os eduque a fim de poderem assumir de maneira responsável o papel que lhes cabe no seio da família e da sociedade, com uma competência não só profissional, mas também humana e espiritual[583].

Não resta dúvida de que, se a pastoral quiser responder adequadamente à sua missão evangelizadora do universo juvenil, precisa elaborar projeto de formação integral do jovem hodierno, que abarque todos os aspectos apresentados. Então, o que dizer dos agentes de pastoral juvenil? Eles também precisam de formação permanente.

Terceira diretriz pastoral: formação permanente dos agentes de pastoral juvenil

A formação dos formadores/agentes de pastoral juvenil é uma das necessidades urgentes da Igreja de hoje. Graças às JMJ, cresceu uma geração de jovens, a denominada «geração de João Paulo II», a geração das «sentinelas da manhã»[584], a geração do «povo das bem-aventuranças»[585]. Esses jovens têm necessidade de nova geração de formadores, nova nos métodos, nos programas e no entusiasmo. Consciente disso, o Papa diz-nos abertamente:

> Hoje é necessário repensar o modo de aproximar-nos dos jovens para anunciar-lhes o Evangelho. Devemos colocar-nos certamente em questão para evangelizar o mundo juvenil, mas com a certeza de que também hoje Cristo quer deixar-se ver, (...) quer mostrar a todos o seu Rosto[586].

O setor da pastoral juvenil, talvez mais que outros setores pastorais da Igreja, exige testemunho autêntico e crível de Cristo, que corresponda às expectativas

---

[583] Id. «Homilia durante a santa missa para os estudantes dos ateneus da cidade de Roma» (10 dez. 2002), n. 4. Em **DWVEP.**
[584] Id. «Messaggio al movimento giovanile e guanelliano» (20 apr. 2002), n. 4. Em **DWVE.**
[585] Id. «Mensagem em preparação para a XVIII JMJ» (8 mar. 2003) n. 1. Em **DWVEP**; Id. «Homilia na XVII JMJ» (28 jul. 2002), n. 6. Em **DWVEP**; Id. «Homilia na concelebração eucarística no DR» (24 mar.2002), n. 5. Em **DWVEP.**
[586] Id. «Discorso ai giovani della Diocesi di Roma in preparazione alla XIX GMG» (01 apr. 2000), n. 2. Em **DWVE.**

juvenis. Quem trabalha com os jovens sabe bem o quanto é fácil desiludi-los, e quão pouco basta para perdê-los.

A pergunta dos gregos aos apóstolos, «Queremos ver Jesus» (como visto na primeira parte: tema da XIX JMJ-2004), exprime plenamente o desejo profundo dos jovens corações. Um desejo que lhes estimula a olharem em torno, a procurarem, a interrogarem. Essa expectativa, essa esperança, para os responsáveis da pastoral juvenil, acarreta pergunta inadiável sobre a própria capacidade de fazer o jovem de hoje «ver Jesus».

A pastoral juvenil hodierna não pode ser uma rotina. É urgente redescobrir a dimensão profética, reencontrando o ardor, a coragem, a capacidade de ir contra a correnteza, de romper com esquemas preestabelecidos. Ela se constitui como campo de ação, no qual se decide o futuro da Igreja. Mas métodos e programas por si só não bastam, se não tivermos a capacidade de nos questionar. Daí surge a necessidade de nos interrogarmos seriamente acerca do próprio testemunho de vida diante desta permanente pergunta originada no mundo dos jovens: «queríamos ver Jesus» (*Jo*12, 21). O Papa comenta assim esse texto bíblico na sua Carta Apostólica **Novo millennio ineunte**:

> Como aqueles peregrinos de dois mil anos, os homens do nosso tempo, talvez sem se dar conta, pedem aos crentes de hoje não só que lhes falem de Cristo, mas também que de certa forma façam ver (...) nosso testemunho seria excessivamente pobre, se primeiro não fôssemos *contemplativos do seu rosto*[587]. E acrescenta: vivemos num tempo em contínuo movimento, em que muitas vezes se chega à agitação, caindo-se facilmente no risco do "fazer por fazer". É preciso resistir a esta tentação, procurando antes o "ser" ao "fazer"[588].

As JMJ interpelam os agentes de pastoral juvenil menos sobre o fazer, porque geralmente se realizam muitas coisas, e mais sobre o ser. Talvez seja preciso

---

[587] Id. Carta Apost. **Novo millennio ineunte**. São Paulo: Paulus/Loyola, ³2003, n. 16.
[588] Ibid., n. 15.

promover menos congressos, menos convênios e mais retiros espirituais para sermos melhor. A pastoral juvenil hodierna exige maior consistência espiritual. Incentivando a formação espiritual dos agentes de pastoral juvenil, o Papa disse aos jovens vocacionados: «O requisito necessário para o (apostolado) é a formação espiritual, mediante a qual encontramos a unidade da personalidade e da existência e descobrimos a importância da oração pela Igreja e pelo Mundo»[589].

Assim, a formação permanente dos agentes de pastoral juvenil, setor verdadeiramente estratégico da ação pastoral da Igreja, mostra-se como questão de máxima importância nos dias de hoje.

Quarta diretriz pastoral: uma vida animada de amor a Igreja

As JMJ, como apresentadas no início da primeira parte, são uma ocasião privilegiada para **fazer os jovens descobrirem a Igreja na sua universalidade**. Daí surge à questão: como fazer ainda mais presente essa dimensão da Igreja na pastoral ordinária? Um meio simples e pedagógico seria fazer os jovens viverem no ritmo da Igreja universal: associando a pastoral ordinária às iniciativas do Papa João Paulo II com os jovens nas JMJ; fazendo-os rezar regularmente segundo as intenções da Igreja; e fazê-los conhecer a riqueza educativa extraordinária dos textos pontifícios estudados.

A pastoral juvenil ordinária enriquecer-se-ia muito se inspirasse a ação pastoral nas grandes orientações do Papa. Ela poderia, por exemplo, colher algumas diretrizes pastorais da mensagem anual que ele dirigia (e agora Bento XVI dirige) aos jovens do mundo inteiro, por ocasião de cada JMJ. Isso tem muita relevância, porque o estudo e a meditação da mensagem pontifícia nos grupos paroquiais são um elemento

[589] Id. «Messaggio durante la veglia di preghiera per le vocazioni-XII-GMG» (21 ago. 1997), n.1. Em **DWVE.**

fundamental do programa pastoral de cada JMJ, como indicamos na primeira parte. Isso goza de validez tanto na fase preparatória, como no pós-JMJ.

Outro elemento positivo das JMJ é **fazer os jovens descobrirem a Igreja na sua universal-diversidade**. O Papa oportunamente mostra-nos, em homilia aos jovens participantes do VII Fórum Internacional, essa diversidade-católica como manifestação da riqueza do dom da Revelação:

> Quanta riqueza na universalidade da Igreja, na sua ‹catolicidade›! Quanta diversidade segundo os países, os ritos, as espiritualidades, as associações, movimentos e comunidades, quanta beleza e, ao mesmo tempo, que profunda comunhão nos valores e adesão comuns à pessoa de Jesus, o Senhor! Percebestes, vivendo e orando juntos, que a diversidade dos vossos modos de acolher e de exprimir a fé não vos separa uns dos outros nem vos põe em concorrência. Ela é apenas uma manifestação da riqueza daquele único e extraordinário dom que é a Revelação, do qual o mundo tanto precisa[590].

Em cada Igreja local seria bom promulgar essa experiência, encorajando ao conhecimento da realidade eclesial diversa e suscitando iniciativas e colaborações novas, por exemplo, entre paróquias e escolas, entre instância diocesana, movimentos eclesiais e novas comunidades. É uma ocasião propícia para consentir a uns e outros a possibilidade de se conhecerem melhor e se respeitarem reciprocamente. Para os jovens, ávidos por conhecer de maneira diversa a fé, podem ser tomadas várias iniciativas que favoreçam a partilha, com os coetâneos provenientes de ambientes e horizontes culturais diferentes e com jovens de outras regiões e/ou países.

Mas permanece intacta a dificuldade principal do pós-JMJ: como encorajar os jovens a freqüentarem as paróquias, pois geralmente as suas dioceses de proveniência são pouco numerosas e constituídas majoritariamente por pessoas idosas (particularmente na Europa hodierna)? Eles não se sentem atraídos porque não

[590] Id. «Homilia na missa para os participantes no VII Fórum Internacional da Juventude» (17 ago. 2000), n. 2. Em **DWVE.**

encontram a vida vivenciada nas JMJ, com centenas de milhares de jovens reunidos em torno ao Papa. Não é certamente possível «reproduzir» artificialmente a experiência de comunhão vivida em Manila, Denver, Paris, Roma, Toronto e, na JMJ mais recente, Colônia (Alemanha-2005, com Bento XVI). Mas, com zelo, os agentes de pastoral juvenil podem ajudar as paróquias, os assistentes e os grupos de suas cidades ou regiões a tornarem-se mais uma comunidade aberta, na qual a vida fraterna seja calorosa: porque vida atrai vida. Uma das prioridades pastorais é a qualidade da acolhida, que seja atenta e personalizada. Isso comporta a presença de pessoas disponíveis para escutar os jovens e caminhar com eles na fé. Uma pastoral da confidência. Desse modo, os jovens virão e começarão a participar confiantemente.

Na sociedade atual, os jovens experimentam grande solidão, muitas vezes mascarada pela necessidade de agregações; eles buscam saídas nas bandas de músicas ou nos grupos de amigos. Mas o verdadeiro crescimento humano e espiritual encontra-se na constituição de uma rede de acompanhantes formados no âmbito das comunidades cristãs.

Em poucas palavras: o pós-JMJ exige da pastoral local o estabelecimento de uma pastoral de escuta e de acompanhamento personalizado. Eis o formidável ensinamento do Papa João Paulo II a todos pastoralistas: «Deus não considera a humanidade como uma *massa anônima*, mas se detém diante de *cada indivíduo* e cuida de cada um *pessoalmente*»[591].

[591] Id. «Homilia para Universitários de Roma» (10 dez. 2002), n. 5. Em **DWVE.**

Quinta diretriz pastoral: uma vida empenhada no mundo e orientada à missão

Se a oração e a vida espiritual são elementos importantes de cada vida cristã, a experiência concreta demonstra que muitos jovens têm necessidade de fazer alguma ação e de servir. Por isso, encorajá-los a aderir a iniciativas humanitárias e/ou sociais pode ser um bom meio para ajudá-los a tomarem consciência do fato de que o cristão deve empenhar-se no mundo e assumir as próprias responsabilidades na sociedade, ao serviço do bem comum e da construção da paz na Civilização do Amor. Colocando-se a serviço dos mais pobres, o coração do jovem abrir-se-á à compaixão e à caridade e, em resposta ao desígnio de Deus ao revelar o próprio amor a todos os homens, crescerá nele o desejo da missão.

A pastoral juvenil deve considerar essa prospectiva missionária, animada pelo desejo de salvação de todos os homens. Suscitar localmente diversas iniciativas missionárias faz os jovens compreenderem que a **missão é a vocação normal e «essencial» de todos os batizados**. Toda forma de evangelização implica um anúncio explícito. Essas iniciativas não se opõem ao testemunho de vida, também necessário no âmbito da existência cotidiana normal, no mundo dos estudos, do trabalho ou no tempo livre. Muitos jovens não se sentem bem participando de Igreja estática, mas de Igreja dinâmica, que não os teme e sai do fechamento, como fez o Papa no decurso das XX JMJ, para pregar e testemunhar publicamente a própria fé. Daí a necessidade de a pastoral juvenil promover e estimular as peregrinações a lugares, às vezes desconhecidos ou abandonados, que possibilitem os jovens descobrirem as raízes cristãs da sua história e cultura.

Conclui-se que pensar hoje a pastoral juvenil implica necessariamente fazer referência ao magistério eclesiástico do Papa João Paulo II, autêntico mestre de Pastoral

Juvenil. As JMJ, acontecimentos protagonizados por ele com e para os jovens, marcaram a ação pastoral da Igreja nos últimos 20 anos (1985-2005). Tais acontecimentos deram aos jovens a plena cidadania na comunidade eclesial e responsabilidades no corpo social. Ele exerceu influência carismática sobre os jovens, de forma que eles lhe escutaram as palavras e procuraram seguir-lhe os substanciosos ensinamentos. Mas nem sempre conseguiram acolher toda a densidade e riqueza da mensagem teológico-pastoral dos textos pontifícios por ocasião das JMJ. O Papa das JMJ foi apoiado, acompanhou e indicou o caminho de **Cristo** aos jovens do mundo inteiro, durante a sua peregrinação apostólica terrestre, com sincera gratidão a Deus:

> Aqui quero expressar, do íntimo do meu coração, um sincero agradecimento a Deus pela dádiva da juventude que, através de vós (jovens), subsiste na Igreja e no Mundo. Além disso, desejo agradecer-Lhe com emoção porque me concede acompanhar os jovens do mundo durante as últimas duas décadas do século (... e início do novo milênio), indicando-lhes o caminho que conduz a Cristo, ‹o mesmo ontem, hoje e sempre› (*Hb* 13, 8). Mas, ao mesmo tempo, dou-Lhe graças porque os jovens acompanharam e apoiaram o Papa ao longo da sua peregrinação apostólica através dos países da terra[592].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Documentos fundamentais das JMJ (1965-1996):

JOÃO PAULO II. «Entrega da Cruz do Ano Santo (1984)». Em **DWDJ.**

——, **Carta Apostólica aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do Ano Internacional da Juventude**. São Paulo: Paulinas, 1985.

——, «Carta ao Cardeal Pironio por ocasião do Convênio Internacional de Czestochowa sobre as JMJ» (1996). Em **DWDJ.**

[592] JOÃO PAULO II. «Mensagem para a XVI JMJ, 2001» (14 fev. 2001), n.1. Em **DWEVP.**

——, **Carta Apostólica Tertio Millennio Adveniente, n. 58**. São Paulo: Loyola, ³1996 (Documentos Pontifícios).

MENSAGEM do Concílio aos Jovens (1965). Em **DWDJ.**

2. Discursos pontifícios (1978-2004):

JOÃO PAULO II. «Discorso ai giovani presenti nella Basilica Vaticana» (15 nov. 1978). **DWVE**.

——, «Discorso ai giovani presenti nella Basilica Vaticana» (6 dic. 1978). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani presenti nella Basilica Vaticana» (20 dic. 1978). Em **DWVE**.

——, «Discurso ai giovani presenti nella Basilica Vaticana» (17 gen. 1979). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani presenti nella Basilica Vaticana» (14 mar. 1979). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani di Comunione e liberazione» (31 mar. 1979). Em **DWVE.**

——, «Discorso a seimila studenti universitari provenienti da tutto il mondo» (10 apr. 1979). Em **DWVE.**

——, «Discorso agli studenti della «High Shool» nel Madison Square Garden» (3 ott. 1979). Em **DWVE.**

——, «Discorso nell´encontro con i giovani di Torino» (13 apr. 1980). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani dall´Arcidiocese di Rouen» (14 apr. 1980). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani di Velletri» (7 sett. 1980). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani di Sena» (14 sett. 1980). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani di Cassino» (20 sett. 1980). Em **DWVE**.

——, «Discorso agli studenti cattolici» (16 genn. 1981). Em **DWVE.**

——, «Discorso agli studenti dell´università di Santo Thomas» (18 febb. 1981). Em **DWVE**.

——, «Discorso nell´incontro con i giovani in Budokan» (Toquio, 24 feb. 1981). Em **DWVE.**

——,«Discorso ai giovani partecipanti al congresso internazionale promosso dal´instituto a cooperazione universitaria» (14 apr. 1981). Em **DWVE**.

——, «Discurso aos jovens de Portugal no Parque Eduardo VII» (15 de maio de 1982). Em **DWVEP**.

——, «Discorso nell´incontro con i giovani nello Stadio Gerland» (Lyon, 5 ott. 1986). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani universitari italiani e stranieri» (Perugia, 26 ott. 1986). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani di Auckland nella Nuova Zelandia» (22 nov. 1986). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani nel Sidney Crichet Ground» (25 nov. 1986). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani riuniti nel teatro parrocchiale di S. Maria Regina Mundi» (14 dic. 1986). Em **DWVE.**

——, «Meditazione durante la Veglia Battesimale con i giovani in Longchamp» (Parigi, 23 ago. 1997). Em **DWVEP.**

——, «Discurso aos Jovens de Roma em preparação para a XIII JMJ, 1998» (2 abr. 1998). Em **DWVEP.**

——, «Discurso aos universitários participantes no 31º. Congresso Internacional UNIV-98» (7 abr.1998). Em **DWVEP.**

——, «Discurso a um grupo de jovens franceses da Arquidiocese de Ruão» (17 abr. 1998). Em **DWVEP.**

——, «Discurso à juventude franciscana» (09 de maio de 1998). Em **DWVEP**.

——, «Discorso agli rappresentanti della scuola di Roma» (13 febb. 1999). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai partecipanti all´incontro universitario UNIV-99» (30 mar. 1999). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai partecipanti del Congresso Universitario Internazionale UNIV-2000» (17 apr. 2000). Em **DWVE.**

——, «Discorso al pellegrinaggio giubilare dei giovani dell´Arcidiocesi Francese di Rouen» (2000). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani della Diocesi di Roma in preparazione alla XIX GMG» (01 apr. 2000). Em **DWVE.**

——, «Discorso durante la cerimonia di accoglienza in San Giovanni in Laterano» (15 ago. 2000). Em **DWVE.**

——, «Discorso nella veglia di preghiera» (Tor Vergata, 19 ago. 2000). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai partecipanti all´incontro promosso dal SERMIG-2000» (22 dic. 2000). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai giovani della Diocesi di Roma» (5 apr. 2001). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai partecipanti all´incontro internazionale UNIV-2001» (9 apr. 2001). Em **DWVE.**

——, «Discorso nell´incontro con i giovani nella Catedrale Greco-Cattolica di Damasco» (7 magg. 2001). Em **DWVE.**

——, «Discorso nell´incontro con i giovani della Università Eurasia, Astana» (23 set. 2001). Em **DWVE.**

——, «Discorso nell´incontro con i giovani» (26 giug. 2001). Em **DWVE**.

——, «Discorso nella veglia di preghiera degli universitari» (2 mar.2002). Em **DWVE.**

——, «Discorso durante l´incontro con i giovani di Roma in preparazione per la XVII GMG» (21 mar. 2002). Em **DWVE.**

——, «Discorso nella veglia con i giovani nel Downsview Park, Toronto» (27 lug. 2002). Em **DWVE.**

——, «Discorso nella Prima Giornata Europea Universitaria» (15 mar. 2003). Em **DWVE.**

——, «Discurso em preparação do XVIII DMJ» (10 apr.2003). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai partecipanti al meeting internazionale-UNIV-2003» (14 apr. 2003). Em **DWVE.**

——, «Discorso ai partecipanti all´Assemblea Plenaria della Pontifícia Comissione Biblica» (29 apr. 2003). Em **L´Osservatore Romano** 100 (30 apr. 2003) 4.

——, «Discorso ai giovani verso Assisi» (3 mag. 2003). Em **DWVE.**

——, «Discurso aos jovens da Diocese de Roma em preparação à XVII JMJ» (01 abr. 2004). Em **DWVE.**

3. Homilias pontifícias (1979-2005):

JOÃO PAULO II. «Omelia per un grupo di giovani militari italiani (01 mar. 1979). Em **DWVE.**

——, «Omelia nella Messa Pasquale per gli Universitari di Roma» (5 apr. 1979). Em **DWVE.**

——, «Omelia nella Messa con i vescovi d´Europa nella Cappella Sistina» (20 giu. 1979). Em **DWVE.**

——, «Omelia nella Messa per i giovani irlandesi» (30 sett. 1979). Em **DWVE**.

——, «Homilia na Celebração Eucarística para os Universitários de Roma em preparação para a Páscoa» (20 mar. 1980). Em **DWVEP**.

——, «Homilia na Santa Missa para os jovens em Belo Horizonte» (01 jul. 1980). Em **DWVEP**.

——, «Omelia nella santa messa per i giovani del movimento internazionale-Oasis» (24 lug. 1980). Em **DWVE.**

——, «Omelia nella Santa Messa per i giovani in Munique» (Alemanha, 19 nov. 1980). Em **DWVE.**

——, «Homilia para o DR» (1986). Em **DWVEP**.

——, «Homilia para o DR» (1991). Em **DWVEP.**

——, «Homilia para o DR» (1992). Em **DWVEP.**

——, «Homilia em preparação para a VIII JMJ» (15 ago. 1993). Em **DWVEP.**

——, «Homilia para o DR» (1993). Em **DWVEP.**

——, «Homilia para o DR» (1995). Em **DWVEP.**

——, «Homilia para o DR» (1996). Em **DWVEP.**

——, «Homilia para os Delegados do Fórum Internacional da Juventude» (23 ago. 1997). Em **DWVEP.**

——, «Homilia no encerramento do encontro como os jovens em Long-Champ» (24 ago. 1997). Em **DWVEP.**

——, «Homilia na Missa para os Universitários em preparação para o Natal» (15 dez. 1998). Em **DWVEP**.

——, «Homilia durante a missa para os universitários romanos» (16 dez. 1997) n. 5. Em **DWVEP.**

——, «Homilia de Ramos» (5 abr.1998). Em **DWVEP**.

——, «Homilia de Ramos» (28 mar.1999). Em **DWVEP**.

——, «Homilia durante a Missa para os Universitários em preparação para o Natal e o Grande Jubileu» (14 dez. 1999). Em **DWVEP**.

——, «Homilia na Santa Missa para os jovens junto ao Monte das Bem-Aventurancas» (24 mar. 2000). Em **DWVEP**.

——, «Homilia de Ramos» (6 abr. 2000). Em **DWVEP**.

——, «Homilia na Missa de encerramento da XV JMJ» (20 ago. 2000). Em **DWVEP**.

——, «Homilia na Missa para os jovens do VII Fórum Internacional da Juventude» (17 ago. 2000). Em **DWVEP.**

——, «Homilia para o DR» (08 abr. 2001). Em **DWVEP.**

——, «Homilia na Santa Missa para os estudantes Universitários de Roma em preparação ao Santo Natal» (11 dez. 2001). Em **DWVEP.**

——, «Homilia de Ramos» (24 mar. 2002). Em **DWVEP.**

——, «Messaggio al movimento giovanile e guanelliano» (20 apr. 2002). Em **DWVE.**

——, «Homilia aos jovens no Parque Downsview - XVII JMJ» (28 jul. 2002). Em **DWVEP.**

——, «Homilia para os Estudantes Universitários de Roma em preparação para o Santo Natal» (10 dez. 2002). Em **DWVEP.**

——, «Mensagem em preparação para a XVIII JMJ» (8 mar. 2003). Em **DWVEP.**

——, «Homilia no DR» (2003). Em **DWVEP.**

——, «Homilia no DR» (2004). Em **DWVEP.**

4. Mensagens pontifícias (1980-2004):

JOÃO PAULO II. «Messaggio ai giovanni di Francia» (1 giu. 1980). Em **DWVE.**

——, «Mensagem ao Colégio Cardinalício e a Cúria Romana» (1985). Em **DWVE**.

——, «Incontro con i Giovani in Piazza San Giovanni in Laterano» (1985). Em **DWVE**.

——, «Messaggio per la II GMG, 1987» (30 nov. 1986). Em **DWVE**.

——, «Messaggio per la III GMG, 1988» (13 dic. 1987). Em **DWVE.**

——, «Messaggio per la IV GMG, 1989» (27 nov. 1988). Em **DWVE**.

——, «Messaggio per la V GMG, 1990» (26 nv. 1989). Em **DWVE**.

——, «Mensagem para a VI JMJ, 1991» (15 ago.1990). Em **DWVEP.**

——, «Messaggio per la VII GMG, 1992» (24 nov. 1991). Em **DWVE**.

——, «Mensagem para a VIII JMJ, 1993» (15 ago. 1992). Em **DWVEP**.

——, «Messaggio in ocasione della IX e X GMG, 1994/1995» (21 nov. 1993). Em **DWVE.**

——, «Messaggio per la XI GMG, 1996» (26 nv. 1995). Em **DWVE.**

——, «Mensagem por ocasião da XII JMJ, 1997» (15 ago. 1996). Em **DWVEP.**

——, «Mensagem por ocasião da XIII JMJ, 1998» (30 nov. 1997). Em **DWVEP.**

——, «Messaggio durante la veglia di preghiera per le vocazioni-XII-GMG» (21 ago. 1997). Em **DWVE.**

——, «Mensagem aos jovens cubanos» (23 jan.1998). Em **DWVEP.**

——, «Mensagem para o DR» (2 abr.1998). Em **DWVEP.**

——, «Mensagem para a XIV JMJ, 1999» (6 jan. 1999). Em **DWVEP.**

——, «Mensagem aos participantes no encontro europeu de jovens em Santiago de Compostela» (8 ago.1999). Em **DWVEP.**

——, «Mensagem para o DR» (1999). Em **DWVEP**.

——, «Messaggio ai partecipanti al meeting dei giovani verso il Giubileo» (21 nov. 1999). Em **DWVE**.

——, «Messaggio ai giovani della Sicilia» (18 ott. 2000). Em **DWVE**.

——, Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião da XV JMJ. São Paulo: Paulinas, 2000 (A voz do papa 178).

——, «Messaggio ai partecipanti al congresso internazionale UNIV-2000». Em **DWVE.**

——, «Messaggio ai giovani della Sicilia» (18 ott. 2000). Em **DWVE.**

——, «Messaggio ai giovani radunati a Czestochowa-Polônia in ocasione del X anniversario della VI GMG» (13 ag. 2001). Em **DWVE.**

——, «Mensagem para o XVI DMJ, 2001» (14 fev. 2001). Em **DWVEP.**

——, «Mensagem para a XVII JMJ» (25 jul. 2001). Em **DWVEP**.

——, «Mensaggio ai giovani della F.U.C.I.» (26 apr. 2002). Em **DWVE.**

——, «Messaggio al movimento giovanile guanelliano» (20 apr. 2002). Em **DWVE**.

——, «Messaggio ai ragazzi «GEN 3» (18 magg. 2002). Em **DWVE.**

——, «Messaggio all´opera della santa infazia missionaria» (6 gen. 2003). Em **DWVE.**

——, «Mensagem para a XVIII JMJ, 2003» (8 mar. 2003). Em **DWVEP.**

——, «Messaggio ai partecipanti al VIII Forum Internazionale dei Giovani» (2004). Em **DWVE**.

——, «Mensagem para a XIX JMJ, 2004» (4 abr. 2004). Em **DWVEP.**

——, «Mensagem para a XX JMJ, 2005» (6 ago. 2004). Em **DWVEP.**

——, «Messaggio all´opera della santa infanzia missionaria». Em **DWVE.**

5. Outros textos pontifícios (1979-2003)

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Hominis**. São Paulo: Loyola, 1979 (Documentos Pontifícios).

——, «Veglia con i giovani nel Parc Des Princês, Parigi-Francia» (1980). Em **DWVE.**

——, Anno Internazionale della Gioventù: incontro di Giovanni Paolo II con i giovani in piazza San Giovanni Laterano. Vaticano: Vaticana, 1985.

——, Carta Apostólica **Cristifideles Laici**. São Paulo: Loyola, 1986.

——, Saluto e meditazione nella festa di benvenuto dei giovani nel Champ-Mars di Parigi» (1997). Em **DWVE.**

——, «Meditazione durante l´incontro con giovani» (1997). Em **DWVE.**

——, Bula Pontifícia **Incarnationis mysterium**. São Paulo: Loyola, 1998 (Documentos Pontifícios).

——, «Saudação aos jovens em preparação para o DMJ» (1998). Em **DWVEP.**

——, «Incontro con i giovani della Diocese di Roma in preparazine alla XIV GMG» (1999). Em **DWVE.**

——, «Incontro con i giovani nel Kiel-Center di St. Louis» (26 jan. 1999). Em **DWVE.**

——, «Recita del Santo Rosario con gli universitari romani» (2001). Em **DWVE.**

——, «Recita del Santo Rosário con gli universitari romani» (2001). Em **DWVE**

——, «Recita del Santo Rosario con gli universitari romani» (2001). Em **DWVE.**

——, «Recita del Santo Rosário con gli universitari romani» (2001). Em **DWVE.**

——, «Saluto del Santo Padre nella festa di accoglienza dei giovani» (2002). Em **DWVE.**

——, «Saluto nella festa di acoglienza dei giovani nella XVII GMG» (2002). Em **DWVE.**

——, «Saluto nella veglia con i giovani» (2002). Em **DWVE**.

——, «Incontro del Santo Padre con i giovani della diocesi di Roma in preparazine alla XVII GMG» (2003). Em **DWVE.**

——, «Angelus» (2003). Em **DWVE.**

——, Carta Apostólica **Novo Millennio Ineunte**. São Paulo: Loyola, [5]2003 (Documentos Pontifícios).

6. Referência bibliográfica extra-pontifícia

ALLEN, J. L. Jr. **Conclave**: a política, as personalidades e processo da próxima eleição papal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ANATRELLA, P. Tony. «Il mondo dei giovani: qui sono? Che cosa cercano?». Em **DWVE**.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, [2]1985.

BLAISE, Pascal. **Pensamentos**. São Paulo: Nova Cultural, 2005 (Os pensadores).

CAMOLETTO, Raffaella Ferrero. «I giovani delle GMG: um arcipelago di ‹stili religiosi›?». Em **GCSM**, pp. 223-252.

——, «La GMG e la pastorale giovanile ordinaria». Em **GCSM**, pp. 133-156.

——, & RICUCCI, Roberta. «Appendice metologica». Em **GCSM**, pp. 281-316.

COFERÊNCIA EPISCOPAL PERUANA. **Constructor de la civilización del amor**: mensajes de S. S. Juan Pablo II 14-16 de mayo de 1988 Lima-Perú. Lima: Piedul, 1988.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Pastoral da juventude**: sim à civilização do amor. São Paulo: Paulinas, 1987.

COLZANI, Federica. «Dall'evento alla quotidianità. L'impatto della GMG nella vita dei giovani partetipanti». Em **GCSM**, pp. 93-132.

CORDES, P. J. **Segni di Speranza**: movimenti e nuove realità nella vita della Chiesa al vigilia del Giubileo, Milano: San Paolo, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. «Perspectivas da juventude na sociedade de mercado». Em R. Novaes & P. Vannuchi (orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, pp. 75-88.

GARELLI, Franco & CAMOLETTO, Raffaella Ferrero (a cura). **Una spiritualità in movimento**: Le Giornate Mondiale della Gioventù, da Roma a Toronto. Padova: Messaggero, 2003.

——, «Veglia di preghiera con i giovani nella XV GMG» (19 ago. 2000). **DWVE**.

GIULIETTI, D. P. «GMG: da Toronto a Colonia – Roma 10-13 aprile 2003». Em **DWPCL**.

«GIUBILEO dei giovani: XV GMG Roma 15-20 ago. 2000». Em **I CARE** 10 (2000) 04-128.

HERVIEU-LÉGER, Danièlle. **La réligion en mouvement**: le pèlerin et le converti. Paris: Flammarion, 1999.

ISTAT, Popolazione e statistiche demografiche. Disponível em <**www.istat.it**>. Consultado em 10 de maio de 2005.

KEHL, Maria Rita. «A juventude como sintonia da cultura». Em NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, pp. 89-114.

KOHN, P. Francis. «La pastorale giovanile oggi: come rispondere alle attese della Chiesa e dei giovani?». Em **DWPCL**.

LECOMTE, Bernard. **João Paulo II**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEGAVRE. Paul. «Em direção à JMJ». Em **Cultura e Fé** 76 (1997) 57.

LIBANIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004 (Humanística 9).

——, **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 122 (Theologia, 8).

——, GALACHE, G & ALVES, J. **João Paulo II aos jovens**. Apresentação didática. São Paulo: Loyola, 1985, 10.

LUCAS, Miguel. **Os jovens e a grande primavera da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

NOVAES, Regina & VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

PAULO VI. «Discurso de encerramento do Ano Santo» (25 dez. 1975). Em **DWVE.**

POCHMANN, Marcio. «Juventude em busca de novos caminhos no Brasil». Em NOVAES, R. & VANNUCHI, P. op. cit. pp. 217-241.

——, PONTIFICIO CONSIGLIO PER I LAICI. «Il pellegrinaggio della Croce dei giovani (1984-2003)». Disponível em <**http://www.vatican.va/roman_c.../rc_pc_laity_doc_20030805_cross-history-gmg_it.htm**>. Extraído em 28 jan. 2005.

PONTIGGIA, Giorgio. «I giovani di fronte a Cristo e alla Chiesa». Em **DWPCL**.

REIS, A. P. dos. **O Papa operário**. Rio de Janeiro: Monterrey, 1987.

RICUCCI. R. «La GMG di Toronto, tra conferme e sorprese». Em **GCSM**, pp. 159-191.

SARTI, Cynthia Andersen. «O jovem na família: o outro necessário». Em: R. Novaes e P. Vannuchi, op. cit. pp. 115-129.

SÉGUIN, Michaël. «Jean-Paul II et lês jeunes: fascination réciproque?» Em **Prêtre et Pasteur** 11 (2004) 659-672.

SINGER, Paul. «A juventude como coorte». Em: ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005, pp. 27-35.

STAFFORD, J. F. «Da un Giubileo all´altro». Em **I CARE** 10 (2000) 6.

STORIA delle Giornate Mondiale della Gioventù. Disponível em <**www.wjt2005.de/index.php**>. Consultado em 29 abr.2005.

SZULC, Tad. **João Paulo II**: biografia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

7. As JMJ em rede

Desde a JMJ de Roma (2000), a organização das JMJ viaja na *web*: encontros, calendários, notas organizativas, conselhos e instrumentos preparatórios do evento estão reunidos, principalmente, no *site* oficial do evento, mas também nas páginas de paróquias, entre outras. Porém, a *web* não ajuda só a organização dos eventos, mas serve também como fonte de pesquisa, na qual recolhemos as emoções, as recordações, os comentários pós-evento.

Os *sites* são muitos diversificados quanto aos números de páginas, conteúdos, propostas, *link*, mas também aos gráficos, tempo de *aggiornamento*. Para nos orientar no arquipélago dos *sites* dedicados ao argumento e *links* pesquisados com as palavras «jovens-jmj», selecionamos alguns *sites*, distintos pelos aspectos organizativo/pastoral e emotivo/experiencial:

a. Portais oficiais

http://www.gmg2000.it/

http://www.gmg2002.it/

http://www.gmg2005.it/ ou http://www.jmj2005.com.br

b. Portais gerais, com seções dedicadas as JMJ

http:/www.vatican.va/gmg.html ou http://www.vatican.va/jmj.html

http:/www.giovani.org/

http:/www.papaboys.it/

http:/www.oltrelagmg.net/

http://www.inx16/jmj/

http://www.wjt2005.de/index.php/

http://www.jmj2005.blogger.com.br/

c. Páginas web – algumas solicitações

http://www.pime.org.br/pimenet/noticias2004/noticiasvaticano111.htm

http://www.vatican.va/ro.../rc_pc_laity_doc_20000815_xv-youth-day_program_po.htm

http://www.db.avvenire.it/avvenire/gmg/index.jsp?idCategoria=47

http://www.rai.it/rainet/community/pub/copertina/copertinaindex/o,4965,11_19,00.htm

http://web.tiscali.it/ricordigmg2000/links_italia.htm (possui conexões a outras páginas da web, idealizadas por grupos italianos que participaram da JMJ 2000, onde há fotos, reflexões e recordações desta experiência).

http://amos.arezzogiovani.it/amos_rubriche.html

http://www.wekthzgebdtag.ch/2000/

http://www.sympatico.ca/raymond.martel3/jmj2002.tml

http://br.news.yahoo.com/050821/40/wru6.html

http://www.paroquias.org/jmj.php3?id=2378

http://www.pime.org.br/pimenet/noticias2004/noticiasvaticano111.htm